

STAR TREK
EARTH, D.C.



LEANDRO MARTINS PINTO

**EDIÇÃO ESPECIAL
DE COLECIONADOR**

STAR TREK: EARTH, DC

Por

LEANDRO M. PINTO
(renebunny@hotmail.com)

Baseado em

"JORNADA NAS ESTRELAS"

criado por

GENE RODDENBERRY

Arte da Capa Original e Revisão do Texto por

SALVADOR NOGUEIRA

Logotipo por

FELIPE PEREIRA ANDERSON

Edição 1.1

08 de setembro, 2003

Originalmente publicado pelos websites

Jornada BBS (www.jornadabbs.com) e Trek Brasilis (www.trekbrasilis.aidi.com.br)

Jornada nas Estrelas, seus personagens e todo o material relacionado são © e TM da Paramount Pictures, uma empresa do grupo Viacom, e foram utilizados sem autorização.

Em memória de

Rick Husband ▪ William McCool ▪ Kalpana Chawla
David Brown ▪ Mike Anderson ▪ Laurel Clark ▪ Ilan Ramon

e

Amintas Rocha Brito ▪ Antonio Sergio Cezarini ▪ Carlos Alberto Pedrini
Cesar Augusto Costalonga Varejão ▪ Daniel Faria Gonçalves ▪ Eliseu Reinaldo Moraes Vieira
Gil Cesar Baptista Marques ▪ Gines Ananias Garcia ▪ Jonas Barbosa Filho
José Aparecido Pinheiro ▪ José Eduardo de Almeida ▪ José Eduardo Pereira II
José Pedro Claro Peres da Silva ▪ Luis Primon de Araújo ▪ Mario Cesar de Freitas Levy
Massanobu Shimabukuro ▪ Mauricio Biella de Souza Valle ▪ Roberto Tadashi Seguchi
Rodolfo Donizetti de Oliveira ▪ Sidney Aparecido de Moraes ▪ Walter Pereira Junior

Eles não estarão realmente mortos enquanto nos recordarmos deles.



Índice

Introdução	5
Prólogo	7
Capítulo 1 – Liberando a Torre	14
Capítulo 2 – Primeiro Movimento	26
Capítulo 3 – Terraformando Relações	39
Capítulo 4 – Dobrando a Camuflagem	52
Capítulo 5 – R&R	64
Capítulo 6 – Primeiros Contatos	77
Capítulo 7 – Ponto Zero	92
Capítulo 8 – Tudo o Que Eu Peço...	105
Capítulo 9 – Cavaleiros Fantasma	120
Capítulo 10 – Exploradores	138
Capítulo 11 – Seções Iniciadas	152
Capítulo 12 – Nós, o Povo do Planeta Terra...	163
Epílogo	172
Bônus e Extras Especiais	176

Introdução

Por volta de meados de 2000, uma questão inquietava este trekker em particular, questão sobre a qual pesquisava constantemente na Internet, quando buscava informações a respeito da franquia. Afinal de contas, como seriam a organização e as características da tão cantada em prosa e verso Sociedade Federativa?

Pesquisas sobre o cânone geral de **Jornada nas Estrelas** sempre trazem muitas especulações e informação sobre “tecnobabble”, sobre naves, sobre anomalias, sobre alienígenas e sobre qual dos capitães supostamente é o maioral, entre muitas outras relacionadas, material que sempre foi coisa abundante no fandom. Particularmente, eu estava me cansando. O que mais sabíamos sobre a vida civil na Terra de **Jornada nas Estrelas**? O pouquíssimo que encontrava nunca me satisfazia por completo. Por Kahless, até cheguei à conclusão de que existe muito mais desenvolvimento social em cima dos Klingons, dos Vulcanos e dos Bajorianos do que em cima dos terráqueos dos séculos 23 e 24.

Desta forma, se nada de porte existia, me dispus a criar tal material na forma de literatura. Dois anos e meio depois, o resultado deste projeto é a fanfic a qual você agora tem a sua frente, **Star Trek: Earth, DC**, um conto que se passa quase na sua totalidade na Terra e no qual a grande maioria de seus personagens, tanto principais como secundários, não são membros da Frota Estelar.

Dentro desta proposta, eu procurei especular, extrapolar e desenvolver elementos de como seria o dia-a-dia dos habitantes da Terra, e como seria a vida social, econômica e política do planeta. Embora a franquia, nos seus mais de 600 episódios e dez filmes, nunca realmente tenha nos entregado informações sobre estes aspectos, não se engane; existe muita coisa a se considerar, como eu vim a descobrir. Não que todos os elementos cânones que encontrei sobre a sociedade terrestre sejam o bastante para gerar uma história por si mesmos, longe disto – o que temos no canon é fragmentado e vago demais para tal. O importante a se considerar é todo o exercício de especulação e racionalização que se mostrou necessário para que estes elementos, combinados com muita coisa de minha própria criação, gerassem uma história interessante a ser contada. Eu certamente não tenho a pretensão de esgotar o tema,

claro que não; mas sim apenas desenvolver uma história na qual tais questões fossem o principal da trama, e não apenas o detalhe de rodapé de roteiro.

Uma intenção secundária foi fazer deste projeto um campo de treinamento para eu exercitar o conceito de desenvolvimento de personagens, uma área na qual considero ter muita dificuldade. É um processo difícil, mas que enriquece qualquer trama e qualquer universo, e é uma das principais razões que fazem de **DS9** a minha mimosa na franquia. Disto resulta o fato de que todos os personagens principais, salvo algumas exceções, não são rostos que já tenham sido vistos em tela.

Informações de cronologia a saber: a data estelar em que a história começa é a 54150.5, cerca de um ano após o final da Guerra Dominion, e por extensão, do final de **Deep Space Nine**. Então, os eventos nesta história estão se iniciando por volta da época do episódio "Critical Care", durante o início da sétima temporada de **Voyager**. De datas em nosso universo aqui, é levado em consideração aquilo que foi produzido até abril de 2003, o que engloba as quatro primeiras séries, os dez filmes e as duas primeiras temporadas de **Enterprise**. Se amanhã ou depois, novas produções contradisserem os eventos aqui relatados, não há muito que se fazer, naturalmente, uma vez que se trata de uma fanfic.

Ainda relacionado a cronologia e cânone, é importante considerar também que eu tomei a liberdade de inserir alguns elementos na história provenientes do universo expandido de **Jornada nas Estrelas**, na medida em que considere que tais elementos poderiam ser adições interessantes à história, mesmo considerando que tais elementos não sejam cânones. E, da mesma maneira, criei novos elementos gerais para servirem à trama.

Importante a saber também é que, através da história toda, haverá os chamados "spoilers", ou seja, informações a respeito de episódios que ainda não foram exibidos no Brasil. Desta forma, você deve estar ciente de que pode acabar esbarrando com informações de tramas que ainda não viu. Em particular, o Prólogo usa cerca de sete páginas para fazer um resumo geral dos mais importantes eventos no universo cânone referentes à Federação, de modo a colocar alguns elementos da trama em contexto e para servir de fonte para aqueles que ainda não conhecem muito sobre o que está por vir em **DS9**, mas que estão dispostos a fazer isto o mais rápido possível; as partes sobre o conflito Maquis e a Guerra Dominion são particularmente detalhados. Desta forma, aconselha-se não se ler o Prólogo da sua segunda página em diante, no caso de você desejar evitar spoilers maciços — posso assegurar que a falta deste trecho do Prólogo não irá comprometer o entendimento do restante da trama.

Bem, mas chega disto. Calarei-me agora, para que assim possamos seguir no caminho para vocês conhecerem mais de uma Federação, e de uma Terra, com as quais não estamos acostumados.

Leandro M. Pinto
Abril, 2003

Prólogo



Se ao fim do jogo as coisas boas chegam a um fim, sempre importante é lembrar o que você deixa para trás.



Timothy Duke pensava nisto enquanto ficava sentado em sua cadeira no Plenário Principal do Conselho da Federação. O grande salão estava vazio no momento, pois a sessão do dia já havia terminado um par de horas antes. Contudo, ele havia decidido voltar ali para aproveitar a imensidão do recinto e o vazio do momento para refletir um pouco.



Ele ficava girando levemente para a esquerda e para a direita a confortável cadeira, enquanto observava o palanque principal, com a mesa principal do Conselho, logo abaixo de um grande brasão da Federação, e à frente dos dois grupos de cadeiras dos embaixadores dos planetas-membros, cada grupo com cerca de 75 assentos, separados por um corredor central. A sua cadeira de representante da Terra ficava à frente do grupo da direita de quem vinha pelo corredor na direção da mesa do Conselho, logo ao lado da do embaixador Vulcano e os demais sistemas fundadores, Alfa Centauri, Andor e Tellar. Havia ainda a área com os assentos das delegações observadoras, ocupadas normalmente pelos embaixadores de várias espécies não-membros da UFP. E, mais acima, estava o balcão com os assentos reservados para o público e a imprensa.

Sem dúvida era um recinto tão belo quanto imponente. Desde sua inauguração, o local havia passado basicamente por modificações cosméticas e atualizações tecnológicas, e assim não era muito diferente daquele no qual ele entrara pela primeira vez em sua vida, várias décadas antes, e algum tempo mais tarde já como Embaixador da Terra.

Mas e quanto à sociedade a que pertencia este recinto? Ah, esta havia passado por muitas mudanças, disto ele não tinha a menor dúvida. Da mesma maneira, ele havia mudado. Isto é o que o levava a pensar em coisas boas e ruins, em começos e finais. Talvez também fosse o fato de haver uma eleição à frente, para dali a cerca de quatro meses, na data estelar 54600.0. E será uma eleição que iria ser travada entre eleitores aliviados e alegres de serem a parte vencedora no pós-guerra, mas também eleitores mais cínicos e endurecidos por todas estas últimas crises enfrentadas pela Federação.



Ainda que este próximo pleito não incluísse o de Presidente da Federação, estas seriam eleições importantes, com 38 dos 150 planetas-membros escolhendo seus Embaixadores no Conselho da Federação, o mais importante dos cargos em disputa, além de diversos cargos locais particulares a cada membro. E a Terra era um destes membros aonde haveria eleições. Portanto, a cadeira onde ele estava sentado neste momento será a que estará em disputa neste planeta. De fato, ele se encontra como membro do Conselho de uma Federação realmente diferente daquela de quinze anos antes, quando ele começou sua carreira de diplomata e membro do governo Federativo, após vários cargos políticos regionais na Terra e no governo regional da Lua.

Não que ele não se sinta confiante em sua possibilidade de reeleição, de modo algum. Contando com o apoio do Presidente Inyo e seu gabinete, e com os bons índices de popularidade que tem mantido, deve ser uma eleição tranqüila. Tem havido muitas críticas recentemente de diversos setores de oposição, mas nada que assuste. Embora ele deva concordar que estes não têm sido tempos fáceis para a Federação ultimamente. Realmente não é tarefa simples governar uma sociedade democrática com quase um trilhão de habitantes de dezenas de espécies diferentes, espalhados por 150 sistemas membros. Sempre há crises para se enfrentar, sejam de natureza científica, econômica, política ou social, e ultimamente um bom número delas ocorreu.

Como as tensões com a União Cardassiana nas últimas duas décadas, por exemplo. Depois de anos de escaramuças com esta espécie, uma frágil paz foi estabelecida ao se demarcar uma Zona Desmilitarizada entre a fronteira da Federação e Cardássia. A fronteira foi redesenhada, e alguns sistemas trocaram de lado. Não foi uma decisão fácil, e ele ainda pode lembrar dos inúmeros compromissos políticos que teve que negociar para que o Conselho aprovasse o tratado. Afinal de contas, havia algumas particularidades de direito interplanetário em jogo. Foi particularmente difícil para eles convencerem os representantes dos sistemas próximos à fronteira Cardassiana, mas no final o grupo dele e Inyo conseguiram uma margem pequena, mas segura. O tratado foi aprovado pelo Conselho e foi ratificado pelos Cardassianos. Com isto, todos esperavam que estes arranjos de umas poucas colônias fossem um preço pequeno a se pagar por uma duradoura paz.

Mas foi o que aconteceu? Bem sabia ele que não. Na realidade, isto veio a criar um problema adicional. Muitos colonos da Federação se recusaram a serem realocados de suas colônias que repentinamente passaram a estar do lado Cardassiano da ZDM. Acreditando que a Federação os abandonara, muitos deles se juntaram em um grupo chamado Maquis, para defenderem a si mesmos de agressões Cardassianas. Civis, ex-oficiais da Frota Estelar e até mesmo mercenários e todo tipo de escória que se pode encontrar nas fronteiras acabou se juntando às diversas células Maquis. Vários deles estavam lutando pelo direito de viver em paz em suas terras, enquanto outros procuravam uma boa oportunidade de lucro ou mesmo uma boa briga.

As operações das células Maquis logo começaram uma guerrilha contra a presença Cardassiana naquela região, e o movimento Maquis tornou-se rapidamente uma ameaça tanto para os Cardassianos como para nossa própria sociedade. Diversas células de operações passaram a agir com tanta truculência e insanidade quanto os agressores Cardassianos que eles enfrentavam. Todo este conflito viria a se prolongar até o momento em que Cardássia se juntou ao Dominion, e então os Maquis remanescentes foram derrotados ou se voltaram para a Federação, para se render pacificamente. Em vista do tratado com Cardássia ter ruído por completo, um grupo de embaixadores propôs uma anistia irrestrita a todos os ex-maquis, mas ele, tendo o apoio do Comando da Frota, conseguiu revisar este projeto para uma anistia individualizada e gradativa, para que eventuais crimes e excessos de maquis individuais não

recebessem o mesmo benefício da anistia para quem de fato a merecia. O Conselho acabou votando por uma versão mista de ambas as propostas, e pouco a pouco os ex-maquís foram sendo recebidos de volta na sociedade. Afinal de contas, pensava o Embaixador, as suas razões ideológicas nunca foram realmente muito profundas. Mesmo os maquis mais apaixonados por suas supostas causas não acreditavam nelas de longa data – eles apenas passaram a pensar daquela forma depois que as políticas federativas, que tanto lhes serviram bem, pararam de servir. Só então eles bolaram algum verniz ideológico para tentar justificar seus atos.

E sim, claro... o Dominion. Talvez um dos mais duros adversários que a Federação enfrentou nos últimos tempos. Graças ao buraco de verme Bajoriano, que deu acesso a uma área do outro lado da galáxia, no quadrante Gama, a Federação conheceu esta organização. Trata-se de um vasto império controlado por uma espécie de seres transmorfos, conhecido como os Fundadores. Eles controlam o Dominion com mão-de-ferro, valendo-se para isto de uma outra espécie, os Vortas, que servem como seus lugar-tenentes na administração do Dominion. Vortas são geneticamente construídos para ter devoção e lealdades divinas aos Fundadores, da mesma maneira que os Jem'Hadars, a espécie que é o braço militar do Dominion. Jem'Hadar são humanóides criados geneticamente com o único e solene propósito de servir como soldados. Eles não precisam dormir, não precisam se alimentar, não têm nenhum tipo de diversão ou qualquer outra atividade que não a de ser os melhores e mais sanguinários soldados possíveis, equipados com uma impressionante tecnologia militar. A única coisa de que precisam é uma droga que consomem, cujo fornecimento é mantido sob controle dos Vortas e Fundadores, para manter os soldados Jem'Hadar sob rígido controle. Além destas espécies, o Dominion também é composto por inúmeras espécies do quadrante Gama, que são mantidas sob o julgo dos Fundadores desde que o Dominion foi fundado, cerca de 10 mil anos terrestres atrás.

A tripulação da Deep Space Nine, a estação espacial que está instalada na entrada do buraco de verme, foi quem realizou o Primeiro Contato. O Dominion considerava as várias naves vindas do quadrante Alfa através do buraco de verme como uma violação de seu território, e isto obviamente colaborou para que aquele fosse um primeiro contato sem dúvida alguma nada agradável, pois logo se seguiram conflitos com os Jem'Hadars, e mesmo a USS *Odissey* foi destruída no primeiro encontro formal... uma nave da classe *Galaxy*, nada menos. Mais de mil vidas perdidas.

Seguiu-se então um período de guerra fria entre os vários poderes do quadrante Alfa e Beta e o Dominion, que se tornou muito interessado em expandir sua influência também para esta parte da galáxia. Isto obviamente tinha muito a ver com a maneira com que os Fundadores viam quaisquer outras espécies de vida "sólidas", não-transmorfas: todos seres inferiores, que não merecem respeito ou confiança. Apesar disto, a tripulação da DS9 podia contar com Odo, um transmorfo que fora encontrado cerca de 30 anos atrás no sistema Bajoriano, e que desde aquela época viveu entre sólidos, fossem eles os Bajorianos ou os Cardassianos, que ocupavam Bajor. Odo conseguiu com o tempo o respeito de ambas as partes em seu trabalho de chefe de segurança da então *Terok Nor*, como era conhecida a estação espacial durante a ocupação Cardassiana, e mais tarde continuou com o mesmo cargo na agora DS9 sob administração Federativa.

O surgimento da ameaça Dominion sem dúvida alguma mexeu com a balança de poder neste quadrante desde então. Um clima de paranóia e desconfiança se alastrou, com o temor de que Fundadores podiam tomar o lugar de líderes políticos e militares de qualquer espécie. O clima de desconfiança foi tão grande que gerou problemas internos até mesmo na Federação, quando o Almirante Leyton tentou militarizar o controle sob a capital da

Federação, após a presença de um Fundador ter sido detectada na Terra. Ele mesmo, bem como seus colegas diplomatas, políticos e outros altos oficiais da Federação, teve que passar por testes de sangue para provar sua identidade. O Conselho foi inundado de protestos dos mais diversos setores da Federação, sobretudo de organizações locais da Terra e da Assembléia Geral, que acusavam o Conselho da Federação de estar tomando as rédeas da crise sem sequer consultar os governadores locais e seus representantes na Assembléia Geral. Sendo o representante do planeta no legislativo da Federação, coube a Duke ser o elo de ligação entre o governo federativo e as lideranças regionais. Ele ainda se lembra das inúmeras reuniões e encontros que teve com diversos presidentes e governadores, para garantir que todas aquelas medidas eram para garantir a segurança do planeta.

Mas uma infiltração de alto nível por parte de um Fundador de fato não tardou a acontecer. Desconfiado de que o governo Cardassiano estava sob controle Dominion através de Fundadores infiltrados, o Império Klingon invadiu a União Cardassiana. Rapidamente a Federação condenou a invasão, e isto acabou resultando no rompimento do Acordo de Khitomer, e nos vimos novamente em guerra contra os Klingons. Isso era exatamente o tipo de coisa que os Fundadores queriam. Uma espécie do quadrante Alfa lutando contra a outra, até que com o tempo todos se destruíssem mutuamente, e o Dominion pudesse fazer seu movimento. Dividir para conquistar. Óbvio, mas eficiente.

Mas, ao contrário do que os Klingons pensavam, não eram os Cardassianos que estavam sofrendo influência Dominion, mas sim os próprios Klingons. Um Fundador havia tomado o lugar do General Martok, e este Fundador acabou conseguindo convencer o Chanceler Gowron a invadir Cardássia, usando o pretexto de eliminar a "infiltração Dominion", quando obviamente o que o falso Martok queria era que uma guerra com a Federação tivesse início. Toda esta trama só foi finalmente descoberta quando um grupo de oficiais da Frota Estelar, acompanhado por Odo, conseguiu se infiltrar em Qo'noS e desmascarar o falso Martok.

Mas o pior ainda estava por vir. Gul Dukat manteve conversações secretas com os Fundadores, e na data estelar 50564.2 Cardássia juntou-se ao Dominion. Uma gigantesca frota Dominion veio através do buraco de verme Bajoriano e rumou para Cardássia, onde Gul Dukat se autodeclarou o líder de toda a União Cardassiana.

Estes fatos encorajaram os Klingons a terminar de vez a insana escaramuça deles conosco, que estava sendo mantida em um cessar-fogo desde que o falso Martok e seu plano foram descobertos. Pois, com os reforços Jem'Hadar, os Cardassianos conseguiram expulsar todas as forças Klingons de seus territórios em menos de uma semana, e a frota Klingon em retirada teve que se reagrupar em DS9 para lamber as feridas. O comandante da estação, Capitão Sisko, então conseguiu convencer o Chanceler Gowron a restabelecer o Acordo de Khitomer, e nós aqui no Conselho ratificamos imediatamente. Mais uma vez, o Império Klingon e a Federação de Planetas Unidos tornaram-se aliados.

E então pouco tempo depois a guerra começou. As forças Dominion mantiveram uma pressão fortíssima no início, e sofremos pesadíssimas perdas, que fizeram com que a batalha de Wolf 359 empalidecesse em comparação. Vários territórios da Federação caíram nas mãos Dominion, e até mesmo vários planetas-membros como Betazed foram ocupados. Isto provocou uma onda de refugiados incalculável, e o Departamento do Interior viu-se com a tarefa de ter que alimentar e abrigar milhões de cidadãos federativos, fugidos dos setores ocupados.

Localizar planetas, classe M ou não, que pudessem receber todas estas pessoas não era o principal problema; o principal problema era criar condições habitáveis nestes planetas, não apenas para um grupo de colonos, mas sim para milhares de pessoas de uma vez. A

logística que isto demandava era imensurável, e seria um projeto extremamente difícil mesmo em tempo de paz; a Federação estar em guerra somente aumentava um problema já grave. Não foram poucas as noites que ele passou no Conselho, trabalhando para ajudar a gerenciar todo este esforço no front interno.

Além de vários planetas caírem nas mãos do Dominion, eles também conseguiram talvez o mais importante ponto estratégico da guerra, a Deep Space Nine, e conseguiram mantê-la sob seu controle por vários meses. Felizmente, a tripulação da Frota, antes de evacuar a estação, colocou um poderoso campo minado na entrada do buraco de verme, impedindo que o Dominion pudesse conseguir mais reforços do quadrante Gama. Eles conseguiram desativar o campo minado apenas alguns momentos antes da retomada de DS9, mas isto não lhes serviu de nada, pois o Capitão Sisko conseguiu convencer as entidades alienígenas que vivem no buraco de verme a não permitir que nenhuma nave Dominion o cruzasse. Com isto, a frota Dominion que estava vindo para o quadrante Alfa foi simplesmente "apagada da existência" pelos Profetas, que é como os Bajorianos se referem a estas entidades do buraco de verme. Certamente o papel de figura religiosa que Sisko representava para os Bajorianos acabou sendo de suprema importância. Duke não admirava em particular toda esta devoção religiosa dos Bajorianos aos alienígenas do buraco de verme, mas neste caso ele admitia que havia vantagens inegáveis para a Federação de considerar os Profetas ao menos como "aliados" no conflito.

Uma vez retomada DS9, conseguimos bons momentos em tomarmos a iniciativa dos combates, como quando atacamos importantes instalações militares do Dominion e ocupamos o sistema Cardassiano de Chin'toka. Ainda assim, foi importante também que o Império Romulano se juntasse a nós, pois ainda que eles estivessem se mantendo neutros no conflito, tinham com o irritante comportamento de permitir que naves Dominion cruzassem seu território para nos atacar. Realmente foi algo incrível, se pensarmos um pouco. Pela primeira vez, a Federação, os Klingons e os Romulanos eram aliados em uma guerra. Os fatos que levaram os Romulanos a tomar esta iniciativa são ainda incertos e inconclusivos. Sobre esta questão em particular, Duke sempre preferiu seguir o conselho de alguns de seus "informantes", de que era melhor que alguns segredos permanecessem desconhecidos.

Mas o Dominion também estava conseguindo aliados eles próprios. Em um movimento inesperado, ainda que não de todo surpreendente, os Breens se juntaram à causa Dominion. Não muito se conhece sobre esta espécie, e mesmo que as suas forças não fossem particularmente impressionantes, eles possuíam armamento que era devastador contra nossas naves e as dos Romulanos. Isso assegurou ao Dominion várias vitórias, além de ter sido o catalisador de um dos momentos mais dramáticos da guerra. Duke ainda podia lembrar de acordar no meio da noite e presenciar o inimaginável: um ataque à própria capital da Federação, a Terra. A Frota Estelar conseguiu dizimar as forças Breens que realizaram este ataque, mas o efeito moral de algo assim sempre é pesado.

Contudo, as naves Klingons tinham uma particularidade qualquer que as tornava imunes às armas Breens, e a mesma adaptação pôde ser feita nas naves da Frota Estelar e dos Romulanos depois que uma nave Jem 'Hadar com armamento Breen foi capturada e estudada pelo corpo de engenharia da Deep Space Nine. Esta nave Jem 'Hadar foi conseguida graças ao esforço de agentes Bajorianos e federativos em colaboração com elementos de um movimento de resistência Cardassiano, que começou a se opor ao Dominion. Esse movimento de resistência era liderado por Gul Damar, que antes era o CinC (comandante-em-chefe) das forças Cardassianas no Dominion.

O ponto decisivo da guerra veio quando o Dominion se viu forçado a fazer uma retirada de todas as suas forças para dentro do território Cardassiano. Eles planejavam

montar uma forte defesa ali e ganhar tempo para se rearmar por mais alguns anos e planejar uma nova ofensiva. Mas este plano considerava que as Forças Aliadas ficariam de braços cruzados, aguardando um eventual contra-ataque Dominion, que seria devastador.



Bem, as Forças Aliadas não iriam colaborar com os planos Dominion. Todos concordavam que aquela era a chance que estavam esperando para pôr um fim à guerra, e uma ofensiva final contra Cardássia foi preparada. Vários colegas seus no Conselho protestaram contra a iniciativa da Frota Estelar de ter decidido este movimento final da guerra por si própria, mas ele havia argumentado a favor da Frota afirmando que naquele momento, timing era tudo. Uma oportunidade como aquela de encerrar de uma vez por todas a guerra podia não mais surgir. Centenas e centenas de naves foram juntas em uma maciça frota, que lançou um ataque final às forças Dominion em Cardássia. Para os dois lados, era o tudo ou nada.

A batalha foi feroz e custosa. Nossas forças lutavam bem contra os Jem'Hadars, Breens e Cardassianos, e tiveram ao longo da batalha a providencial ajuda do povo de Cardássia Prime, que se rebelou contra o Dominion e jogou o planeta no caos. A sangrenta reação das forças do Dominion, de começar a exterminar toda a população, fez com que a frota Cardassiana passasse para o lado dos aliados e atacasse as naves do Dominion e dos Breens. O peso da balança ficou a nosso favor e, depois que o Comando Central Cardassiano foi invadido por agentes dos aliados e a Fundadora em comando foi capturada, a batalha estava vencida. Odo conseguiu persuadir a Fundadora a se entregar, e a rendição incondicional das Forças Dominion no quadrante Alfa foi assinada na Deep Space Nine algum tempo depois. A rendição também deixou a União Cardassiana literalmente de joelhos, e certamente não mais uma ameaça para a Federação ou mesmo Bajor, ao menos por um bom tempo. Eles estavam pagando o preço de anos de sua política arrogante e expansionista, cujo ápice fora quando Gul Dukat fez Cardássia se juntar ao Dominion.



Mas agora toda esta guerra estava terminada. O Dominion foi expulso completamente de nosso quadrante, e a União Cardassiana estava agora ocupada pelas Forças Aliadas, e reconstruindo um governo civil. Chega a ser quase irônico. Cardássia se encontra atualmente em uma situação pior do que a em que deixou Bajor. Este fato se agrava mais ainda se levarmos em conta que o Estado Bajoriano é composto de apenas um sistema planetário, enquanto Cardássia é um vasto império. Contudo, se o novo governo de transição da União Cardassiana não conseguir se firmar e realizar uma administração de reconstrução, a coisa pode desandar rapidamente para uma guerra civil e o destroçamento da União Cardassiana.

E talvez haja uma chance também para o Dominion até mesmo mudar todo o seu conceito, com o retorno de Odo para o planeta dos Fundadores, no quadrante Gama. Ele teve um papel fundamental no decorrer de toda a guerra e conseguiu a rendição final da Fundadora. O julgamento dela e de outros criminosos de guerra ainda está em andamento, mas é bastante provável que ela teria sido muito menos colaborativa nisto se Odo não tivesse agido. Isso para não dizer que a vitória final teria sido ainda mais custosa.

Bem, mas tudo isso no final das contas sempre foram questões diplomáticas e políticas, é claro. Muitas raças com diferentes agendas, mas no final são sociedades humanóides com características gerais semelhantes às nossas próprias. A Federação sempre encontrou também outros tipos de problemas que são consideravelmente diferentes, mas também muito importantes. Catástrofes ambientais, anomalias espaciais, encontro com formas de vidas inteligentes bastante diferentes das do tipo humanóide, problemas no contínuo tempo-espaço... a lista é longa. E havia também civilizações com as quais não se

podia ter relacionamentos convencionais, como os poderosos seres do contínuo Q e a coletividade Borg.



Ah, sim, o Borg. Desde que esta cibernética espécie foi apresentada para a tripulação da *Enterprise* por um dos membros do Q, os Borgs têm sido uma constante pedra no sapato de nossa civilização. A sua sociedade funciona como uma colônia de insetos, com bilhões de indivíduos ligados uns aos outros em uma consciência coletiva, cuja intenção principal é assimilar outras espécies à sua própria, na busca de uma perfeição utópica que jamais alcançarão, é claro. Pois, de nosso ponto de vista, não há nada de perfeito em relação aos Borgs. Uma pessoa é assimilada na sua coletividade ao custo de sua individualidade e direitos serem completamente esmagados, e você apenas se tornar uma pequena parte de um todo. Não se pode negociar com eles; não se pode confiar neles; não se pode dar as costas a eles. Eles são quase como uma força da natureza, mas uma que insiste em se virar especificamente contra sociedades avançadas.

Em duas ocasiões diferentes os Borgs tentaram assimilar a Federação, com ataques à Terra. Nas duas ocasiões, conseguimos sobrepujar os ataques, com a intervenção da mesma tripulação da *Enterprise* que os enfrentou pela primeira vez. Mas, se os relatos daquela nave da Federação perdida no quadrante Delta são precisos, fico até feliz que os Borgs tenham mandado apenas um cubo de cada vez quando fizeram seus ataques... pois toda a Coletividade Borg parece ter recursos inimagináveis, e praticamente todos voltados para a expansão de seus domínios. Realmente eles ainda devem trazer muitos desafios à Federação.

Há sempre diversas outras espécies com quem temos que lidar, mas não são desafios que nossas equipes de diplomatas e a Frota Estelar não possam dar conta. Os Tholianos andavam quietos, da mesma maneira que os Gorns e outras espécies menos poderosas... certamente todos ficaram no aguardo de a Guerra Dominion terminar, e verem qual seria o novo quadro político do quadrante.

Duke se levantou da cadeira, e atravessou parte do hall principal para finalmente parar à beira de uma seqüência de janelas, com a vista da baía de São Francisco, na capital da Federação. Não podemos esquecer nunca que todo tipo de impérios, alianças, coletividades e uniões nos cerca por todos os lados, o único grupo de povos desta região conhecida da galáxia a viver de fato em uma verdadeira democracia. Isto tem que ser mantido e preservado, ele pensou. Temos conseguido fazer isto por mais de duzentos anos, e precisamos estar fortes para agüentarmos muito mais.

A atenção dele foi desviada momentaneamente por um beep, indicando que o padd que segurava displicentemente por este tempo todo finalmente recebeu a informação que havia pedido. Duke ergueu o pequeno dispositivo, lendo a mensagem na pequena tela.

DEVEMOS CONSIDERAR "ALTAMENTE PROVÁVEL" A CANDIDATURA DE STEL.



Ele desviou novamente o olhar para a janela, observando por mais algum tempo o movimento de pessoas ali nas instalações do Conselho, bem como os eventuais shuttles que passavam aqui e ali pela área. Aquilo iria dificultar as coisas pelos próximos meses, mas ele já enfrentara momentos difíceis antes, como aqueles sobre os quais acabou de lembrar.

Sim, seriam difíceis, mas da mesma maneira interessantes.

#

Capítulo 1

Liberando a Torre

David Cohen acenou com a cabeça para cumprimentar duas pessoas que saíam pela porta no momento em que ele entrava ali no gabinete principal do representante brasileiro na Assembléia Geral da Terra, a Senadora Cristina Stel. Praticamente aquele andar inteiro do Anexo Um do Palácio do Itamaraty era uma única grande área comum onde ficavam instalados os membros principais do staff da Senadora. David andava por entre as mesas de trabalho da sua equipe, com seus terminais LCARS e decorações pessoais, mas a maioria estava vazia no momento, pois ainda era hora do almoço. Em uma das áreas de convivência comum, onde há instalado um balcão de café com mesinhas espalhadas ao seu redor, era por onde David estava passando a caminho da sala da Senadora. Duas assessoras da Senadora, uma Andoriana e uma Boliana, tomavam café enquanto conversavam em uma das mesinhas. Zhaav, a Andoriana, acenou para ele, oferecendo uma cadeira, mas ele gentilmente recusou com um gesto, enquanto continuava a andar.

– Vocês já estão indo para São Paulo, certo? – ele perguntou.

- Sim, - respondeu Tolia, a Boliana. – Vamos um pouco na frente para verificarmos onde vão estar nossos lugares e coisas do tipo. – ela terminou de dizer, tomando mais um gole de sua xícara.

- Certo, eu só vou falar com a Senadora e encontraremos vocês por lá. – As duas azuis garotas observaram seu superior se afastar, e olharam uma para a outra. Embora ele não fizesse o tipo de nenhuma delas, ainda assim elas podiam notar que, para um humano, ele era consideravelmente atraente, um moreno alto com um rosto que combinava com seu cavanhaque.

David finalmente chegou na sala privativa da Senadora. Ele olhou ao redor do amplo recinto, decorado com várias obras de arte do século 22, um dos períodos favoritos dela, bem como uma miniatura da NX-01 *Enterprise* do mesmo século, que seu filho havia montado para ela, e algumas fotos de família. Bem à frente das janelas dando vista para o Plano Piloto estava a mesa de trabalho, mas ela não estava à vista.

- Cristina? – ele chamou. Ouviu um abafado ruído que lhe pareceu vagamente com um "espere um pouco", o que o atraiu na direção da porta do banheiro do gabinete, que estava aberta. E de fato, lá estava ela, na frente da pia em mármore e aço inoxidável. E, enquanto mantinha uma presilha entre os dentes, ficava com sua cabeça inclinada para baixo com ambas as mãos trabalhando para ajeitar seus lisos cabelos pretos em um penteado. Ela finalmente terminou a manobra de prender o cabelo com a presilha e deu uma última olhada no espelho tanto para checar seu penteado como sua roupa, um vestido bege-claro que de certa maneira tinha um estilo mais formal do que normalmente ela gostava de usar para trabalhar, ainda que mesmo suas roupas casuais fossem de um extremo bom gosto. Era uma característica das Betazóides naturais da Terra ter um gosto mais apurado de vestir, e elas não compartilhavam em nada a cafonice das Betazóides naturais do próprio sistema Betazed.

- Olá David... pensei que você não viesse mais, – Cristina disse para seu Chefe de Gabinete enquanto andava na direção de sua mesa. – Aonde você foi depois que saímos da Assembléia?

- Eu terminei de resolver algumas pendências burocráticas e depois fui naquele restaurante italiano que tem logo ali na Rua 45; marquei de almoçar lá com o chairman do Projeto Atlântida, Dr. Lauren Zidal... – David disse enquanto colocava um par de padds na mesa da Senadora. – Aqui tem o novo cronograma de colonização, já autenticado por ele, para você dar uma olhada depois.

- Ah, ótimo... e exatamente com o que podemos contar de colaboração da parte dele? – Cristina disse, passando os olhos pelos dados iniciais de um dos padds. – Já tem um pessoal da National Geographic e do Departamento de Arqueologia da Universidade de Alfa Centauri me contatando toda hora, querendo saber quando poderão preparar suas expedições.

- Sabe como engenheiros são, Cris. Zidal não gostou muito de ter que refazer toda a programação da parte final do assentamento geológico e início de colonização, mas até mesmo ele tem que concordar que vai ser necessário fazer uma minuciosa e completa varredura arqueológica do novo subcontinente deles assim que as primeiras porções de terra seca estiverem estáveis e assentadas. – Cristina deu um cínico sorriso enquanto desligava o padd. Havia ali uma boa quantidade de dados que ela queria rever com calma mais tarde.

- Quando ele soube que a Comissão de Operações Planetárias da Assembléia poderia ter que ser "forçada" a rever a distribuição dos recursos para os projetos civis depois do fim da guerra... – ela disse, gesticulando com dois dedos de cada mão as aspas que queria dizer junto com a palavra "forçada" – Acho que Zidal se tornou mais cooperativo, não?

- O que faria a coisa toda atrasar de qualquer jeito, e de uma maneira em que todos os lados perderiam. – David completou, enquanto observava Cristina pegar sua bolsa e caminhar na direção da porta. – Já estamos indo para a cerimônia, então?

- Sim, eu quero ver se consigo encontrar a Carolina antes da cerimônia... – a Senadora fez uma pausa para David a alcançar, e ambos foram até o turboelevador naquele andar do anexo.

- Bolo de Noiva, – David disse assim que ambos já haviam entrado no turboelevador, e o beep de confirmação do computador foi seguido pelo zunido baixo do turboelevador indo na direção do Anexo Dois do Itamaraty. Eles ficaram em silêncio durante alguns segundos, o que serviu de deixa para David citar outro assunto importante na agenda deles para os próximos dias.

- Então... já decidiu quando iremos fazer a declaração sobre a candidatura? – David disse, olhando para ela de uma maneira inquisidora.

- Semana que vem, no mais tardar... – Cristina respondeu, sem mudar muito a sua expressão, pensando ainda mais sobre o assunto enquanto falava com ele. - Eu quero primeiro fazer uma última reunião com o pessoal para coordenarmos todos estes preparativos finais. Então poderemos dar entrada com o pedido de candidatura na Secretaria Eleitoral e fazermos o anúncio público... – ela terminou, e voltou toda sua atenção para David agora, pois ele estava rindo para si mesmo. – O que foi? Eu não estou lendo sua mente, mas está mais do que na cara que você achou graça de algo. – ele balançou a cabeça afirmativamente antes de dizer qualquer coisa.

- A primeira coisa que eu fico imaginando é como será que vai ficar quando eu pintar "CONSELHO DA FEDERAÇÃO OU NADA" no casco do runabout que vamos usar na campanha... - ele disse, gesticulando a sua mão como que escrevendo no ar.

- Pode deixar, eu replico o balde de tinta e pincel...! - a Senadora adicionou, enquanto ambos saíam do turboelevador para irem para a sala de transporte.

#

Denise Tylare olhou mais uma vez para o relógio no painel da plataforma de atracação 12-F e jogou a cabeça para trás, se espreguiçando na poltrona em que estava, e resmungou baixinho. Ela já estava ali na Doca Espacial há quase uma hora, aguardando. A nave de seu namorado, Scott Ross, estava tendo que aguardar duas outras naves da Frota Estelar serem manobradas naquele nível de atracadouros da Doca Espacial para que ela pudesse finalmente descarregar seus passageiros. Só que isso estava atrasando o desembarque em mais de meia hora.

Ela olhou na direção do grande painel LCARS no topo da plataforma. A Doca Espacial estava apinhada de naves da Frota Estelar, e só para o nível doze havia três naves da Frota listadas, além de quatro outros transportes civis. A SS *Kobiashi Maru*, a que iria atracar naquela plataforma, era a primeira das civis na listagem, e o seu status atual ao lado de seu número de registro, NDT-301000, era de "docando". A poltrona em que Denise se encontrava estava bem ao lado da janela da plataforma, e ela olhou para a gigantesca área interna da Doca Espacial. Ela podia ver uma das três naves da Frota, e duas das naves civis que já haviam entrado e que estavam se dirigindo para aquele nível de atracação. Como ela já havia perturbado a paciência da balconista da Star Alliance três vezes, ela não podia fazer muito mais do que esperar, então ela voltou sua atenção ao jornal no padd que estava lendo.

Dez minutos mais tarde a atenção dela foi chamada pelo característico ruído de chapinhas de metal sendo folheadas rapidamente, e Denise olhou para o painel. A *Kobiashi Maru*, além de uma outra da Frota, estavam agora com o status de "docada", e o portão 12-F fora aberto. Enquanto ela pegava sua mochila e se levantava para se juntar às outras pessoas aguardando o desembarque dos passageiros, ela ficou imaginando porque diabos esses painéis de status da Doca Espacial tinham esse ruído mecânico junto, uma série de tic-tic-tics bem rápidos, em vez de um simples beep. Devia ser algum tipo de charme ou coisa parecida.

Os primeiros passageiros da *Kobiashi Maru* já estavam saindo, e Denise ficava movendo sua cabeça por entre as pessoas na sua frente, tentando ver se já enxergava Scott, pois, assim como ela, ele não era muito alto. Depois de avistar vários civis e alguns oficiais da Frota, ela o achou pelo chapéu que ele estava usando, um de seus favoritos. Ele já estava olhando naquela direção, e deve ter visto ela na porta da plataforma antes que ela o visse.

- Scott! Ei, aqui! – Denise saiu do meio das pessoas ao longo da pequena amurada que estava na frente da saída. Ele a acompanhou paralelamente até que ambos se abraçaram no meio da plataforma, já onde os passageiros se dispersavam. A alça da mochila de Scott

escorregou de seu ombro direito quando ele a abraçou, ficando a mochila pendurada no braço que enlaçava as costas de Denise. O braço livre, contudo, já a abraçava também na altura do ombro, e remexia o cabelo da jovem enquanto ambos se beijavam, revelando por debaixo dos castanhos e lisos fios as pontiagudas orelhas de Denise. Daquele ponto em diante, os fios ficavam bastante ondulados, dando ao penteado todo aquele ar de meados do século vinte que estava em moda na Terra nestes últimos tempos.

- Como foi a viagem de volta? – Denise perguntou enquanto eles começavam a andar na direção do lobby do nível 12.

- Boa... mas se eu ouvir só mais uma piada sobre nossa nave se perder na Zona Neutra Romulana e uma nave da Frota vir em nosso resgate, eu juro que não piso em uma nave deles de novo. – Ross riu logo após este seu pretenso juramento. - Você vai para onde?

- A Senadora Stel está atendendo a um comissionamento, e eu pedi para ficar livre hoje para que pudesse vir encontrar você. Eu fico lá na sua casa de hoje para amanhã, e então vou para Philly.

- Hum, praticamente dois dias... mas você não precisaria de todo este tempo "para me buscar". – ele disse.

- Um detalhe cronológico que não vem ao caso... – ela respondeu, rindo. O casal chegou no setor dos teletransportes, e as filas para os transportes estavam com cerca de três a quatro pessoas cada. O casal andou até um dos últimos pontos de transporte, onde havia apenas um grupo de três pessoas que aguardavam na frente para serem enviadas à Terra.



Logo ao lado, as janelas daquele ponto da área de transporte, que davam para a área interna da Doca Espacial, tinham um melhor ângulo de visão, e o casal pôde ver qual havia sido o motivo do atraso no desembarque. Três rebocadores estavam alinhando duas das naves da Frota que estavam atracando naquele mesmo nível.

Uma delas era da classe *Akira*, mas Scott sequer conseguia ler o nome ou registro, tantas eram as marcas de feisers no casco superior. Havia também cerca de três rombos logo ao lado da ponte, um deles aparentando ter vários decks de profundidade, e dois terços da nacele direita deviam estar agora flutuando em algum lugar no espaço Cardassiano, pois no seu lugar haviam apenas improvisadas coberturas de contenção, para que ela pudesse ter sido rebocada. A outra nave, uma *Ambassador*, tinha uma profunda rachadura de pelo menos nove decks de altura ao longo da seção de engenharia, e um comprido pedaço da seção disco estava faltando, mais de um quarto da área toda, permitindo ver as camadas de compartimentos e salas do interior da nave. Era como se alguém tivesse mordido um gigantesco biscoito waffle.

- Credo... ainda tem naves danificadas chegando da fronteira Cardassiana? – Denise perguntou, enquanto observava as manobras das naves abaixo.

- Hum, hum... – Scott sussurrou, antes de dizer qualquer outra coisa. – Só recentemente as instalações da Frota que estão lá perto da fronteira Cardassiana estão começando a ficar menos sobrecarregadas, agora que a maioria das naves danificadas já foi transferida de volta para os estaleiros, - ele disse. – Eu ainda vi várias naves assim nas bases estelares ao longo da fronteira. – Mesmo depois de cerca de um ano desde o fim da Guerra Dominion, várias instalações da Frota, fosse ali no Setor 001 ou em outros territórios da UFP, ainda estavam com muitas naves danificadas esperando serem reparadas. Todos os principais estaleiros estavam trabalhando praticamente em capacidade máxima, tanto para fazer estes reparos como para construir novas unidades para a Frota poder repor as custosas perdas que a Federação teve na guerra. Denise continuou olhando pela janela por mais alguns segundos, enquanto Scott voltou sua atenção para o operador de transporte, que o havia chamado.


- Qual o destino de vocês? – o operador perguntou.


 - Estação República do Metrô de São Paulo, por favor. – Assim que Scott disse o destino, o computador de controle do teletransporte identificou rapidamente as coordenadas necessárias, e o operador do sistema ativou a sincronização com um dos teletransportes da Estação República, que já sinalizava estarem prontos para receber os passageiros. Aquele era um modelo de teletransporte civil, de uso genérico, que podia realizar teletransportes apenas para outros sistemas de teletransporte. A grande maioria dos modelos civis não dispunha de recursos como transportar de e para qualquer lugar, e também não podiam realizar transportes ponto-a-ponto. 



- Certo... podem subir na plataforma. – o operador indicou a área circular mais à frente, com quatro círculos menores. Denise se afastou da janela e subiu com seu namorado nos pontos de transporte da frente. A garota continuava com o olhar na direção da janela, embora daquele ângulo não se pudesse ver mais as naves. Scott apertou o ombro dela suavemente, como para assegurar a garota de que tanto ela como ele estavam ali juntos, e certamente isso é mais do que muita gente podia dizer, depois de tão custosa guerra. Scott fez um rápido gesto com a cabeça para o operador de transporte.

- Energizar.

#

Enquanto observava pensativa pelas amplas janelas do refeitório, Cristina Stel tomou mais um leve gole do champanhe que estava saboreando. Tratava-se de uma Bollinger RD de 2362, o mesmo ótimo ano da que fora batida contra o casco da USS *São Paulo*, NCC-75633-A, na Cerimônia de Comissionamento que havia acontecido alguns minutos antes. Ainda que o pessoal da Frota ali presente tivesse que se contentar com as variações baseadas em sinthehol, Cristina estava aliviada por haver também disponíveis bebidas genuínas, e não somente aquelas pálidas versões replicadas. 

Uma ampla área do Parque Pinheiros, próxima ao início da Avenida Juscelino Kubitschek, havia sido preparada para recepcionar a imensa nave da classe *Intrepid* que fora batizada com o nome daquela cidade. A *São Paulo* havia sido trazida de Utopia Planitia duas semanas antes por uma tripulação-esqueleto do estaleiro, e passou este tempo na Estação McKinsley recebendo os preparativos finais e sua nova tripulação. Na noite anterior, a nave foi pousada naquela área para a Cerimônia, evento que por si só já havia atraído uma pequena multidão, pois não era todo dia que uma nave da Frota Estelar daquele tamanho entrava na atmosfera da Terra. Da mesma maneira, houve também um bom público presente no Comissionamento propriamente dito, onde houve os costumeiros discursos de dignitários da cidade, de altos oficiais da Frota Estelar e da Capitã Carolina Parker. Após isto, houve a quebra do champanhe contra o casco, do lado esquerdo do disco defletor, na frente do qual havia sido montado o palanque principal, e seguiu-se uma apresentação da filarmônica da cidade. Esta também havia executado no início da Cerimônia os hinos apropriados para a ocasião, e além do Hino da Federação, eles também ouviram *Life is a Dream*, de um dos mais renomados compositores clássicos do século 20, Jerry Goldsmith. Realmente era uma música que Cristina considerava tão linda quanto inspiradora, e realmente era uma perfeita escolha como o Hino da Frota Estelar desde a criação desta Instituição. Depois da segunda apresentação da filarmônica no final da Cerimônia, foi oferecido ao público um tour pela nave, e guiado pela tripulação da *São Paulo*. 

 Ela olhou para o outro lado do recinto e observou David conversando com o Prefeito de São Paulo, Rodolfo Siqueira, vendo-o no meio de uma alta risada por algo que Siqueira deve ter dito. Cristina não conseguiu evitar pensar em quanto o seu Chefe de Gabinete era 

dedicado ao seu trabalho, e sempre que podia ele estava em contato com pessoas que podiam ser politicamente úteis para o grupo deles. Exatamente por isso Cristina ficava contente em saber que apesar disto, David também se dava ao prazer de uma conversa informal e descontraída mesmo com um outro político ou autoridade, como ela podia sentir que era aquela. Cristina olhou ao redor novamente e viu suas duas outras assessoras, Tolia e Zhaav, conversando com uma dupla de oficiais da *São Paulo*, duas jovens, uma delas aparentemente humana, e a outra era de Delta IV. Ou ao menos parecia ser, pois ela não conhecia nenhuma outra espécie humanóide membro da Federação na qual as mulheres fossem totalmente carecas. Diversos outros convidados também estavam espalhados pelo refeitório com vários outros tripulantes da nave, todos conversando e servindo-se do buffet que fora colocado ali, para a recepção das autoridades.

Cristina retornou sua atenção para a vista do refeitório. O longilíneo e pontudo casco da seção disco da *São Paulo* não permitia ver muito abaixo da área do Parque Pinheiros onde a nave havia sido pousada para a Cerimônia. Mas a outra margem do Rio Pinheiros estava visível, ao longo do qual seguia o setor oeste do Parque, além de toda a vista à frente da nave, com o Edifício Eletropaulo bem em primeiro plano, e o restante da linha de prédios ao lado do setor leste do Parque Pinheiros, juntamente com a esguia tubulação metálica do Airtram da linha Celeste do Metrô. O dia estava muito bonito, com céu claro e temperatura agradável, e o Parque estava com um bom público, por toda sua longa extensão.

Desde o início do século 22 as áreas adjacentes aos rios Pinheiros e Tietê vieram a se tornar dois monumentais parques, cada um deles seguindo o curso do rio. Ambos os Parques começavam onde o Rio Tietê e o Rio Pinheiros se encontram, na parte noroeste da cidade, e dali o Parque Tietê seguia a leste indo até a cidade de Guarulhos, e o Parque Pinheiros descia ao sul até o bairro de Interlagos. O complexo todo tinha, portanto, mais de 50 quilômetros de comprimento, com ambas as margens dos dois rios tendo densos jardins arborizados com os mais diversos tipos de paisagismos, áreas esportivas e culturais, boulevards, áreas de natação e canoagem, docas para barcos de turismo e diversas outras instalações. A largura de cada um dos dois parques, somando as duas margens e o rio, variava entre apenas algumas centenas de metros a mais de um quilômetro em alguns pontos, quando os Parques se juntam a áreas que já existiam previamente, como os Parques Burle Marx e Villa Lobos, o Jóquei Clube, a Academia Vulcana de Pedagogia, o campus da USP, o Estádio Vicente Matheus, o Parque Anhembi e outros.

A idealização deste complexo de Parques datava da época imediatamente após o Primeiro Contato, quando dois importantes fatores combinados criaram as condições ideais para o projeto. Primeiro, a despoluição que os dois rios finalmente tiveram no final do século 21 aconteceu aproximadamente na mesma época em que houve o fim do uso do automóvel como o principal meio de transporte urbano do planeta. Isto fez com que o complexo viário conhecido como Marginais, instalado às margens de ambos os rios, se tornasse obsoleto, e portanto toda aquela área podia ser utilizada para outro fim. A Prefeitura da Cidade decidiu então construir os dois parques ao longo dos despoluídos rios. Ambas as vias Marginais foram totalmente destruídas e as antigas pontes de concreto foram demolidas, exceto pela Ponte das Bandeiras, no Rio Tietê, que fora escolhida para ser preservada por questões históricas. Um trabalho de terraplanagem se seguiu, e ambos os rios, já livres de suas indesejadas funções de escoar esgoto, puderam ter sua vazão diminuída, e então ter seus leitos estreitados em cerca de 30%. Isto aproximou as margens uma da outra, que ajudou a aumentar ainda mais a área disponível para os parques, ao mesmo tempo em que devolveu aos rios suas características originais, que tinham até o início do século 20. Terminada a terraplanagem, os Parques adquiriram sua forma final por volta de 2130.



A última fase do projeto previu a construção de uma descomunal torre na área onde os dois parques se encontravam. A sua finalidade era tanto a de servir como símbolo principal da cidade como a de ser uma alternativa de expansão imobiliária em lugar das áreas onde foram construídos os parques, áreas estas que sem dúvida haviam sido cobiçadas para um sem número de outros usos. A construção da torre em conjunto aos dois parques daria à cidade o melhor dos dois mundos, certamente. Portanto, a idéia básica seria construir uma estrutura nos moldes do Millenium Gate, o enorme complexo erguido no início do século 21 em Portage Creek, Indiana, e que havia servido de modelo para as primeiras colônias humanas em Marte.



Denominado Braço de Gaia, a sua construção havia se iniciado no final da década de 2130, e a obra ficou pronta a tempo do 600º aniversário da cidade, em 2154. O conjunto todo é composto de seis grandes torres de 400 metros de altura cada, duas delas instaladas em cada uma das três margens do encontro do Rio Tietê com o Pinheiros. Cada uma destas seis maciças torres foi construída com uma leve inclinação de 75 graus em relação ao solo, pois também serviam de base de sustentação para a segunda parte do complexo, uma torre final de 800 metros de altura, dando ao conjunto todo uma altura final de mais de um quilômetro. Imediatamente abaixo da torre principal, em uma pequena ilha artificial no entroncamento do dois rios, foi construído um monumento aos mortos na Guerra Romulana, que acabou pouco antes de a obra ficar pronta, apenas a dois anos da fundação da Federação.



A aparência geral do projeto arquitetônico da torre principal lembrava um braço humano, com os últimos andares no formato de uma mão aberta, com o que seria o dedo indicador apontando diretamente para cima, e os demais em diferentes ângulos até o "dedo mindinho" estar a 90 graus em relação ao "dedo indicador". Críticos deste design na época disseram que a coisa toda parecia alguém se atrapalhando todo para fazer a saudação Vulcana. Ainda assim, este formato foi o aprovado para o projeto, pois remetia ao mesmo espírito empreendedor e aventureiro que estava fazendo a humanidade explorar cada vez mais a galáxia, sentimentos estes comemorados também em outras obras como o Zefram Cochrane Memorial, no Missouri.



E era esta a visão que Cristina tinha mais ao fundo, no horizonte. Um enorme braço estilizado, levemente refletindo a luz do Sol em sua estrutura de duranium revestido com alumínio transparente de diversos tons, levantando-se ao céu e lembrando ao povo daquela cidade que sua civilização sempre estava indo aonde ninguém jamais havia ido.



Cristina desviou-se daquele seu momento de ponderação quando ouviu uma familiar voz soando atrás de si, se destacando do murmúrio contínuo das conversas no refeitório.



- Mãe! – exclamou Priscila Stel Parker, quando esta viu a Senadora próxima à janela da extremidade direita do refeitório. O seu irmão, Ricardo, estava ali também. Embora eles dois fossem gêmeos, com 13 anos cada, obviamente eram do tipo não-idêntico. Na verdade, Priscila tinha mais semelhança com a irmã seis anos mais velha dos dois, Kátia, do que com Ricardo. Ambas tinham rostos com feições leves e olhos bem amendoados, e um cabelo castanho claro que não era muito típico de Betazóides, mas certamente isto elas haviam herdado do pai deles, da mesma forma que Ricardo tinha uma semelhança grande com ele.

Entre os dois garotos estava uma sorridente mulher de cabelos castanhos lisos que terminavam um pouco abaixo dos ombros, e que esbeltamente preenchia o uniforme da Frota Estelar em que estava vestida. Embora estivesse quase com 40 anos, ela tinha o biotipo daquelas pessoas que aparentam serem muito mais novas do que realmente são, e se não fosse pelas quatro pequenas bolinhas douradas em sua gola, alguém desavisado facilmente poderia confundir a Capitã Carolina Parker com uma Alferes recém-saída da Academia da Frota.



- A tia Carol aqui mostrou a nave toda para a gente, - a garota continuou a falar. – Nós estivemos até mesmo na ponte.

- Hum, parece que vocês dois tiveram um tour personalizado, então. – Cristina respondeu para seus filhos.

- É, foi legal e coisa e tal, mas eu ainda preferiria que a Frota tivesse feito a nova *São Paulo* também da classe *Defiant*, - Ricardo comentou displicentemente – E não esta colher com naceles que eles te deram, tia.

- Cala a boca Ricardo, - Priscila deu um leve empurrão no ombro do seu irmão, para repreendê-lo. – Essa nave aqui é muito mais legal do que as que nem a *Defiant*.

- Pffz... até parece. - o garoto desdenhou de sua irmã. – E a Frota Estelar ter mudado o nome da *São Paulo* original só para se ter outra *Defiant* foi uma cretinice, isso sim... de que droga adianta desvestir um santo para vestir outro?

- Ricardo, pare de malcriação e respeite sua tia aqui, - Cristina falou em um tom mais seco, mas Carolina sorriu despreocupadamente.

- Não se preocupe, Cristina... – ela finalmente disse. - Esse moleque é bem que nem o pai dele mesmo, fala exatamente aquilo que está pensando, sem meias palavras. – e ela deu um leve tapinha no ombro do seu sobrinho. – Mas você não fica contente que seja eu a Capitão da nave que homenageia bem a cidade em que vocês vivem?

- Sim, eu concordo, tia... eu só preferiria que tivesse sido uma *Defiant*, só isso. – sua mãe sentia em Ricardo uma sincero sentimento de orgulho dele para com a Capitão, então ela não forçou o assunto. Carolina apontou para a mesa à frente de ambos.

- Façam o seguinte, vão se servir do buffet ali que eu preciso falar com a mãe de vocês, certo? – o casal de irmãos concordou com a sugestão da Capitão da *São Paulo* e foram na direção da mesa se servir, enquanto as duas mulheres ali continuaram a observar os dois.

- Hunf... quem vê esses dois nem diz que foram criados por uma Betazóide, hein? – Cristina comentou ironicamente com sua cunhada.

- Betazóide que tem mais de "humana" que muitos que eu conheço também, não é? – a Capitão fez uma pausa. - Venha, vamos até o meu gabinete para falarmos com mais tranquilidade. – Cristina acenou com a cabeça concordando, enquanto terminava de tomar o que restava de champanhe no seu copo, e as duas saíram do refeitório.

#

- Oh, Cristina, é lindo... realmente não precisava. – Carolina segurava a pequena escultura, que Zhaav havia se encarregado de trazer consigo para a Senadora presentear a Capitão.

- Deixe disso, Carol... nós sabíamos que você ia gostar. Eduardo procurou feito um maluco por uma deste período da arte Andoriana, que ele achasse que combinava com sua personalidade. – Denise se referiu ao seu marido, Eduardo Parker, irmão de Carolina. Sendo Diretor do Instituto Smithsonian, e grande conhecedor de arte, Eduardo tinha excelentes contatos no meio, e havia conseguido aquela exclusiva escultura com um colecionador Andoriano que conhecera em uma de suas viagens. – Aliás, ele pediu para lhe dizer que fez de tudo para ver se conseguia mudar sua agenda e voltar de Tellar a tempo de estar aqui, mas não pôde. E Kátia também está com todos os trabalhos na faculdade...

- Sim, eu recebi a mensagem deles... – Carolina continuou a admirar a peça por mais alguns instantes antes de a colocar na mesinha perto dos sofás do gabinete. – Diga ao Edu que eu adorei a escultura... vou colocá-la em um lugar mais adequado, assim que eu terminar

de arrumar essa bagunça toda. – Carolina sorriu enquanto fez um gesto na direção das caixas com alguns de seus objetos pessoais, em cima de sua mesa de trabalho. – E ele, como está?

- Ótimo, viajando como nunca agora que a guerra acabou e o período de exposições fora da Terra pode recomeçar... – Cristina disse, antes de desfazer o sorriso que mantinha por então se lembrar de uma das tristes notícias que ela ainda não tinha tido a chance de comentar com Carolina. – Eu realmente sinto muito pela Cíntia... nós todos ficamos arrasados quando recebemos as notícias, ano passado. – Carolina olhou um pouco para o lado, respirando fundo, antes de dizer qualquer coisa. A morte da irmã dela e de Eduardo, uma Comandante dos Fuzileiros Navais da Frota Estelar, durante a batalha pela libertação de Betazed, havia sido particularmente difícil para os dois. A Betazóide adotou uma posição mais serena, como que para deixar sua interlocutora mais à vontade para dizer o que estava sentindo. Cristina não tinha treinamento formal na tarefa de Conselheira, mas tendo sido uma educadora por muitos anos, não era algo difícil para ela.

- Eu mal tinha acabado de terminar meu turno na ponte da *Mutara* quando eu recebi a notícia, – Carolina se referia à nave na qual serviu nos últimos dois anos. – Tínhamos saído de uma batalha bastante danificados, o Capitão Taylor estava inconsciente na enfermaria e eu estava tendo que ficar em comando. Eu estava esgotada, e naquele mesmo momento recebemos mais outro contra-ataque de dois cruzadores Jem'Hadar. Eu até agora não sei como, depois de tudo isso, consegui juntar forças para continuar lutando e em comando... sem dúvida aquilo deve ter me deixado ainda mais sedenta por chutar o traseiro de tantas naves Dominion quantas eu pudesse encontrar. – ela se inclinou para frente suspirando, enquanto apoiava seus cotovelos em suas pernas e esfregava uma mão na outra.

- Toda esta guerra, Carol... terrível. – Cristina abaixou o olhar durante alguns segundos, e voltou a falar. – Não há nada que se possa dizer que realmente alivie a falta que ela faz, mas ao menos devemos sempre pensar que o sacrifício dela não foi em vão. O de ninguém nesta guerra foi.

- Sim, é o que eu fico dizendo para mim mesma. Cíntia adorava o que fazia, e vinha com uma brilhante carreira no Corpo. Eu imagino que, como oficiais da Frota, nós sempre devemos estar preparados para um dia acabarmos encontrando nosso fim. Muitas vezes é inevitável, no final das contas... e pode acontecer com um acidente de transporte, uma queda em um shuttle, alguma anomalia espacial sem sentido... – Carolina voltou a se reclinar no sofá, e olhou na direção das janelas por um momento. – Mas ela caiu libertando o solo da Federação, e certamente foi uma maneira honrosa de partir.

- Falou como uma verdadeira guerreira... – a Senadora disse, levantando a sua mão, na altura de seu rosto, com os dedos posicionados como se estivesse segurando uma esfera, em um gesto de triunfo. Carol sorriu levemente ao comentário, pois havia feito com que algo viesse à sua mente.

- Isso de honra em batalha me lembrou de algo que mostra bem esse jeito que Cíntia tinha, de sempre lutar pelo que acredita... – Carolina disse. – Eu era bem pequena, mas lembro de uma vez em que estávamos nós três e nossos pais em uma recepção diplomática. Alguns dias antes, uma nave da Federação havia atendido o pedido de ajuda de um posto avançado Klingon que tinha sido atacado por Romulanos...

- Sim, eu já ouvi falar deste incidente. Foi uma das *Enterprise*, inclusive, não foi? – Cristina comentou.

- Isso, a que foi comandada pela Capitão Garrett. Ela e sua nave foram destruídas nesta batalha contra forças Romulanas. Bem, de qualquer jeito, o Império Klingon sentiu-se honrado por uma nave da Federação ter se sacrificado em defesa do posto avançado. Nossa família estava postada na Base Estelar 24, e o Capitão de um cruzador Klingon que estava

naquele setor se ofereceu para realizar uma celebração em honra à tripulação da *Enterprise*, e como nossos pais eram do corpo diplomático da Federação naquele setor, eles estavam presentes na recepção que os Klingons prepararam em um local da base... e você sabe bem como são festas de Klingons, não? – As duas mulheres trocaram irônicos olhares para indicar que conheciam bem quão intensas podem ser as festividades celebradas pela guerreira espécie.

- Bem, eu só sei que lá pelas tantas na festa, o Eduardo e a Cíntia haviam brigado por algum motivo, e de repente o Eduardo tacou uma tigela enorme de gagh bem na cabeça da Cíntia, e ela saiu correndo gritando, enquanto ele começou a rir. – Carolina levou a sua mão direita até a boca para tentar evitar uma risada ao se lembrar da cena. – E ainda era daquele tipo de gagh que tem aquelas perninhas, eu não lembro bem do nome. – Cristina também sorria enquanto Carolina descrevia visualmente a aparência do gagh com alguns gestos. – Mas de repente a Cíntia voltou correndo na direção do Eduardo, e ainda com gagh andando pelos cabelos, ela chegou nele e meteu um murro na cara dele que o levou ao chão, você pode imaginar? Aquelas duas crianças se agarrando de tapas no meio de uma festa de diplomatas? O meu pai tratou de separar os dois, e a minha mãe ficou com uma cara horrorizada enquanto uma de nossas anfitriãs Klingons, a primeira-oficial da nave deles, deu uma alta risada junto com os outros de sua tripulação, e a cumprimentou com um tapa no ombro por ela ter uma filha com tanto espírito Klingon, que não aceitava levar desaforo para casa.

- Mas também, os seus pais levaram para uma festa com Klingons os filhos pequenos deles?

- Meu pai sempre considerou importantes estas demonstrações de confiança nas espécies com quem tinha contato, então... mas também minha mãe não permitiu nossa presença de novo nestas ocasiões por um bom tempo...! – ambas as mulheres riram novamente. A conversa continuou em questões familiares por mais algum tempo, e de teor mais alegre. Após isto, as duas conversaram sobre algumas questões pertinentes à política externa da Federação, principalmente para a área em que a USS *São Paulo* estava indo. A missão da nave iria consistir de várias análises científicas ao longo da rota que iria começar na Base Estelar 621, indo até a Base Estelar 47, próxima a Tammeron. Ainda que Carolina não estivesse autorizada a dizer isto para sua amiga, estas "análises científicas" também incluíam manter um patrulhamento tanto da fronteira com os Breens quanto do território Cardassiano, do qual uma parte ainda estava sob controle temporário dos Aliados após o final da guerra. Muitas outras naves das Frotas estacionadas naquele setor estavam fazendo estas patrulhas e missões de suporte para o pessoal da Frota Estelar naquela região, e a *São Paulo* iria cobrir os espaços de algumas naves que estariam voltando para os setores centrais da Federação. Carolina também não deixou de perguntar sobre a eleição que se aproximava, e teve de sua amiga a confirmação de que de fato ela iria participar, ainda que esta notícia ainda fosse não-oficial por mais uma semana. Depois de quase uma hora de conversa, um aviso sonoro indicou que alguém queria entrar no gabinete. – Entra, – Carolina disse, com uma voz um pouco mais alta, ainda que a instrução fosse mais para o próprio computador abrir logo a porta do que para a pessoa do outro lado.

- Com sua permissão, Skipper, – Tenente K'livon, um Benzariano, entrou e ficou parado à meia-distância entre a porta e o sofá. – A senhora me pediu para avisar quando estivéssemos prontos para os procedimentos de partida. O tour para o público já terminou há cerca de vinte minutos, e a tripulação já está em seus postos.

Carolina acompanhou Cristina se levantando do sofá, e ambas andaram na direção da porta. – Obrigada, Sr. K'livon. Você poderia acompanhar a Senadora para a sala de transporte

dois, sim? – K'livon inclinou a cabeça levemente, e Carolina então abraçou sua cunhada. – Até mais, Cristina. Dê lembranças ao povo lá de casa, e boa sorte em junho. – ela se referia à eleição pelo mês em que o pleito iria ocorrer, dali a cerca de cinco meses.

- Obrigada, Carol. Espero que corra tudo bem na sua missão, e vá em casa quando você estiver de volta na Terra. – as duas terminaram de se despedir, e K'livon gesticulou para Cristina seguir na sua frente em direção ao turboelevador, enquanto a Capitão se dirigiu para o centro da ponte da *São Paulo*.

#

- Tenente Naran, acione o alerta azul. – disse Maxstrim Dot, o Trill com o posto de primeiro-oficial da *São Paulo*, levantando-se de sua poltrona, enquanto Carolina continuava sentada na de Capitão, terminando de colocar sua assinatura em alguns padds. Barras luminosas azuis começaram a piscar em volta da ponte, enquanto os tripulantes se posicionavam em seus postos e iniciavam seus terminais LCARS. Maxstrim ficou de pé atrás da cadeira da piloto, com os braços cruzados atrás de suas costas.

- Staff de comando da *São Paulo*, atenção, - ele disse. – Eu quero agora um "vamos/não-vamos" para decolarmos. Engenharia?

- *Engenharia, aqui nós temos um "vamos" para a decolagem!* – a voz da Tenente-Comandante Zalyn soou pelo intercom, onde estava no momento a Engenheira-Chefe, a oficial natural de Delta IV que Cristina havia visto durante a recepção.

- Cirurgião? – Maxstrim perguntou em seguida.

- *Vamos, Ponte.* – a voz do Médico-Chefe da *São Paulo*, Benit Tomly, também soou pelo intercom.

- Operações?

- Operações, vamos, senhor! – o Benzariano que acompanhara a Senadora até a sala de transporte alguns instantes atrás, Ladel K'livon, disse.

- Navegação?

- Vamos, senhor! – Tenente Bárbara Coelho, a piloto da *São Paulo* afirmou, enquanto trabalhava nos controles para vôo atmosférico da nave.

- Tático?

- Tático, nós temos um vamos! – confirmou Naran Maren, a Tenente-Comandante Bajoriana, terceira em comando da *São Paulo*. Maxstrim começou a retornar para sua poltrona.

- Muito bem, então é um "vamos" para a decolagem... – o Trill notou o olhar um tanto intrigado de sua Capitão, enquanto ele se sentava ao seu lado. – Nós imaginamos que você iria gostar deste toque de homenagem aos pioneiros da exploração espacial aqui do planeta natal humano, Skipper. – Dot se referiu à sua oficial comandante pelo costumeiro apelido naval que eles usavam para isto, enquanto Carolina sorriu largamente por esta pequena surpresa de seu Número Um, e colocou os padds de lado para se preparar para a decolagem também.

- Todos os decks reportam estarem prontos para a decolagem. – K'livon disse.

- Ótimo. Senhorita Naran, contate o Controle de Tráfego da Frota e peça permissão para decolarmos. – respondeu a Capitão. Naran ativou alguns consoles LCARS para remeter a requisição, e redirecionou a resposta para o intercom da ponte.

- *São Paulo, aqui é a Doca Espacial, Controle Orbital B4, vocês têm rota livre para decolagem por estas coordenadas enviadas neste momento. Boa viagem, e Godspeed, São Paulo.*



- Obrigada, Controle Orbital. Senhor K'livon, ajuste os amortecedores de inércia para voo planetário. Senhorita Coelho, libere as travas de pouso e dê força máxima nos propulsores atmosféricos. – Bárbara ativou todos os sistemas de propulsão e a maciça nave da classe *Intrepid* começou a vibrar, com os propulsores recebendo plena potência. Carolina esticou seu braço, apontando o dedo na direção do monitor principal da ponte, onde estava a imagem da vista da cidade à frente da nave.



– Ativar.

#




Cristina já havia se teleportado, juntamente com David e Zhaav, para Nova York, aonde ela tinha alguns assuntos pendentes na Assembléia-Geral, mas Tolia ainda estava ali no Parque Pinheiros, acompanhada pelos dois filhos de sua chefe, Ricardo e Patrícia. O grupo estava acompanhando a decolagem da nave juntamente com uma multidão agrupada ali naquele setor do parque. O ruído característico de potentes propulsores atmosféricos, necessários para erguer uma nave daquele tamanho, soou por toda a área. No momento em que a *São Paulo* começou efetivamente a levantar, o vento provocado foi forte o bastante para fazer várias pessoas protegerem o rosto e segurarem alguns chapéus. Os suportes de pouso foram recolhidos de volta aos seus compartimentos, enquanto a *São Paulo* subia verticalmente até cerca de duzentos metros de altura. A nave inclinou-se levemente para frente quando começou a avançar, seguindo o traçado do rio, fazendo uma curva à direita para circundar o *Braço de Gaia*, e começou então a subir bem mais rápido, logo desaparecendo no céu à medida que acelerava para sair da órbita da Terra.

#

Capítulo 2

Primeiro Movimento


Scott caminhava pensativamente pelo quarto de seu loft no centro da cidade enquanto digitava alguns comandos em um padd que segurava. Sua namorada ainda estava deitada, embora fosse evidente que, pelo jeito que se mexia, ela já havia despertado. Scott foi até a janela e puxou a cortina, revelando a vista que dava para a Avenida Ipiranga, cerca de três andares abaixo, e com as árvores da Praça da República logo do outro lado. A claridade da manhã deixou o quarto bem mais iluminado, o que ele esperava que terminasse de encorajar a garota a se levantar. 

- Hummm... – Denise gemeu de sono enquanto olhava na direção da janela, mantendo seus olhos cerrados devido a toda a claridade que entrava. Mas lentamente ela definiu a figura de seu namorado na frente da janela, vestido com uma bermuda e camiseta, e ainda digitando no padd. Ela sentou-se no meio da cama, encostada nos travesseiros e com os lençóis apenas cobrindo-a da cintura para baixo.

- Tem café pronto, se você quiser. – ele disse. Denise olhou para a unidade replicadora do quarto e viu apenas dois donuts e um pão francês. Isso só podia significar que ele havia feito café manualmente, pois ele nunca gostou das variações replicadas. Isso significava também que a cafeteira estava na cozinha, e sua disposição de ir até lá ainda estava sufocada por sua sonolência. A garota se espreguiçou, voltando a ficar deitada novamente, agarrada a um travesseiro, enquanto olhava para Scott.

- Você não vai na redação hoje não, né?

- Só se eu estivesse maluco... – ele respondeu, sorrindo. – Eu já avisei lá que vou descansar por alguns dias antes. Só vou terminar de transmitir este mais novo artigo desta série que eu estou fazendo sobre o movimento maquis.

- Um monte de gente que eu conheço elogiou, Scott. Mas a Senadora Stel gostou mais dos que você fez a respeito da libertação de Betazed. – ela comentou, apoiando sua cabeça com a mão, o ombro afundado no travesseiro. – Bem, mas era de se esperar. Ela perdeu uma porção de conhecidos lá. 

- Eu posso imaginar. Mas ela chegou a viver lá alguma vez? Ela é daqui da Terra, não? - Scott perguntou, mas Denise já acenava com a cabeça positivamente, indicando que ele estava certo.

- Sim, ela nasceu em Niterói. Os avós dela foram dos primeiros Betazóides a virem para a Terra depois do primeiro contato deles com a Federação. A colônia Betazóide no Rio de Janeiro é grande, e mesmo os pais da senadora são Betazóides nascidos aqui, também.

- Hum, então ela é terráquea até mesmo de segunda geração... - Scott comentou. - Mas eles têm parentes lá, ainda?

- Ah, não, eles têm sim... a família da senadora é da Décima-Quarta Casa de Betazed, e vários deles têm cargos importantes em uma província, eu não tô lembrada do nome agora.

- Denise vivia se recriminando por estes seus lapsos de memória sobre estas informações triviais sobre a Senadora. Sendo a assessora principal de imprensa de Stel, ela acreditava que sempre precisava ter na ponta da língua os dados biográficos de sua chefe, tanto quanto tinha toda as demais informações mais importantes. - A própria senadora morou por vários anos lá, como estudante.

- Eu espero que agora com a eleição, ela não fique ocupada demais para não me dar uma oportunidade para uma entrevista uma hora destas, quem sabe. - Scott especulou a respeito.

- Nããã, claro que não. - Cristina respondeu. O assunto morreu depois que ambos ficaram alguns segundos em silêncio. Scott deitou-se ao lado dela e ficou brincando com alguns fios de cabelo de Denise, até chegar em suas orelhas e ficar mexendo com o dedo a parte pontuda do órgão; ele sabia que a garota tinha um pouco de cócegas ali.

- Ai, pára com isso... - ela levou a sua própria mão até a orelha. Scott apenas sorriu.

- Você sabia que quase toda a vez que eu te apresento para alguém você deixa a pessoa sem entender nada? - Denise inclina a cabeça um pouco em um gesto indicando que não entendeu bem o que ele quis dizer com aquilo. - Quero dizer, você já vai chegando com essas orelhas pontudas suas e cumprimenta as pessoas com um beijo, e desanda a tagarelar, a dar risada... e sempre perguntam para mim, "Ei, essa sua namorada aí foi expulsa de Vulcano ou o quê?", he, he...

Denise move a cabeça da esquerda para a direita em curtos e rápidos movimentos enquanto desdenhosamente mostrava um pouco a língua. - Fique o senhor sabendo que minha parte humana sempre esteve em bons termos com minha parte Romulana, viu?

- Sim, mas você tem que concordar que fisicamente você parece mais com uma Vulcana... acho que os genes humanos do seu pai suavizaram em você a testa gozada dos Romulanos.

- É, eu sei... eu daria uma perfeita espiã para o Império Romulano, já pensou? - Denise disse, enquanto dava uma rápida e marota piscadela.

- Quem teria que pensar nisto não sou eu, mas a Frota Estelar! - ele respondeu. - Vai que é verdade, nunca se sabe... - ele respondeu, enquanto a sua namorada voltava a enfiar a cabeça debaixo das cobertas.

- E agora vai lá buscar o café para mim, - Denise disse, com a voz dela sendo abafada por um travesseiro, - senão eu mando a Tal'Shiar te enquadrar e aí você vai ver o que é bom!

- Sim, "Centuriã"...! - Scott respondeu, sem conseguir evitar dar risada enquanto saía do quarto para ir até a cozinha de sua casa.

#

Combinando uma arquitetura típica do final do século 22 juntamente com o tradicional estilo parisiense, o grupo de edifícios entre o Boulevard de Grenelle e a Rue de La Fédération era o local de um dos principais centros administrativos da Federação, incluindo o Archer Hall, a sede do poder executivo com o Gabinete da Presidência. E neste momento, pelo setor principal, dois homens estavam se aproximando do gabinete. Os corredores daquele setor eram bastante movimentados, com funcionários indo e vindo tanto em suas rotineiras tarefas, como manter a burocracia administrativa do governo federativo, quanto em outras não tão rotineiras, que não raro eram problemas dos mais diversos tipos, algo bastante comum para o grupo que trabalhava ali.

Gregory Dalton e Jorge Cespedes, dois dos principais homens de ligação do Presidente com o Conselho da Federação e as diversas Secretarias e Departamentos Administrativos, chegaram até a porta principal do gabinete, e encontraram Jalira Drivok, a secretária pessoal de Inyo, enquanto ela trabalhava para encaminhar alguns decretos do dia para o pessoal encarregado.

- Bom dia, Drivok... como está o tempo em Helsinque? – Dalton perguntou, se referindo à cidade onde ela morava.

- Frio, como sempre... mas nada que seja fora do comum. – ela respondeu, sorrindo. Eles retribuíram o gesto, mas certamente não com intenções de um eventual flerte junto. Drivok era da mesma espécie do Presidente, uma Grazeriana, o que não a tornava especialmente atraente para nenhum deles dois humanos. – Ele está com alguém? – Cespedes perguntou, apontando na direção da porta. Drivok balançou negativamente a cabeça, e acenou para eles continuarem. Ambos rapidamente passaram pelo curto corredor da ante-sala até a porta principal.

Ao entrar na sala, logo depararam com a ampla janela, dando vista para a Torre Eiffel, em primeiro plano. Próximo à janela estão colocados alguns sofás e cadeiras, ao redor de uma pequena mesa. Obras de arte de diversas culturas da Federação, e de diferentes períodos, estavam por todo o ambiente, mas a decoração geral do recinto tinha como inspiração o século 17 terrestre. À direita de quem entra é onde está a mesa principal de trabalho, também um móvel antigo, cujo estilo contrastava com o moderno terminal LCARS instalado em cima, bem como outros objetos de decoração e uso pessoal do Presidente. Na parede atrás da cadeira, fica suspenso o brasão de armas da Presidência da UFP, e na cadeira propriamente dita se encontrava o atual ocupante da posição, o Presidente Jareh Inyo. No momento, ele terminava de ler um relatório em um padd, e ficou pensando em silêncio durante alguns segundos antes de dizer qualquer coisa para seus dois assessores, que ocuparam as duas cadeiras à frente da mesa de Inyo.

- Eu acabei de falar com a Almirante Sitak. Vocês estão sabendo que a comitiva Bajoriana requisitou mais outra nave para a viagem até aqui? – Dalton trocou um olhar com Cespedes, e resolveu falar primeiro.


- Esta é uma das coisas que pretendíamos discutir com o senhor. Aparentemente, não vai haver espaço suficiente na USS *Magellan* para todo o pessoal que eles pretendem trazer. – Dalton disse, enquanto ele e Cespedes sentavam-se nas cadeiras à frente da mesa. Inyo espalmou as mãos e as balançou rapidamente.

- Sitak me disse que a *Magellan* é uma nave da classe *Galaxy*. Eles irão se juntar à Federação ou emigrarem para cá, eu me questiono? – ambos os assessores do Presidente sorriram, ainda que Inyo não estivesse muito propenso a considerar a questão por seu lado humorístico.


- Bem, nos poderíamos providenciar para que alguns oficiais da *Magellan* façam a viagem na *Defiant*. – Cespedes sugeriu. A *Defiant* iria ser a nave de escolta da *Magellan* na


viagem que estava trazendo os representantes bajorianos para a Cerimônia de Ingresso na Federação. – Isto pode nos dar mais algumas cabines para uso diplomático na *Magellan*.


- Não, podem deixar, - Inyo disse, descartando a possibilidade. – A Almirante sugeriu usarmos a *Budapest*, que é uma das naves atualmente estacionadas na Deep Space Nine, de qualquer modo. A última coisa que precisamos neste momento é de um incidente devido a uma frivolidade destas. – ele fez uma pausa antes de continuar – Bem, espero que vocês não estejam aqui apenas trazidos por problemas.


- Não senhor, - Dalton disse, entregando um padd para o Presidente. – Aqui tem o relatório final do Departamento de Abastecimento sobre os recentes problemas em Pentara IV. 

- Os depósitos e silos em New Seattle foram todos expandidos e reformulados, - Cespedes acrescentou. – Agora eles dispõem de completa capacidade para servirem de entreposto também para os sistemas adjacentes.

- Ah, excelente. – Inyo deu uma rápida lida no padd. – Estava mais do que na hora de Mak conseguir resolver isto. – ele se referia a Makil Rgon, o Rigeliano que era o seu Secretário de Abastecimento. – Fazermos em Pentara um centro de distribuição pode diminuir bem o tempo que as demais colônias levam para serem reabastecidas. – Inyo acessou os bancos de dados com informações a respeito de outros assuntos pendentes, e continuou a despachar com seus dois assessores, debatendo as maneiras mais adequadas para se administrar cada um deles. Apesar de toda a pompa sempre associada ao cargo de Chefe de Estado, este nunca estava livre de ter sempre uma certa dose de trabalho administrativo, certamente. 

A Presidência da Federação trata-se de uma extensão da Presidência do Conselho da Federação, ou seja, o chefe do Legislativo também é o chefe do Executivo. Embora este arranjo aparentemente acumule poderes demais sobre uma única pessoa, este realmente não é o caso, pois o sistema governamental federativo baseia-se em uma versão avançada do antigo sistema parlamentarista terrestre. O Conselho da Federação enquanto instituição é que realmente dirige os destinos da Federação como um todo, cabendo ao Presidente a tarefa de liderança, e não de puro controle absoluto. Ao Presidente também cabem as tarefas de coordenação do gabinete de secretários e diretores dos vários departamentos do governo. 

A razão de a Presidência não ser automaticamente do "líder da maioria" no Conselho é que tal conceito é inexistente no sistema federativo. Organizações da categoria de "partidos políticos" são bastante regionalizadas na Federação, com cada sistema-membro tendo suas próprias formalidades políticas locais. Em alguns membros, não existe nenhum tipo de agremiações políticas de qualquer espécie, enquanto outros têm estruturas partidárias bastante complexas, e alguns ainda possuem sistemas baseado em casas familiares, câmaras de notáveis, sindicatos profissionais e muitos outros estilos. Todos estes diferentes sistemas políticos internos de cada membro têm apenas em comum algumas regras de conduta internas da Federação, e o reconhecimento por parte dos outros membros de que se tratam de sistemas democráticos, uma vez que isto é requisito básico para admissão na Federação. 

Desta maneira, não há partidos políticos gerais para a Federação, não havendo portanto agremiações formais de Embaixadores no Conselho. A liderança do Conselho da Federação é decidida em uma eleição-geral entre os cidadãos, a única que engloba a Federação como um todo. Os candidatos são necessariamente Embaixadores do Conselho, sendo que para alguém poder alcançar o cargo de "Presidente da Federação", este deve primeiro se eleger Embaixador de seu planeta-membro no Conselho. Uma vez lá, esta pessoa agora pode ter a oportunidade de se apresentar como candidato ao cargo de Presidente, e 

então concorrer na eleição-geral. Desta forma, não é possível chegar-se ao cargo mais alto da Federação sem um duplo escrutínio do povo.

Inyo se elegera Embaixador Grazeliano em 2363, e cinco anos depois ele foi eleito Presidente. Não realmente por ambição de conquista pessoal, mas sim para corresponder a todo o apoio que lhe foi dado por seus compatriotas Grazelianos, e por diversas outras espécies e setores da Federação, que aprenderam a admirar o trabalho de Inyo, e a respeitá-lo como um estadista eficiente. Como todo Grazeliano, Inyo sempre fora um homem sereno e pacífico, e era conhecido por um perfil mais diplomático do que efetivamente o de um político administrativo. Mas, nos últimos tempos, liderar a Federação de Planetas Unidos tem demonstrado ser uma tarefa dantesca, e todas as crises que a Federação enfrentou na última década sem dúvida alguma tiveram seu preço no pacato Grazeliano. Os problemas e crises certamente colaboraram para que o seu refinamento diplomático começasse a conviver também com um certo cinismo, o qual ele aprendera a usar para literalmente sobreviver ao peso das responsabilidades de ser o ocupante daquele gabinete ali na Terra.

Sendo membro fundador da Federação e a sua capital, o planeta Terra tem grande importância na organização. Sua estrutura política em particular ainda guarda muitas características originais da época em que o planeta organizou o seu primeiro sistema de governo global, em torno das Novas Nações Unidas, e portanto, a câmara mais alta do governo local ainda se tratava da Assembléia Geral, localizada na cidade de Nova Iorque. Seus membros são os estados-nações terrestres originais, com as divisões políticas que existiam durante o século 21, mais as novas representações que foram surgindo, como as colônias da Lua, Marte, da lua de Júpiter Europa, e dos demais grupos de colônias menores pelo setor 001, o sistema solar da Terra. Cada membro tem direito a um Senador na Assembléia, e localmente, estes membros também possuem seus Presidentes, Governadores e Administradores para o gerenciamento de suas comunidades, sejam estes membros pequenos como Costa Rica, Cingapura ou Nova Zelândia, até os grandes, como China, União Européia, Marte, e outros.

Na questão de organização partidária, a Terra é um dos membros da Federação que mantém alguma estrutura formal de partidos políticos. Contudo, as atuais agremiações possuem diferenças fundamentais de suas antigas contrapartes de trezentos ou quatrocentos anos antes. Não mais eram monolíticas organizações burocráticas, e as suas estruturas administrativas internas eram bastante enxutas. Da mesma forma, as tendências ideológicas que conduzem estes partidos são bastante diferentes da antiga maneira bidimensional que existiu por séculos na Terra, baseada no conceito de esquerda-e-direita, ou liberais-e-conservadores. Durante o século 20, por exemplo, era comum que, se uma pessoa se identificasse como um "conservador", ela tivesse a tendência de se alinhar automaticamente com os ideais conservadores em praticamente todos os assuntos e temas que havia, como lemmings seguindo por um curso instintivo, mesmo que algumas vezes este curso fosse em uma direção contrária ao que a pessoa podia considerar como o preferível.

Se comparado a este antigo modelo bidimensional, o tipo de posicionamento ideológico atual seria como uma estrutura em terceira dimensão. O cidadão terrestre tem atualmente um posicionamento muito mais crítico e pessoal em relação às questões de sua sociedade, e analisa caso a caso qualquer tema antes de estabelecer uma posição a respeito. Alianças e rivalidades entre políticos terrestres variam de tema para tema, de idéia para idéia, e nunca são baseadas em um "pacote ideológico" fechado. Um determinado partido pode ser um fiel aliado de um outro partido em um dado assunto, mas ambos podem ser forte rivais em outro assunto.

Na verdade, o termo "partido político" chega quase a ser inadequado, uma vez que estas organizações extrapolam as funções tradicionais de um partido. Elas também atuam como "thinker tanks", seja para ajudar diretamente em programas sociais das comunidades, como para fornecer apoio aos seus membros, mas sem a necessidade de um comprometimento ideológico ou de apoio irrestrito a qualquer causa. Além do mais, não existe realmente nenhuma necessidade de filiação a um determinado partido para que alguém possa concorrer para algum cargo eletivo, e estas pessoas que assim escolhem podem agir como independentes.



No total, existem onze partidos na Terra, mas apenas quatro deles têm forte peso real na política e sociedade terrestres. No momento, o partido com maior influência era sem dúvida o Federativo, com o qual a maioria dos representantes na Assembléia Geral se identificava, bem como diversos governos locais importantes. O atual Embaixador da Terra no Conselho da Federação, Timothy Duke, também é um Federativo, e o próprio Presidente Inyo e muitos do seu gabinete se alinham com os Federativos, embora Inyo e a maioria deles não sejam membros formais.

O Partido Humanista é o mais antigo dos quatro, e data da época imediatamente após a fundação da Federação. Apesar do nome, seus ideais englobam todas as espécies inteligentes, humanóides ou não, e por boa parte do século 23 fora o partido com maior influência na Terra, mas perdeu gradativamente esta posição para os Federativos, durante o século 24. Mas ainda mantém em suas fileiras várias eminências pardas do quadro político terrestre e federativo, além da simpatia de importantes diplomatas de outros mundos da Federação, como Lwaxana Troi, a representante de Betazed no Conselho, Zritk Pvalev, o Embaixador Andoriano, e ainda o Embaixador Spock. De certa forma é o mais tradicionalista dos quatro, e seus membros se consideram os mais alinhados com os mais puros ideais da Terra e da Federação de Planetas Unidos.

Os Comunitários têm um estilo bastante distinto das outras três principais agremiações políticas da Terra. Este partido destaca-se principalmente na administração e gerenciamento de pequenas comunidades como cidades em geral, províncias estaduais e colônias pequenas no Setor 001 fora da Terra, como em Vênus e nas colônias além do cinturão de asteróides. Não é surpresa, portanto, que um grande número de prefeitos e conselheiros municipais sejam comunitários, uma vez que este grupo é o mais atuante em questões relacionadas a administrações municipais. Ainda assim, há vários comunitários em altos cargos nos escalões mais altos do governo da Terra, como vários juizes da Suprema Corte, tanto da Terra como a Geral da Federação.

Já o Partido Progressista é no momento o grupo que mais cresce no cenário político da Terra, e tem se destacado bastante nos últimos tempos; Cristina Stel, a Senadora pelo Brasil na Assembléia Geral é uma progressista. Não é raro se encontrar um progressista em meio a discussões polêmicas sobre algum tema, mas suas posições sempre são defendidas com base em discussões bem articuladas e ponderadas. O partido é também o grupo com a maior porcentagem de não-humanos em suas fileiras, com mais de 60% deles sendo seus eleitores.



Isto faz dos progressistas a agremiação mais cosmopolitana da capital da Federação, que por si só já se trata de um dos membros mais cosmopolitanos de toda a Federação, uma vez que cerca de 30 por cento da população do planeta é composta por espécies que não a humana.

Inyo entregou o último padd no qual entrara com o seu código de autenticação para Cespedes, e girou a cadeira para o lado, levantando-se para ir se servir de uma xícara de chá no balcão ao lado da janela.

- A propósito, Duke já oficializou a formação do comitê da cerimônia de aceitação do Embaixador Bajoriano no Conselho? - Inyo comentou, enquanto adoçava o chá com algumas ervas grazelianas.

Cespedes fez uma rápida anotação em um dos padds antes de responder. – O comitê será basicamente composto pelos mesmos embaixadores da última vez. – Inyo tomou um leve gole do chá e colocou a elegante xícara em sua mesa.

- Hum. Com a eleição se aproximando, não é surpresa ele ter feito questão de ser o chairman da admissão de Bajor na Federação. Façam o seguinte, - Inyo sentou-se. – Contatem-no e marquem uma reunião para amanhã de tarde. Assim poderemos começar a discussão sobre como será a implantação das políticas nacionais da Federação em Bajor, além de podermos usar o ensejo para discutir com ele alguns pontos de sua campanha.

- Ao menos ele não poderá reclamar que o Archer Hall não dá a ele a atenção que merece, - Dalton comentou, enquanto ele e Cespedes se levantavam para saírem.

- Como se vocês não o conhecessem, - Inyo comentou, enquanto seus assessores pediram licença, sorrindo.

#

- Você não gostou, então?

Zhaav acabava de chegar na mesa de reuniões do gabinete do Senador brasileiro, acompanhada de sua amiga humana-Romulana. Ela sentou-se no seu lugar de sempre, enquanto Denise ficou apenas apoiada na mesa, ao lado de Zhaav.

- Ah, eu não. – Denise respondeu para sua amiga, fazendo uma careta. – o Scott adorou, claro. Só vocês mesmo para terem gostado. - Zhaav franziu uma sobrancelha, e lembrou-se de que realmente o estilo da montagem teatral que havia sugerido para Denise ir assistir com o namorado não combinava muito mesmo com ela. Denise continuou. – E tem o fato de que eu também detesto usar o tradutor universal para letra de música, e enche o saco ter que ficar toda hora vendo o padd da programação do evento... você e o Scott ao menos sabem bem Klingon, então é bem mais fácil. – Denise havia ido com Scott assistir a uma ópera Klingon que Zhaav havia sugerido, *Gre'thor Swov*, com uma montagem em cartaz no Teatro Wang, em Boston.

- Eu também não entendo muito não, Denise, - Zhaav lembrou-lhe de que não era totalmente fluente no idioma. – Mas de fato o estilo dos versos de Keedera é bastante sofisticado. – as duas garotas trocaram mais alguns detalhes do enredo da ópera até que Zhaav repentinamente interrompeu a conversa.

- Espere... a senadora está chegando, vamos nos aprontar. – ambas as garotas sentaram-se, enquanto Cristina chegou no local, acompanhada de David, Tolia e outros dois membros de sua equipe, um Vulcano, Vortik, e um humano, Marcos Diller.

- Quando é que eu vou conseguir mascarar a minha aproximação destas antenas suas, hein, Zhaav? – Cristina perguntou sorrindo, enquanto todos se sentavam. A fisiologia Andoriana de Zhaav lhe permitia identificar uma série de aromas, sons e até mesmo campos eletromagnéticos com as suas antenas. Depois do grupo trocar mais algumas amenidades, Tolia ordenou ao computador erguer o escudo acústico em volta da mesa. Um campo de força de baixa emissão cercou o local, o isolando acusticamente para que as conversas ali não incomodassem o restante das pessoas no gabinete, e vice-versa. Além, claro, de fornecer maior privacidade para discussões de assuntos mais delicados, e também de filtrar possíveis dispositivos transmissores não-autorizados. Ainda que se tratasse de um escudo de força, não

era necessário desligá-lo para se entrar ou sair, pois o ajuste permitia a passagem de matéria densa.

- Muito bem, pessoal, - Cristina começou. - A formalização da candidatura para o Conselho será no começo da próxima semana, como já havíamos debatido antes. Isto nos deixa agora com outros dois pontos principais para resolvermos. Um é o plano principal de metas. E o outro é qual vai ser a nossa estratégia básica da campanha, e o que devemos esperar de oposição.

- E precisamos sair daqui com ambos definidos, ao menos nas questões principais, - David acrescentou. - Senão estaremos ficando para trás no cronograma, e os demais candidatos já estão certamente se movendo.

- Assim sendo, acredito ser lógico começarmos pela estratégia de campanha, - Vortik disse. - Poderemos dedicar desta forma mais tempo e esforço para fazermos o Plano de Metas, e ao mesmo tempo ajustarmos quaisquer itens necessários na estratégia que venha a ser necessário.

- Concordo, - Cristina decidiu começar então pela estratégia. - Vamos primeiro repassar a turma que vai disputar essa justa conosco. David? - todos ali voltaram sua atenção ao monitor principal em uma das cabeceiras da mesa, enquanto David se posicionou em pé ao lado. Uma imagem do palanque do Conselho apareceu, com alguns Embaixadores na mesa principal, mas com o representante da Terra no centro da imagem.

- Este é claro não precisa de apresentações, - David disse, passando pela frente do monitor. - Timothy Duke, o atual ocupante do cargo, concorrendo ao terceiro mandato, um dos Embaixadores de confiança do Archer Hall, yada, yada, yada, - Tolia e Vortik revisaram algumas informações em seus padds, enquanto David repassou alguns pontos mais detalhadamente. Um humano natural das colônias na Lua da Terra, Timothy Duke teve diversos cargos públicos regionais, incluindo o de Prefeito de New Berlim. Por volta de 2360, Duke ingressou no primeiro gabinete formado por Inyo, durante o seu primeiro mandato na Presidência da UFP. Duke participou primeiro como parte da equipe de Inyo no Archer Hall, e depois no cargo de Secretário do Exterior. Inyo adquiriu grande confiança em Duke, e desejava que ele assumisse também uma posição no Conselho. Com este apoio, Duke se elegeu Embaixador da Terra em 2370, e desde então tem ajudado o Archer Hall a compor diferentes bases de apoio no Conselho para a aprovação dos diversos projetos do governo federativo.

- Alguém precisa lembrar a Duke que ele é o Embaixador da Terra no Conselho, - Cristina disse, rolando seus olhos. - E não o Embaixador do Archer Hall. Vários colegas meus... e eu também, ora, achamos que Duke nos desdenha demais, e até mesmo aos Governadores locais. Ele mal aparece na Assembléia Geral, como vocês sabem...

- Podemos usar isto a nosso favor, certamente, - Vortik sugeriu. - O fato de que ele aparentemente prefere interagir bem mais com o Archer Hall do que diretamente com a comunidade que ele representa no Conselho não é algo consideravelmente elogiável. - David ordenou o computador avançar para outra ficha de dados, e a tela mostrou a imagem de um Andoriano de meia-idade, na escadaria de um edifício público, cercado por algumas outras pessoas.

- Outro que já confirmou sua candidatura é Wrotek Zirot, - David anunciou, enquanto Cristina colocou a sua mão no rosto em um gesto de lamentação.

- Argh, - ela disse. - Eu não suporto esse homem. Ele é um dos Comissários do Departamento Sanitário Terrestre. Ele sempre aparece toda a vez na Assembléia Geral com um pepino para resolver, o qual ele sempre diz que é nossa culpa. E sobre cada detalhe burocrático... Zirot é crica demais.

- Mas ele é crica ou é exigente? – Zhaav perguntou. Era um traço típico de Andorianos terem um gênio forte e uma certa teimosia.


- Não, ele é crica mesmo, Zhaav. Faz cada coisa que você não acredita. – a Betazóide confirmou.

- Ele vai concorrer pelos Comunitários? – Tolia perguntou. – Não é típico deles tentar cargos no governo federativo.


- Algumas lideranças do partido têm argumentado que eles precisam de pessoas em esferas mais altas para poderem ter modos de delegar mais recursos às pequenas comunidades, – Diller disse. – Zirot concordou em concorrer para um cargo em uma esfera mais alta exatamente por este motivo.

- A preocupação com as comunidades locais é algo que não difere em nada do que nós também pensamos, – Vortik adicionou. – Seria razoável considerarmos uma eventual aliança com os Comunitários, se o cenário ficar desfavorável à campanha de Zirot. – Cristina fez uma careta a esta possibilidade, mas isto tinha mais humor do que necessariamente repulsa.

- Fica anotada a possibilidade, – David disse, e passou para o candidato seguinte.


 - Concorrendo independentemente, Willian Duarte e Ronaldo Triev não devem oferecer muitos problemas para nós. Duarte é ainda muito pouco conhecido, e a sua experiência em cargos públicos é limitada, pois a maior parte de sua carreira fora como engenheiro da Frota Estelar e mais tarde como Diretor da Comissão de Normas e Padrões Técnicos da Federação. Ele provavelmente está nesta para fazer nome. Já o Primeiro-Magistrado de Cuba, Ronaldo Triev, é uma figura de peso, e tem uma boa reputação, tanto nos meios acadêmicos como na opinião pública em geral, mas sem uma forte base de apoio ele vai apenas correr por fora.

- Mas só espero que não acabe ganhando um monte de votos de segunda e terceira seqüências e nos atrole na reta final, – Cristina brincou. David terminou com a revisão de mais alguns dados gerais sobre a situação atual dos candidatos no processo inicial da campanha.

- Quem está com as previsões de porcentagens? – Denise perguntou, enquanto revirava uma série de padds perto de si, enquanto Diller se levantava em direção à tela principal. 

- Nós já vamos ver isto, Denise. Ainda falta algum ajuste fino nas projeções de algumas áreas, mas já vão dar para termos uma boa idéia com os números que temos. Marcos? – David disse, retomando o seu lugar.

- Em relação a intenções gerais de votos por regiões, Duke certamente deve conseguir boas margens na Lua, bem como a União Européia, mas eu não acredito que ele tenha grandes chances na África Unida e nas Américas, principalmente na do Norte, – Marcos Diller acionou alguns comandos em seu padd, e uma tabela surgiu na tela principal. – Vamos precisar então de um bom trabalho na Lua e na Europa, para termos pelo menos o maior número possível de votos na segunda seqüência. – Enquanto Diller entrava com mais alguns dados no computador, a tabela mudava as previsões de votos na tela para refletir os diferentes cenários que estavam sendo calculados.

 O sistema federativo eleitoral é baseado em um sistema de votos seqüenciais, ou em outras palavras, um "segundo turno instantâneo". Este estilo eleitoral surgiu no início do século 21 na Terra, tendo sido usado pela primeira vez em larga escala em uma das primeiras eleições para prefeito de Londres.

O sistema atual prevê que, no dia da votação, o eleitor deve acessar por qualquer terminal LCARS o sistema eleitoral, e passar pelo processo de identificação. Isto feito, ele

então entra com o seu voto principal. Logo em seguida, na chamada segunda seqüência, o eleitor marca o candidato que ele preferiria que ganhasse a eleição, fora o candidato favorito dele. E em seguida, na terceira seqüência, o eleitor marca o candidato que tem a sua preferência em seguida deste.

Na apuração, os votos são computados de acordo com o seu peso. Os votos de primeira seqüência valem três vezes o seu número, os de segunda seqüência valem duas vezes, e os de terceira valem uma vez o voto. Apesar de não serem raros os casos em que o candidato que ganha em primeira seqüência não ganha a eleição, este sistema tem se mostrado eficiente por sempre dar a vitória ao candidato em torno do qual há um maior consenso público.

Marcos parou por alguns instantes de descrever as projeções e refez alguns cálculos sobre algumas áreas em particular. A Ásia estava lhe dando mais trabalho do que ele pensara inicialmente.

- Agora, a Ásia realmente é uma incógnita. – Ele finalmente disse, continuando a relatar os números. - O Sudeste Asiático está com bastante indecisos na primeira seqüência. O Japão deve dar bons votos para Duke, mas nós temos uma boa base de apoio na Índia.

- Não sei, não, - disse Zhaav. – Depois de a Assembléia Geral ter cancelado os recursos para upgrade no sistema de controle meteorológico do subcontinente indiano... a senhora não estava neste comitê? – perguntou a Andoriana.



- Sim, mas eu não era a Chairman. Além do mais, os recursos não foram cancelados, - A senadora fez uma expressão contrariada. - Eles foram realocados para outras áreas devido à Guerra Dominion, e ainda estão sendo revistos, assim como um monte de outras coisas. – Marcos continuou a rever as previsões.

- Apesar de a senhora não ser bem conhecida em Marte, a última pesquisa mostrou um crescimento surpreendente, especialmente em Utopia Planitia, então acho que temos uma boa margem de manobra ainda para conseguirmos por lá. Mas a China será uma disputa difícil... o quadro está bastante empatado, pelo que parece... e a comunidade Vulcana na China é bastante influente. Segundo consta, eles vão votar em peso em Duke, e sempre são forte influência sobre outros eleitores.

- Vulcanos sempre votam em grupo em um particular candidato, - Vortik confirmou. – Desta forma, este apoio sempre é correspondido pelo candidato, e portanto é algo...

- É lóooogico... – todos ali disseram juntos, com alguns abrindo os braços em gestos irônicos de compreensão.

- Bem, Vortik, eu só espero que você então não siga a tendência da sua colônia, - Cristina disse. Vortik acenou com a cabeça para a sua chefe.

- A senadora pode contar com minha lealdade. – ele responde, no seu tom neutro de sempre, o que lhe valeu um sorriso. - Mas se pudermos conseguir um bom número de votos Vulcanos na segunda seqüência, isto será de grande auxílio. Vulcanos espalham mais as suas segundas e terceiras preferências por um número maior de candidatos.

- Se o Embaixador Spock estivesse na Terra, o apoio dele poderia fazer uma diferença enorme, - Denise comentou. – Uma boa parte do nosso grupo e os Humanistas o têm em grande consideração. Mas o paradeiro dele em Romulus ainda é motivo de bastante controvérsia, e o Archer Hall tenta sempre manter panos quentes no assunto.

- Falando neles, os Humanistas não vão lançar ninguém? – Tolia perguntou.

- Não, não desta vez, - Marcos confirmou. – Eles optaram por esperar uma melhor definição do quadro político após a guerra. Mas estão abertos a alianças. Eu tenho informação boa de que os Federativos estão pensando em propor uma a eles.



- Rá! Os Humanistas não vão aceitar nem debaixo de pau. – Zhaav afirmou, espalmando a mesa. – Acho que nós é quem deveríamos tentar alguma coisa com eles.

- Eu acho que podemos conseguir algo sim, - disse a Senadora. – Alguns dos senadores mais próximos a mim na Assembléia Geral são Humanistas, vou falar com eles. Além disto, há também a Embaixadora Troi, ela é uma velha amiga da família. Troi é uma forte simpatizante dos Humanistas, e tem boa influência com eles... na verdade, nós já não tínhamos algo marcado com ela, Denise? – Cristina se virou para sua assessora.

- Bem, a eleição não é um dos assuntos que vocês tinham combinado de discutir, mas a oportunidade vai ser boa, - Denise confirmou. - Eu já entrei em contato com a representação Betazóide, e Troi ainda está no momento em Betazed, mas ela vai estar presente no Conselho na cerimônia de ingresso de Bajor. Eles me disseram que Troi confirmou que deseja se encontrar com a senhora, então isto não será problema.

- Ela mais viaja do que vem em reuniões do Conselho, - Cristina comentou. – Eu só espero que se ganharmos, não sobre para eu ter que ocupar também a cadeira de Betazed enquanto Troi viaja, - a senadora brincou a respeito de sua conterrânea, o que provocou alguns risos.

O grupo continuou o debate sobre as análises eleitorais e as estratégias de campanha por mais um par de horas, e seguiram noite adentro planejando o Plano de Metas, que se trataria do alicerce principal da campanha da Betazóide para o Conselho. Quando Cristina finalmente formalizou o encerramento da reunião, com o padd do Plano de Metas e a estratégia de campanha prontos e codificados ali em cima da mesa, vários deles ali se espreguiçaram, enquanto outros terminavam as suas últimas canecas de café das várias que já estavam espalhadas na mesa, com todo o restante do material de trabalho.

- Uff... – Marcos gemeu. – Se eu ficar sentado só mais um pouco, vou deixar de ser uma forma de vida humanóide...

- Você é muito mole, Marcos, – Zhaav brincou com seu colega, dando um leve tapinha nas costas do humano, enquanto ele flexionava os ombros. Os demais arrumavam seus materiais e terminavam algumas anotações. Tolia serviu-se do restante de café em uma das garrafas.

- Bem, e agora... – a boliana perguntou enquanto terminava o seu café.

- Agora... bem, agora a diversão começa. – Cristina disse, a sua mão esquerda segurando seu queixo, enquanto seu cotovelo se apoiava no braço da cadeira. A sua mão direita não estava desocupada, girando displicentemente o padd na mesa em torno de seu próprio eixo.

#

- Você acha que consegue? – a híbrida humana-Ktariana sentada na frente de Scott perguntou. Após ter usado um bom tempo da manhã para se atualizar das novidades e cumprimentar seus colegas, Scott estava reunido com sua Editora-Chefe, Amanda Jrovit, no edifício-sede do *Philadelphia Inquirer*, o jornal em que trabalhava.

- Bem... muitos tentaram, todos falharam... – ele finalmente disse, em um lento tom para um toque irônico. – Mas falando sério, se você mesmo me disse agora há pouco que informações sobre este assunto têm sido algo com fontes bastante restritas, eu não posso garantir nada, você sabe. Mas não custa tentar... isso nos daria um ótimo material para esta série de artigos sobre os maquis.

Amanda concordou com seu repórter. Ela aprendera a confiar no senso de realismo de Scott, e nas suas opiniões. Esta era mais uma das razões que haviam feito com que ela



tivesse vindo para o *Inquirer* acompanhada de Scott em sua equipe, depois de ele ter passado um tempo na SNF, a agências de notícias da Federação. Ambos discutiram mais alguns detalhes da pauta em que Scott iria trabalhar, além de outros assuntos de política extraplanetária, um dos campos em que Scott tinha especialidade.

Após a reunião, Scott se reinstalou em sua mesa, em uma parte da redação principal próxima a um ampla janela com vista para o norte da cidade. Scott começou a trabalhar em um rascunho inicial de seu próximo artigo, e depois de algum tempo redigindo a parte introdutória e alguns parágrafos de desenvolvimento, ele girou sua cadeira, e olhou para o lado, pensativo. Scott observou a vista da ampla janela bem ao lado de sua mesa, mostrando a Benjamin Franklin Boulevard e o Museu de Arte em primeiro plano. A ensolarada manhã refletia belamente na neve que caíra na noite anterior, e Scott ficou admirando esta paisagem enquanto pensava em como poderia continuar com o texto.



Sendo um dos especialistas em política Cardassiana da redação, e tendo passado os últimos meses estudando mais a fundo as questões da crise da Zona Desmilitarizada de alguns anos antes, ele conhecia bem a maioria das boas fontes de informações sobre o movimento maquis. Mas como ele havia dito para Amanda, em relação a este capítulo em particular, só haveria uma única opção de pesquisa, e ele esperava poder conseguir algo dela, coisa razoavelmente difícil de se fazer.

Scott entrou com alguns comandos no seu console LCARS e depois de alguns segundos a imagem de uma jovem oficial da Frota Estelar surgiu na tela, meio de lado, enquanto entregava alguns objetos para uma pessoa próxima.

- CTS, no que posso ajudá-lo? – a Alferes disse, identificando-se como uma operadora do Controle de Transmissores Subespaciais, instalado no Centro de Comunicações da Frota, em São Francisco.



- Oi, o meu nome é Scott Ross. Eu tenho um amigo trabalhando no Projeto Pathfinder, Tenente Michael Dennis, eu poderia falar com ele?

- Oh, um momentinho, que ele acabou de chegar... Tenente? – A Alferes se inclinou um pouco, para chamar alguém que estava fora do campo de visão do monitor. – Ele está indo para a sala dele, e já vai te atender. – a imagem mudou para o logo do CTS, e depois de alguns segundos Michael surgiu no monitor.

- Porque será que quando me falaram aqui que uma mensagem de "Scott Ross" estava chegando, eu fiquei com a impressão de que vai sobrar algo para mim? – foi a primeira coisa que ele disse assim que viu seu amigo na tela, um homem humano de cabelos castanhos.

- Talvez porque eu sempre te peço alguma coisa quando te contato? – o sorriso de Scott não tinha a intenção nenhuma de esconder para seu colega que esta rotina não iria ser quebrada desta vez. Ambos se conheciam desde o tempo que freqüentaram a mesma escola juntos, em Cupertino. Mike preferira seguir uma carreira na Frota, entrando para a Academia, e desde então tem sido membro importante de diversos programas relacionados a tecnologia de comunicações espaciais.



- E aí, como você está, cara? – Mike continuou. – Faz um tempo que eu não vejo você, e a Denise... aliás, como ela está?

- Está ótima, mas quase ficando doida com a correria em que está devido à próxima eleição. E quanto a Julia? Vocês têm se visto ultimamente, ou nem?

- A nave dela está a caminho aqui do Setor 001, e talvez dê para nos vermos. Se marcar até daria para nós quatro combinarmos algo, vamos ver. – Scott concordou, e decidiu já tocar no assunto que o levou a contatá-lo.

- O negócio é o seguinte, Mike. Eu precisaria de um grande favor seu. Existe alguma maneira de eu conseguir mandar uma série de mensagens para a tripulação da USS *Voyager*?



Mike apenas sorriu, enquanto cruzou os braços relaxadamente. - Ah, pronto! Entra na fila. Sabe quantos pedidos deste tipo nós recebemos todos os dias?

- Garanto que poucos com a relevância do meu, cara. É um programa de entrevista interativa para alguns dos ex-maquis a bordo. Eu estou trabalhando em uma série de artigos sobre a história do movimento, e um deles eu pretendo fazer a respeito desse pessoal na *Voyager*. - Scott se referiu ao programa de computador que planejava usar para programar as perguntas. Embora todas as questões fossem pré-escritas, um algoritmo de inteligência artificial iria determinar a ordem e maneira com que as perguntas iriam sendo feitas, baseado nas respostas do entrevistado. Não era algo tão bom quando uma entrevista em tempo real, mas já que não havia esta possibilidade, este sistema iria ser um bom paliativo. - Sabe como é, ter a visão deles dos acontecimentos aqui no quadrante Alfa nos anos em que eles estiveram fora.

- Ah, e ainda por cima você quer mandar um programa junto, então? Não me diga. E que mais você precisa, fala para mim? - Mike perguntou.

- Vamos lá, não deve ser tão difícil assim... não é um volume muito grande de dados.

- A triagem do material que vai no pacote mensal é muito rígida, Scott. A lista de todo o material para ser enviada para a *Voyager* está tão longa que poderia alcançar o quadrante Delta por si só. Nós tivemos alguns problemas recentemente, e fazer o procedimento para enviar todo o material acumulado tem feito nós queimarmos as pestanas. E você quer que eu enfie ainda mais coisa nos pacotes?

- Vocês não têm cotas para material jornalístico e de informações? - Scott perguntou. De fato, a Frota Estelar estava liberando de tempos em tempos material recente sobre a situação da nave no quadrante Delta, e da mesma forma enviava para eles notícias e informações gerais sobre o quadrante Alfa.

- Bem, claro que sim. Mas já tem um monte de coisa na frente. Fora isto, apenas familiares da tripulação têm cotas de mensagens garantidas, e mesmo assim dentro de certos limites. - Mike acessou alguns comandos no console ao lado do monitor, e em ambas as telas uma listagem surgiu. - Está vendo isto? É a listagem dos arquivos de domínio público que estão programados para irem nos próximos quatro pacotes mensais. O algoritmo de compactação está praticamente no máximo que se pode usar.

Pelos títulos daqueles arquivos, parecia haver de tudo ali - notícias gerais, material de entretenimento, apresentações esportivas, livros, crônicas e ensaios, jornais técnicos, templates de replicação de pequenas novidades, e uma longa lista de outras categorias. Scott balançou a cabeça compreensivamente enquanto lia, e voltou sua atenção para seu colega.

- Sim, eu entendo... mas sei que você pode pensar em algo. Além do mais, você me deve. - Scott disse, com uma voz mais profunda. Mike sorriu levemente antes de responder.

- Que te devo coisa nenhuma! É sempre eu que faço as coisas para você, não me venha com esse seus lugares-comuns...! - Ambos trocaram algumas risadas. Depois de pensar por alguns segundos, Mike voltou a falar.

- Hum. Vamos fazer o seguinte. Eu estou pensando aqui em um jeito de quebrar o seu galho, mas eu vou precisar dar uma verificada em algumas coisas antes. Quando eu já tiver alguma coisa, eu entro em contato, coisa de alguns dias. Está bem assim?

- Então está então, Mike. Eu sei que você fará o melhor que puder. Fico no aguardo. - Ambos se despediram, e Scott desligou o monitor, que voltou a mostrar o seu desktop LCARS personalizado. Parecia que ele não tinha muita escolha no momento mas aceitar a intenção inicial de seu amigo estudar alguma possibilidade. Ele sabia que se tivesse alguma maneira, Mike daria a chance para ele, mesmo que fosse algo limitado. E já seria alguma coisa.

Capítulo 3

Terraformando Relações



<Você faz isto de propósito, não é?>

Eduardo Parker pensou esta sua questão, que foi imediatamente captada pela sua esposa, Cristina Stel, bem ali ao seu lado. O casal estava no momento atravessando o grande salão de jantar no átrio do Museu de Arte Holográfica de Cabul, o qual sediava no momento o "Banquete do Almirante" do qual participavam os dois ali, bem como vários outros dignitários da política e sociedade terrestres.

<Ora, Imzadi, uma garota tem que se divertir, não?> foi a resposta de Cristina. Como o seu marido não era um telepata, Cristina se encarregava de manter um leve link mental entre os dois, de forma que ambos podiam "falar" mentalmente um com o outro.

<Quantos você já pegou hoje, querida? Três?>

<Quatro... teve também o Comissário de Agricultura da Austrália.> Cristina e Eduardo comentavam a respeito de uma velha mania daquela Betazóide ali. Em ocasiões como esta, Cristina tinha o costume de se vestir com longos vestidos extremamente sensuais; não eram poucos, portanto, os homens que se encontravam repentinamente dando mais atenção às belas características de seu corpo do que à conversa em si com Cristina. Ainda que isto não fosse nada que qualquer um não pudesse perceber, Cristina se divertia exatamente com aquilo que apenas um telepata poderia perceber, que era quando um sujeito sabia que ela era uma Betazóide, e portanto tentava ao máximo não transparecer que pudesse estar tendo qualquer pensamento mais picante sobre ela. Em nenhum momento, contudo, Cristina lia diretamente a mente destas pessoas; seria uma inconveniente invasão de privacidade em questões íntimas, e não era isto que Cristina desejava. Não, apenas a sensação emotiva das reações à sua bela e sedutora aparência eram o que bastava para tanto saciar o humor como massagear o ego daquela Betazóide. Além do mais, era uma boa maneira de se manter uma certa vantagem emocional em um diálogo.

- Vamos até ali, Imzadi. - Cristina disse em voz alta, pois não gostava de usar demais o elo mental com seu marido, pois apesar de ser bastante prático, seria de certa forma

impolido ficar completamente calada perto de seu marido o tempo todo, dando a entender que ambos estariam, de fato, falando mentalmente.

O casal encontrou o Senador Julio Montaner, o representante da União Européia na Assembléia-Geral da Terra. Montaner estava acompanhado de uma Telariana que era nitidamente bem mais nova do que ele, embora a moça em questão também não fosse nenhuma criança. O senador era notório pela rotatividade de suas companhias femininas, desde que o casamento com sua segunda esposa havia terminado no ano anterior.

- Stel, você parece não ter limite máximo definido para estar maravilhosa, - Montaner disse sorrindo quando viu o casal.

- Ora, Júlio, eu sempre quero estar no meu melhor quando você está presente, - a sua colega respondeu, sorrindo. Ela sentiu Montaner ter sua breve e rápida resposta hormonal à sua aparência, mas não era nada fora do normal para alguém que sempre se encontrava com ela em inúmeras outras ocasiões. - Você já conhece o meu marido, Eduardo Parker?

- Estou honrado, Dr. Parker, - Montaner estendeu a sua mão. - O seu trabalho no Smithsonian sem dúvida faz a sua reputação ser merecida.

- Cristina também tem o senhor em alta estima, Senador. - Eduardo respondeu. Montaner realmente era um dos senadores que faziam parte de vários comitês formados por iniciativa de Cristina. Montaner apresentou então a sua companhia para o casal Parker-Stel.

- Esta é Vitória Garcia, - ele disse. - Tenho poucas dúvidas de que também em breve será a nova Prefeita de Barcelona. - a jovem mulher que acompanhava o senador mostrou-se então ser mais do que apenas a companhia feminina de Montaner. Uma das alumni da Academia da Frota, Garcia havia passado por vários cargos públicos em Madri desde que dera baixa da Frota Estelar.

- É um prazer finalmente conhecê-los, Senadora Stel, Dr. Parker, - ela disse, também apertando a mão de ambos. - O apoio da Assembléia-Geral aos grupos comunitários na Europa tem sido de grande ajuda.

- Vocês sempre podem contar com o nosso apoio para tudo aquilo que estiver ao nosso alcance, não há dúvida. - A conversa continuou por mais alguns minutos, quando o grupo ganhou a companhia também do juiz Christopher Lohn, da Suprema Corte Federativa. Depois de alguns instantes, um homem vestindo um uniforme de gala da Frota Estelar se aproximou do grupo.

- Ora, se não é o nosso anfitrião em pessoa, eu digo! - Montaner anunciou a presença do Almirante John Westmore, o comandante-em-chefe das forças federativas no setor 001, ou CINCEARTH. Uma série de cumprimentos seguiu-se, e a conversa prosseguiu.


- Não posso deixar de citar que a senhora tem estado em grande evidência, Senadora Stel. - Westmore disse. Cristina evidentemente podia perceber que o Almirante também fazia com isto uma piada à atual vestimenta dela, mas não era realmente apenas a isto que ele se referia.

- Ora, Almirante... o anúncio de minha candidatura não é realmente um tópico para toda a agitação que tem havido. - Cristina modestamente comentou.

- O consenso tem sido de que você deverá realmente temperar a disputa, Stel. - Garcia comentou.

- Verdade, - Montaner concordou com sua companhia. - Está mais do que na hora de alguém fazer Duke suar para manter o traseiro dele naquela cadeira no Conselho.


- O Embaixador tem se mostrado muito ativo e competente, Montaner. - Westmore disse. - Logo, sua longevidade no cargo não é injustificável. E as suas relações com a Frota Estelar sempre foram excelentes, posso assegurar...

 - Talvez excelentes demais, Almirante? – Cristina disse em um tom estrategicamente mais delicado. Westmore franziu a sobrancelha, enquanto Cristina continuou. – Afinal de contas, a influência que a Frota Estelar exerce no governo federativo é consideravelmente alta, não concordam?

O silêncio no grupo durou menos que quatro segundos, mas Eduardo sentiu como se fosse uma eternidade, uma vez que ele, ainda ligado no seu elo mental com Cristina, podia ter uma percepção diferente da situação. Através de sua esposa, podia sentir nitidamente as diferentes respostas emocionais daquelas pessoas ali, tão bem quanto podia ler suas linguagens corporais. O senador da UE e sua pupila ficaram animados, enquanto Westmore parecia ativar uma espécie de alerta amarelo interno, e o juiz Lohn mostrava-se especialmente interessado em uma maior discussão do tema. A falta de comentários era preenchida apenas pelo som da música clássica que tocava no recinto, com o murmúrio constante das demais conversas de fundo, até que Montaner se adiantou.


- Uma observação tão precisa quanto polêmica, Stel... o que o Almirante pensa? – ele se virou na direção de Westmore.

- Como qualquer organização da Federação, a Frota Estelar também deve exercer o seu papel na nossa sociedade, não há dúvidas, - Westmore usava de alguns comentários genéricos enquanto procurava escolher melhor as palavras. – Não acredito que a participação da Frota seja de modo algum inadequada, ou mesmo exagerada.


- Devemos nos lembrar também que a Frota muitas vezes é o único órgão da Federação em determinadas regiões, - Lohn comentou. – Logo, é natural que ela assuma outros papéis que não apenas os seus tradicionais de defesa e exploração. 

- Sim, eu concordo, Meritíssimo, - Cristina retrucou. – Não nego que a Frota deve estar presente nas colônias e fronteiras, mas devemos admitir que esta influência se estende também mesmo em setores mais centrais da Federação. O senhor mesmo Almirante... como comandante do setor 001, muito da administração da Terra passa pelo seu gabinete.

- A Senadora sabe que a Frota teve que assumir diversas novas tarefas com as recentes ameaças, em especial a Guerra Dominion e as incursões Borgs... o meu comando sempre visa prover o máximo de suporte e proteção ao setor do Sol. – Cristina sentiu que o CINCEARTH parecia querer evitar um determinado ponto, mas ela não iria se fazer de rogada em ao menos dar um leve beliscãozinho nisto.

 - E seu desempenho nesta tarefa tem sido impecável, Almirante... ao contrário do seu antecessor, sem dúvida alguma. – Não havia necessidade nenhuma ali de lembrar as razões pelas quais o Almirante Leyton havia sido exonerado do posto de CINCEARTH, alguns anos antes. A tentativa de Leyton de militarizar o controle sobre a Capital da Federação havia sido um perfeito e claro exemplo de como a Frota Estelar muitas vezes não se incomodava de transpor certos limites. Por mais justificável que fosse a necessidade de neutralizar a então ameaça de infiltração de um Fundador, Leyton certamente havia transposto estes limites. E todos ali sabiam disto.

- No que você acredita que a Frota Estelar poderia estar extrapolando a sua influência, Stel? – Garcia perguntou, fazendo Cristina adquirir uma expressão mais pensativa.

- Bem, eu não diria extrapolando... mas... por exemplo, o Sistema de Comunicações Subespaciais da Federação. – Cristina citou. – A Frota Estelar detém o controle total sobre a rede de comunicações subespaciais... 

- As necessidades operacionais de manter este sistema são titânicas, Stel. – Westmore justificou, interrompendo-a. – Apenas a Frota tem os meios para poder realizar a manutenção e o desenvolvimento do sistema, para não citar os fatores de segurança e defesa.

- Sim, mas isto não significa que a Frota deveria ter o controle total sobre a administração propriamente dita do sistema de comunicações, Almirante. – a Betazóide retrucou. – Uma agência da Federação poderia tranquilamente gerenciar o sistema, com o apoio logístico da Frota. Mesmo agências regionais de comunicações poderiam ter participação ativa nisto.

- É uma idéia interessante, Cristina, - Montaner comentou. – Confio que consta no seu plano de metas para a campanha?

- Claro, não como uma proposta específica, mas está na lista de assuntos a serem discutidos, na eventualidade de a fortuna me sorrir em julho. – ela respondeu.

- As chances de os eleitores do setor 001 lhe fazerem isto não são nada modestas, Stel. – o juiz comentou animadamente. – Acompanhar a sua campanha certamente irá se mostrar uma atividade tão enriquecedora quanto excitante. – Neste ponto, a atenção de Westmore foi chamada por um de seus ordenanças.

- Senhoras, Cavalheiros, - Westmore gesticulou na direção da mesa de jantar. – Acredito que está na hora de nossa refeição. – diversos comentários irônicos se seguiram a este anúncio, e o grupo se pôs a acompanhar os demais convidados na direção da mesa. Lohn acelerou o seu passo um pouco para se juntar a Garcia e Montaner.

- Essa Betazóide tem um bocado de brios para cutucar Westmore deste jeito, hein? – ele comentou, em um tom baixo.

- Você ainda não viu nada, juiz, - Montaner apenas respondeu enquanto caminhavam atrás do casal Parker-Stel e do Almirante. – Cristina conseguiria até mesmo pegar um Vorta de calças curtas. – ele terminou, assegurando ao juiz que a habilidade de Cristina de ser imprevisível iria ser ainda mais visível pelas próximas semanas... bem mais, Montaner pensou consigo mesmo.

#

Logo após o computador fornecer uma identificação positiva de ambos, o Presidente Inyo e Jorge Cespedes entram no Centro de Comando e Controle do Archer Hall, localizado no sexto nível de subsolo do complexo. O local era basicamente uma sala de reuniões altamente equipada, para o Presidente poder se reunir com o Comando da Frota em situações de emergência. Um grande painel central, em uma das paredes, ficava à frente da mesa principal, e era tão grande quanto os painéis principais de pontes de naves da classe *Galaxy*. A mesa possuía lugares para cerca de vinte pessoas, todas com consoles LCARS individuais, além de diversos outros sistemas de apoio estarem instalados pelo restante da sala, que possuía até mesmo seus próprios sistemas de teleporte e holodeck; em suma, todo o equipamento necessário para a sala servir bem seus ocupantes ao gerenciarem alguma crise ou emergência. Não era surpresa, portanto, que aquele recinto tenha tido uma utilização considerável durante a guerra.

Neste momento, o local estava com a presença de vários Almirantes da Frota, do Secretário de Colonização Tiago Kirov, e de alguns outros oficiais do governo. Estas pessoas iriam acompanhar o Presidente receber uma comunicação de grande importância, a fim de iniciar debates sobre um crescente problema nas fronteiras. Inyo e Cespedes tomaram seus lugares, e depois de um rápido briefing por parte do Almirante Triev, foi decidido responderem o chamado de alta prioridade que havia sido recebido.

- Pode ativar o comlink, Almirante. – Inyo autorizou, e Triev ativou o sinal de comunicação após entrar com seu código de segurança em seu console. Depois de alguns instantes, a imagem de uma outra sala surgiu na tela, onde três Cardassianos ocupavam uma

mesa acompanhados por um oficial da Frota Estelar e dois oficiais Klingons. Inyo se dirigiu à mulher cardassiana no centro da imagem.

- Conselheira Lang, - o Presidente disse, se referindo à nova chefe de estado da União Cardassiana. Natima Lang começara a sua carreira como correspondente para o Serviço de Informação, a agência de notícias oficial da União, tendo passado algum tempo em Terok Nor. Tempos depois, ela se tornou professora universitária em Ética Política, e sempre esteve ideologicamente ligada aos movimentos dissidentes Cardassianos. Isto fez com que o Comando Central a considerasse politicamente perigosa, e Lang e mais alguns estudantes seus tiveram que partir para o exílio para não serem presos, uma vez que eles todos já eram ativos membros do Movimento Underground Cardassiano.

Logo depois do fim da Guerra Dominion, a necessidade de se restabelecer um governo provisório foi grandemente dificultada pelo fato de uma grande parte da intelectualidade cardassiana ter sido perseguida e morta durante o conflito, tais como políticos, economistas, sociólogos, cientistas, artistas, etc. Felizmente, Natima Lang fora uma das poucas que conseguiram sobreviver à Guerra, e os poderes aliados pediram-na para liderar um governo civil de transição. Lang foi relutante, devido ao estado lastimável da moral em que se encontrava sua pátria, mas ela eventualmente aceitou, por isto também ser uma oportunidade para um recomeço para Cardássia, recomeço no qual ela poderia ajudar. Desta forma, o Conselho Detapa, o órgão de poder civil mais alto de Cardássia, foi novamente reconstituído, e desta vez com mecanismos legais que lhe asseguravam real poder e controle sobre o Comando Central e o Bureau de Inteligência, que substituiu a Ordem Obsidiana. Era a intenção de Lang não mais permitir que estes dois poderes controlassem Cardássia com mão de ferro.

Mas, com Cardássia em condições muito precárias desde o fim da guerra, o novo governo precisava de todo o apoio que pudesse ter para manter a reconstrução em andamento, bem como todas as reformas políticas, sociais e econômicas que Cardássia tanto precisava. E isto não estava se mostrando nada fácil.

E exatamente por isto o Presidente da UFP estava tendo uma reunião com a Conselheira Lang. Os poderes aliados e o governo Cardassiano precisavam encontrar uma solução o quanto antes para os diversos distúrbios que estavam acontecendo pela União Cardassiana, especialmente no sistema Cardassiano de Chin'toka. Se isto não acontecer, toda Cardássia pode se esfacelar em conflitos regionais sangrentos, o que mexeria com a estabilidade de toda aquela parte dos quadrantes Alfa e Beta.

#

Mike contactou Scott logo de manhã. Aparentemente ele tinha uma sugestão para Scott conseguir o que tanto precisava, mas teriam que falar pessoalmente. Mike pediu para eles se encontrarem para comerem juntos – e graças ao fuso horário do planeta, o que estaria vindo para São Paulo de São Francisco iria almoçar, e o que já estava na cidade iria ter o café-da-manhã. Algo assim não era incomum de acontecer, ainda que geralmente os habitantes do planeta vivessem e trabalhassem em zonas de fuso horários próximas uma das outras. Não era algo mandatário, claro, mas era uma recomendação para se manter o organismo bem regulado, evitando estar todo o tempo em um local à noite ou ao dia.

Em meados do século 22, o Museu de Arte de São Paulo recebeu o direito sobre uma série de estruturas abaixo de seu prédio principal, na região da antiga Avenida Nove de Julho. Do Parque Pinheiros até o túnel Nove de Julho, a avenida fora completamente ocupada por novos prédios, pequenos conjuntos residenciais no estilo townhouse do século

21, conjuntos comerciais, escolas, hospitais, e uma série de outras atividades. Do outro lado do túnel até o centro da cidade, a avenida foi preservada na forma de um boulevard, e os diversos prédios restaurados compunham agora uma área de ótima estrutura residencial, com excelentes apartamentos.

Mas os túneis propriamente ditos, e um antigo estacionamento abaixo da Praça Alexandre de Gusmão, foram entregues ao MASP. Ambos os túneis foram transformados em espaços para exposições temporárias do MASP, enquanto a enorme área subterrânea, que outrora fora o estacionamento para automóveis, foi convertida para abrigar mais peças do acervo fixo do Museu, bem como um centro de artes e uma academia de pintura, além de cafés, lojas e restaurantes, que se interconectavam com outros espaços subterrâneos próximos, e a uma estação do metrô.

E era em um destes restaurantes que Scott e Mike se encontraram, o *Orb da Colheita*, conhecido por sua ótima cozinha Bajoriana. Ambos chegaram praticamente juntos, e se instalaram em uma mesa com vista para a saída norte do túnel. Mike pediu um par de hasperats, uma espécie de burrito, e para beber, uma variação replicada de vinho tulaberry, pois ele estava de serviço no momento. Scott pediu raktajino e alguns croissants recheados com creme de moba. Conversaram algumas amenidades enquanto aguardaram os pratos chegarem, como por exemplo o gosto de Mike por comidas apimentadas, como era o burrito que ele havia pedido. Após isto, eles começaram a conversar sobre o problema de Scott.

- Como você deve saber, os familiares da tripulação têm direito a uma correspondência mensal com a nave. – Mike começou.

- Sim, eu sei.

- Lembra daquela garota que nós conhecemos alguns anos atrás, quando fizemos aquele curso de comunicações intraespécies aliens, em Andor? Aquela que tinha cabelo loiro bem comprido?

Scott pensou por alguns instantes, e a imagem da garota lhe veio a mente. – Sim, eu lembro dela. Mônica, não é? – Mike confirmou, balançando a cabeça afirmativamente enquanto cortou um pedaço do hasperat. – Mas faz um bom tempo que eu não falo com ela.

- Exatamente, - ele respondeu assim que terminou de engolir. – Acontece que Mônica é nada mais nada menos do que prima de uma das tripulantes da *Voyager*. – Scott fez um olhar genuinamente surpreso. Mike entregou para ele um padd, onde aparecia uma listagem do manifesto da tripulação da nave, com o nome Alexandria Munro destacado. Scott pressionou um comando, e uma outra listagem apareceu, desta vez de parentes e amigos daquela tripulante que estavam mantendo correspondência com ela, e o nome de Mônica Soares Munro estava destacado desta vez. Mike continuou assim que Scott desviou o olhar de volta do padd. Mas já era bastante evidente aquilo que ele iria sugerir.

- Talvez, se você falasse com ela e explicasse o que precisa, ela deixe você mandar o seu material em uma de suas cartas. A Frota Estelar não tem objeção nenhuma ao teor do conteúdo das cartas pessoais que vão para a *Voyager*, contanto que estas passem por um exame para ver se não há mensagens ocultas ou qualquer outro tipo de sinal junto com o código principal da mensagem. – Scott continuava em silêncio, pensando. - Quando eu falei com você, eu lembrei de uns tempos atrás ter visto uma "Munro" na lista dos tripulantes. Eu não tinha a menor idéia se poderia ser parente da Mônica ou não, mas eu resolvi ir verificar isto depois de ter conversado com você. E de fato era, por incrível que pareça. – ele balançou a cabeça, indicando que também ficara tão surpreso quanto Scott ao descobrir a relação.

- Não daria para você entrar em contato com ela? – Scott finalmente disse. Mike terminou um gole do vinho e limpou a sua boca rapidamente com o guardanapo.

- Mas pronto Scott, além de dar, você quer que arreganhe também? – ele respondeu, largamente abrindo seus braços. - Uai, vai você falar com ela, pô, você a conhece também!

- Tudo bem, mas é você quem conhecia ela melhor. E você é quem é oficial do Projeto Pathfinder. Talvez, se você falar com ela, haja uma chance melhor que ela aceite. Vai parecer que eu quero me aproveitar dela se eu chegar assim, sem mais nem menos, com um pedido destes.

- Não deixa de ser uma certa verdade... – Mike ganhou um sorrisinho desdenhoso de seu colega pelo comentário, ainda que Scott não se sentisse ofendido. - Não, eu nem posso me envolver demais nisso, Scott. Se o Almirante Paris fica sabendo que eu estou te ajudando com isto, ele me dá uma comida de rabo que eu não quero nem pensar. Aliás, se você for citar fontes na sua matéria, diga que chegou até ela por sei lá que meio, mas menos por mim. É até bom mesmo que você tenha conhecido ela também, assim não dá muita bandeira.

Scott olhou para o lado por alguns instantes. Seria melhor se alguém do Projeto Pathfinder pudesse ser citado diretamente na matéria, mas Mike tinha razão; não havia o porquê comprometer a... discrição de uma de suas fontes. Depois de terminarem o almoço e pagarem, Scott e Mike saíram caminhando pela Avenida Paulista, que no momento estava com um bom movimento de pessoas, vários de fora da Terra. Nas ocasiões em que um sistema estava para se tornar membro da Federação, como era o caso de Bajor, não era raro as principais cidades do planeta receberem um fluxo de visitantes ainda maior do que o de costume. A conversa se estendeu sobre mais alguns detalhes casuais a respeito da amiga de ambos, Mônica. Ela atualmente mora na cidade de Petrolina, onde trabalha como Diretora de Recursos Humanóides em uma unidade da Yoyodyne Propulsion Systems. Ela também vive há cerca de cinco anos com sua namorada, uma Trill sem-simbionte chamada Vadrina, e duas filhas. A conversa foi interrompida quando a combadge de Mike soou, indicando uma mensagem chegando, mas ambos continuaram a caminhar enquanto Mike respondia o chamado.

- Prossiga.

- Mike, aqui é Valtak. A reunião com o Comandante Hatkins vai ter que ser adiantada para daqui a meia-hora. Quando é que você pode estar aqui de volta no CTS? - Mike olhou para o teto do Conjunto Nacional. O imenso mostrador LCARS no topo, ao lado do logotipo do Banco de Bolias, mostrava 12:47.

- Muito bem. Avise eles que vou estar de volta aí em uns vinte minutos. Mike desligando. – a sua atenção voltou para Scott. - Você vai para a redação agora?

- Não, eu tenho que ir até o Archer Hall. Eu estou coordenando o grupo que vai fazer a cobertura para o *Inquirer* da formalização de Bajor na Federação, e tenho alguns pontos para acertar lá na Assessoria de Imprensa da Presidência. - Mas eu vou com você até os teletransportes aqui perto, na Estação Consolação. – Scott indicou o caminho para seu amigo, e ambos seguiram para tomar o teletransporte, Mike para São Francisco, e Scott para Paris.

#

Não muito longe dali, no bairro do Pacaembu, Kátia Parker estava no momento na cozinha da casa de sua família, comendo uma maçã enquanto lia um padd com algum material para a aula de sociologia extrahumanóide que iria ter no dia seguinte. Ela deu um suspiro mais forte quanto pesados passos se aproximaram do recinto, desviando sua concentração.

- Ê, cacete, para que a pressa? Você tem que toda a vez descer estas escadas que nem um targ, tem? – Kátia disse, quando o seu irmão saiu correndo das escadas e entrou na



cozinha, vestindo uma camisa de time de futebol. Ele foi até o replicador, instalado na bancada ao lado do fogão, e fez uma de suas pré-seleções, uma porção de oskoid em molho rosé.

- Eu vou me encontrar com os caras e nós vamos ao Mineirão, - Ricardo comentou, enquanto trazia a comida para a mesa, e ocupava o seu lugar de costume, na frente de sua irmã, e logo em seguida serviu-se de um pouco do suco de uma jarra próxima a Kátia. - É a semifinal do Torneio Novas Nações Unidas. - O time de Ricardo, o São Remo, conseguira a última vaga para as semifinais, a ser disputada contra o Manchester United; a outra vaga para a final seria decidida em uma partida entre a Juventus e o New England Revolution.



- Ah, vocês chegaram na semifinal, é? - Kátia sorriu, com seu tom de voz nitidamente intencionando brincar com seu irmão. - Só levaram ferro essa temporada inteira...

- É, bem melhor que a merda do seu time, que nem conseguiu se classificar. - Ricardo respondeu, ainda mastigando algumas folhas de oskoid. - Trouxeram aquelas duas jogadoras lá de Deneva, falaram que iam fazer e acontecer, e não adiantou nada... assim mesmo vocês quebraram a testa.

- Para quem foi campeão da Federação do ano passado, esses torneiozinhos ridículos aí não interessam. - Kátia respondeu. Ela gostava de brincar com o seu irmão apenas para sentir ele ficar invocado. Sendo mais novo do que Kátia, Ricardo ainda não conseguia contrabalançar as habilidades empáticas que a sua irmã ali já possuía.



Mas Ricardo não estava particularmente irritado com ela, ainda que ela estivesse mais uma vez lembrando-o que o Atlanta Beat havia sido Campeão da UFP vencendo exatamente o São Remo. O jogo havia sido bastante disputado, tanto dentro como fora de campo, pois esta final teve um recorde de público, já que havia mais de 20 anos que dois times da Terra não disputavam a final do campeonato federativo um contra o outro.



Outrora o esporte mais popular da Terra, o futebol tinha agora que dividir a preferência do público com diversas outras modalidades, como velocity, hoverball, basquete e racquetball, fosse em competições de categorias profissionais, ou fosse em número de praticantes amadores -- a própria Kátia, por exemplo, fazia parte do time de hoverball de Yale. Durante o século 21 a modalidade gradativamente perdeu interesse do público, mas, ao contrário do beisebol, o futebol se tornou novamente popular do século 22 em diante, quando começou a ser praticado regularmente mesmo em diversas colônias e outros mundos. Como qualquer outro estilo esportivo atual, as categorias do futebol não mais usam gênero sexual como definição de categorias, mas sim em peso e porte; por exemplo, uma Klingon de quase dois metros de altura pode muito bem atuar contra homens de diversas outras espécies sem o menor problema. Logo, os times são bastante mistos, compostos de humanóides de diversas espécies, tanto machos quanto fêmeas.

Repentinamente um sinal sonoro chamou a atenção dos dois na cozinha; uma mensagem estava chegando.

- Alô? - Kátia disse em voz alta, indicando para o computador atender logo a mensagem.



- Kátia, é a mamãe, - a voz de Cristina soou pela cozinha. - Eu preciso que você me faça um favor. Vá até o escritório e pegue uma pasta verde, que deve ter dois padds dentro. Eu preciso que você me fedexeie para mim, o mais rápido possível.

- Onde você está, mãe? - Ricardo perguntou, enquanto a sua irmã se levantou para ir buscar a pasta.

- Estou em uma reunião aqui em Lisboa, filho, - a senadora respondeu. - E eu esqueci essa droga desta pasta aí.

- Você não pode simplesmente copiar os arquivos do computador do Itamaraty? – Ricardo perguntou, enquanto acessava o terminal de replicação da cozinha.

- Não, são originais criptografados, têm que ser os dos padds. – Ricardo acessou uma template no replicador, e rapidamente surgiu na bandeja do aparelho uma pequena plaqueta, mais ou menos do tamanho de uma combadge, só que mais fina. Nisto, a sua irmã chegou de volta na cozinha trazendo a pasta.

- É uma que tem o logo da Comissão de Operações Planetárias?

- Essa mesma, Kátia. Pode mandar para cá.

Kátia colocou a pasta em cima da bancada da cozinha, perto de onde Ricardo estava, ao lado do replicador. Ricardo então pegou a plaqueta que havia replicado, que se tratava na realidade de um transponder, e o fixou na pasta; uma de suas superfícies era levemente adesiva. Uma rápida seqüência de comandos foi entrada em um painel LCARS, para inserir no transponder o nome do destinatário e o sinal indicando a sua atual localização. Ricardo ativou o comando final, e depois de um par de segundos um feixe de teletransporte absorveu toda a pasta, e ela rapidamente desapareceu.

- Ah, já chegou aqui para mim, garotos, obrigada. – Cristina avisou seus filhos que recebeu bem a pasta. - Avisem o seu pai que eu devo chegar em casa mais tarde hoje. Não sei que hora esta reunião aqui vai terminar, e eu ainda tenho alguns assuntos da eleição para tratar.

- Certo, mãe, a gente avisa ele. – os dois garotos se despediram de sua mãe, e o canal de comunicação foi encerrado. A pasta fora teleportada para o local onde a senadora se encontrava, seguindo o sinal da própria combadge de Cristina. Aquele sistema de entrega de encomendas, baseado em uma rede de teletransportes para matéria inerte, baseados em pequenos satélites ao redor do planeta, era mantido pela Federation Express para todas as encomendas que tivessem como destino algum local na própria Terra ou em órbita dela; o procedimento todo era bastante rápido e geralmente custava menos do que dois créditos, dependendo do volume e material transportado. Já as encomendas extraplanetárias eram obviamente primeiro teletransportadas para centros de distribuição, onde eram então fisicamente levadas por naves até os planetas de seus destinos, e uma vez lá, entravam no sistema de teletransporte destes locais.

#

Cristina respirou aliviada quando finalmente terminou de retirar a roupa de proteção que havia usado durante uma parte do tour pelas instalações do Departamento de Operações Planetárias da Terra. Embora em nenhum destes momentos ela ou o seu grupo estivessem realmente expostos diretamente a qualquer ambiente perigoso, o uso de roupas de proteção era mandatário nos setores mais críticos dos núcleos de controle energético daquelas instalações centrais do DOP.

A vestimenta era prática, e rapidamente ela e Zhaav já estavam prontas. As duas mulheres recolocaram as roupas de proteção nos suportes apropriados no vestiário feminino, e juntamente com outras duas funcionárias do DOP e uma jornalista do *L'Observatore Romano*, saíram para encontrar o restante do grupo aguardando na porta do vestiário masculino, Vortik e Marcos entre eles, os quais haviam vindo com elas para a reunião com os principais diretores do DOP. Depois desta reunião, havia sido o tour pelas instalações do qual eles estavam voltando no momento. Todos então se dirigiram de volta aos setores administrativos, para a cafeteria, onde poderiam comer alguma coisa; afinal de contas, a reunião havia sido particularmente longa, tendo tratado de várias questões importantes sobre

a distribuição de recursos energéticos do planeta. O Departamento de Operações Planetárias tinha laços bastante estreitos com a Assembléia Geral, uma vez que sua colaboração era vital para se manter uma boa administração da capital da Federação.

- Então, Senadora, - Augusto Gritok, o Chefe de Operações Principal do DOP disse, colocando sua bandeja na mesa da cafeteria que todo o grupo estava compartilhando. - A senhora realmente acha então que a Frota Estelar poderia aprender tanto assim conosco? - o seu tom era nitidamente descontraido, e um tanto zombador, mas ainda assim genuinamente satisfeito pelos elogios que Cristina havia feito por todo o curso do dia.

- Sem dúvida, - Cristina respondeu, assim que recolocou a caneca de café na bandeja, depois de um gole. - Quero dizer, vocês aqui não poupam esforços para manter a segurança do seu pessoal. Nunca nenhum tipo de zelo deve ser considerado zelo em excesso.

- Bem, nós estamos sempre procurando novos procedimentos para fazermos o trabalho aqui ser tão eficiente quanto seguro, realmente. - confirmou a Rigeliana que era assistente de Gritok, Virgínia Dantas.

- As roupas que acabamos de usar, por exemplo. - Cristina continuou. - Embora não fossem imprescindíveis, lá estávamos nós, apropriadamente equipados para qualquer eventualidade... se algo de errado ocorresse, não seria necessário termos que correr para nos prepararmos.

- Se algo de errado ocorresse, claro. - Zhaav comentou.

- Sim, Zhaav, claro. - ela concordou com a andoriana. - Mas na Frota, eles parecem partir do perigoso pressuposto de que nada vai dar errado, então muitas vezes o pessoal deles não está preparado no momento para os imprevistos que acontecem.

- E pelo perfil operacional da Frota, isto pode acontecer com uma demasiada freqüência. - Virgínia acrescentou.

- Pode não, acontece. - a Betazóide disse. - Quantas vezes não ouvimos falar de terríveis ocorrências com um grupo avançado da Frota? - ela perguntou retoricamente, enquanto todos ali a escutavam com atenção, incluindo Patrícia Rogero, a jornalista do *L'Observatore Rommano*, e Dimitri Kritez, um colega seu do *Correio da Manhã*, de Lisboa, que haviam acompanhado o tour. - E como na maioria das vezes estes grupos avançados estão? Com o uniforme convencional de serviço, que não é nada sofisticado, convenhamos.

Cristina gesticulou de tal maneira que demonstrava estar pensando em algo mais específico para dizer. - Não sei, uma anomalia qualquer surge, uma destas aí que eles vivem descobrindo. E então? Pumba. Os tripulantes se encontram subpreparados e subequipados.

- Realmente a Senadora parece ter uma visão bastante pragmática de como este tipo de procedimento deve ser feito. - Gritok disse.

- Naaah, - ela sorriu. - É apenas uma questão de bom senso, Dr. Gritok. - o Chefe de Operações ali sorriu de volta sem dizer nada. Desde que ele a conhecesse, ficou claro para Gritok que Cristina não se comportava nada como uma típica candidata a algum cargo público. Não que seu comportamento fosse inadequado a isto, longe disto. Este era apenas diferente, de uma forma positiva, pois ela era nitidamente mais espontânea e mais aberta do que políticos normalmente são. Se comportar desta forma em uma arena política sem dúvida requer muita habilidade e jogo de cintura para evitar problemas, e aquela mulher parecia estar muito segura de que pode levar a cabo isto.

- Eu concordo com isto, senhora Senadora. A Frota Estelar parece sempre estar certa de que tem o controle de tudo, mesmo sobre as coisas as quais não estão diretamente sob sua influência... ou sequer sob sua alçada. - Dantas afirmou, o que fez com que Patrícia e Dimitri ficassem ainda mais atentos à conversa se desenrolando, pois parecia que um bom debate estava se desenvolvendo ali. Ambos continuaram a fitar diretamente o grupo, mantendo suas



holocâmeras em seus chapéus ativadas o tempo todo, da mesma forma que haviam feito durante o tour. Já a reunião inicial havia sido a portas fechadas. E a presença das holocâmeras ali era conhecimento de todos, especialmente Cristina; afinal de contas, ela tinha também uma campanha para movimentar.

- Sabe, é até engraçado, - Cristina disse. - Eu estive estes dias com o Almirante Westmore, e chegamos a conversar brevemente a respeito disto. - a senadora seguia claramente pela linha de raciocínio que Virgínia esperava que ela fosse, pois é o que Cristina havia sentido dela e de seus outros anfitriões ali.



- Todos nós aqui sabemos bem como a Frota interveio descaradamente fora de sua alçada na Crise do Fundador. - Ela esperou os diversos "sim, claro, claro" cessarem para continuar. - Afinal de contas, fez parte dos planos de Leyton uma intervenção não-autorizada exatamente aqui no DOP.

Cristina novamente fazia menção ao plano do ex-Almirante Leyton durante a Crise do Fundador. Como parte de seu plano para conseguir o controle sob a capital da Federação, Leyton intencionara aumentar o pânico antidominion que imperava na ocasião, para que uma intervenção da Frota na Terra ficasse cada vez mais necessária. Um dos elementos deste plano fora o recrutamento secretamente de um grupo de cadetes da Frota Estelar, os quais foram enviados para se infiltrar no controle central do DOP ali mesmo em Lisboa, e com isto desativar todos os sistemas de distribuição de energia pelo planeta, incluindo as instalações orbitais, mergulhando toda a Terra em um apagão que durou vários minutos. Durante este tempo, um dos planetas mais avançados do quadrante se viu reduzido a geradores de emergência e sem nenhum dos seus sistemas defensivos operacionais. O incidente foi rapidamente atribuído aos fundadores então infiltrados na Terra, mas como se soube posteriormente, os responsáveis por este incidente em particular o haviam feito a mando pessoal de Leyton, em sua cruzada antidominion para assim tomar para si as rédeas sobre a Terra e a Federação, nada menos.



- A Crise do Fundador serviu para mostrar que se deve manter um controle claro sobre a Frota, pois ela não pode pensar que pode passar por cima de qualquer outra instituição da Federação como bem entende. Há o Conselho da Federação, a Assembléia-Geral aqui na Terra, vocês aqui no Departamento de Operações Planetárias, e em todos os outros departamentos.

- Com certeza, Senadora. - Virgínia era a que parecia mais interessada naquelas questões. Não era de se admirar, Cristina pensou. Ela podia sentir um certo remorso ainda presente em Virgínia, e pelo que parecia, este tinha se originado exatamente devido a Crise do Fundador; havia sido durante o plantão dela que o Esquadrão Vermelho de Cadetes da Academia invadiu o DOP a mando de Leyton. Não fora apenas o DOP e o povo da Terra que foram violados daquela maneira naquela noite; Virgínia sentia que havia sido pessoalmente violada, também. O seu orgulho profissional, construído em cima de uma ficha de serviço perfeita, havia sido fortemente ferido.

O grupo continuou debatendo mais sobre alguns outros pontos da campanha, quando finalmente deram por terminada as atividades do dia no que também terminaram suas refeições ali na cafeteria do DOP. O grupo de administradores do DOP declarou para a Senadora que ela podia contar com o apoio deles todos, fosse no trabalho dela na Assembléia-Geral, ou, com sorte, no Conselho da Federação. Cristina agradeceu, e todos se despediram, com o grupo da Senadora voltando para Brasília, e os jornalistas voltando para suas redações em suas respectivas cidades. Havia um bom material ali para ser divulgado, todos eles concordavam.

#

A longa série de aplausos ainda estava em andamento enquanto Timothy Duke descia do palanque central do Conselho da Federação, e seguia ao longo da mesa principal. A sua apresentação perante o Conselho sobre o progresso do plano de recuperação das colônias no pós-guerra havia tido tanto sucesso quanto havia sido longo, e ele precisava de uma pausa. Duke saiu para a área atrás do plenário principal, e enquanto continuava a andar, foi recebido por um de seus secretários, Márcio Terawaki.

- Mais longo do que eu pensava, chefe. – ele disse, enquanto ambos continuavam a andar apressadamente pelos corredores da seção administrativa do Conselho.

- Da próxima vez, me lembre de não abrir espaço para perguntas, Márcio. – Duke respondeu. Em um rápido movimento ele pegou dois padds oferecidos por uma de suas assistentes que passou por eles pelo corredor, e continuou a andar enquanto passava os olhos pelos dados de um dos padds.

- Você se lembrou de reagendar a reunião em Quito sobre o orçamento para amanhã de tarde? – ele perguntou, antes de finalmente encontrar este item em particular no padd.

- Sim chefe, mas talvez tenhamos que reagendar de novo, - Terawaki respondeu. – O material com as projeções finais das necessidades orçamentárias para a região na fronteira Cardassiana ainda não está totalmente pronto, mas nosso pessoal está em cima disto sem parar.

- E a razão desse atraso seria...

- O fato de que o Embaixador Rigeliano não abre mão de jeito nenhum sobre podermos realocar alguns recursos da região dele para as áreas mais afetadas. – Duke deu um resmungo mais forte, e entregou os padds para Terawaki.

- Ah... mas o Triel é foda mesmo... eu queria ver se a Guerra tivesse sido na região de Rigel, se ele não estaria era enchendo o nosso saco para mandarmos metade do orçamento da Federação para lá. Eu vou falar com ele e me assegurar que ele veja as coisas também do nosso jeito. – Duke e Terawaki chegam agora em uma das salas de conferência internas do Conselho, e o secretário do Embaixador ativou uma dos monitores. – Há algo que eu quero te mostrar, chefe, - um vídeo de três minutos segue-se, feito durante a reunião de Cristina com o pessoal do Departamento de Operações Planetárias. Duke assistiu em silêncio às várias declarações de Cristina e ao resumo das atividades do dia feito pelo Chefe de Operações do DOP.

- Uma versão com mais detalhes deve estar disponível para distribuição dentro de uma meia hora, nos principais centros de notícias da Federação, - Terawaki disse, - Mas eu consegui baixar esta versão em primeira mão.

- Eu tenho que admitir que até que ela citou bons pontos sobre a política de defesa da Frota pelo setor 001, mas quer apostar quanto que o Comando da Frota não vai ouvir nada além das críticas em si dela à maneira pela qual a Frota faz este controle da defesa e administração do Sistema Solar e da Terra? – Duke finalmente disse, quando terminou de assistir por uma segunda vez às imagens.

- Isso sem falar que ela já deu um cutucão em Westmore alguns dias atrás, - Terawaki adicionou. – Mas ela até que realmente tem razão no que diz respeito à presença da Frota ter que ser mais constante nos setores mais externos do sistema solar.

- Ela reclama da falta de presença da Frota no espaço do sistema, e reclama do excesso de presença da frota no espaço dos gabinetes civis da Terra, - Duke sorriu, pela suposta incoerência das críticas da Betazóide.

- Se eu te conheço, chefe...

Duke sentou-se em um dos consoles LCARS da sala de conferência e ativou suas interfaces pessoais. – Você então já vai ter marcado uma coletiva. – Duke completou o raciocínio de seu secretário.

O Embaixador Terrestre pensou por alguns segundos antes de acessar seus arquivos. Dos cinco principais candidatos ao cargo, ele era sem dúvida o mais diretamente ligado ao governo e à Frota Estelar, então seria lógico que Duke acabasse sendo procurado para comentar sobre as declarações de sua rival. Mas qualquer que fosse esta sua reação, Duke desejava que isto não deixasse a entender que ele pensara demais sobre o tema; não, isto teria que ser tratado como se fosse um assunto menor, sobre algo que se poderia esperar de uma candidata que não oferecia grande preocupação ao Embaixador. Ainda que eles já estivessem com tudo na ponta da língua para quando a oportunidade surgisse, a coletiva após o encerramento da sessão do dia ali no Conselho seria bastante apropriada.

- Não será abertamente sobre isto, claro... mas não se pode perder uma boa oportunidade. - Terawaki acrescentou, justificando sua decisão de ter-se adiantado nos procedimentos, como Duke mesmo havia pensado ser adequado.

- Sem dúvida. E só intenciono comentar sobre uma destas duas linhas de queixas de Cristina, de qualquer forma. É tudo o que precisamos. – o Embaixador disse, enquanto fazia algumas anotações para si mesmo no seu sistema pessoal de arquivos.

#

Capítulo 4

Dobrando a Camuflagem


Embora seja um fato que desde meados do século 21 o conceito de "Televisão" tenha desaparecido da sociedade terrestre, da mesma maneira é um fato que mesmo no século 24 as pessoas ainda possuem o hábito de assistir em um monitor a transmissões de algum evento ou programa, o que em si poderia ser considerado de certa forma a se "assistir televisão".

O que desapareceu na verdade foi o conceito de "Indústria Televisiva", ou seja, organizações que produziam programação regular e a transmitiam por uma determinada frequência de VHF ou UHF. Desapareceram os conceitos de estúdios, anunciantes e índices de audiência. Desapareceram os produtores inescrupulosos, apresentadores hipócritas e astros excêntricos. Mas o velho costume de se assistir à exibição de um programa em um monitor de vídeo continuou a existir, pois a geração e transmissão deste programa em questão ficava agora a cargo de quem de fato tinha interesse sobre a livre divulgação do evento. E uma vez que a logística para isto era infinitamente mais fácil de se manter, não havia nenhum impedimento que mesmo uma peça teatral de uma escola primária fosse transmitida ao vivo para toda a Federação. Se a pessoa desejasse assistir, bastava pedir ao seu computador mostrar as imagens e apresentações liberadas. Desta forma, praticamente tudo que acontece em público na Federação é possível acompanhar a longa distância, como eventos esportivos, apresentações culturais, palestras acadêmicas abertas ao público, noticiários, entrevistas e debates ao vivo, e muito mais. Além disto, havia também a disponibilidade de qualquer programa previamente preparado, como aulas a distância, documentários, shows, e também todo o acervo de absolutamente tudo o que já fora produzido e registrado em filme ou vídeo, desde o início do século 20. Para se assistir a qualquer coisa, bastava a uma pessoa pedir ao seu computador que mostrasse o programa em questão.


E neste momento, era um dos inúmeros noticiários terrestres que Tolia assistia na sala de estar de seu apartamento de beira da ensolarada costa mediterrânea, na cidade de Beirute. A Boliana estava prestes a ir ao trabalho, e comia uma tigela de tâmaras com molho tabasco como o seu café da manhã enquanto mantinha os olhos no monitor principal, onde a

principal imagem era a "Atualização da Semana" pelo Serviço de Notícias Libanês. Ela já havia assistido a algumas notícias locais, e acompanhava agora os comentários a respeito de política do quadrante.

- ... considerando os recentes problemas no sistema Cardassiano de Chin'toka, onde pela terceira semana consecutiva os protestos aumentaram contra o governo provisório. Nesta manhã, o Archer Hall se pronunciou a respeito... – e a imagem atrás do apresentador mudou de cenas em cidades Cardassianas para uma cena dentro da sala de imprensa da presidência da UFP, - ... quando o Porta-Voz do Archer Hall, Sebastian Drake, assegurou que o Presidente Inyo e o Comando da Frota Estelar estão em constante contato com as autoridades Cardassianas para a solução desta crise... – Tolia agora tomava um pouco de seu suco de laranja enquanto o apresentador terminava o segmento. A atenção da Boliana aumentou quando notícias referentes à eleição começaram a ser exibidas, e uma foto de divulgação da senadora surgiu na tela atrás do apresentador.


 - Diversos setores do governo protestaram em reação às recentes críticas à Frota Estelar feitas pela Senadora Cristina Stel, atual candidata à Embaixada da Terra no Conselho da Federação. – A imagem mudou para um grupo de pessoas ao redor do Embaixador Duke, no que parecia ser uma das salas de transporte do Conselho. – O Embaixador Duke comentou as declarações da Senadora Stel, quando estava de saída do Conselho, nesta manhã... – o áudio passou agora a ser o da cena no Conselho, com vários repórteres falando ao mesmo tempo, até que Duke fez sua declaração.

- Bem, isto demonstra claramente que a Senadora Stel ainda não está preparada para agir da maneira que uma verdadeira diplomata deve se postar. Ao lançar acusações aleatórias e sem fundamento contra a Frota Estelar, ela não está apenas desdenhando do importante apoio que esta instituição fornece para todas as esferas de nossa sociedade, ela também está desdenhando o próprio povo à Federação, o qual a Frota Estelar honra em servir. – Algumas outras questões foram rápida e confusamente gritadas pelos repórteres, mas Duke continuou. – Afinal de contas, a Frota Estelar tem servido a Federação desde a fundação desta, e sua participação na nossa sociedade é tão adequada como bem ajustada. Mas aparentemente a Senadora não consegue ver outra coisa na Frota do que uma suposta "ameaça" ao modo de vida de nossos cidadãos, o que evidentemente é equivocado.

 - Mas que filho de escrava Órion... – Tolia disse para si mesma, enquanto o apresentador passava a comentar sobre alguns candidatos locais do Oriente Médio. Um sinal de intercom soou, e a voz de Denise soou pela sala.

- Tô, você está assistindo? – a amiga da Boliana disse.

- Sim, pelo noticiário local. Onde vocês estão?

 - No Delaware, - respondeu a híbrida humano-Romulana, confirmando que estavam no runabout da campanha de Cristina. – Estamos voltando das reuniões em Europa, - pelas últimas 36 horas, Cristina fez várias "town meetings" nas colônias nos satélites de Saturno e Júpiter, tendo se encontrado com vários líderes locais.

- A Senadora já viu também?

- Ela está tomando banho, - Denise respondeu. – Mas pelo jeito ela também estava com o monitor do banheiro ativado, pelo jeito que ela xingou o Duke de lá de dentro.

- Tolia, você e Zhaav precisam ir indo para a Assembléia-Geral e preparar uma coletiva, - David requisitou para sua assistente. – Precisamos disto pronto para assim que chegarmos lá.

- Em quanto tempo vocês vão estar aqui? – Tolia perguntou, enquanto pegava vários de seus pertences espalhados pela sala e os colocava em sua bolsa, se preparando para sair. Ela pôde escutar Denise murmurando algo para David e uma outra pessoa.

- *A tripulação disse que vamos estar na órbita da Terra em 35 minutos*, - ela finalmente respondeu.

- Certo, eu devo ter tudo arranjado para assim que vocês chegarem, a gente já pode começar.

- *Ótimo, Delaware desligando*. – Tolia terminou de se preparar, e voltou sua atenção de volta ao monitor principal, onde o noticiário do dia já estava terminando.

- *Eu sou Kent Brockmann, e isto é novidade para mim*. – o apresentador terminou de dizer, arrumando alguns padds.

- Computador, desative o monitor. – a Boliana disse, antes de sair pela porta de seu apartamento, a caminho do teleporte no quarteirão de seu prédio.

#

- E ela aceitou assim, numa boa?

Amanda Jrovit caminhava ao lado de Scott Ross, enquanto ambos seguiam na direção da estação da SEPTA, na 13ª Rua com a Market Street, logo que eles deixaram o prédio da redação. Havia caído uma nova camada de neve durante o final da tarde, mas a rua estava completamente desobstruída, pois o sistema automático de degelo do calçamento fazia com que as áreas de livre circulação sempre ficassem limpas. E não parecia que iria nevar novamente, com o céu estando bem limpo no momento, deixando a noite bastante estrelada.

- Ela foi bastante receptiva à idéia, realmente. – Scott estava comentando para a sua editora como havia sido o encontro que tivera com Mônica Munro, onde discutiram sobre a possibilidade de Scott mandar mensagens para a USS *Voyager*. – Nós falamos sobre o assunto quando ela me convidou para jantar na casa dela e de sua namorada. Me surpreendeu que ela se lembrasse de mim ainda, pois fazia anos que eu a havia conhecido, com o Mike. Eu expliquei por que eu precisaria que ela me ajudasse em mandar a mensagem para a *Voyager*, expliquei sobre a série de artigos nossos, expliquei como está este projeto...

- Porque eu estou vendo um grande "mas..." vindo aí, Scott? – Amanda perguntou.

- Não, ela concordou com tudo, como eu te disse. Contanto que eu também incluísse nas entrevistas a prima dela, a Alferes Munro. – ele colocou uma certa ênfase no contanto, para deixar claro que Mônica realmente queria que a sua prima tivesse participação.

- Mas segundo o que você me disse, esta Alferes já era da tripulação da *Voyager* desde o início... ela não era maquis.

- Sim, mas na verdade, esta emenda saiu melhor do que o soneto. Eu já estava pensando mesmo em incluir um dos tripulantes originais da *Voyager* nas entrevistas, para ter o ponto de vista deles sobre as questões que eu passei para os maquis. Não sobre como está sendo viver com a tripulação a qual eles foram incumbidos de capturar, não se trata disto... – Scott realmente não queria apenas mais da mesma coisa, ou seja, mais depoimentos dizendo as mesmas coisas que já haviam aparecido antes sobre a *Voyager* desde que o contato regular com a nave no quadrante Delta foi alcançado.

- Ah, muito bem... você quer saber o que o pessoal da Frota na *Voyager* teria a dizer sobre o movimento maquis em geral, não?

- Exatamente, chefe. Originalmente eu tinha pensado em mandar as questões para o Tenente Tuvok, ou mesmo a Capitã Janeway, mas quando Mônica condicionou a colaboração dela com a participação da prima nas entrevistas, isto encerrou o assunto. Eu preparei então a parte "Frota" da entrevista para ser respondida pela Alferes Munro.

- E você já tem tudo pronto?

- Eu vou dar uma repassada no material todo, e amanhã eu já devo transmitir para Mônica. Ela então vai gravar como a "carta" dela as perguntas e o software de entrevista, com uma introdução explicando para a prima dela o que fazer. Daí a coisa toda é enviada pelo Projeto Pathfinder no próximo pacote mensal para a nave, o que deve ser em uns 10 dias.

- Você vai trabalhar nisso ainda hoje? Eu pensei que você iria sair com a Denise, pelo que você me disse.

- Bem, eu estou indo agora para o apartamento dela lá em Germantown, mas acho que ela vai chegar meio tarde. Ela está tendo que correr feito uma doida para coordenar uma série de coletivas para responderem às críticas do Embaixador Duke e do Bill Duarte.

- Putz... falando na eleição, eu esqueci de perguntar se a Dulce foi acompanhar a town meeting que o Ronaldo Triev participou hoje em Cincinnati. Eu preciso entrar em contato com ele. – ela então deu um leve tapinha na sua combadge, e contactou sua repórter para confirmar a informação que precisava. Após isto, Scott e Amanda chegaram finalmente na estação, e após passarem pelos arcos de identificação na entrada, que automaticamente debitaram de cada um deles 30¢ de crédito pelo uso do Airtram, o casal desceu as escadas rolantes de acesso a plataforma, onde encontraram uma boa multidão aglomerada logo na saída da escada, todos esperando o próximo Airtram, que já se aproximava da plataforma.

- Vamos mais para a ponta da plataforma, - Amanda sugeriu, e apertou o passo, seguida por Scott. Ambos continuaram até a extremidade oeste da plataforma, onde apenas algumas poucas pessoas esperavam o airtram terminar de estacionar.

- Pense só um pouco... o transporte público em massa existe neste planeta há mais de quatrocentos anos, mas as pessoas ainda se aglomeram todas bem aonde elas chegam na plataforma... e ficam espremidas nos vagões. – a híbrida Kitariana comentou com o humano, enquanto ambos entravam no airtram e ocupavam uma das várias poltronas vazias do vagão em que haviam entrado.

#

A Chris Kraft Plaza era um dos locais mais antigos de Tycho City, datando ainda da época das primeiras colônias permanentes na Lua. Outrora uma fazenda hidropônica, o local havia passado por uma completa remodelagem quando instalações agrárias mais modernas entraram em operação no século 23. Isto, adicionado à recente restauração que a Chris Kraft Plaza havia passado alguns anos antes, deram ao local um aspecto bastante incomum, com a sua enorme redoma de alumínio transparente, mantida pela estrutura de aparência industrial típica do século 21, e hoje o local era um movimentado centro turístico.

Desta forma, a Plaza estava bastante movimentada como de costume, com várias pessoas ali presentes, aproveitando a tranqüila tarde de sábado. Na Estação de Airtram local, um grupo de Bajorianos desembarcava do tour pelos seis sites de pouso das antigas missões Apollo, enquanto que mais ao sul do local, em frente ao Hyatt Tycho City, uma boa multidão estava reunida.

O hotel em questão estava abrigando o jantar anual da Associação dos Veteranos da Frota Estelar. Era uma Convenção bastante movimentada, contando com a presença de diversos ex-membros da Frota, que sempre se reuniam ali em Tycho City para rever antigos colegas e trocar histórias. Além do jantar, havia também diversas outras atividades para os convidados, em diversos outros locais da cidade.

Apesar de a AVFE se tratar de uma entidade de veteranos em geral, não havia muitos ex-oficiais de alta patente em seus quadros. Os ex-oficiais que se graduaram da Academia sempre tiveram o costume de se reunir sob os auspícios da Associação de Alumnis da

Academia da Frota. Desta forma, a AVFE era praticamente apenas de veteranos que haviam se alistado como conscritos na Frota Estelar, ainda que diversos tenham se tornado oficiais posteriormente, através de cursos complementares na Academia. Ainda que as relações entre as duas entidades fossem geralmente cordiais, sempre havia um sentimento nos veteranos conscritos, que na sua grande maioria foram tripulantes de baixa patente, de que isto se tratava realmente de um certo elitismo por parte dos oficiais da Frota que tiveram a oportunidade de cursar a Academia.

O jantar da AVFE era um dos mais importantes eventos do calendário de convenções do satélite terrestre, que era conhecido pela Federação como um importante centro de simpósios e congressos, por dispor de excelente infra-estrutura para receber praticamente centenas de grandes convenções ao mesmo tempo. E este evento da Convenção da AVFE em particular, o jantar anual, iria ter esta noite uma convidada especial, a Senadora Stel, que iria fazer um discurso seguido de um debate acerca dos pontos mais importantes de sua campanha para o Conselho.

Em uma ante-sala do salão principal de jantar do hotel, Denise estava organizando os preparativos e arranjos necessários para a cobertura jornalística do evento, acompanhada de alguns funcionários do hotel e da AVFE. No momento, a assessora de Stel estava autenticando as credenciais de várias pessoas que iriam participar do jantar.

- Eu devia arrancar o seu fígado por isto, Romulana! – uma forte voz feminina soou por trás de Denise, que se virou tranqüilamente na direção da mulher, que usava um vestido cerimonial Klingon.

- Olá, amiga! Eu não sabia que você vinha aqui hoje. – e com isto Denise se adiantou para dar um beijo no rosto da Klingon, que não fazia questão alguma em esconder o fato que não apreciava aquele gesto em particular.

- Ugh. Você e esta sua mania de beijar, Denise. Por isso eu já rosno em antecipação! – Katilla disse, e logo em seguida entregou a sua credencial para Denise autenticar.

- Pensei que você estivesse ocupada com os preparativos para a cerimônia de Ingresso de Bajor. – Denise autenticou a credencial da Klingon, e a devolveu.

- Eu já tive o bastante de todos aqueles entusiasmados Bajorianos ficarem de trocar afagos com os diplomatas do Conselho, – Katilla respondeu. – Cobrir a sua superior em campanha vai ser bem mais excitante, isto é certo.

- E as movimentações da Frota também não estão tendo sua atenção? – Denise brincou.

- Por mais que eu quisesse, isto fica a cargo do pessoal da Embaixada Klingon! – as duas mulheres riram. Valkirs Katilla era a correspondente principal na Terra para o Ministério de Propaganda Klingon, que tinha para si a função de agência de notícias oficial para o Império. Tal posição tinha grande prestígio, mas como todas as demais posições na Terra, não eram exatamente as favoritas de um típico Klingon. Katilla, por exemplo, ressentia o fato de que ela não podia levar a sua d'ktahg ou qualquer outra de suas armas para todo e qualquer lugar no planeta. Segundo ela mesma, estar desarmada em público lhe trazia uma sensação pior do que seria estar nua em público.

Vinda de uma das mais importantes casas de Qo'noS, Katilla havia se preparado desde criança para ingressar nas Forças Militares do Império, mas ela acabou rejeitada por ser baixa demais; com um metro e sessenta e oito de altura, ela era realmente bem baixinha para uma Klingon. O fato a enfureceu bastante, mas seu tio, um membro do Alto Conselho Klingon, a convenceu de que ela poderia servir ao Império sendo correspondente interestelar para o Ministério da Propaganda. Depois de passar por vários postos em colônias internas do Império, ela foi designada para ser a principal correspondente na Terra, onde ela adquiriu

grande prestígio nos meios de comunicação locais. Katilla sabia exatamente como e quando era adequado de se usar calma e serenidade em um planeta com bilhões de humanos e outras pacíficas espécies da Federação; ela conseguia regular o seu temperamento como se o fizesse através de um interruptor, o que sempre se mostrava útil em seu trabalho. As duas colegas conversaram durante mais algum tempo, quando Denise verificou que já estava na hora do jantar começar; de fato, muitas pessoas já se dirigiam ao salão de banquete principal.

- Vamos indo? – ela finalmente sugeriu para Katilla.

- khi-GOSH, - confirmou a sua amiga Klingon, em seu próprio idioma, e ambas seguiram para o salão principal. Katilla tinha bom conhecimento de Inglês federativo, então ela mantinha o seu tradutor universal a maior parte do tempo desativado. Ele nunca era absolutamente perfeito em perceber todos e quaisquer momentos em que Katilla fazia questão de usar algumas frases e expressões de seu próprio idioma nativo.

O local estava bastante cheio, com todas as mesas redondas de oito lugares totalmente ocupadas. Denise arranhou para que Katilla tivesse um lugar na mesa do grupo da Senadora, e ela aceitou o convite. Por todo o salão havia quase três centenas de ex-tripulantes e oficiais da Frota Estelar, todos de traje formal, de dezenas de espécies diferentes da Federação, que estavam ali representando suas agremiações de veteranos locais de cada região da Federação. O Chairman da AVFE, Humberto Brinnighan, fez as saudações de boas vindas, que foi seguida pelos discursos de várias outras pessoas, bem como a entrega de placas comemorativas e de outras atividades típicas de um jantar como aquele.

Durante a refeição, Vortik e Marcos foram até a seção de banheiros do salão, para onde Zhaav havia se dirigido alguns minutos antes. Ambos observaram uma mulher Altariana sair do banheiro feminino, e logo depois Vortik verificou se a Andoriana conhecida deles havia ficado sozinha no local. Desta forma, ambos entraram.

- O banheiro para espécies assexuadas é a porta do meio, viu? – Zhaav disse, enquanto ajustava a alça de seu longo vestido na frente do espelho na seção de pias.

- Zhaav, seria importante você falar com Marcos aqui, ou temo que ele possa precisar de uma hypospray para se tranquilizar.

- Que é que foi? – ela perguntou, enquanto ajeitava parte de seus lisos cabelos brancos por entre as suas antenas.

- A Senadora decidiu por qual versão ela vai usar do discurso? – a voz de Marcos tinha um certo tom de preocupação.

- Sim, - a Andoriana respondeu. – A primeira versão que demos a ela. – A resposta não pareceu agradar muito o humano.

- Eu acho que nós não devíamos ter sequer mostrado a primeira versão para ela, - Marcos disse. – Tem várias coisas ali que eu acho que estão ácidas demais, e não seria adequado de se falar considerando que o pessoal da Frota está todo melindrado com as últimas declarações dela. E aquela proposta lá pelo final... não sei se é prudente tocarmos neste assunto no momento.

- Marcos, você esquentou demais. Você sabe tão bem quanto eu que a Senadora nunca usa os discursos que escrevemos para ela ao pé-da-letra. Ela sempre faz algumas modificações, bem como faz ajustes até mesmo enquanto ela já está discursando, baseado no que ela sente da platéia. Então, por mais ácida que a primeira versão do discurso esteja, eu sei que ela vai dar o ajuste necessário.

- Eu espero que sim, - Marcos disse, enquanto o grupo retornava para a mesa. – por detrás do humano, Zhaav apenas olhou ironicamente para Vortik, que entendeu bem o gesto, ainda que mantendo a sua neutra expressão de sempre.

Depois de mais algum tempo, a atenção retornou novamente para o chairman da AVFE, que estava anunciando a próxima pessoa que iria discursar. Assim que Brinnighan anunciou Cristina Stel, ela se levantou e seguiu na direção do palanque principal, acompanhada por palmas. A Senadora agradeceu a oportunidade de estar ali presente na cerimônia, brincou com alguns dos presentes os quais ela conhecia pessoalmente, e se pôs a discursar.

À medida que Cristina deliberava sobre suas opiniões, idéias e pensamentos, as reações individuais eram várias. Algumas pessoas balançavam levemente a cabeça em silenciosos gestos de aprovação ou de reprovação, e vez e outra alguém se inclinava ao colega da cadeira do lado para cochichar um comentário sobre algum ponto em particular. Uma vantagem de ser uma telepata sem dúvida era poder sentir nitidamente o clima geral da multidão a quem se discursa, e Cristina se tornara particularmente hábil nisto. Mas ela mesma admitia que era uma habilidade que também tinha seus perigos, vamos dizer assim. A tentação de se desviar por tangentes podia ser grande, uma vez que se podia claramente sentir de uma multidão aquilo que esta gostaria de ouvir. Se entregar incondicionalmente aos desejos das pessoas que a ouviam seria se entregar ao populismo, e não era aquilo que Cristina desejava; ela precisava dizer o que considerava ser o necessário e o adequado de se dizer. As respostas emocionais de sua platéia a ajudavam a ajustar a maneira a qual ela fazia isto, mas jamais faria ela mudar a essência e o conteúdo daquilo que ela pretendia dizer. As respostas visuais de sua platéia eram também de grande ajuda, como as várias pausas para breves surtos de palmas em diversos pontos do discurso, que prosseguia muito bem.

- Tem sido motivo de muito comentário que eu seria uma pessoa anti-Frota Estelar, que não veria com bons olhos a participação da Frota em nossa sociedade. – A Senadora continuava seu discurso agora por pontos de interesse mais específicos daquela agremiação. - Eu afirmo, pessoalmente aqui para vocês, que nada é mais falso do que esta idéia, por mais que outras pessoas digam que não é o caso, que a Cristina é contra a Frota e coisa e tal. Eu lhes asseguro, a Frota Estelar sempre pode contar com meu apoio. E, como muitos de vocês aqui, eu também tenho servindo na Frota muitos de meus entes queridos, como minha boa amiga e cunhada, a Capitão Parker.

Cristina fez uma breve pausa e continuou. – A Frota Estelar é um importante elemento da Federação, e nas fronteiras mais distantes do quadrante, a Frota tem que ser a própria representação da Federação. Ela é tanto nosso instrumento de defesa quanto nossa ferramenta para aumentarmos nosso conhecimento do universo, de conhecermos novas civilizações e novas formas de vida. – Cristina sentia que o interesse por aqueles pontos estava nitidamente aumentando.

- Mas algo que nunca devemos nos esquecer é que a Frota Estelar não é apenas a sua estrutura organizacional, suas naves e suas bases. Ou mesmo os seus oficiais. Não, vocês são a Frota Estelar. – Stel deu uma maior ênfase no "vocês" - Ser contra a instituição per se seria ser contra todos que algum dia já serviram em seu uniforme, e também contra toda a Federação. – Uma nova rápida salva de palmas se seguiu antes que ela continuasse. - Se eu tenho reservas a alguma coisa, é apenas à maneira pela qual vocês aqui são representados por e nesta importante instituição que é a Frota Estelar. Sim, vocês, os simples tripulantes. Os camisa-vermelhas, como muitos oficiais desdenhosamente se referem a vocês, que são na verdade o pilar mais importante de uma nave estelar. Vocês são os que mantêm as instalações e bases estelares em suas melhores capacidades operacionais. Vocês são os que mantêm as naves em plena eficiência para nos levarem onde ninguém jamais estivera. Contudo, muitas vezes... muitas mesmo, vocês são pouco lembrados. – Neste ponto, um silêncio quase cerimonial estava sobre todas as pessoas no recinto.

- Eu digo que é hora de isto mudar. Deve-se haver uma evolução na maneira pela qual a participação do assim chamado camisa-vermelha acontece na Frota. Para que isto ocorra, é necessário se quebrar com os status-quo estabelecidos, pois estas mudanças devem e precisam acontecer. Mas o que significaria, em termos realmente práticos, tudo isto que ela está falando, vocês podem perguntar. Bem, eu posso dar alguns poucos exemplos do muito pelo qual pretendemos fazer com que o Conselho da Federação trabalhe. No caso do tripulante da Frota, este precisa estar sempre, sempre bem protegido. Não é porque um determinado planeta é classe M que se deva ir até ele pobremente equipado. Não, sempre se precisa estar protegido por uniformes que sejam tão eficientes quando confortáveis de se usar no dia a dia. Não é de novas padronagens ou cores de uniformes que precisamos. O que precisamos é de novos uniformes mesmo, que sejam bem mais capazes de protegerem seus usuários do que os modelos atuais jamais foram. Precisamos de novos equipamentos para acompanhar este tripulante em missões, equipamentos mais completos e versáteis do que apenas um tricorder, um feiser e uma lanterna... uma lanterna, meus caros! O que se passa na cabeça daqueles que padronizaram isto como um equipamento de grupo avançado? Muitas vezes em ambientes bastante hostis. Eu sinceramente não sei. Parece até que o Comando da Frota tem receio de colocar equipamento demais no corpo de um tripulante... mas não há grande razão disto; pelo que sei, eu sou candidata a Embaixadora em uma Federação, e não a Rainha de nenhuma Coletividade! – Cristina fez uma pausa para as diversas risadas terminarem de soar pelo salão. Os pontos sobre os quais ela comentava estavam gerando bons comentários paralelos pela multidão, os assessores dela podiam perceber. O pessoal da imprensa estava com toda a sua atenção focada no discurso, e alguns outros estavam comentando em seus sistemas alguns pontos do discurso, certamente para fazer comentários mais elaborados posteriormente.

- E precisamos de mudanças e avanços reais também em relação a tecnologias-chave de exploração espacial. – Cristina continuava. – Nossas naves poderiam ter grandes vantagens táticas, mas estas são inibidas por códigos e tratados que nos amordaçam, enquanto os demais participantes destes mesmos tratados e acordos encontram brechas e subterfúgios, agindo impunemente, e tirando vantagem de nossa Federação. Bem, não mais. Nós devemos ter a coragem, em nome de vocês e de toda a Federação, de propormos que possamos usufruir de vantagens de igual para igual com os demais poderes do quadrante. Portanto, o que eu proponho é: Nós devemos imediatamente requisitar uma revisão geral sobre determinados artigos do Tratado de Algeron, para que assim a Federação possa ter alternativas viáveis para sistemas de camuflagem, da mesma maneira que o Império Romulano tem em relação à propulsão de dobra!

A tensão do discurso de Cristina já vinha crescendo havia um bom tempo, mas aquilo sem dúvida foi o que bastou. Primeiro um veterano de uma das mesas se levantou, depois outro, e mais outro, até que em poucos segundos o salão inteiro se encontrava de pé, aplaudindo a Senadora Stel com um entusiasmo difícil de se igualar por qualquer multidão, enquanto as palmas e os gritos de apoio continuavam a soar pelo local. Era realmente algo sem precedentes; jamais nenhum político da Federação ousara questionar qualquer termo do Tratado de Algeron em público. E Stel o havia feito porque não havia dúvida alguma de que era a coisa certa de se fazer, e não apenas porque seria algo que a platéia eventualmente gostaria de ouvir. Na mesa do pessoal de Stel, a maioria estava sorrindo, mas mais pela nítida demonstração de apoio que estavam conseguindo ali, o que será valiosíssimo para o eventual triunfo de Stel na eleição. Já Tolia estava mais cautelosa, e também Marcos, que acreditava ser prematuro uma declaração do tipo. Ainda assim, podiam reconhecer que a demonstração de apoio era valiosa, e estavam contentes por isto. Mas a mais animada na mesa parecia ser

Katilla, uma vez que é claro que não tinha prévio conhecimento de nada, e ficou agradavelmente surpresa, assegurando para a sua colega Denise que em seus artigos não iria economizar elogios à honra, lealdade e preocupação que Cristina demonstrava ter pelos guerreiros da Federação.

- Isso não vai prestar... – Marcos sussurrou para Zhaav, sentada ao seu lado.

- Cara, eu estou é torcendo por isto, he, he. – a Andoriana apenas respondeu, falando um pouco mais alto para superar todo o som das palmas e ovações.

#

Ao contrário do que estava se estabelecendo como rotina, Tolia conseguira terminar o seu dia de tarefas no Itamaraty dentro de seu horário regular, o que era ainda mais admirável considerando que a equipe da Senadora estava tendo uma boa carga de trabalho relacionado a toda a repercussão do discurso do dia anterior. Mas Tolia havia conseguido não só a autorização da Senadora para sair mais cedo, como uma verdadeira ordem para isto. A sua mãe estava fazendo aniversário no dia seguinte, e Tolia precisava buscar o presente que a Senadora encomendara para a ocasião, uma vez que ela e Laina, a mãe de Tolia, eram velhas colegas de magistério, quando ambas haviam lecionado em uma escola pública em Roma, e também onde Laina vivia com o marido. Cristina praticamente viu a jovem Boliana crescer, pois sempre que podia acompanhava Laina e suas duas filhas em diversos eventos e passeios por Roma. Anos depois de entrar para a vida pública, Cristina, na época a Secretária de Educação do Estado do Rio de Janeiro, deu à filha de sua amiga o cargo de estagiária em seu gabinete, um pouco antes de Tolia se formar em Ciências Sociais pela Universidade de Hamburgo. Desde aquela época, Tolia tem estado presente na equipe da Senadora, pelos diversos cargos públicos que Cristina Stel passou. Não que Tolia fosse apenas uma sortuda incapaz que teria apenas um "quem indica" forte, não se tratava disto. Pois, se havia alguém que era exigente com o desempenho de Tolia, esta pessoa era justamente a Senadora Stel; ela sabia das capacidades da Boliana, e portanto não se contentava em ter menos do que um desempenho exemplar por parte de sua protegida.

E era justamente em Hamburgo que Tolia estava chegando no momento, saindo dos teletransportes de uma estação da EFA próximo ao parque Stadpark. A Boliana caminhou por um par de quarteirões até chegar em uma confeitaria na Theodor-Heuss-Platz, a qual ela sempre freqüentara quando estudava na cidade. Uma das várias especialidades da casa consistia em uma linha específica de produtos absurdamente adocicados, ainda que nos padrões de paladares humanos; para Bolianos, aqueles pães, biscoitos, bolos e confeitos em particular eram de um sabor irresistível. Cristina costumava brincar com elas dizendo que se poderia substituir o núcleo de dobra de uma nave com um daqueles bolos que a família de Laina costumava comer, tão forte eram os níveis de glicose e açúcar neles.

Tolia entrou na aconchegante confeitaria e se dirigiu à balconista, uma humana, que a reconheceu rapidamente, e confirmou que o pedido dela estava pronto. Enquanto ela foi buscar o bolo de nozes de Tolia, esta ficou olhando displicentemente pelos balcões, até que ela notou a discussão na outra ponta do balcão.

Sentado em uma banquetta estava um senhor de cerca de uns 60, talvez 70 anos, com um outro homem ao lado, um Ktariano de uns 30 anos de idade, que Tolia teve a impressão de ser um músico, por talvez já tê-lo visto antes em alguma apresentação, mas ela não estava bem certa de seu nome. O senhor ao lado dele ela já conhecia de vista, pois ele sempre freqüentava o estabelecimento. E próximo deles dois estava uma das donas da confeitaria, Aliciane Helder, que colocava alguns pães recém-assados em uma vitrine. Ela parecia estar

participando da conversa também, pois era a que falava quando Tolia virou sua atenção para o grupo, ainda que discretamente.

Tolia estava querendo manter esta discrição por ter tido a impressão de que o assunto do debate ali era bastante interessante à eleição, e ela teve esta confirmação quando o Ktariano voltou a falar.

- Eu estou te dizendo, Senhor Dantas, essa Stel é uma inconseqüente em provocar os Romulanos desta forma. Ela não pode colocar em xeque importantes tratados de paz da Federação, como ela fez. Isto com certeza vai provocar uma reação péssima dos Romulanos.

Dantas bebeu mais um gole de seu chá Tarkaleano antes de responder. - Escute filho, ela está tendo iniciativa, isto sim. Você sabe tanto quanto eu que esse negócio de os Romulanos poderem saracutear por aí em suas naves camufladas, e a Frota não poder, é uma bobagem, uma afronta a nós!

- As cláusulas do Tratado de Algeron deixam bastante claro. Eles não desenvolvem motores de dobra, e nós não desenvolvemos camuflagem.

- Hunf. - Dantas resmungou. - Um acordo que selou apenas um empate, isto sim. Não, na verdade nem isto; foi praticamente uma capitulação das forças da Terra.

- Como assim, Sr. Dantas? - Aliciane perguntou, interessada pela linha de raciocínio de Dantas.

- Ora, jovem, é simples. Pelo acordo, os Romulanos não desenvolvem capacidade de dobra no tipo de motor nosso, muito bem. Mas o que isto realmente significa na prática? Rigorosamente nada. Eles têm aquele tal de motor de singularidade...

- Singularidade, - corrigiu o Ktariano.

- É, singularidade, que seja, - Dantas retomou a palavra. - Pois bem, eles têm isto, que serve muito bem como alternativa para dobra convencional, pois pode atingir velocidades tão altas quanto. Ou seja, para eles, o Tratado de Algeron não quer dizer droga alguma. Não faz a menor diferença.

- A tecnologia de dobra é superior em vários aspectos, senhor Dantas. Não dá para comparar...

- Não dá o quê, filho! Na época da guerra, eu até sei que a tecnologia de dobra era bem superior, então parecia ser natural que fosse isto que a Terra exigisse que os Romulanos não tivessem. Mas eles aperfeiçoaram muito essa tecnologia, a um ponto em que ela já é uma boa alternativa a eles "não poderem ter dobra", - Dantas fez um gesto mais jocoso no final da frase.

- Bem, olhando por este lado a Stel tem uma certa razão, Nirton, - Aliciane disse, e também com isto informando Tolia do nome do Ktariano. - Enquanto eles ficaram livres para procurar alternativas, e acharam uma, nós nunca realmente tivemos opção de fazer o mesmo. E agora que alguém sempre cita este assunto, os Romulanos ficam todos cheios de nove-horas.

- Eu não estou dizendo que eles estão certos em exigir que nós não tenhamos tecnologia de camuflagem, Aliciane. - Nirton explicou. - Eu estou apenas dizendo que Stel também não pode vir assim, sem mais nem menos, e tocar nesta ferida para ganhar proveito político em cima. Eu sou até favorável a se começar negociações para a revisão do tratado, mas se tem uma maneira errada de se fazer isto, é como a Senadora fez.

- Mas é de gente assim que o Conselho está precisando mesmo, - Dantas continuou a falar. Nisto, a balconista retornou com o bolo que a Senadora havia encomendado para ela levar para a sua mãe. A balconista teve que chamar uma segunda vez para retomar a atenção de Tolia, que ainda estava fingindo olhar displicentemente as vitrines enquanto prestava atenção na conversa próxima. A Boliana finalmente percebeu a balconista chamando, e

assim que pegou o bolo, acessou o console LCARS para confirmar que havia retirado a encomenda. Com isto, Tolia deixou a confeitaria na direção da estação da EFA mais próxima, enquanto tentava equilibrar o bolo com uma das mãos enquanto usava a outra para dar um leve tapa na sua combadge para contatar Denise, que devia estar ainda no Itamaraty.

#

Aquela reunião não estava planejada para durar mais do que vinte minutos, mas a insistência da delegação Romulana em se manter formalmente de pé o tempo todo estava começando a se tornar crescentemente irritante para o Chairman do Comando da Frota Estelar, o Almirante Willian Galbraith. O humano estava sentado em uma das poltronas mais próximas à mesa do Presidente Inyo, da mesma forma que o Embaixador Duke, na poltrona oposta a de Galbraith, e da Secretária de Exploração Espacial, Raquel Trajina, na poltrona ao lado. Já estes últimos três diplomatas estavam mais acostumados a esta e outras particularidades no trato com políticos Romulanos; não que fosse um costume deles ou coisa parecida, mas era notório que o Embaixador Romulano Trizael tinha algumas manias, especialmente quando seu humor estava ainda mais ríspido do que o normal.

- Eu temo que não esteja sendo bem claro, Embaixador – Inyo disse, procurando manter o seu tom de voz neutro, para não melindrar ainda mais o diplomata. – Então eu vou sumarizar a posição oficial da Federação, a qual eu sempre reafirmei: a Federação de Planetas Unidos não tem, e também não tem nenhuma intenção de ter, nenhum projeto, estudo ou o que quer que seja relacionado ao desenvolvimento de camuflagem para naves, ou mesmo de qualquer outra tecnologia equivalente. – Os outros três representantes da Federação ali já haviam explicado para o Embaixador Trizael em mais detalhes qual era a política da Federação em relação a camuflagem, e que esta não poderia ser de modo algum afetada pelas recentes declarações de Cristina Stel, mas os Romulanos mostravam que estavam longe de ficarem satisfeitos.

- Eu estou perfeitamente ciente de que o senhor pode sem dúvida falar por este gabinete, Senhor Presidente, - Trizael respondeu, gesticulando a sua mão levemente ao redor da sala de Inyo. – Mas a Federação tem o péssimo hábito de ser por demais... imprevisível, eu diria, no seu processo de formação de novos gabinetes, de novos governos. Em um momento nós podemos ter um homem ponderado e razoável sentado abaixo deste brasão de armas, mas em outro momento este local pode estar ocupado por aventureiros oportunistas e beliscosos. E não haveria nada pior para colocar em risco o recente e tão bem vindo início das normalizações das relações entre os nossos povos.

O Presidente ficou em silêncio um par de segundos antes de responder. *Imprevisível*, Inyo pensou. Quem afinal de contas era Trizael para falar algo assim, vindo de uma civilização onde traições políticas, viradas de mesas e golpes baixos não eram apenas práticas comuns, mas eram até práticas mandatárias para aqueles que desejavam estar no poder. Duke se adiantou ao Presidente em tomar a iniciativa de um novo comentário.

- Eu posso assegurar ao Embaixador que da mesma maneira que a Senadora Stel não fala oficialmente pela Federação, ela também não teria para si o controle total sobre qualquer decisão de tal importância, na vaga e improvável hipótese de que ela venha a ingressar no Conselho da Federação...

- Ou além, - a Secretária Trajina acrescentou.

- Ou além. - Duke respondeu secamente. Trajina sorriu tão levemente que mal daria para perceber, mas ela sabia que Duke haveria notado. Não era grande segredo que Trajina considerava a participação de Duke nas políticas do Archer Hall muito exagerada, mesmo

considerando que a Presidência da UFP é basicamente uma extensão da Presidência do Conselho, e portanto, também passível de os Embaixadores do Conselho fazerem sua participação. Em um bom exemplo, Trajina não entendia exatamente qual seria a razão de Duke estar ali naquele momento, e o fato de uma adversária política de Duke estar envolvida na rusga apenas tornava a presença dele ainda mais inapropriada.

Ademais, pensou Trajina, este era um assunto extrafederado, o qual não teria a menor necessidade da presença de Duke, mais do que não seria necessária a presença de nenhum outro embaixador específico de outros membros da Federação. Afinal de contas, o gabinete da presidência estava respondendo a um protesto da Embaixada Romulana, que havia sido dirigido especificamente para Inyo. Trizael não queria arriscar um protesto formal perante todo o Conselho, o que poderia ser visto como um ato agressivo por parte do Império Romulano. Ao invés disto, o Embaixador estava procurando lidar com o problema à moda Romulana: se dirigir diretamente a quem seria relevante na questão, e fazer isto discretamente, mas com firmeza.

- E falando pela Frota Estelar, - o Almirante Galbraith disse, - Nós asseguramos que a Frota não tinha em seu poder nenhum outro dispositivo de camuflagem além daquela unidade emprestada pelo Império Romulano, a qual foi destruída juntamente com a primeira USS *Defiant*, ao final da Guerra Dominion. - O Almirante calculadamente evitou fazer sua colocação de modo que afirmasse que a Federação jamais tivera outro dispositivo de camuflagem que não o da *Defiant*. Ele sabia, tanto quando certamente o Embaixador Romulano sabia, das atividades secretas da USS *Pegasus* alguns anos antes, que foi perdida justamente quando testava um novo sistema de camuflagem, cujo projeto acabou sendo cancelado quando o protótipo foi destruído em um asteróide.

Um dos assessores de Trizael se curvou ligeiramente na direção dele e sussurrou algo em seu ouvido. Isto o fez responder com um ligeiro gesto com a cabeça, e então voltou a atenção para Inyo.

- Muito bem, Senhor Presidente. Eu já deixei claro qual é a posição de meu governo nesta questão, e quero apenas reafirmar que o senhor deve levá-la em séria consideração quando for decidir por qualquer providência que irá tomar.

Inyo confirmou para Trizael que o Império Romulano tem seu apoio na questão, e depois de uma série de despedidas, ele e suas escoltas se retiraram do gabinete da presidência, para retornarem à Embaixada Romulana, localizada em Zurique. Os Federações, que se mantiveram no recinto, trocaram alguns comentários entre si, a respeito de Trizael e de toda a saia justa que os comentários de Stel haviam criado para o Archer Hall.

- Hum... para um Romulano, até que ele se manteve inesperadamente polido. - Trajina comentou. - Esses enrosocos são bem do tipo em que Romulanos adoram se meter, especialmente se eles podem pegar um pinga de razão para si.

- Bom, mas também você não esperava que ele descesse dos tamancos, não, Trajina? - Galbraith emendou ao comentário da Secretária de Exploração.

O Embaixador da Terra se reacomodou na cadeira antes de fazer o seu próximo comentário. - Separados ou não por mais de um milênio de richas, Romulanos ainda têm algo de Vulcanos, sem dúvida... - e com isto Duke se virou ao Presidente depois de terminar de falar. - Você está muito quieto, Inyo... algo em mente?

- Sim, - respondeu o Presidente, pensativo, e então se adiantou para ativar o intercom para falar com Jalira Drivok na sala ao lado. - Eu quero falar com o Senador Dranan, e eu quero falar agora. - Inyo vociferou, se referindo ao Chanceler da Assembléia-Geral, o cargo equivalente ao de presidente daquele órgão da administração da Terra.

Capítulo 5

R&R

Pelos dias que se seguiram, os comentários populares sobre a validade ou não do Tratado de Algeron foram constantes. Em diversos eventos públicos de debates, em reuniões de comunidades, em debates acadêmicos, e mesmo em rodinhas de conversa, como a qual Tolia presenciara, o povo estava debatendo um assunto bastante delicado da política externa da Federação. Algumas pessoas sempre abriam tangentes, argumentando, por exemplo, que aquele não deveria ser necessariamente um tema em uma eleição regional, mas sim algo o qual todos os povos da Federação deveriam participar. Por outro lado, diziam outras pessoas, toda a Federação estava participando. Opiniões de habitantes de diversos membros da UFP eram comentadas e debatidas, e tais comentários variavam bastante de posição, desde a defesa por se romper totalmente o tratado, até uma proibição mais formal ainda à Federação ter dispositivos de camuflagem.

Toda estas polêmicas e debates não estavam passando despercebidos pelos candidatos, especialmente por Cristina Stel. Mas a Betazóide estava mais satisfeita ainda não apenas pelo fato de pontos de sua campanha estarem sendo debatidos. Não, ela estava satisfeita também pelo fato de ter agitado um pouco as coisas no cenário político da Terra. Debates e troca de idéias eram algo comum a todas as comunidades da Federação, é claro, mas sempre era interessante ver as pessoas defenderem seus pontos de vista com paixão e devoção. A intensidade e o dinamismo que estavam acontecendo na opinião pública estava praticamente no que Cristina considerava o ponto ideal para isto: as pessoas defendiam seus pontos de vista com firmeza, mas jamais desrespeitando a opinião do seu próximo, ou desrespeitando a própria pessoa.

Mas ela já estava divagando um pouco, pensou Cristina. Ela voltou totalmente a sua atenção para o que Ronaldo Triev estava dizendo no momento, com os dois sentados lado a lado em uma mesa, com um grupo de pessoas à frente, também sentados em fileiras de cadeiras. Todos eles se encontravam no momento na praça central de Zara Gùsau, uma cidade na Nigéria, fundada no final do século 21 quando da formação da África Unida como uma nação única. Zara Gùsau serviu de modelo para a criação de diversas outras comunidades como ela, que serviram para aumentar o desenvolvimento do continente africano, equiparando a qualidade de vida dos povos locais aos níveis atingidos por todo o

planeta no início do século 22. Várias cidades africanas já existentes foram remodeladas com o mesmo perfil, ou seja, comunidades de não mais do que 500 mil habitantes, cercadas por zonas rurais bastante desenvolvidas, e pólos industriais e de pesquisa e desenvolvimento. Este modelo serviu para desafogar as outrora congestionadas e superpovoadas cidades africanas. E com um desenvolvimento agrário planejado, baseado em pequenas propriedades rurais privadas, houve um aumento na produção de alimentos de tal monta que o continente passou a produzir muito mais além de suas necessidades, o que ajudou a estabelecer um fértil comércio internacional e interplanetário de produtos alimentares, fossem de colheitas ou de produtos acabados. Todo este desenvolvimento econômico alavancou uma espécie de renascimento africano, em todas as áreas possíveis, como político, social, cultural, e ainda fez com que o continente fosse um dos maiores beneficiados da era de prosperidade pós Primeiro Contato.

E neste evento na praça principal de Zara Gùsau estava havendo um dos vários debates com alguns dos candidatos nas eleições que se aproximavam. O primeiro período havia tido a presença dos três principais candidatos ao cargo de Governador da Nigéria, e neste momento era a ocasião em que dois dos principais candidatos a Embaixador da Terra debatessem. No caso, Cristina Stel e Ronaldo Triev. Ambos estavam no palanque central da área reservada ao debate. Juntamente a eles havia um grupo de organizadores do evento, funcionários do Departamento Eleitoral da África Unida, e também parte do público presente para assistir ao debate. O número de pessoas ali não passava de cinquenta. O fato de tão poucas pessoas estarem próximas dos candidatos ocorria porque ao longo da vasta área arborizada do parque de Zara Gùsau, dezenas de outros grupos de cerca de trinta a quarenta pessoas estavam em volta de projetores holográficos que mostravam exatamente o mesmo palanque principal dos candidatos. Desta forma, milhares de pessoas podiam estar bem "próximas" aos candidatos, e terem uma ótima visão do evento; mesmo interação era possível. Se alguém desejava fazer alguma questão, como era comum, bastava esta pessoa se apresentar ao moderador do grupo em que estava, que então a sua projeção holográfica era adicionada ao sistema, possibilitando os candidatos conversarem diretamente com a pessoa, e isto ser acompanhado pelos demais grupos. Todo este sistema permitia haver debates onde mesmo centenas de milhares de pessoas participavam, mas que tinham a dinâmica de um grupo de professores falando com uma classe de alunos.

- Portanto, - Triev estava concluindo um de seus argumentos, - É que eu acredito que uma revisão do Tratado de Algeron, embora não fosse algo a se desconsiderar, não é realmente algo que tenha que ficar alto em nossas prioridades no desenvolvimento espacial. Há muito mais em que dedicarmos os esforços da Frota no que diz respeito a novas tecnologias.

- Oh, não, eu concordo com o senhor, Magistrado, - Stel respondeu. - De fato há muitos campos em que a Frota Estelar pode aumentar os seus esforços para se desenvolver. - em uma área à frente do palanque surgiu uma imagem holográfica de um jovem rapaz presente em um dos grupos acompanhando o debate. - A senhora Senadora poderia exemplificar com mais detalhes algum destes campos de oportunidades? - foi a sua questão.

- Claro, - respondeu Stel. Ela estava mesmo esperançosa por uma brecha para levarmos o debate em torno deste assunto. - Por exemplo, há muito que se pesquisar em toda a tecnologia que capturamos do Dominion nos últimos três anos. Eu não digo apenas analisarmos essa tecnologia para sabermos com o que estávamos lidando, não. Eu estou dizendo aproveitarmos tudo o que pudermos em todos os campos possíveis de nossa sociedade.

Diversos comentários paralelos em todos os grupos seguraram-se ao comentário de Cristina. Aquilo sem dúvida se tratava de uma extensão da opinião da Senadora sobre a Federação adquirir novas tecnologias as quais tradicionalmente tinha reservas. A Federação já havia aproveitado tecnologia alienígena antes, mas nunca em larga escala, mas como Stel continuou a explicar, a vitória na Guerra Dominion proporcionava uma oportunidade rara, a de se analisar uma vasta tecnologia alienígena à disposição da Federação, e se utilizar o que se mostrasse promissor, fosse o que fosse. Não havia razão alguma para que, só porque a Federação era uma sociedade totalmente auto-suficiente em tecnologia, ela descartasse qualquer outra tecnologia que pudesse descobrir em novos contatos. A Betazóide não se fez de rogada sequer em usar a palavra "assimilar" em sua explicação, o que provocou algumas reações de certa preocupação da platéia, ou ao menos do grupo de pessoas imediatamente próximos a ela, como Stel sentiu.

- Sim, há muito a se aprender com novas espécies, e a tradição do Primeiro Contato que nosso povo tanto valoriza é uma verdadeira celebração a isto, não há duvidas, - Triev comentou. - Mas devemos estar sempre atentos a fazermos uma boa avaliação sobre o que é que devemos... assimilar, como a Senadora disse, e o que não devemos. Uma sociedade que se posiciona perante o quadrante como a nossa se posiciona, não deve nunca ter determinadas atitudes que não correspondam a este posicionamento. Um exemplo disto seria algum dia a Federação desenvolver armas de destruição em massa, digamos. Não haveria o menor cabimento nós possuímos tais artefatos.

- Eu já considero esta questão de "a maneira pela qual a Federação se porta" como algo que é encarado de uma maneira equivocada por muitos entre nós. - Stel fez uma pausa para beber um gole de água, diretamente de uma garrafa plástica que estava à sua frente. Esta pausa não era apenas para matar a sua sede. Ela queria que a sua última frase "afundasse" no silêncio por alguns segundos, como que para ativar um maior interesse no público. Stel sempre usava destes artificios para ganhar mais atenção para pontos que considerava importante. A Betazóide continuou.

- Mas antes de nós nos preocuparmos com o que os outros pensam de nós, nós devemos nos preocupar primeiro com o que nós pensamos de nós mesmos, - Stel disse, em um tom mais pausado. - Quem nós somos, a nossa identidade como um todo, como uma federação. Uma das belezas de nossa sociedade é justamente a verdadeira celebração à diferença, e isto acontece por toda a nossa diversidade étnica e cultural, representada por todos os nossos membros. Isto torna um pouco mais difícil a resposta para esta questão, "Quem Somos Nós", mas a resposta, embora difícil, é possível. Sabermos quem somos nos ajudará a termos uma verdadeira noção do que é fazer parte de uma federação de planetas unidos. - Neste ponto, Cristina podia sentir que ela estava tendo uma atenção maior do que o de costume da platéia.

- E por buscarmos cada vez mais a resposta para esta questão, o nosso próprio respeito por nós mesmos e o que representamos irá aumentar. Porque se não tivermos o respeito de nós mesmos, não teremos como ter o respeito de mais nenhuma outra espécie; mesmo disto podemos ter algumas pistas para nossa questão. Não é raro outras espécies nos encararem como arrogantes que pensam que são mais importantes ou avançados do que realmente somos. Eu acho que isto é decorrente de nós nos levarmos a sério demais, algumas vezes. Isto faz com que a Federação, enquanto um todo, acabe tendo até mesmo uma atitude muito blasé, procurando sempre se portar dentro de determinados parâmetros que se espera dela, meio como uma jovem nobre em algum tipo de cerimoniais. - a Betazóide fez alguns gestos mais delicados com as mãos, como que para ilustrar esta última frase.

- Mas me perdoem, eu estou meio que saindo por uma tangente, aqui, - Stel recomeçou, sorrindo. - O que eu quero dizer é que não devemos nos fazer de rogados na maneira pela qual vamos nos comportar na política da galáxia. Devemos agir conforme nossos valores e nossa consciência, e não necessariamente conforme apenas o que os outros pensam ou esperam de nós.

- Na verdade, é um bom ponto este que levantou, Stel, - Triev disse. - Vale uma maior deliberação a respeito.

- Sim, - respondeu a sua adversária. - Eu penso que sim.

#

Zhaav estava consideravelmente ocupada no momento em que David Cohen se aproximou da mesa dela no Palácio do Itamaraty. A jovem Andoriana coordenava alguns membros do staff do gabinete do senador brasileiro, para ajudarem-na em várias tarefas pendentes. Ela também estava se comunicando com um dos funcionários da Assembléia-Geral, cuja imagem estava no monitor LCARS de sua mesa, mas a voz não podia ser escutada. Apenas Zhaav podia escutar, pois ela estava usando um pequeno fone de ouvido. A prática de se usar tal dispositivo era antiga, pois este tipo de tecnologia não era nenhuma novidade, claro; estava disponível fazia séculos. Alguns oficiais de comunicação da Frota Estelar costumam usar um dispositivo bastante semelhante ao que no momento ajudava Zhaav a conversar com a pessoa em seu monitor sem que a voz desta soasse para todos ali ouvirem.

Sem interromper a frase que estava falando para a pessoa com quem conversava no monitor, a Andoriana fez um brusco gesto com a mão na direção do humano, requisitando para ele esperar um pouco. David não fez objeção. Ele estava acostumado com o jeito ríspido de Zhaav, e além do mais, ele era mesmo conhecido por algumas vezes ter uma paciência quase Vulcana, ainda que fosse só isto mesmo que ele próprio concordava ter em comum com a espécie de Vortik.

- O quê? O que foi? - Ela se virou agitada para David, tão logo terminou a ligação, enquanto revirava uma pilha de padds em sua mesa. - David, por favor, se for alguma coisa relativa à cerimônia de amanhã, eu não quero nem saber. Manda para a Tolia ou para o Carlos, pois a senadora está quase me deixando louca em me pedir coisa atrás de coisa. - Zhaav estava ajudando Cristina com os preparativos de uma das várias cerimônias do dia seguinte, aquele que seria o da admissão oficial de Bajor na Federação. Além das cerimônias principais do evento, preparadas pelo Conselho da Federação, várias outras atividades estavam sendo organizadas por diversas comunidades regionais da Terra, como que uma celebração de boas-vindas do planeta para todos os visitantes Bajorianos que estavam na Terra para a ocasião.

David sorriu levemente pela agitação da colega enquanto sentava-se em uma cadeira próxima, mas não disse nada relacionado. - Zhaav, o negócio é o seguinte. O Diretor do Laboratório de Robótica Asimov, Paul Brotlev, me contactou hoje de manhã. Eu o conheci faz alguns meses, depois que me encarreguei de ajudar Cristina no comitê do Projeto Atlântida; o LRA foi um dos contratados nas fases iniciais do Projeto, logo, eu tive a chance de o conhecer.

O humano fez uma pausa para ativar um dos padds e o entregou para a Andoriana. - Segundo ele, a Secretaria de Planejamento cancelou mais uma vez os recursos que estavam destinados para pesquisa e desenvolvimento de uma nova geração de sistemas robóticos para automação de trabalhos de manutenção, tipo em instalações industriais, grandes construções, bases estelares, este tipo de coisa. - O LRA era um dos milhares de outros institutos de

pesquisa, grandes ou pequenos, que trabalhavam em conjunto com os vários departamentos do governo. Os recursos que financiavam as pesquisas de base de diversos destes laboratórios, universidades, organizações e centros de pesquisa estavam sob o controle dos vários comitês da Secretaria de Planejamento da Federação, e de algumas outras Secretarias relacionadas; além disto, muitos outros projetos civis também tinham tutela e acompanhamento da Frota Estelar, o que colocava uma parcela considerável de toda a pesquisa científica sob o controle do governo Federativo, de uma maneira ou de outra.

Zhaav passava rapidamente os olhos pelas informações no padd enquanto falava com David. - Sério? Falando no Projeto Atlântida, eu tinha ouvido falar que as pesquisas do LRA com miniaturização de sistemas automáticos são bem promissoras para melhorar os equipamentos de fazendas subaquáticas. - Zhaav fez uma pausa. - E qual é a razão para a turma do Laurent cortar o barato deles? - ela finalmente perguntou, se referindo ao Secretário de Planejamento da Federação, Andy Laurent.

- Ah, uma das favoritas deles, - David respondeu. - Por exemplo, um dos projetos que foi favorecido em detrimento dos da LRA foi um que prevê a utilização de holoemissores adaptados para água, para gerarem in loco os equipamentos necessários conforme um determinado trabalho ou necessidade. - David fez uma entonação que deu ênfase à parte sobre holografia; ele sabia da cisma de Zhaav sobre este tipo de tecnologia ser aplicado tão indiscriminadamente como vinha sendo nos últimos tempos.

- Ahhhhrgh! Eu não acredito! Mas que mania IDIOTA do Archer Hall de ser TÃO insistente assim com tecnologia holográfica! - A Andoriana nervosamente esfregou os seus cabelos na altura das antenas. - Dá até raiva às vezes. Eu só quero ver eles conseguirem emitir um feixe de fótons forte o suficiente para agüentar a pressão de bilhões de toneladas de água em cima.

- Se você se sente assim, imagine os caras do LRA. - David retrucou. - Este não é o único projeto de tecnologia holográfica que ganha prioridade, não. Muitos outros estão em andamento. Tem uma turma na Frota Estelar, por exemplo, que resolveu mandar os antigos EMH Mark I para servirem de mão-de-obra em extração de dilithium, olha só que absurdo! Dá para acreditar?

- Eu não me conformo. Eu simplesmente não me conformo. - Zhaav balançava a cabeça, indignada. - Se você quer saber, isso ainda vai dar merda feia algum dia, ah, se não vai. Esse negócio de ficar confiando a vida de pessoas a hologramas, a ficar fazendo hologramas a torto e a direito... hunf.

A Andoriana se acalmou um pouco, e prosseguiu com a conversa. - Bem, mas me diga. O Brotlev deve ter algo em mente, se ele veio falar com você.

- Sim, - David continuou. - O que ele quer é ver se a Assembléia-Geral não pode dar uma apertada no governo federativo para que reveja a sua posição sobre o caso, ou pelo menos sobre os projetos que por estarem na Terra, podem estar sob a alçada da Assembléia, como o de Atlântida. Em troca, ele está disposto a dar total apoio a Senadora na eleição, e de buscar todo o apoio extra que ele puder conseguir entre a comunidade científica e de tecnologia. Ao menos, da parte em que ele tem boa desenvoltura, é claro.

- A reputação dela e do Eduardo no meio acadêmico poderia ajudar mais ainda nisto, hum... - Zhaav lembrou que o marido de Stel era uma das eminências pardas no meio científico do planeta, sendo Diretor do Smithsonian. - Hum...



- Então, Zhaav. Eu preciso que você dê um jeito de laçar a nossa moça aí o mais rápido possível para discutirmos o assunto, pois se vamos fazer algum auê nesta questão de robótica, seria melhor que fosse antes do orçamento desse próximo ano ser aprovado, e isto deve acontecer no máximo em uns dois meses, já meio perto da eleição. - David explicou o

que precisava. – Vamos ter que propor uma manutenção de recursos para estas áreas, e devemos usar para isto as necessidades dos projetos aqui na Terra... e coordenarmos isto com a Assembléia-Geral.

- Bom, eu não sei, não, David. Nós podemos até falar com a Senadora agora, mas eu duvido que ela vá pegar um tempo para isto nos próximos três dias, pelo menos. Acho que só na quinta-feira mesmo.

- Quinta vai estar ótimo, Zhaav, mas não podemos protelar demais, - David disse, se levantando da cadeira ao lado da mesa de Zhaav. – Mas, até lá, eu vou te deixar aí preparando a boca-livre para os Bajorianos, he, he. – Ele se afastou, enquanto Zhaav suspirava mais forte para demonstrar o seu desapeço pelo tom metido a engraçadinho do seu chefe.

#

 Cristina Stel passou levemente a mão sobre a página do livro que estava lendo, um épico Klingon intitulado *The Dream of the Fire*, para limpar a areia que caía no meio das páginas. O vento não estava forte, mas ainda assim estava ocasionalmente levando um pouco da fina areia da praia de Botafogo, no Rio de Janeiro, para cima das páginas do livro, que estava aberto em cima da areia, com Cristina deitada de bruços à sua frente, em uma toalha de praia. Ocasionalmente a Betazóide ficava deitada de costas, para bronzear também a frente de seu corpo. Embora estivesse vestida com um maiô, o traje era feito com fibras sintéticas que filtravam raios solares nocivos, ao mesmo tempo em que também permitiam um bronzeamento por debaixo do tecido, fazendo com que não houvesse nenhuma marca de sol em nenhuma região do corpo. 

A situação em que Cristina se encontrava não era nada incomum. Uma das políticas mais importantes da Terra, e candidata forte ao cargo de Embaixadora, estava no momento tranqüilamente deitada em uma toalha-de-praia, no meio de uma praia no Rio de Janeiro. O local não estava particularmente cheio, pois ainda era cedo, mas ainda assim havia vários banhistas e passantes ao redor daquele que era um dos locais favoritos da Senadora para se dar ao prazer de ficar tomando sol à beira do litoral da região onde passara a sua infância.

Esta situação tranqüila em que Cristina se encontrava dava-se ao fato de que a maneira pela qual o público em geral interagira com pessoas famosas mudara muito através dos séculos. Por muito tempo, indivíduos que por qualquer razão eram razoavelmente conhecidos tinham que também se acostumar a ser constantemente assediados quando em público, por todo tipo de razão. Com pessoas que eram extremamente conhecidas, este aspecto crescia ainda mais, a ponto de que era praticamente impensável para alguém em uma posição pública semelhante a de Cristina colocar o pé na rua sem atrair bastante a atenção.

Mas quatrocentos anos de evolução social ajudaram a criar uma população que era bem mais respeitosa acerca da vida particular de indivíduos que tinham fama, fosse por razões artísticas, políticas, ou qualquer outra. Muitos daqueles que passavam por ali certamente reconheciam Cristina, e tinham consciência de quem ela era. Tanto quanto estas pessoas também podiam reconhecer claramente que ela estava no momento em uma atividade pessoal, e que seria impolido a aborda-la apenas porque era a Senadora Stel ali. No momento, ela desejava ser apenas mais uma banhista aproveitando a manhã para relaxar em uma praia, para descansar de uma campanha que estava sendo desgastante. E também descansar de todas as atividades dos últimos dois dias.

Praticamente a menos de vinte e quatro horas, a Federação de Planetas Unidos havia sido acrescida de mais um membro, Bajor. As cerimônias e festividades aconteceram em



várias partes do planeta, e Cristina mesmo havia ajudado a coordenar três destas, e havia estado presente em outras três. Quando um novo membro é recebido na Federação, existem duas cerimônias principais, com várias outras acontecendo paralelamente. Uma das cerimônias principais trata-se de uma reunião especial de todo o Conselho da Federação, para uma votação de aprovação ao novo membro. Trata-se de mera formalidade; o real debate sobre a entrada do novo membro já haveria sido feito, e a decisão tomada. Esta votação serve para oficializar a decisão, e se empossar o Embaixador do novo membro em sua cadeira ao lado de seus demais colegas.

Isto feito, é realizada a segunda cerimônia principal, que ocorre em Paris, em plena Champs-Élysées. Nesta, a presença do público é sempre maciça, e é onde o Presidente da UFP fornece ao novo Embaixador as suas credenciais oficiais de representante do mais novo membro da Federação, e também onde ocorrem os discursos de posse do novo Embaixador e do Presidente da UFP. Isto tudo embalado em diversas apresentações, dando início a um festival cultural sobre o novo membro, com cinco dias de duração.

Neste festival é que ocorrem as diversas celebrações paralelas, por várias cidades da Terra. Os assuntos são variados, e tratam de diferentes temas da cultura do novo membro, como pintura, literatura, teatro, gastronomia, religião, arquitetura, artesanato, tecnologia, e muitos outros assuntos.



Nesta ocasião em particular, o tema não era realmente novidade para a Terra. A cultura Bajoriana já vinha sendo largamente difundida na Federação, especialmente de uma década para cá, quando a ocupação Cardassiana terminou e o buraco-de-verme Bajoriano fez com que o planeta se tornasse um ponto de referência importante do quadrante, bem como o seu ponto mais estratégico. Mesmo assim, o Festival Bajoriano tem sido um sucesso, tanto quanto foi a Cerimônia de Ingresso Principal.

Cristina havia estado nela também, é claro. Não muito bem posicionada, pois aparentemente o espaço reservado para o pessoal da Assembléia-Geral novamente deixou a desejar, como de costume, pensou Cristina. Ainda assim, a oportunidade foi boa para contatos, principalmente entre diplomatas Bajorianos os quais ela vinha ansiando por conhecer. E Cristina também não podia esquecer que acabou tendo mais companhia do que poderia desejar, com a Embaixadora Betazóide, Lwaxana Troi, acompanhando-a o tempo todo.

Isto não era algo indesejável, claro que não. Mas Troi tinha a tendência de se tornar um tanto inconveniente depois de um certo tempo. Cristina já estava acostumada a estas peculiaridades de Troi, é claro. Ela tinha que estar, pois podia vir a se tornar uma colega Embaixadora, e Troi iria ter em Cristina uma colega da mesma espécie no Conselho, ainda que representando outro membro. O que estava originalmente marcado para ser apenas uma reunião rápida durante a Cerimônia de Ingresso acabou se tornando uma maratona, pois Troi fez questão absoluta de que sua amiga Betazóide a acompanhasse quase o dia todo, até mesmo nas festividades as quais Cristina havia organizado. Cristina, é claro, não se fez de rogada – as duas conversaram muito a respeito da eleição, e Troi demonstrou um entusiasmado apoio à candidatura de Cristina, e garantiu que iria usar de sua influência entre os Humanistas para que eles se alinhassem com a candidata dos Progressistas neste pleito. Troi também dedicou bastante tempo a muitas outras questões, sobre Betazed, e sobre como a espécie delas duas estava recuperando o seu planeta-natal depois da guerra. Também descreveu longamente como a sua filha Deanna, sob o comando de "Jean-Luc", como ela dizia, lutara para a libertação de Betazed, e como agora a sua pequenina estava noiva do Primeiro-Oficial da *Enterprise*. Realmente as atividades com Troi acabaram se mostrando tão intensas quanto todas as demais atividades dos últimos dias.



Depois de tudo isto, Cristina sentia que precisava descansar. Logo de manhãzinha, deixou algumas coisas encaminhadas para Denise, Zhaav e Marcus cuidarem, e requisitou que não fosse perturbada pelo resto do dia. E agora podia tirar o restante do dia para relaxar.

A Senadora não estava realmente esperando ter companhia naquele momento, mas a jovem que se aproximou não tinha realmente como saber disto. Cristina notou rapidamente a aproximação, quando a sombra da garota cobriu o seu rosto. A Betazóide levantou os óculos escuros e viu a jovem ao seu lado. Do curto cabelo castanho-escuro desciam duas faixas de pintinhas seguindo pelo pescoço, e que desciam na direção das pernas passando pelos ombros, seios e torso, revelando a espécie dela, Trill. Ela estava vestida com um biquíni, com a parte debaixo parcialmente oculta por uma canga com motivos Bajorianos que balançava levemente ao vento.

Cristina não levou mais do que um par de segundos para perceber porque a Trill ali ainda não havia dito uma palavra desde que se aproximada dela, ficando apenas de pé ao seu lado, com um leve sorriso em sua direção. Cristina podia sentir perfeitamente que a jovem estava abrindo sua mente, permitindo livre acesso às habilidades telepáticas de Cristina cumprirem seu papel. Estava tão nítido isto que foi quase instintivo para Cristina. O que ela sentiu e absorveu a fez hesitar, contudo. Estava bastante claro, mas era algo espantoso, e ela também acabou ficando alguns segundos em silêncio, até que se deu conta de tudo.



- Da.. Dax...? – Cristina apenas disse, enquanto Ezri Dax levemente acenava com a cabeça, confirmando a suspeita de sua velha amiga.

#

A Trill e a Betazóide caminhavam agora lado a lado pela linha de água da praia, conversando. Anos antes, Cristina Stel havia tido a oportunidade de conhecer a hospedeira anterior do simbiote Dax, Jadzia. A oportunidade foi um seminário que Cristina ministrou na Academia da Frota Estelar, que contou com a presença da então cadete da Frota e aspirante a se tornar uma úmida Trill, ou seja, se unir a um simbiote. Cristina ainda lembra da primeira vez que reviu sua amiga já na condição de Jadzia Dax; foi uma experiência incrível ver aquele tipo de transformação em alguém, que era ao mesmo tempo a mesma pessoa de antes, mas com várias nuances a mais. E da mesma forma, estava sendo incrível passar por aquela mesma situação novamente, ao conhecer Ezri.



- Durante um bom tempo foi difícil para me adaptar, - Ezri terminava de explicar as circunstâncias que a praticamente forçaram a se juntar ao simbiote Dax, quando a nave que transportava Dax para Trill foi atacada por forças Jem'Hadar. Com os sistemas muito danificados, não houve muita escolha para a equipe médica a bordo a não ser colocar o simbiote imediatamente no único Trill disponível que havia a bordo, Ezri. Além disto, ela também relatou a Cristina tudo pelo que enfrentou em decorrência disto, pois nunca havia passado pelos anos e anos de preparação que um Trill enfrenta antes de se juntar a um simbiote. - Mas eventualmente eu consegui me adaptar, - Dax continuou. - Quer dizer, mais ou menos. Eu acho. Sabe, eu até mesmo acabei adiantando o zhian'tara, lembra quando eu te contei da última vez que nos encontramos?



- Sim, eu lembro, - Cristina respondeu. Ezri se referia a quando Jadzia fizera a mesma cerimônia, que envolvia cada uma de suas "lembranças" anteriores assumir o corpo de um amigo próximo, para que assim o Trill pudesse ter uma espécie de visita de suas vidas anteriores.

As duas continuavam a caminhar, já chegando no aterro do Flamengo, e durante todo o caminho ambas conversaram bastante sobre como havia sido para a jovem Trill se adaptar a sua nova e atribulada transição de hospedeiro.

- Mas eu acho que já falei demais, - Ezri finalmente disse. - Acho que você já notou que eu adquirei esta tendência, né? - Cristina sorriu com uma expressão irônica, que deixava implícito que a garota não estava errada, embora ela fosse se abster de dizer isto. Ezri pediu para que Cristina falasse um pouco sobre como as coisas na Terra foram, durante estes recentes e difíceis anos, e como têm sido as coisas no momento, com a eleição se aproximando. As duas mulheres então debateram vários temas pertinentes ao pleito, e um deles em particular, sobre o comércio exterior da Federação, fez com que Ezri tivesse uma idéia.

- Bem, talvez eu pudesse te ajudar a ampliar a sua base de apoio, Cris, - Mesmo depois de mais de uma hora de conversa, Ezri ainda estava hesitando um pouco em a chamar pelo diminutivo do primeiro nome, apesar de que ambas já estavam na base do primeiro nome uma com a outra há muito tempo, claro, apesar de ter sido com outro hospedeiro.

Considerando o tema sobre o qual elas falavam no momento, Cristina podia anteciper o que Ezri tinha em mente, mesmo sem usar de qualquer telepatia. E, de fato, Ezri sugeriu exatamente aquilo que ela imaginou, pois já sabia dos contatos que ela podia fazer.

- Sobre esta sua idéia de a Federação dever procurar estreitar os laços com a Aliança Ferengi, eu acho que uma palavrinha do Grande Nagus reforçaria bastante a sua posição nisto, Cris.

- Realmente serviria muito bem para demonstrar a validade da proposta, - Cristina respondeu. - Com todas estas reformas que o Grande Nagus está fazendo na sociedade Ferengi, é uma excelente oportunidade para a Federação e a Aliança Ferengi estreitarem seus laços comerciais; o apoio do Grande Nagus nisto seria um claro indício de que não se trata de jeito nenhum de retórica vazia. Agora, eu estou prevendo um certo frisson por causa de uma proposta assim, especialmente dos Humanistas... mas eu já puxei alguns fiozinhos com eles, e não acho que devo perder nenhuma base de apoio com isto. Você acha que consegue então entrar em contato com o Grande Nagus para conversarmos detalhes a respeito?

- Oh, sim, eu acredito que ele mesmo irá pedir para falar com você, e não apenas o Embaixador Ferengi. - Ezri sabia que Rom, o novo Grande Nagus da Aliança Ferengi, iria levar em bastante consideração um pedido seu. Afinal de contas, ela conhecia muito bem o atual líder dos Ferengis, uma vez que ela havia convivido com ele por um bom tempo na Deep Space Nine, onde se tornaram bons amigos. - Será ótimo eu poder ajudar em algo para que você possa se tornar a Embaixadora da Terra no Conselho. Eu sei que você será uma excelente Embaixadora... sabe, eu não estou registrada para votar na Terra, mas os O'Briens e Julian estão, - disse Ezri. - Com estes três votos eu sei que você pode contar.

- Obrigada, Ezri. - Cristina agradeceu, e repentinamente fez uma pausa na caminhada das duas. - Vamos fazer o seguinte, você não quer ir hoje à noite lá em casa? Nós vamos ter um jantar lá, e seria ótimo se você e seus amigos puderem se juntar a nós. - neste momento em particular, por "em casa", Cristina não se referia exatamente à sua casa em São Paulo, mas sim à casa de seus pais, no Méier. - Minha mãe irá adorar rever você também, e poder colocar as novidades em dia. E eu quero conhecer o Julian, pois pelo que eu posso sentir de você, ele deve ser um amor.

- Ah, ele é um doce, sim, você vai adorá-lo. Eu vou falar com ele e com o Chefe O'Brien, eu acho que vai ser ótimo podermos nos reunir. Eu só espero conseguir encontrar aqueles dois, pois eles devem estar metidos em alguma recriação de batalha histórica aqui na Terra, ou coisa parecida...! - Ezri riu. - Mas fica marcado... às duas mil horas está bom?

- Duas mil horas... oito da noite, certo? Está ótimo, Ezri. E então poderemos conversar mais, eu estava mesmo com saudade de poder falar com você.

- Fica marcado, então. - As duas mulheres se despediram, e Ezri deu um leve tapinha em sua combadge, que no momento estava pinçada na alça do biquíni na altura do seu ombro esquerdo.

- *Defiant*, aqui é a Tenente Dax, - a Trill disse. - Transporte site-a-site para São Francisco, Setor da Delegação Bajoriana. - com isto, Cristina observou a sua amiga desaparecer no efeito translúcido do teleporte.

#

- Scott, mas que saco, espera um pouco, pô!

Denise estava no momento pedalando com grande esforço, mas a ladeira que ela subia estava pedindo um preço alto em esforço por parte da híbrida humano-Romulana, já razoavelmente cansada. Ela e Scott Ross já haviam percorrido de bicicleta vários quilômetros através do Parque Fairmont, desde que haviam saído do apartamento de Denise na Germantown Avenue. Scott no momento já estava no topo da ladeira, e fez uma rápida curva para parar no acostamento da ampla ciclovia. Ele não conseguiu evitar de rir um pouco quando a sua namorada se contorceu toda para não deixar cair a mochila que continha os apetrechos e alimentos para o piquenique que eles tinham planejado para aquele final de tarde. A bicicleta de ambos era um modelo esportivo de alto desempenho, e Denise havia insistido em arrumar um jeito de fazer com que a mochila fosse na própria bicicleta, ao invés de nas suas costas — segundo ela, isto a atrapalharia para pedalar.

- Ê, mas eu ainda não sei porque você não leva esse raio desta mochila nas costas, Dê, - Scott disse assim que a garota o alcançou. - Embora a mochila parecesse estar mais no controle da bicicleta do que você, he, he...

- Guarda as tuas piadas engra... engraçadinhas para os teus amigos... tá...? - respondeu Denise, entre uma bufada e outra, para recuperar o fôlego. O casal pedalou por mais algum tempo, passando pelo setor do parque onde estava instalado o Centro Cultural Andoriano, e pela área da antiga Feira Mundial de 1876. O trajeto era especialmente propício para ciclismo, uma vez que diversas avenidas e ruas que séculos antes foram utilizadas por automóveis haviam sido adaptadas perfeitamente para bicicleta, hoverboards e outros veículos equivalentes. Scott e Denise terminaram o seu trajeto até uma das áreas reservadas para piquenique, a que era próxima à sede da Filarmônica da Filadélfia.

Não era todo final de semana que coincidia de ambos estarem de folga, e o casal queria aproveitar este para fazerem um passeio juntos, combinando uma atividade física ao ar livre com um jantar a dois. O final de tarde de sábado já estava se tornando começo da noite, mas a área de piquenique estava com um movimento razoável de pessoas, e como qualquer outra área no planeta, era extremamente segura de se estar a qualquer hora.

Scott caminhou até um dos replicadores públicos do parque para providenciar um saca-rolhas, pois ele havia esquecido de pegar o de Denise na casa dela. Ele deixou a transação marcada para ter crédito retornado, pois logo que abrisse a garrafa de vinho, ele retornaria o apetrecho de volta para o replicador reciclar a matéria-prima. Ele ficou tentado a replicar um padd no lugar, mas era certo que Denise o arremessaria dentro do Rio Schuylkill; ela não gostava nem um pouco de ter sequer alguns minutos de seu tempo livre com ele desviados para algum trabalho.

- Você tem que entender, Dê, - Scott dizia, confessando para ela o seu interesse em um padd, assim que estava novamente sentado ao lado de Denise, na toalha de piquenique. -



O Massif pediu para eu dar uma olhada na matéria dele sobre os problemas em Chin'toka... eu estou curioso para saber o que ele escreveu a respeito.

- Nada disso. Você pode ler a matéria dele depois que chegarmos em casa. – Denise retrucou. – Mas falando nisto, esta conversa toda que temos ouvido sobre Chin'Toka... é grave mesmo como andam falando?

- Aparentemente sim, - respondeu Scott. – Eu estive lá pouco depois de as forças aliadas reocuparem o sistema, após a queda final do Dominion. Dos territórios Cardassianos que viram mais combate, Chin'Toka é um dos que mais sofreu, talvez com exceção de Cardássia Prime.

- Bom, mas também, Cardássia Prime apanhou que não foi brincadeira, especialmente na batalha final. – a garota lembrou da ocasião em que as forças aliadas fizeram uma ofensiva final para derrotar o Dominion, que havia retirado-se para dentro do espaço Cardassiano a fim de se reagrupar e refazer suas linhas. Quando as forças Cardassianas se viraram contra seus aliados Jem'Hadar, estes não foram nem um pouco piedosos mesmo contra a população civil do planeta. Milhões acabaram perecendo antes que as forças aliadas conseguissem fazer o Dominion se render.



- Toda esta convulsão no último ano de guerra parece que mexeu bastante com a sociedade em Chin'Toka, - Scott especulou. – Eu tenho a impressão que se o governo provisório Cardassiano não fizer alguma coisa e rápido, ele pode começar a perder o controle neste setor. – Denise comentou alguns pontos extras, de como seria improvável que uma sociedade como a Cardassiana se desfizesse de suas tradições de sempre obedecerem a um poder central, fosse este civil ou militar, e então terminou de tomar o seu vinho, deitando-se na toalha de piquenique. Scott também terminou de tomar o restante de vinho que tinha em sua taça, e deitou-se ao lado de Denise, com ambos olhando para o céu estrelado.

- Sabe, - Denise disse, mais suavemente, - foi dali que eu vim.

Scott virou o olhar para a direção que Denise apontava. – Onde? Aquela estrela ali? – Scott perguntou. Ele conhecia muito bem a história da colônia de origem de sua namorada, mas nunca prestara atenção em qual estrela no céu terrestre o sistema estelar em questão poderia ser.



- Não, não essa... aquela outra ali, mais para a direita da Ursa Maior. – Denise corrigiu. Aquele era o sistema onde se encontrava Terra Nova, uma das primeiras colônias humanas fora de seu sistema solar, e hoje um próspero e desenvolvido membro da Federação de Planetas Unidos. Anos antes, um grupo de refugiados Romulanos, dissidentes foragidos que pediram asilo à Federação, foram realocados em Logan City, uma das cidades do hemisfério sul do planeta. E foi nele que Srtira Tylare, uma ex-oficial do Império Romulano conheceu Gary Mitchell, um jovem funcionário da Secretaria do Interior da Federação, que era um dos encarregados da realocação do grupo em Terra Nova; Gary era nativo do próprio planeta. Ambos rapidamente se apaixonaram, e depois que se casaram, Gary voltou a morar em Terra Nova, onde rapidamente se tornou um dos principais funcionários da Secretaria do Interior em Terra Nova.



Não demorou muito, e Denise se tornou a primeira das três filhas do casal. Srtira sempre fora bastante protetora sobre as garotas, pois não queria de modo algum que a sua herança Romulana se tornasse algum tipo de estigma para elas; ela já vira isto acontecer antes, fosse com filhos de seus companheiros Romulanos ou com outras crianças de outras espécies.

Mas tanto Denise como suas irmãs, Fernanda e Michelle, nunca tiveram grandes problemas. Na verdade, elas até sabiam tirar algum proveito disto. Certa ocasião, quando Denise ainda era uma adolescente estudando na Escola de Ensino Secundário Matthew





Deckecr, em Logan City, ela conheceu um garoto, chamado Fábio, que fora recém-transferido para sua classe, vindo de outra cidade em Terra Nova. Denise gostou dele, e ela podia perceber que o sentimento era recíproco, mas como ela sempre meio que gostou de se fazer de difícil, o garoto acabou pensando que ela fosse uma Vulcana. Denise ficou sabendo disto por uma amiga em comum deles, e decidiu por armar uma brincadeira para Fábio. Ela combinou com Satork, um vulcano que também era colega de classe dela, que quando Fábio viesse falar com ela como ela havia pedido para ele fazer, que Satork fingisse que Denise fosse sua "prometida", conforme algumas tradições Vulcanas de casamentos.



Satork não fez nenhuma objeção ao plano da garota, pois ele considerava como algo importante participar deste tipo de atividade humana, pois como um membro de uma sociedade na qual atividades deste tipo são comuns, ele devia estar predisposto a aceitar tais comportamentos sociais, para que assim pudesse interagir melhor com seus associados; um pensamento bastante lógico.

Como Denise havia pedido, Fábio veio falar com ela durante uma aula de educação física, e Denise então lhe disse que de fato estava a fim dele, e que eles podiam marcar um encontro. Nisto, Satork intercedeu e disse para Fábio que Denise era sua prometida. Mas, se ele de fato tinha interesse na garota, eles deveriam realizar o Kunut Kalifee, uma luta ritual em que dois homens lutam para decidirem quem irá realizar um ponfarr com uma Vulcana. Fábio sabia de passagem do que se tratava aquilo, o suficiente para conhecer a parte sobre "luta até a morte" da história, mas não teve muito tempo de recusar. Satork pegou dois bastões de luta, e arremessou um deles para Fábio, enquanto já fazia alguns movimentos de luta com o outro bastão. Enquanto Satork já começava a lutar contra um ainda relutante e espantado Fábio, uma rodilha de alunos se formou ao redor dos combatentes, com Denise e algumas de suas amigas tentando ao máximo não caírem na risada. Um dos amigos deles pediu para o computador da escola acessar o seu banco-de-dados pessoal, e tocar uma música para servir de acompanhamento, *Ancient Battle*, uma antiga marcha folclórica Vulcana que algumas vezes era usada para acompanhar tais embates.



A coisa toda não durou mais do que um par de minutos, mas foi o que bastou para dar assunto de comentários para toda a classe pelo resto do dia. Era perfeitamente compreensível que Fábio imaginasse que Satork falasse absolutamente sério; afinal de contas, a cara impassível dele durante a "luta" parecia deixar isto bem claro. Mas foi Denise quem não se agüentou. Ela caiu no chão rindo, e os demais colegas deles acabaram dizendo para Fábio que se tratava de uma brincadeira aquilo tudo. Ainda enxugando as lágrimas de tanto rir, Denise pediu desculpas para Fábio, confirmou que o encontro deles estava de pé, e comentou que aquilo era algo que podia se esperar de uma Romulana, afinal de contas. Fábio aceitou bem a brincadeira, e Satork pegou de volta o bastão de luta, também cumprimentando o humano ao dizer que ele ao menos soube se defender bem enquanto "lutavam".

A jovem se aproximou mais de seu namorado, o abraçando enquanto ele continuava a olhar na direção do vasto campo de estrelas no céu da Filadélfia.

- Dê, a distância daqui a Terra Nova é de 20 anos-luz, não? – ele repentinamente perguntou.

- Sim, - foi a resposta.

Scott continuou olhando na direção de Terra Nova por alguns instantes. – Seria legal se tivéssemos agora algum telescópio ótico com uma supermega resolução, - ele disse. – Com ele, talvez pudéssemos ver você com uns seis anos, na superfície de Logan City.



Denise se virou na direção de seu namorado. – Como assim? Eu não entendi.

- Simples, minha cara. Esta mesma luz que estamos vendo neste instante, - e Scott apontou novamente na direção da estrela que era o sistema natal de Denise – saiu de lá há cerca de vinte anos. Portanto, misturada em algum ponto desta luz está a imagem de como era o sistema todo coisa de vinte anos atrás... até mesmo as imagens de você quando tinha sete anos. Um telescópio ótico com resolução suficiente talvez pudesse captar estas imagens. – Scott explicou. Há muito tempo os cientistas da Federação abandonaram o uso em larga escala de observações com instrumento óticos para estudo astronômico, pois uma vez que toda a informação obtida por estes sistemas viaja na velocidade da luz, os dados coletados estão sempre desatualizados em relação à situação exata atual dos corpos celestes. Os sistemas e sensores modernos operam todos em frequências que podem viajar no subespaço, e portanto tornam possível a observação quase em tempo-real de astros, mesmo aqueles que se encontram a milhares de anos-luz de distância, ou mesmo milhões, como outras galáxias. Observações astronômicas das galáxias vizinhas à Via-Láctea já conseguiram determinar mesmo a existência de outras civilizações nestas galáxias, embora ainda existam limites práticos na propulsão de dobra que impessam a viagem intergaláctica.



Já em relação às informações geradas pelos sistemas óticos baseados em tecnologia convencional, estes dados em particular não possuem muitas aplicações práticas, como o estudo de novos planetas e na geração de cartas estelares, por exemplo. Contudo, a observação ótica continua a ser utilizada em alguns casos, como para a observação de corpos celestes a menos de um décimo de parsec de distância, e também é uma maneira relativamente fácil de se captar imagens de eras passadas. Contudo, estas "imagens do passado" não tem obviamente a pretensão de detalhismo sobre a qual Scott especulava no momento.

- Ahh... eu não acho não. – Denise disse, levando em consideração as limitações do processo ótico de observação. - O feixe de luz já deve ter perdido toda a resolução até chegar aqui, e não teria nenhum jeito de se definir tantos detalhes.

- Pode até ser, - Scott retrucou. – Mas você entendeu o que eu quis dizer, não? – ele se virou na direção de Denise, e passou a mão em seu cabelo. – Estamos vendo neste momento os mesmos raios solares que bateram nesta sua cabecinha quando você estava brincando no quintal da casa de seus pais... ou indo para a escola primária que você freqüentou...

- Ohhh... – a garota gemeu. – Que meigo... você quer saber como eu era quando garotinha? Hum?

- Você devia ser uma pestinha, isso sim, - ele respondeu, rindo, o que lhe valeu um leve tapa na cabeça. Scott conhecia bem a história do "Kunut Kalifee", bem como outras equivalentes.

- Pestinha o seu nariz, tá? – ela respondeu. – Mas, se você quiser, eu modifico uma das minhas holofotografias para rodar um programa de "pestinha", e te tranco com ela dentro de um holodeck, se você faz tanta questão... – Denise riu, tendo a mesma resposta de seu namorado, mas que rapidamente a interrompeu enlaçando-a em um beijo que fez com que os dois acabassem rolando por cima de alguns dos alimentos ainda na toalha.

#

Capítulo 6

Primeiros Contatos



O shuttle classe dois vindo da USS *Sagan* mal havia pousado ao lado do hangar, e uma equipe de seis homens se aproximou. O local em que se encontravam era a sede da Secretaria de Exploração Espacial da Federação, instalada no complexo em Houston que outrora fora conhecido como o Centro Espacial Johnson. A tripulação do shuttle o manobrou até uma das áreas de descarga do hangar, onde a equipe de Terra havia posicionado um hovercar para transporte de carga. Assim que a manobra terminou, a tripulação de dois oficiais da *Sagan* e a equipe da Secretaria de Exploração começaram a descarregar os seis contêineres contendo inúmeros artefatos alienígenas. O transporte havia sido feito por shuttle devido a algumas daquelas peças aparentemente serem feitas de algum composto que não reagia bem a teleporte, ficando com sua estrutura molecular muito fragilizada. A tripulação da *Sagan* havia perdido duas estátuas devido a este fator; uma quando da primeira tentativa de teleporte para bordo da *Sagan*, e a outra em algumas tentativas de se determinar as razões desta fragilidade à teleportagem. De qualquer forma, os laboratórios na Terra iriam ter mais recursos para encontrar uma calibração adequada para se ajustar o teleporte para aquele tipo de material recentemente descoberto.

Os seis contêineres foram então levados para o Edifício James T. Kirk, parte do complexo da SecExp, onde estava instalada a Agência de Monitoração de Espécies Subdobra, ou AMS, o órgão da Secretaria de Exploração Espacial encarregado do estudo, acompanhamento e monitoramento de civilizações pré-dobra existentes na região do espaço da Federação e em suas proximidades. A AMS, juntamente com a Frota Estelar, também era a responsável pela coordenação dos processos de Primeiro Contato com aquelas civilizações que demonstravam estarem prontas para tal evento. E aqueles artefatos que estavam sendo transportados no momento faziam parte dos resultados de mais um destes primeiros contatos.

O hovercar passou por diversos outros edifícios da Secretaria, alguns deles datando ainda da época em que aquelas instalações eram parte da antiga NASA. Assim que o hovercar chegou ao Edifício Kirk, os artefatos foram então descarregados na principal área de triagem e avaliação da AMS, onde dezenas de acadêmicos da Federação, dos mais diversos campos de

conhecimento, se preparavam para um estudo profundo dos artefatos, bem como de todas as demais informações obtidas pelas equipes de campo que realizaram aquele Primeiro Contato.

A equipe de campo em questão também estava presente, tendo vindo com a USS *Sagan*, a nave que serviu de centro de comando e controle para o Primeiro Contato. Em uma das salas de reuniões do edifício, eles todos estavam reunidos no momento com Raquel Trajina, a Secretária de Exploração Espacial, com Steve Qriton, o Rigeliano que era o Diretor da AMS, e alguns outros oficiais da Frota Estelar, incluindo a Capitã Sabrina Stuart, oficial-comandante da USS *Sagan*. Todo este pessoal estava no momento realizando o debriefing principal do Primeiro Contato, que realizou a apresentação oficial da Federação de Planetas Unidos para a espécie Akali, uma civilização em um sistema estelar a 78 anos-luz da Terra.

Faltando apenas alguns instantes para os trabalhos começarem, o representante do Conselho da Federação finalmente chegou. Timothy Duke entrou na sala, e rapidamente começou a cumprimentar todos ali, que estavam espalhados pelo recinto, conversando. O Embaixador dava um pouco mais de atenção em cumprimentar aqueles que ele ainda não conhecia, mas uma dos que o Embaixador já conhecia, Raquel Trajina, não parecia especialmente satisfeita em encontrá-lo.

Trajina percebeu que Duke estava acompanhado de Terawaki, e de outro de seus assessores que ela não sabia quem era. Ela se aproximou de Duke, que ainda estava falando com o Diretor Qriton. – Duke, meu caro, - ela disse. – O que está fazendo aqui? Onde está Kylan? - A Secretária de Exploração se referia ao Embaixador Klaestroniano, que havia sido encarregado pelo Conselho de ser o representante deste órgão da Federação nos trabalhos pós-contato.

- Houve um imprevisto, Trajina, - Duke respondeu, sorrindo levemente. – Kylan teve que ir às pressas até Klaestron para resolver alguns assuntos que surgiram lá, e o Conselho me encarregou de o substituí-lo. Não faça esta cara, - Duke falava enquanto se afastava de Trajina, para ir cumprimentar a Capitã Stuart. – Você sabe perfeitamente que eu estou mais do que habilitado para acompanhar este tipo de tarefa.

Substituir, pensou Trajina, ainda sem desfazer a "cara" a qual Duke disse com que ela estava. Ela podia muito bem imaginar que tipo de conchavo que Duke deve ter armado com Kylan para convencê-lo a ter que ir para o seu planeta-natal, e assim ceder a Duke a chance de ser o Embaixador a levar oficialmente as credenciais diplomáticas dos Akalis para o Conselho da Federação. E desta forma, ser o Embaixador encarregado de recepcionar a primeira comitiva Akali que eventualmente viria visitar a Federação.

Primeiro ele assegurou para si os trabalhos do ingresso de Bajor na Federação, depois meteu o bedelho no escarcéu que os Romulanos criaram devido às declarações de Stel, e agora isto, Trajina continuou a pensar. Era até mesmo uma audácia de Duke vir querer tirar uma casquinha dos esforços de sua Secretaria e da AMS. Afinal de contas, fora Duke um dos responsáveis por aquele departamento passar por uma situação extremamente constrangedora alguns anos antes, quando alguns funcionários seus da AMS tiveram que ser designados para trabalhar com alguns oficiais da Frota em uma missão secreta em Ba'ku. A polêmica toda que seguiu-se à crise em Ba'ku afetou a reputação da agência, pois em todo o período de observação não se conseguiu determinar que os Ba'ku já eram uma espécie que possuía capacidade de dobra, embora eles não a utilizassem. Foi uma mancada considerável, pois era uma informação fundamental a se conhecer sobre qualquer espécie. Mas todo o clima de segredo e restrições em que o Conselho e o Almirante Dougherty envolveram o projeto acabou minando a eficiência de seu pessoal, além é claro de os obrigar a trabalharem com aquele bando de salafrários que eram os Son'a; a coisa toda só pode ter acabado da maneira que acabou, realmente. Os comitês de investigação do Conselho apontaram para

inúmeras falhas e erros no processo todo, mas "convenientemente" parecem ter se esquecido de que foram eles mesmos, Duke incluído, quem aprovaram a idéia inicial de se trabalhar com os Son'a com a intenção de se estudar as propriedades medicinais do mundo Ba'ku.

Ela, contudo, não queria se preocupar demais com aquelas questões políticas no momento. Havia bastante trabalho a ser feito, trabalho este que envolvia todas as questões básicas de um Primeiro Contato com todas as suas peculiaridades. Estas peculiaridades sempre são bastante imprevisíveis, pois é algo até natural de se esperar quando uma civilização inteira descobre que não está nem um pouco sozinha na galáxia. Trajina se dirigiu ao seu lugar na mesa principal, seguida pelos demais, e deu início aos trabalhos. A primeira parte da reunião sempre é utilizada para se debater sobre como foi o procedimento de Primeiro Contato propriamente dito, se discutindo aspectos como reação inicial da espécie, receptividade ao pessoal da Federação, intenções iniciais da espécie frente ao fato de descobrirem uma civilização alienígena, e coisas do tipo. Os contatos com os Akalis foram bastante amigáveis. Embora a AMS já viesse acompanhando esta espécie há um certo tempo, o Primeiro Contato propriamente dito teve que ser antecipado em alguns meses, pois como alguns operadores da AMS descobriram, a segunda bateria de testes do protótipo da nave de dobra dos Akalis iria levá-los para um dos sistemas estelares vizinhos ao deles, exatamente onde a Frota Estelar tem várias estações de comunicação. Portanto, a recomendação da agência foi que se prosseguissem com o Primeiro Contato antes que os Akalis descobrissem por si mesmos este fato, o que poderia gerar mal entendidos.

Todo o Primeiro Contato tem suas particularidades, e este não foi diferente, como o grupo reunido ali pode constatar. Cerca de duzentos anos antes, a nave da Terra *Enterprise*, sob o comando de Jonathan Archer, já esteve estudando os Akalis antes, quando eles ainda estavam em uma fase pré-industrial. Archer conseguiu encerrar uma nociva interferência de uma terceira espécie alienígenas nos Akalis, mas no processo uma nativa do planeta acabou por descobrir a natureza alienígenas de Archer e seu grupo. "Proto Primeiros Contatos" como este não são incomuns na história, sobretudo nos séculos 21 e 22, e, ao menos neste caso, nenhum tipo de contaminação cultural grande ocorreu, gerando apenas algumas lendas esparsas na cultura Akali. Lendas das quais os Akalis finalmente tiveram a oportunidade de conhecer as reais origens.

Durante a reunião, Trajina notou que Duke se mantinha admiravelmente contido, por assim dizer. Ela esperava que ele fosse encrispar mais sobre qualquer pequeno detalhe do contato, mas ele não fez isto mais do que um par de vezes. Trajina sabe que Duke é um dos inúmeros defensores do conceito do Primeiro Contato, ainda que somente no que diz respeito à maneira pela qual esta política existe. Ele mesmo participar de alguma forma do trabalho é algo que ele nunca fez questão alguma, até agora, claro... e por seus motivos particulares.

Bem, certamente isto ao menos é melhor do que Wrotek Zirot considera. Na opinião dele, o Primeiro Contato não é nada mais do que imperialismo disfarçado, um movimento da Federação para conquistar corações e mentes de civilizações que mal estão se aventurando no espaço profundo. Certamente é uma posição equivocada, mas nada estranho em se tratando de Zirot, um comunitário que sempre advogou por uma Federação mais contida dentro de si, que deveria procurar desenvolver mais as colônias que cria, no lugar de tentar agregar toda e qualquer civilização como membro.

Trajina pensou por naquelas questões por mais alguns instantes, até o momento em que o debriefing inicial se encerrou. Deste ponto em diante, os diversos especialistas e acadêmicos iriam agora discutir entre si sobre os aspectos da cultura Akali no que dizia respeito às suas áreas particulares de conhecimento. O grupo então se dispersou, com o

peçoal de campo da AMS e da Frota acompanhando os acadêmicos para os locais onde as demais reuniões e análises do material dos Akalis iriam ocorrer. Duke e os demais conversaram entre si mais alguns pontos enquanto se despediam, e, antes de sair, o Embaixador não se incomodou muito em dispensar pouca atenção a Trajina, o que não pareceu incomodá-la. Ela não estava muito disposta mesmo a ter que dar ainda mais cortesia diplomática para Duke, não importa se ele era ou não um dos braços direitos do Presidente. Algo que poderia mudar logo, e para melhor.

Hum... acho que uma visitinha informal a Stel não faria mal algum... - A Secretária de Exploração Espacial pensou consigo mesma, e se retirou da sala de reuniões na direção do hangar principal.

#

O tráfego de passageiros embarcando nos Airtrans com destino a Long Island e o norte do estado de Nova Iorque estava aumentando, mas no momento a Grand Central Station ainda não tinha o seu pico de movimento do dia. Não que este pico tornasse o trânsito pelo local insuportável, claro. O início e final dos horários de trabalho na cidade variavam bastante, o que fazia com que não houvesse realmente uma hora do rush no sentido antigo da palavra. Mas como a Grand Central servia de hub para as pessoas que estavam se dirigindo para o norte da Nova Inglaterra e o Canadá, o movimento sempre era maior em determinados horários.

David e Marcos, contudo, não se encontravam ali para transporte, fosse por airtram ou teleporte. Eles sempre freqüentavam o Bolarus' Blues, um bar Boliano instalado em uma das áreas de restaurantes da Grand Central. Geralmente ambos passavam algumas horas ali depois de saírem de alguns dos longos períodos de trabalho na Assembléia Geral, e desta vez não era diferente. Marcos já se encontrava ali fazia alguns minutos, quando David chegou. Ele retirou o chapéu fedora e sua capa, um sóbrio modelo aberto e sem bolsos, e os entregou para o chapeleiro. Alguns garçons transitavam pelas mesas com bebidas, enquanto uma felinóide no palco cantava um arranjo em jazz Ktariano de *These Boots are Made for Walking*.

- Eu realmente não sei como você agüenta beber isto. - David disse, sentando-se na banqueta ao lado de Marcus, no balcão do bar. Marcus terminou seu gole e recolocou a garrafa de D'ff novamente no balcão.

- É melhor beber enquanto eles ainda não a tornaram ilegal novamente. - Marcus apenas respondeu, sorrindo levemente. David fez uma expressão indignada.

- Você está brincando...!

- Ora, pergunte para o Ben Warmet, - ele respondeu, se referindo ao amigo comum deles dois, um funcionário da Secretaria de Abastecimento da Federação. - Ele mesmo está tendo que preparar a documentação para o Conselho sancionar isto no mês que vem. - Marcus se referia ao projeto de lei que tornaria a cerveja Romulana novamente ilegal para se consumir na Federação. Alguns anos antes, o banimento desta bebida havia sido suspenso, em nome da aliança Federação-Romulana na Guerra Dominion. Com esta vencida, aparentemente o Conselho não via mais com bons olhos algo que este órgão mesmo havia sancionado.

Tão logo Rtriow, o barman Antoniano, trouxe a Silven Surprise que David pedira, ele tomou um gole. - Caceta... eu gostaria de saber se o Conselho não tem nada melhor para fazer a não ser legislar sobre frivolidades.

- Ora ilegaliza, ora legaliza, ora ilegaliza de novo... - Marcus respondeu, confirmando que concordava com o ponto de vista de David sobre a aparente indecisão eterna da Federação sobre se libera ou não o consumo de uma bebida que, fosse como fosse, era razoavelmente popular entre seus cidadãos.

Marcus olhou para o monitor LCARS instalado no fim do balcão, a alguns passos deles dois. No canto superior esquerdo ele pôde ver o horário, quatro para as sete. - Então, ele já te transmitiu os dados? - Marcus perguntou, mas sabia o que David iria dizer.

- Como se você não o conhecesse, - ele apenas respondeu, rindo levemente. Ambos conversaram sobre alguns assuntos pessoais por mais alguns minutos, até que David retirou um pequeno padd de seu bolso.

- Três, dois, um... - Marcus disse, olhando novamente para o relógio no painel LCARS, que agora mostrava serem sete horas cravadas. O padd na mão de David soou um beep intermitente, indicando que havia recebido um upload de dados criptografados.

- Eu imagino que Vortik deve ter nascido em órbita de um pulsar, - Marcus comentou a Vulcana pontualidade do colega deles, enquanto David já dava uma olhada nos dados transmitidos pelo Vulcano. Depois de alguns segundos, Marcus se virou para ele.

- E...

- E dê uma olhada você mesmo, - David desanimadamente entregou o padd para Marcus, aproveitando para tomar outro gole de sua bebida. Marcus olhou para os dados. O relatório continha a tabulação mais recente das pesquisas de intenção de voto para a eleição. E o quadro não era nada rosado para Stel. Na primeira seqüência, Duke estava com folgados 64 por cento das intenções de votos, enquanto a Senadora estava empacada com cerca de 13 por cento, acompanhada de perto por Wrotek Zirot, que também tinha quase 12 por cento, enquanto Ronaldo Triev e Willian Duarte ficavam com números abaixo de dez por cento. Nas segundas e terceiras seqüências a coisa melhorava um pouco, com Stel estando na frente de Duke em ambos: 45 por cento contra 13 do Embaixador na segunda, e 55 por cento contra 30 na terceira. O relatório continuava por mais algumas páginas, detalhando resultados por faixas etárias, espécies, regiões e outros atributos.

Mas estes números todos faziam com que no final das contas a eleição fosse ganha pelo Embaixador Duke, com um placar de 41 por cento contra 30 em seu favor. A forte posição de Duke em votos de primeira seqüência assegurava-lhe este resultado. Marcus e David concordavam plenamente que treze por cento na primeira seqüência era um número totalmente inaceitável, que eliminava completamente qualquer vantagem que eles podiam estar tendo nas demais seqüências, uma vez que o peso da primeira seqüência era de vezes três.

Marcus adquiriu a mesma face desanimada de seu colega, e lhe retornou o padd. - É... todo mundo parece comentar muito bem sobre nossa garota, mas não muitos estão dispostos a apostar nela logo de cara. Só isto pode explicar estarmos tão baixo na primeira, mas na frente na segunda e terceiras.

- Vários outros progressistas já enfrentaram o mesmo problema antes, Marcus, você sabe disto.

- E nem todos conseguiram resolver este problema, você também sabe disto. As vezes, é preferível você deixar o seu lado progressivo para desabrochar depois da eleição, com calma. - Marcus comeu algumas castanhas do Pará, que estavam em uma pequena tigela entre ele e David, e continuou. - Não lhe parece óbvio, David? Esta agressividade toda em que temos vindo não está dando os resultados que esperávamos que dessem. Os eleitores simplesmente não estão prontos para uma sacudida boa, ao menos não para o tipo de sacudida que Cris vem advogando.

- Pode ser, - David respondeu. - Pode ser. Mas estamos ainda no início, e eu acredito que... o efeito, vamos dizer, desta nossa estratégia ainda vai ser sentido. As coisas ainda não assentaram totalmente, os eleitores ainda precisam absorver o que Cris tem debatido. Duke está com esta bola toda apenas porque ele representa algo familiar para o público. Só precisamos mostrar que somos uma alternativa tão viável como segura. - David sabia que seu colega sempre preferia ver as coisas por um prisma pessimista. Ele tinha uma frase que David gostava muito. Marcus sempre dizia que *Eu sempre vou pela pior hipótese. Pois se a pior hipótese for na verdade uma hipótese até razoável, então ela é na verdade uma boa hipótese.*

David tomou mais um pouco de sua bebida e continuou. - Como você sabe, estamos ainda com o padd cheio de pontos para discussão para mantermos a campanha na ofensiva... você sabe que Cris tem mesmo um "q" a mais para tornar até o mais inofensivo tema em um debate bem feito.

- Realmente espero que seja o caso, - Marcus disse. - Meio que como as coisas piorarem antes de melhorarem. Afinal de contas, ainda temos algum tempo para revertermos o quadro. - ele é claro estava também sendo cauteloso na questão de tempo. Pois por "algum tempo", ele se referia aos quatro meses que os separavam ainda da eleição, uma vez que ainda era o final de janeiro, e a eleição iria ocorrer em julho.

- Com alguns ajustes, é certo que sim. - David lhe respondeu. - Os eleitores estão nos considerando como uma alternativa interessante, mas querem ainda continuar com a familiaridade que Duke representa. E afinal de contas, não tem jeito, - ele disse, decidido. - Se quisermos levarmos essa, temos que reverter a coisa na primeira seqüência. Não podemos ficar dependentes demais da segunda e terceiras.

- O que deixa agora a questão... - Marcus disse, antecipando o que seu colega iria dizer.

- Dois ou um ou purrinha? - David respondeu, sorrindo cinicamente. Era o momento de eles decidirem de quem seria a vez para ir reportar para a Senadora os resultados do relatório de Vortik. E seria uma consequência desta tarefa acabar tendo que ficar com Stel até sabe-se lá que hora, primeiro debatendo furiosamente com ela sobre as causas do resultado, e mais um tanto de tempo planejando meios de se reverter tal resultado. Não que estas tarefas fossem indesejáveis, longe disto. Mas em momentos de crise, Cristina parece que entrava em dobra, trabalhando freneticamente, e quase levando seu pessoal à loucura no processo. Ela às vezes até mesmo se esqueciam que a maioria deles não eram telepatas, e começava a transmitir psiquicamente informações para eles, o que acabava valendo-lhe uma série de apelos para ir mais devagar. Mas ela quase não conseguia evitar. Cristina ficava muito excitada em resolver tais crises, e enquanto as coisas não lhe parecessem bem encaminhadas, ela não sossegava.

Certa vez, em uma festa de fim-de-ano dos Parkers, em que ambos David e Marcus estiveram presente, Eduardo Parker até mesmo agradeceu a ambos por agirem como "co-maridos" de sua esposa. Eduardo explicou para eles que os dois acabavam servindo de "buffer", no qual Cristina podia descarregar toda sua carga de adrenalina e excitação do trabalho, fazendo com que ela chegasse em casa calma e tranqüila como um tribble. David e Marcus tinham intimidade o suficiente com Eduardo para poderem responder com a piada de que, em troca, eles gostariam de assumir certas outras "tarefas" como co-maridos, portanto. A isto, Eduardo disse que poderia até pensar no assunto, no caso de ele não agüentar tais tarefas quando Cristina atingisse "A Fase", um período de alto libido em mulheres Betazóides de meia-idade.

Mas, por fim, ambos decidiram ir juntos discutir o tema com a senadora. Havia trabalho adiante deles, e a não ser que ambos pretendessem abrir mão de poder transferir seus gabinetes para São Francisco, não tinham o que ficar esperando muito, ali.

#

O imponente salão de conferências na Universidade de Greenwich já estava pronto para receber mais um dos debates entre alguns candidatos da eleição, e no momento, o staff destes respectivos candidatos estava terminando os últimos preparativos junto à equipe da Universidade encarregada do evento. O público participante já estava começando a tomar os seus lugares, enquanto conversavam entre si, especulando como se desenrolaria o evento a seguir. A maior parte do público era composta pelo corpo docente de Greenwich e seus estudantes, mas também estavam no local inúmeros políticos londrinos e da União Européia, bem como diversos jornalistas e outras pessoas presentes.

Stel caminhou pela ante-sala do salão do debate até uma longa mesa, onde estava disponível um razoável buffet de café-da-manhã para os participantes do debate e para o pessoal que estava trabalhando na sua organização. A Betazóide olhou em volta da mesa e escolheu uma fatia de bolo Tarvokiano. Havia apenas mais uma pessoa também se servindo no momento - e tanto Stel como este outro cidadão ficaram em silêncio durante alguns segundos, antes de finalmente darem conhecimento de que sabiam exatamente de quem o outro se tratava.

- Embaixador. - Cristina Stel disse em um tom leve e respeitoso.

- Senadora. - Timothy Duke retribuiu no mesmo tom, que também não deixava de ter uma pequena dose de ironia.

Ambos estavam ali na Universidade de Greenwich para mais um dos vários debates e palestras que estavam ocorrendo pela campanha. Como muitos outros debates, este também teria um tema central, que seria sobre o papel do Conselho da Federação e das demais instituições da Federação no desenvolvimento cultural dos planetas-membros, em particular sobre aqueles recém ingressos na organização, como Bajor. Que impacto isto poderia trazer sobre estas civilizações, e qual seria o efeito recíproco para a Federação.

Este debate em particular também tinha uma particularidade interessante, que seria o primeiro a ter a participação simultânea de Stel e Duke. Eles já haviam participado de inúmeros outros com os demais participantes da eleição, mas com ambos ao mesmo tempo ainda não havia acontecido - e certamente este não seria o último, muito pelo contrário.

- Confio que as coisas no Conselho estão correndo suavemente, Embaixador? - Stel perguntou.

- Eu a levo para dar uma olhadinha, se você prometer não tocar em nada, - ele respondeu, rindo levemente.

- Não posso prometer, pois estou particularmente interessada no mobiliário de lá... uma cadeira já me caíria muito bem. - Stel retrucou, também rindo levemente. Embora esta fosse a primeira vez que eles se encontravam desde que se tornaram adversários eleitorais, ambos já haviam se encontrado algumas outras vezes. A última delas havia sido na comemoração do Dia de Primeiro Contato do ano passado, quando ambos atenderam às festividades nas montanhas de Montana. Eles costumavam ter uma interação particularmente agradável, embora fosse bastante comum ambos divergirem de opiniões em diversos assuntos, e defenderem seus pontos de vista com paixão. Stel estava antecipando alguma dose de rivalidade ser adicionada nesta mistura, e na verdade, ela estava ansiosa por

isto. Duke não iria decepcioná-la, como ela própria já podia imaginar. Se ao menos houvesse uma maneira de fazer a balança pender um pouco para o seu lado...

- Não tem como eu não o felicita-lo, Embaixador, pelos bons resultados que vem demonstrando nas últimas pesquisas, - Stel comentou. Duke terminou de passar a geléia de uttaberries no pequeno croissant que segurava, e agradeceu de volta antes de comer.

- Não deixei de notar que você se posicionou muito bem como o "Plano B" do público, Stel. Embora eu deva confessar que o Plano A deles está bem seguro de acontecer. - ele não evitou sorrir.

- Sabe, - Cristina disse, adquirindo um ar pensativo, enquanto fazia uma pausa para terminar de engolir um pedaço de bolo. - Várias pessoas na minha equipe estão com um gagh atrás da orelha com os meus níveis de votos da pesquisa atual. Alguns deles acreditam que esta minha maneira de realizar a campanha está me comendo pela perna. - Stel se aproximou de Duke, e torceu a cabeça em um gesto inquisitivo. - Qual é a sua opinião, Embaixador?

- Você está perguntando para mim o que eu acho sobre isto? - Duke disse, e ficou em silêncio durante alguns segundos. - Bem, acho que esta sua iniciativa não é realmente algo tão estranho assim, afinal de contas. - ele disse, mais para si mesmo do que para ela, acompanhado de um maroto sorriso. Cristina sabia muito bem o porquê deste sorrisinho, embora ela não tivesse feito esta pergunta devido àquele motivo em particular. A Betazóide tinha consciência de que Duke estava sorrindo por o humano saber muito bem que, com ele, Cristina não poderia valer-se de nenhum tipo de truque mental ou telepático para descobrir o que Duke estaria pensando neste momento.

Este tipo de resistência mental é algo que altos funcionários da Federação aprendem a fazer com algum treinamento básico ministrado por conselheiros de algumas das espécies telepatas membros da Federação, como os Vulcanos e Betazóides. Este programa foi introduzido depois que muitos funcionários e oficiais da UFP acabaram cedendo a interrogatórios mentais em ocasiões no passado. Este treinamento não é tão sofisticado como o treinamento que os Cardassianos costumavam fornecer aos seus agentes da antiga Ordem Obsidiana, que fornecia a estes agentes uma resistência praticamente Ferengi a incursões mentais, mas de qualquer modo, trata-se de uma habilidade bastante útil para quem pode sempre acabar encontrando oponentes que, de outra forma, poderiam facilmente adquirir informações que seriam prejudiciais em alguma negociação, por exemplo.

Duke em particular utilizava o que telepatas costumam chamar de "defesa em profundidade", ou seja, a pessoa não impede realmente o telepata de entrar em sua mente; ao invés disto, a pessoa controla o fluxo de informações ao telepata de tal modo que este é sobrecarregado de informações irrelevantes ao que procura, confundindo assim o telepata. É uma técnica particularmente difícil, mas Duke se tornou excepcionalmente hábil em usar estes métodos a ponto de ter uma resistência excepcional a qualquer tipo de incursão mental. Stel realmente não fez a pergunta por eventualmente não conseguir ler diretamente a resposta dele, é claro. Cristina não tinha o costume de ler diretamente a mente de seus interlocutores, embora admitisse que já fizera isto antes. O que ela ficava desgostosa em particular a Duke é que com o seu treinamento, Duke também era bastante invulnerável até mesmo para ela poder sentir emoções dele. Seria um bom adversário para pôquer, Stel pensou.

- Bem, minha cara Senadora, - Duke finalmente disse. - Eu devo admitir que seu método incomum de campanha pode ser uma d'ktahg de dois gumes. A insistência nele pode lhe custar mais do que seria saudável para as suas pretensões.

- Retirando todo este seu verniz diplomático, você quer dizer que se eu não tomar vergonha eu vou quebrar a minha cara, não é? - Stel respondeu.

- Essa é uma maneira de colocar a coisa, - Duke admitiu. - Sabe, em muitos aspectos você me lembra alguns Bajorianos que conheci nesta ocasião da admissão deles na Federação. Sem meias palavras.

- Bajor... - Stel disse, enquanto parecia pensar em algo. - Estou certa de que você terá bastante a falar sobre eles neste debate, não? Sobre sua cultura, sobre sua espiritualidade...

- Essa é a idéia, - Duke confirmou.

- E não só sobre a espiritualidade Bajoriana, mas de toda a Federação, claro. - Stel continuou, o que fez o Embaixador perceber que ela estava tentando direcionar a conversa para algo em particular. *Aparentemente, esta Betazóidezinha não dorme em serviço*, pensou Duke, que estava curioso para ver o que ela tinha em mente. - Sem dúvida, Stel, - ele finalmente respondeu.

- Então tenho certeza de que poderemos discutir sobre como a sociedade federativa será influenciada com a natureza e os conceitos que Bajor tem em relação às entidades alienígenas que habitam o buraco-negro... os Profetas, não? - Era apenas uma pergunta retórica, e Stel não esperou Duke dizer nada. - Eu tenho muitas questões a se debater sobre eles, e sobre outros alienígenas desta natureza, como aqueles que habitam o... como era mesmo... ah, sim, claro. O Contínuo Q.

Duke ficou em silêncio por vários segundos, coisa que não é de seu costume fazer, pois sempre entra com algo a dizer, mesmo que seja pego desprevenido por alguma afirmação. Mas neste momento, ele não conseguiu evitar de ter que pensar um pouco sobre o que acabara de ouvir. Estaria Cristina com a intenção de trazer o assunto Q à baila da discussão que eles estavam para ter dentro de cinco minutos? Cristina parecia saber do que estava falando, pensou Duke, apesar de ela estar dando uma de sonsa a respeito dos Profetas e dos Q, e também antecipava que ela estava querendo dar tintas teológicas ao assunto. Ele sabia que Stel também era uma agnóstica, mas não muito mais além disto, e não tinha realmente como especular sobre de que maneira Stel iria abordar a questão.

De uma maneira geral, grande parte da população da Federação de Planetas Unidos, e principalmente da Terra, não era seguidora de nenhuma religião formal, ou mesmo acreditava em um Ser Divino com as características mitológicas de um deus. Centenas de anos de evolução científica colocaram por terra inúmeros mitos e crenças antigos da humanidade e que, com o seu grau avançadíssimo de educação e desenvolvimento social, conseguiu superar todas as suas antigas superstições e mitos. Contudo, isto era válido apenas para a grande maioria da população, mas não certamente toda ela. Ainda existiam muitas pessoas no planeta, humanas ou não, que seguiam uma religião ou algum outro tipo de espiritualidade pessoal.

Desta forma, a Federação de Planetas Unidos, construída em cima de sólidos valores democráticos, era uma sociedade onde a livre crença em qualquer tipo de religião era algo assegurado ao cidadão. Mesmo alguns poucos membros da Federação ainda tinham boa parte de suas populações seguindo antigas religiões, e outras com diversos outros tipos de misticismo, e mesmo grandes sociedades da Federação como os Vulcanos ainda tinham teorias teológicas em estudo. Mas, de maneira geral, o tema "religião" não era amplamente debatido na sociedade, e isto devia-se em parte não apenas à evolução desta sociedade em si, mas também ao próprio governo da Federação. Embora totalmente livre, a prática religiosa não era nem um pouco estimulada, e qualquer estudo ou pesquisa referente a isto, quando havia, era tratado como algo de conhecimento antropológico, e, portanto, de cunho científico.

E agora ali estava Stel, não apenas querendo discutir a influência religiosa que outras espécies alienígenas podiam trazer à Federação, mas querendo fazer isto exatamente com os

Q. Em tempos remotos, não havia a menor dúvida de que Q seria visto como uma divindade entre os humanos, e segundo constava, isto até acontecia entre algumas outras sociedades fora da Federação. Os poderes onipotentes desta espécie, somada às suas personalidades imprevisíveis e arrogantes, certamente os encaixavam dentro dos padrões necessários para classificá-las eles de "Deuses", como as divindades do antigo Olimpo, por assim dizer.

Mas esta classificação, adequada que fosse, não era nem de longe o suficiente para mudar a opinião oficial da Federação sobre o Contínuo Q, ou seja, a de uma espécie alienígena como qualquer outra, mas que atingiu um grau de desenvolvimento a tal ponto sofisticado, que adquiriram tais... poderes divinos. A relação da Federação com os Q, portanto, deveria ser encarada pelo povo da mesma maneira como a relação com qualquer outra espécie, ou seja, a relação entre entidades conscientes e inteligentes, e jamais como a relação entre fiéis e divindade.

Não que o Contínuo Q tivesse o mesmo ponto de vista, claro. Ou sequer o mesmo interesse, uma vez que, segundo as observações da *Enterprise* e demais pessoas da Frota que já encontraram estes seres, o interesse dos Q na humanidade é largamente marginal, com os Q encarando-os apenas como réles entretenimento casual.



Mas por improvável que fosse, os Q também eram encarados pelo Conselho como uma ameaça em potencial, pois não havia a menor dúvida de que a sociedade dos Q poderia facilmente varrer do mapa a Federação. Portanto, o assunto Q sempre foi tratado com discrição, e embora não fosse um tema secreto, poucos na Federação e na Frota conheciam esta espécie a fundo. Duke sabia que uma destas pessoas certamente era Stel, uma vez que ela aparentava saber exatamente o que estava fazendo, e jamais tocaria no assunto se estivesse despreparada. Duke estava surpreso, mas certamente não preocupado, pois tinha confiança de que poderia gerenciar qualquer situação que daquilo surgisse. O assunto Q afinal, não tinha toda esta discrição devido a eventualmente entrar em uma área de discussão teológica, não se tratava disto. Tratava sim de evitar que o tema se tornasse um debate excessivo pela Federação, levantando não só temores por entre a população, mas também levantando o interesse dos próprios Q, que poderiam começar a se interessar mais do que seria aconselhável pela Federação.

Mas era bastante provável que seria exatamente com aquilo que Stel queria mexer, com os aparentes poderes ilimitados de algumas espécies alienígenas, com a natureza mística dos "Profetas" Bajorianos, com a onipotência dos Q, e com a relutância do Conselho em sequer admitir que os Q seriam algo muito maior do que o pouco que o público em geral sabe sobre ele. Realmente, não havia dúvidas de que Stel estava com isto adiantando um ponto que poderia vir a ser bastante polêmico no debate a seguir.

A Senadora observava o Embaixador também em silêncio. Seja lá qual fosse a reação que ela havia provocado em Duke, ela sabia que poderia vir a servir em seu favor. Em um primeiro momento, parecia ser tolice ela antecipar ao seu adversário um dos pontos do debate que ela tinha intenção de mencionar. Mas isto não tinha nada de tolo. Stel queria que Duke pensasse no assunto antecipadamente, mais e mais, o quanto ele pudesse. Pois assim, toda esta antecipação poderia fazer com que o treinamento dele no estilo "defesa em profundidade" ficasse mais amolecido, por ele não conseguir tirar o assunto da cabeça. E, portanto, emanar algumas emoções a mais do que só este semblante Vulcaniano que ele consegue colocar em seus debates diplomáticos. E também servia de resposta a Duke considerar que "se ela não tomar vergonha vai quebrar a cara", mesmo que ele utilizasse o seu próprio estilo formal de dizer.



- Stel, não faça isto, - aconselhou Duke, procurando combinar uma expressão de censura às intenções da Betazóide com um sorriso cínico de quem sabe que pode lidar com a situação.

- Não? Pois fique olhando. - Stel apenas respondeu, enquanto caminhava na frente do Embaixador, com ambos saindo dos bastidores para entrarem na câmara de debate principal, já com todos os ocupantes presentes, e os aguardando para darem início.

#

- Droga.



Um suspiro mais forte seguiu-se a esta exclamação, e Oryza Zgouridy, a Secretária de Educação da Federação, olhou para o teto de seu gabinete, localizado em Viena, Áustria. A Cignetiana estava no momento acompanhada de dois membros do seu staff, Jack Silver, Sub-secretário encarregado de Pesquisas Pedagógicas, e de Andréia Mtryev, a felinóide que era a Chairman do Comitê Educacional de Integração Federativa, ou seja, o órgão responsável por coordenar as diretrizes básicas de ensino para os membros da Federação de Planetas Unidos. Ambos haviam trazido para ela o primeiro relatório de campo do pessoal do CEIF que fora até Bajor, e como de costume, este relatório inicial se encaixava perfeitamente naquilo que os três haviam antecipado.



- Porque será que toda, mas toda a vez que um novo membro se junta à Federação, tem que ser exatamente conosco a surgir a primeira rusga? - Oryza lamentou, ainda que estivesse mostrando um sorriso. Afinal, não era realmente a primeira vez que este tipo de problema ocorria. Dentre os inúmeros projetos que tem início tão logo um novo sistema entra na Federação, um deles é de se ajustar a grade curricular do sistema de ensino do novo membro, fazendo com que esta grade esteja de acordo com algumas regras básicas educacionais comuns a toda a Federação. Neste momento, as autoridades educacionais Bajorianas, bem como diversos outros líderes locais, estavam fazendo severas restrições a que o Inglês Federativo se tornasse matéria mandatária no currículo escolar Bajoriano. De qualquer modo, tanto Oryza como eles dois ali já haviam previsto isto, pois isto é bastante comum de ocorrer.



- Bem, Oryza, acho que nós deveríamos é agradecer "aos Profetas" que eles só reclamaram disto, na verdade... não, minto. Tem mais, também... - e Jack reviu o padd do relatório, mas Mtryev se adiantou ao seu colega.

- Eles estão relutantes também de permitirem que o ensino religioso se torne facultativo. Para falar a verdade, foi a isto que o clero Bajoriano e os políticos mais conservadores do planeta fizeram o protesto. Os grupos mais liberais se mostraram contra o ingresso do Inglês no currículo.

- Esse pessoal parece nunca ler a linha pontilhada do acordo se entrar na Federação, não? - Oryza comentou, genericamente se referindo a membros recentes da UFP. - Quero dizer, eles realmente acham que aprender Inglês vai fazer com que eles percam a sua identidade cultural, quando na verdade isto no final das contas até ajuda a reforçá-la, uma vez que eles poderão com isto passar a difundir a sua cultura através das outras sociedades de nossa nação.

- E a crítica mais comum foi a de que não há um pingo de necessidade de se aprender Inglês, pois "é para isto que tradutores universais servem"... - Mtryev citou uma das autoridades Bajorianas que recepcionara o seu pessoal.

- A crítica mais batida, você quer dizer, né? É exatamente o que todo mundo diz. - Oryza confirmou. - Nestas horas todos põem uma confiança cega em tecnologia. Mas

nunca ninguém lembra que se dá algum pirepaque nos sistemas de tradução, uma eventual reunião de várias pessoas de membros diferente da Federação poderia literalmente virar uma Torre de Babel. - Ambos os membros do staff de Oryza concordaram com sua comparação. - Bom, fora isto, eles têm mais alguma reserva a fazer? - a Secretária perguntou, e Silver repassou novamente os dados no padd.

- Não, Oryza, os demais pontos foram todos aceitos, sem problemas... na verdade, muitos deles já haviam até sido implantados de uma forma ou de outra, através das várias equipes da Federação que estiveram ajudando a reconstrução de Bajor nos últimos oito anos, desde o fim da ocupação Cardassiana. - Silver comentou.



- Mas no que disse respeito a idioma e religião, eles deixaram bem claro que não aceitam mudanças.

Oryza pensou por alguns instantes a respeito do que havia previamente estudado sobre Bajor. Sem dúvida se tratava de uma sociedade bastante espiritual, e com um senso de nacionalidade muito forte; uma combinação dura de se amolecer. Mas ela havia tido a esperança de que o ingresso na Federação faria com que estes fatores não se mostrassem obstáculos para a implementação das políticas educacionais federativas em Bajor. Afinal de contas, a sua Secretaria é uma das mais preocupadas em resguardar a identidade cultural dos membros, mas no final das contas é a que acaba tendo que sofrer o papel de bode expiatório para os primeiros desentendimentos que acontecem entre o novo membro e o governo Federativo. E, como sempre, não dá para se contar demais com a ajuda do Conselho. Eles raramente estão dispostos a fazer a pressão necessária ao novo membro, para evitar quaisquer problemas em seu relacionamento diplomático. E, portanto, estas batata-quentes acabam tendo que ficar com o pessoal de campo.

Apoio do Conselho para a implementação destes projetos, Oryza pensou. Não deixa de ter sido conveniente que alguns dias atrás ela tenha assistido ao vídeo do debate entre Stel e Duke, que entre outras coisas tratou exatamente sobre questões espirituais do povo Bajoriano, e como isto se relaciona ao restante da Federação. Ela ficara muito satisfeita em ver as posições de Stel a respeito deste tema em geral. A sua colega, a Secretária Raquel Trajina, havia confidenciado sobre o encontro que havia tido com Cristina Stel, alguns dias atrás. Trajina disse que Stel se mostrava bastante aberta a alianças, especialmente dentro do gabinete de Inyo. Certamente é muito cedo para se poder contar com a ajuda de uma eventual "Embaixadora Stel", mas certamente isto seria bastante útil em situações semelhantes no futuro. E além de tudo, Stel era uma mulher que viera da comunidade educacional, tendo tido ela mesma um cargo equivalente ao de Oryza, no Rio de Janeiro. Trajina realmente pode ter razão em um eventual apoio a Stel.



Mas, no momento, há estes temas pendentes que precisam de atenção. Certamente será necessário dar início em Bajor a um debate amplo a respeito destes temas, e para isto, o CEIF irá precisar de todo o apoio que a Secretaria puder fornecer.

- Andréia, você está com viagem marcada de volta a Bajor, não? - Oryza finalmente perguntou.

- Sim, eu devo voltar para lá na semana que vem.

- Algo em mente, Oryza? - Jack perguntou.

- Sim... eu quero que você reveja a sua agenda, Andréia. Verifique com o seu pessoal se é possível você esperar mais alguns dias até a sua volta. Jack, eu quero que você adiante algumas coisas para a minha agenda, e prepare a sua para ficar no meu lugar por um par de semanas.

- Então você... - Jack especulou, mas a Secretária se antecipou a ele.

- Eu estarei indo para Bajor.

#

#

#

#

- Computador, mostre a atualização mais recente do *La Federation*, - Amanda Jrovit ordenou, enquanto observava o console na mesa de Massif, um de seus analistas que estava encarregado da pauta relativa a crise em Chin'Toka.



A editora-chefe do *Inquirer* estava ali juntamente com Massif, além de Scott Ross, e Jtron, o Boliano que era chefe da editoria extrafederativa. Todos estavam agora assistindo à matéria que o *La Federation* acabara de divulgar, em uma edição especial. No início do dia, haviam informações conflitantes sobre uma escalada na crise interna do sistema Cardassiano de Chin'Toka, mas agora o pessoal do *La Federation* conseguira a confirmação de que uma Lei Marcial havia sido decretada em todo o sistema, em resposta aos grupos setoriais da colônia terem levado às últimas conseqüências suas ameaças contra o Conselho Detapa. Esta resposta deu-se na forma de uma greve geral, decretada em todo o sistema, e a qual teve a adesão de quase 80 por cento da força produtiva de Chin'toka, incluindo uma boa parte da burocracia oficial.



O mero conceito de greve é de muitas formas algo completamente estranho na cultura Cardassiana, que valoriza sobremaneira a disciplina e lealdade a um governo central forte. Contudo, em função da profunda crise política, econômica e social do pós-guerra, a equação toda da crise em Chin'Toka também tinha que considerar algumas rixas e problemas fundamentais que estavam surgindo entre esta colônia e os setores mais internos da União Cardassiana. Atualmente, quase tudo era possível de se acontecer, e muitos temiam que o que estava ocorrendo em Chin'Toka poderia facilmente se alastrar pelos demais setores da União Cardassiana, e na verdade, este processo estava começando a ocorrer.

- Na verdade, eu estou até admirado em como demoraram para federalizarem de vez o governo provinciano local, - Jtron comentou, enquanto as imagens dos protestos em diversas cidades de Chin'Toka Prime eram exibidas. Uma delas mostrava um Cardassiano, discursando para uma multidão agrupada à frente do que parecia ser uma instalação de indústria química.

- Quem é ele? - Amanda perguntou, para ninguém em particular.

- Trovez, - respondeu Massif. - Ex-Gul, veterano dos conflitos entre a Federação na década de 50, e fez parte do gabinete de administração de Chin'Toka, durante a aliança deles com o Dominion, até quando o sistema foi tomado por nossas forças. Ele desapareceu na confusão subsequente que ocorreu, e durante algum tempo foi dado como morto. Com o Dominion já controlando diretamente boa parte de Cardássia, ele se manteve na clandestinidade mesmo depois de o Dominion recuperar o sistema, e posteriormente se juntou ao grupo de resistência criado por Damar. Após a queda final do Dominion, ele e alguns de seus associados criaram um grupo de oposição local.



- Mas se ele se alinhou ao pessoal ligado a Damar no final do conflito, porque ele está agora tão radicalmente contra o governo de Lang? - Jtron emendou à pergunta de Amanda.

- Bem, exatamente por isto. Ele considera que o Comando Central é que deveria ter de volta o seu poder sobre a união, e não o Conselho Detapa. Ele se recusou a participar do gabinete de Lang.

- E além do mais, o grupo dele é de cunho fortemente nacionalista, - explicou Ross. - Não é apenas Trovez que faz parte dele, mas também muitos outros Cardassianos de origem quigoliana. - Ross se referia a uma das principais etnias Cardassianas da qual era composta a população do sistema de Chin'Toka. - Os quigolianos consideraram que com Trovez fora, a

voz que eles teriam no governo central seria ainda menos considerada... desta forma, eles estão querendo maior autonomia.

Cerca de sete séculos antes, vastas áreas do quadrante Alfa foram colonizada por Cardassianos, vindos em missões de exploração e colonização. Todo este fluxo de migração Cardassiano deu origem a várias sociedades distintas, originárias destas primeiras colônias. Uma destas sociedades foi a Quigoliana, que surgira em volta de vários sistemas estelares colonizados por imigrantes desta etnia de Cardássia Prime. Os quigolianos logo desenvolveram e expandiram a rica cultura da qual haviam se originado. Contudo, com a militarização pela qual Cardássia Prime passou desde a época equivalente ao século 19 terrestre, as diversas sociedades independentes que haviam surgido foram uma a uma engolfadas em um vasto império que deu origem à União Cardassiana. O sistema estelar de Chin'Toka era um daqueles no qual os quigolianos haviam se instalado, embora não fosse o seu principal, e um dos que se tornou apenas mais uma província do Estado Cardassiano. Portanto, a maior parte da população Cardassiana destes planetas era de origem quigoliana. Não era surpresa, portanto, que no meio de todo o caos em que Chin'Toka se encontrou nos últimos três anos - mudara de controle três vezes durante a guerra, todas elas em sangrentas batalhas - um forte sentimento de resistência nacionalista estava surgindo.

- Mais autonomia do comando central? - Amanda perguntou, retoricamente.

- Isso trata-se da base de reivindicações deles, mas no momento... este tipo de coisa, uma vez iniciada, muitas vezes torna-se algo incontrolável. - Ross comentou, e procurou especular um pouco mais. - Por exemplo, esta facção de Trovez... ou eles são malucos, ou eles têm um poder de barganha considerável, e sabem disto. Pois esta greve foi praticamente chamar o Conselho Detapa para o pau. E eles não fariam isto sem terem certeza de que possuem algum bom escudo contra uma resposta forte, e se não soubessem que Lang e os demais no Conselho ainda não estão maduros o suficiente no poder para peitar eles.

- Com certeza. Ele sabe muito bem que o Conselho Detapa não vai se atrever a fazer nenhuma medida drástica sem o aval das forças aliadas, - Jtron comentou.

- É verdade. Certamente a turma em Cardássia Prime vai ter que pisar em ovos para poder tomar a decisão de algo mais forte... - Massif disse.

- Bom, - Amanda começou, desviando a sua atenção da tela para o grupo ali reunido. - Eu só quero saber mais uma coisa. Como foi que eles conseguiram meter a mão neste material antes de nós e o restante dos principais centros noticiosos? O *La Federation* não tem ninguém in loco no momento, e as agências ainda não repassaram nada... - Amanda se referia aos diversos boletins conflitantes que eles receberam por todo o dia, vindos das principais agências de notícias. - E eles têm apenas aquele correspondente em Cardássia Prime, e o cara nunca foi de conseguir furos deste jeito.

- Eles devem ter mexido alguns pauzinhos no Serviço de Notícias da Federação, - Ross disse. - Eu ouvi falar que o novo correspondente deles em Bajor, Mateus Heis, é amigo do Jake Sisko. Se Sisko conseguiu este material com a SNF, ele pode ter trabalhado com o Heis para finalizarem a matéria, e ele pode ter ficado com uma parte do butim.

- Seria melhor mantermos o olho nesta confusão, - Jtron aconselhou, e passou os olhos por algumas pautas futuras em um padd. - Há coisa aqui em que podemos dar uma segurada, o que poderia liberar algumas pessoas para ajudar... e Ross, você poderia ser de grande ajuda, também.

- Concordo, - Amanda disse, apoiando a idéia. - Ross, você e Massif se encarregam disto, e recrutem tantos outros braços quanto precisarem. - Ross concordou, enquanto Massif se levantou de sua mesa.

- Muito bem, mas por hoje eu ainda tenho que ir para Haia, pois vai ter início hoje a sessão de declarações finais no julgamento da Fundadora, - ele disse. Massif era o correspondente do Inquirer cobrindo o julgamento da Fundadora, que se aproximava do seu final, e a antecipação era grande por se saber o veredicto final, que provavelmente seria de prisão perpétua. Os representantes Klingons e Romulanos certamente iriam protestar, ao que a Federação, para garantir este veredicto, iria ter que ceder sobre em que local a pena seria executada; a colônia penal da Nova Zelândia certamente estaria fora de cogitação, e Martok declarara recentemente que a Fundadora já tinha uma câmara especial com o nome dela em Rura Penthe. De qualquer modo, fosse qual fosse o local definitivo, este iria certamente ser construído especialmente para se manter um transmorfo preso com a máxima segurança.

- Muito bem, mas façam deste pega em Chin'Toka prioridade atual. - Ela terminou, enquanto o seu pessoal ali se dispersava para tomar as providências necessárias para intensificar a cobertura de uma crise que, pelo que estava parecendo, poderia se agravar.

#

Capítulo 7

Ponto Zero



O hovercar fez uma leve curva para sair da Rua de La Fédération para a Avenue de Suffren, seguindo por esta até tomar o Boulevard Pasteur, continuando a seguir por diversas outras ruas parisienses. O hovercar flutuava a seguros trinta centímetros do solo, mantendo uma velocidade de cruzeiro de cinquenta quilômetros por hora, a exata mesma velocidade que os poucos outros hovercars passando por aquelas grandes avenidas estavam mantendo.

A maioria das cidades terrestres de médio e grande porte contavam com sistemas de hovercar públicos, que serviam como complemento aos sistemas de teleporte, airtram e demais serviços viários. Nos centros das grandes cidades, eles eram geralmente utilizados para deslocamentos de apenas alguns quilômetros com destinos específicos ao usuário, o que fazia com que hovercars não fossem uma presença tão constante assim na paisagem urbana. Ao menos, não eram na mesma medida que seus equivalentes antepassados, os automóveis, que outrora entupiam as ruas das cidades terrestres.

Os hovercars tinham uma utilidade maior nos deslocamentos das cidades para as áreas rurais adjacentes e vice-versa, onde o sistema de airtram, embora sempre presente com unidades aéreas, não era tão numeroso. Pouquíssimos cidadãos da Terra também se davam ao trabalho de assumir a responsabilidade pela manutenção de uma unidade exclusiva para seu uso, uma vez que poucos tinham esta necessidade. Apenas aqueles que faziam um grande uso constante se davam ao trabalho, e a maioria era de organizações econômicas, para funções específicas às suas áreas de atuação, e também pequenos fazendeiros e proprietários rurais, que os utilizavam para deslocamentos dentro de suas regiões e propriedades, utilizando-se de hovercars específicos para estas finalidades. Sem dúvida era uma mentalidade bastante diversa daquela de cerca de trezentos anos antes, quando a posse de uma determinada unidade automotiva era fator de grande importância na vida dos habitantes da Terra.

Nos dias atuais, esta grande maioria de habitantes podiam utilizar hovercars de uma maneira bastante casual. Para tal, tudo o que se precisa fazer é uma requisição por voz para a central de controle do sistema, e o hovercar que está disponível no local mais próximo da pessoa é automaticamente encaminhado para recebê-la. Uma vez nele, o sistema de

pilotagem automático, controlado de uma central do sistema de transporte da cidade, se encarrega de guiar o hovercar até o destino requisitado pelo passageiro, onde depois de o desembarcar, o hovercar irá sinalizar para a central que está livre para outra viagem. Em linhas gerais, trata-se de um sistema muito semelhante aos antigos táxis urbanos de muitos anos antes.

O hovercar em si trata-se de um equipamento bastante confortável. Há muitos modelos diferentes, e cada sistema de transporte usa aquele que mais lhe convém, de acordo com características urbanas de onde será usado, perfil dos passageiros, etc. Mas de modo geral, trata-se de unidade que possui espaço para seis pessoas, tendo um console LCARS central que serve de terminal de computador de uso geral, o que permitia à pessoa acessar desde os seus dados pessoais até qualquer outro serviço público terrestre.

Contudo, aquele hovercar que agora deslizava pelo centro de Paris não era um hovercar convencional. Aquela unidade em particular não pertencia ao sistema de transporte público de Paris, mas estava designada para uso exclusivo do Gabinete da Presidência da Federação. E, naquele momento, estava transportando o próprio ocupante do cargo, o Presidente Inyo, acompanhado por Jorge Cespedes e também pelo Almirante Galbraith. O grupo se dirigia no momento para o Daystrom Institute, onde seria o local para o jantar anual dos Embaixadores de potências não-membros da Federação, como os Impérios Klingon e Romulano, o Gorn, a Aliança Ferengi, e muitas outras civilizações dos quadrantes Alfa e Beta. Como de costume, era tradicional o Presidente da UFP não só estar presente como fazer um discurso relacionado à política externa da Federação. O discurso deste ano certamente iria deliberar bastante sobre a situação do pós-guerra e também fornecer aos Embaixadores a posição atual da Federação na atual crise Cardassiana.

- Nós refizemos a seção introdutória e alguns parágrafos do discurso, para darmos maior ênfase sobre estes recentes acontecimentos em Chin'Toka. - Cespedes disse, entregando o padd para o Presidente. Inyo leu rapidamente as revisões de seus assessores no texto e entrou com o seu código de autenticação, aprovando o texto. Isto fez com que aquela versão do discurso fosse liberada para o holoprompter, instalado juntamente com o palanque presidencial no salão de jantar, onde o Presidente iria discursar.

- Ótimo, - disse Inyo. - Eu estou certo de que nosso público não irá deixar passar a oportunidade de nos apertar por informação e principalmente, ações.

- Letknat sem dúvida vai aproveitar isto para resmungar mais uma vez sobre o "excesso" de interferência do qual seríamos responsáveis em Cardássia Prime, e como isto estaria "influenciando" estas crises na União, - Galbraith comentou, fazendo alguma ênfase em excesso e influência, para sublinhar o que ele acreditava ser a opinião do Embaixador Cardassiano.

- Claro, pois ele precisa manter as aparências, - Cespedes respondeu, com um tom desdenhoso em relação as intenções do Embaixador Cardassiano. - Afinal de contas, fica feio ele simplesmente assumir que Cardássia precisa sim de todo o apoio que pudermos dar a eles. E caso ele ainda não saiba, ficou bem claro que os Aliados iriam, sim, meter o bedelho, e por direito, nos assuntos Cardassianos ainda por algum tempo, até que Lang tenha azeitado tudo para a eleição de um novo Conselho Detapa.

- Eu tenho falado com Lang constantemente e sinto que ela está genuinamente empenhada em fazer estas reformas funcionarem, - o Presidente disse. - Mas é certo que seja de se esperar que muitos Cardassianos em geral sejam reticentes quanto a estas reformas, especialmente as alas conservadoras.

- De qualquer forma, Senhor Presidente, - Cespedes voltou a falar. - Eu não acredito que ele vá ter muita gente concordando com qualquer coisa que ele possa dizer, exceto o

Embaixador Breen, talvez. Eles ainda estão com a derrota atravessada na garganta, e qualquer chance de nos contrariar não é passada em branco.

- O Embaixador Ferengi, Homb, pode ser um que também o faça, - Galbraith disse. - Ele recentemente deu a entender em uma entrevista que províncias Cardassianas com maior autonomia poderiam se tornar grandes parceiros comerciais por si mesmas. Esta declaração foi bem recebida por vários políticos da Terra, incluindo...

A expressão de Galbraith chamou a atenção de Inyo, que no momento estava olhando pela ampla janela do hovercar oficial, enquanto este se aproximava de seu destino. O Presidente percebeu a quem o Almirante estava implicando em sua pausa.

- Stel, - ele apenas disse.

- Ela não dá um tempo, não? - Cespedes apenas comentou, enquanto o hovercar terminava de estacionar na frente do edifício de conferências do Daystrom Institute, onde a recepção estava sendo preparada para a chegada do Presidente.

#

A viagem até ali havia sido bastante agradável, tanto quando viagens deste tipo podiam ser, pensou a Secretária Oryza Zgouridy, enquanto se ajeitava melhor em sua espaçosa poltrona no runabout *Volga*. No momento, a nave se encontrava em órbita de Trill, aguardando a chegada de outros três passageiros, altos funcionários do governo local, que estavam indo até Bajor para contatar o Conselho de Ministros e aumentar os laços comerciais entre estes dois membros da Federação.

Oryza não estava particularmente preocupada que aquela escala fosse demorar muito, pois isto não iria fazer grande diferença em uma viagem que em sua totalidade levaria alguns dias, de qualquer modo. Eles já haviam mesmo partido da Terra até com algum atraso, depois que uma mudança de última hora na tripulação do runabout teve que ser feita, com outros três oficiais da Frota assumindo aquela missão de transporte da sua delegação da Secretaria de Educação até Bajor. Houve também uma dúvida sobre se alguns outros diplomatas de outros departamentos da Federação também iriam usar aquele transporte para ir até Bajor, mas isto não atrasou em nada o cronograma, pois todos que iriam se valer daquela viagem se apresentaram pontualmente na Doca Espacial. Como a viagem até ali já havia levado quase dois dias, Oryza tinha tido a oportunidade de conhecer a todos.

A maioria dos demais passageiros era de origem Bajoriana, mas não todos. Havia dois humanos, funcionários da Câmara de Comércio da Terra, e um Boliano, funcionário do Instituto Daystrom, que iria providenciar os preparativos para aquela instituição receber pesquisadores Bajorianos; Oryza conversou bastante a respeito deste projeto com ele. Os demais eram seis representantes do Conselho de Ministros Bajorianos, que estavam voltando para Bajor depois de diversas reuniões e encontros com funcionários do Conselho da Federação, e dois oficiais da agora extinta Milícia Bajoriana, uma vez que esta organização fora incorporada à Frota Estelar. Ambos, portanto, já ostentavam os seus uniformes da Frota Estelar e suas patentes, ambos Capitães, que estavam indo a Bajor selecionar o primeiro grupo de oficiais Bajorianos que iriam receber cursos e treinamentos na Academia da Frota para oficiais de membros recém-ingressados à Federação. Estes oficiais reciclados pela Academia então passariam a ser os responsáveis pela adaptação de toda a Milícia Bajoriana nos diversos setores da Frota.

No momento, todo o grupo estava espalhado pela área principal de passageiros do runabout, incluindo o próprio pessoal que acompanhava a Secretária de Educação. Andréia Mtryev estava trabalhando em alguns documentos em um terminal LCARS e se desviou um

pouco da concentração para ajeitar sua cauda de modo a ficar mais confortável na poltrona. Outros dois assessores seus, também funcionários da Secretaria de Educação, estavam conversando em um par de poltronas mais à frente.

Oryza estava admirando pela janela os vastos oceanos de cor roxa no hemisfério norte de Trill quando um zunido soou pelo local; isto a deixou satisfeita, pois era indício de que os passageiros extras estavam sendo embarcados por teleporte, e não haveria necessidade de se docar na Base Estelar de Trill; parecia que iria ser mais até mais rápido do que ela imaginava. Após isto, o runabout então saiu da órbita baixa de Trill a meio-impulso, seguindo para o limite exterior do sistema solar daquele membro da Federação. Em cerca de quatro minutos, a nave iria sinalizar para o posto de controle de tráfego local da Frota que estava deixando o sistema Trill e iria retomar seu curso para Bajor em dobra cinco.

Mas algo lhe chamou a atenção.

Subitamente, o Runabout fez duas bruscas curvas, fortes o bastante para os amortecedores de inércia não conseguirem compensar totalmente os movimentos, e com isto várias pessoas tiveram que se segurar onde estavam. Ao final da segunda sacudida, as luzes de alerta se acenderam por toda a nave - que, sendo uma nave da Frota, tinha a política de anunciar bem claramente quando uma emergência estava ocorrendo.

Na cabine principal, o piloto do Runabout, Tenente-Comandante Stevens, manipulava freneticamente os controles enquanto seus dois auxiliares, os Alferes Helen e Crane, trabalhavam nos controles do motor de impulso para lhe dar potência de manobra.

- Controle de Tráfego, aqui é o *Volga*, - a Alferes Helen dizia no intercom. - Temos um objeto se aproximando em alta velocidade de impulso contra a nossa nave, repito, objeto se aproximando em alta velocidade de impulso, manobras evasivas não estão... - ela interrompeu sua mensagem para ajudar o Alferes Crane em procurar ativar os escudos em configuração de colisão. Entrementes, Stevens continuava a pilotar a nave de maneira pouco ortodoxa, mas os seus melhores esforços não estavam sendo suficientes para os desviarem do objeto que se aproximava, o qual os sensores da nave estranhamente não conseguiam definir a natureza.

- *Volga*, aqui é o *Controle de Tráfego*, - soou pelo sistema de intercom da cabine, - *Estamos tentando estabelecer a natureza da emergência, e contatando naves...*

Mas não havia muito tempo para mais nada. Naquele exato instante o objeto estava bastante próximo para que tanto os passageiros como os três tripulantes conseguissem finalmente notar do que afinal se tratava, mas não realmente a tempo de conseguirem fazer algo a respeito.

#

- Ai, lá vou eu de novo queimar o plasma da meia-noite... - a Tenente Judy Levy disse, depois de dar um leve tapa no ombro da sua superior e sentar-se na cadeira à frente de seu console LCARS. A Comandante Mae Palmer virou a cadeira em que estava sentado na direção dela.

- Para quem acabou de chegar de uma bonita manhã em Sydney, você reclama demais, Judy. - ela apenas comentou sorrindo, enquanto girava lentamente a cadeira, à frente de seu próprio console LCARS, ao lado de Levy. Ambas estavam no momento no Centro de Controle de Tráfego Espacial, localizado em um anexo do prédio do Comando da Frota Estelar, em São Francisco. Aquela instalação era o local central de monitoramento do tráfego de naves pelo espaço da Federação, recebendo e repassando as informações das centenas de Centros Regionais através do território dos membros da Federação.



Desta forma, o CCTE servia de hub principal para a troca destas informações por toda a Federação, e para realizar esta tarefa o local funcionava 24 horas por dia, ininterruptamente, contando com três turnos completos de pessoal da Frota. A Comandante Palmer era a oficial em comando do turno Alpha, responsáveis por tripular o centro da meia-noite às 0800, horário do Pacífico, e os turnos Beta e Gama faziam o monitoramento dos períodos seguintes de oito horas. Cerca de trinta estações LCARS estavam instaladas em círculo em volta de uma série de enormes projetores holográficos, que mantinham uma representação 3D translúcida do espaço da Federação, intercalando com várias outras imagens, que serviam para ilustrar diversos itens diferentes na representação holográfica, como posição e rota de naves, tráfego ao redor de bases estelares e planetas, posição de corpos celestes, acompanhamento de anomalias espaciais, mapeamento de novas áreas exploradas, e diversos outros aspectos de controle de tráfego, astronomia e cartografia espacial. Cada um dos consoles no local era responsável pelos detalhes destas dezenas de tarefas em particular, contando com uma dupla de oficiais para o trabalho. O console do comandante do turno era responsável pela centralização e processamento das informações, bem como a coordenação do tráfego destas informações para todos os órgãos da Frota e da Federação que tinham necessidade de dados que o CCTE gerava.

- Sabe, eu poderia fazer... - e nisto Palmer interrompeu a sua frase, no que virou o olhar na direção da projeção holográfica central. Subitamente, o computador fechou e ampliou uma parte da projeção no sistema Trill, indicando uma determinada coordenada à margem do sistema, enquanto os dizeres EMERGÊNCIA PRIORIDADE UM piscavam na conhecida fonte LCARS.

Acompanhando este movimento da projeção, as luzes do Centro de Controle adquiriram um tom levemente avermelhado, enquanto outros monitores LCARS começavam a mostrar informações, processando os dados que estavam chegando do Controle de Tráfego Trill.

- Reportem! - Palmer disse com firmeza, enquanto ela mesma e Levy acessavam seus consoles pessoais.

- O Centro em Trill informa que o runabout *Volga* foi destruído em uma colisão, - Levy foi a primeira a responder, enquanto acessava os primeiros dados recebidos pelo CCTE.

- A natureza do objeto responsável é ainda desconhecida, - desta vez foi o Alferes Damon, em um dos consoles de ciências, a acrescentar a informação.

Um outro Alferes próximo a Levy acessou alguns comandos e uma listagem apareceu ao lado da projeção. - O *Volga* levava a Secretária Zgouridy, entre outras autoridades, - o seu tom de voz era neutro, embora todos ali já percebessem que, além de um acidente espacial, teriam que considerar conseqüências políticas ao seu trabalho.

Não havia se passado sequer um par de minutos desde a chegada da mensagem, mas todo o staff do CCTE já estava freneticamente trabalhando em cima das informações coletadas até o momento. Aparentemente, um Runabout da Federação acabara de ser destruído em uma colisão com um objeto não-identificado enquanto deixava o sistema solar Trill. A telemetria e os dados que a Base Estelar local estava obtendo estavam sendo redirecionados ali para o CCTE, mas as informações eram ainda muito cruas para eles bolarem qualquer hipótese.

- Muito bem, eu quero especificações do *Volga*, a lista de passageiros completa e um relatório de todo o tráfego no sistema Trill, pronto, - a Comandante disse, e vários de seus subordinados deram continuidade às tarefas que eles já antecipavam que ela iria requisitar. Era importante que as equipes do CCTE tivessem um entrosamento bem azeitado, para que o gerenciamento de emergências como esta ocorresse da maneira mais eficiente possível.

Palmer voltou sua atenção para a projeção holográfica das coordenadas informadas pelo pessoal em Trill. - Computador, ETA das naves que estão se encaminhando para o local do acidente? - Os relatos que chegavam do Centro em Trill informavam que a Base Espacial local despachara equipes de resgate para a última posição conhecida do *Volga*.

- *Três shuttles irão alcançar o ponto zero em três minutos e dezessete segundos*, - Palmer ouviu o computador reportar. Isto poderia cuidar de eventuais sobreviventes, mas eles irão precisar de apoio. - Computador, há alguma nave da Frota em trânsito no setor de Trill ou nas proximidades? - ela sabia que uma nave nas proximidades iria conseguir alcançar o local bem antes que alguma das naves que estivessem atracadas na Base em Trill, uma vez que estas ainda levariam alguns minutos antes de zarparem.

- *A USS Vermont está a zero ponto sete parsec de distância de Trill*.

- Ela é classe *Nova*, - Levy comentou, observando os dados sobre a nave serem listados ao lado da representação holográfica dela na projeção. - Toda a estrutura científica que ela dispõe pode nos servir bem de laboratório forense para as investigações.

- Concordo. Damon, entre em contato com o Controle em Trill e informe que a *Vermont* irá se desviar para o local do acidente. Levy, contate o Capitão da *Vermont* e instrua-o a ir para o ponto zero na melhor dobra que puder desenvolver. - Em quanto tempo podemos ter pessoal nosso no local e prepararmos a remoção dos destroços para análise? - foi a sua questão seguinte.

- Vai ser complicado, - Levy respondeu, sem olhar para ela, ainda muito ocupada analisando as opções disponíveis para o problema que se apresentava, a necessidade de mão-de-obra especializada para o trabalho de investigação. - Podemos usar uma equipe do Instituto de Tecnologia de Trill, eles têm capacidade técnica para o trabalho, então isto não deve ser problema... mas o transporte adequado dos destroços sim. A *Vermont* não vai ser grande o bastante para esta tarefa.

- Precisamos de uma nave maior... uma *Nebula* seria ótima, principalmente pelos espaços modulares que elas dispõem acima da seção de engenharia. - a Comandante Palmer disse, enquanto a sua subordinada já providenciava a localização de uma destas naves no setores próximos.

- *A USS T'Kumbra está a quatro horas do local em dobra nove*, - ela finalmente disse.

Palmer sorriu ao ver os dados sobre a *T'Kumbra*. - Ótimo, a maioria da tripulação é de Vulcanos, - ela apontou com o dedo para os dados sobre a tripulação. - Todo aquele detalhismo deles vem bem a calhar para pegar o quebra-cabeça em que a nave acidentada vai estar... eles podem até mesmo começar a remontagem na própria nave deles.

Neste momento, a atenção de todos ali foi desviada para um dos painéis principais ao largo da projeção holográfica principal - as primeiras imagens do local do acidente estavam sendo transmitidas pelas naves auxiliares que se aproximavam do ponto zero. O sol do sistema Trill já era bem fraco naquela posição, então não havia muita iluminação natural, mas tanto os sensores dos shuttles como os computadores estavam compensando pela escuridão, e a imagem era bem nítida. Um campo de destroços se espalhava por uma vasta área, bem mais do que se podia esperar, pensou Palmer. Todos pareciam ser destroços artificiais.

- Estranho... parece coisa demais para um runabout. - Levy declarou em voz alta uma especulação que vários ali no CCTE estavam fazendo para si mesmos.

- Aquele destroço... veja, flutuando acima daquilo que parece a nacele de bombordo... eu não sei o que é, mas não é equipamento da Frota, isto é certo. - Damon acrescentou.

Com as imagens, as tripulações dos shuttles informavam que não haviam sinais de sobreviventes em parte alguma, e muito poucas leituras de matéria orgânica de qualquer espécie. Mesmo para uma colisão forte como aquela parecia ter sido, alguma coisa sempre podia ser captada, e o pessoal no local estava concentrando seus esforços nestas questões.

- Computador, - Palmer disse. - Feche e amplie na coordenada... N17, - ela ordenou, assim que verificou em que posição da imagem se encontrava o objeto. A imagem ficou pixelada por menos de um segundo, e voltou novamente a ganhar definição assim que terminou de centralizar e ampliar o objeto em questão. Uma série de longos dutos e canos, conectados no que parecia ser uma unidade de força. A coisa toda tinha bons danos, mas era largamente semelhante a um disruptor.

Palmer sentou-se no seu console e dedilhou alguns comandos no painel, para acessar alguns bancos de dados específicos. - Computador, extrapole a natureza dos destroços que não combinam com os esperados de um runabout da classe *Yellowstone*. - O beep característico de ordem recebida foi seguido durante vários segundos de silêncio, até que finalmente a familiar voz deu o resultado de sua análise.

- *Existem 98,6 por cento de probabilidade de os destroços pertencerem a uma ave-de-rapina Klingon classe D-32*, - foi a resposta, confirmando aquilo que estava se tornando cada vez mais claro: uma nave Klingon colidira com o *Volga*.

#

- Vocês estão certos disso?

O Contra-Almirante Ailton Sergov, o Coridiano que era o Comandante em Chefe do CCTE, andava apressadamente pelos corredores secundários do complexo do Comando da Frota Estelar, enquanto recebia um briefing preliminar daquilo que o seu pessoal do CCTE e as equipes de campo já haviam descoberto sobre a colisão. Quando deixavam o sistema de Trill, o Runabout foi abalroado por uma ave-de-rapina Klingon que saía de dobra para tomar a rota para a Base Estelar em Trill.

- O Controle de Tráfego em Trill confirma que estavam esperando a IKS *Azetbur*, em uma escala de sua viagem para Qo'noS, após exercícios conjuntos com a nossa Força Tarefa 47 nos territórios ocupados, - o Tenente acompanhando Sergov explicou. - Ainda estamos esperando uma confirmação por parte dos Klingons, mas segundo o comandante da FT47 a informação procede.

- Mas como algo assim pode ser possível? Mesmo que ambas as naves estivessem totalmente descontroladas, as chances de uma colisão destas ao acaso seriam absurdamente remotas.

- O pessoal da Palmer e as tripulações nossas no local já têm uma teoria preliminar, - e com isto entregou um padd para o Almirante, contendo relatórios sobre as análises iniciais. - Aparentemente, houve uma espécie de inversão de polaridade no núcleo do reator da ave-de-rapina, enquanto eles estavam saindo de dobra para entrar no sistema Trill. - Sergov continuou em silêncio, esperando o seu subalterno continuar a ele mesmo mastigar todo o tecnobabble envolvido. - Isto, aliado a uma falha no sistema de contenção do reator, fez com que o núcleo deles fosse atraído pelo objeto equivalente mais próximo que havia, no caso o *Volga*...

- Que se preparava para entrar em dobra, logo estava emitindo uma assinatura de dobra alta naquele instante, - o Almirante emendou, devolvendo o padd para o Tenente enquanto ambos chegavam na sala de reuniões onde uma reunião preliminar do Comando da Frota estava para começar. Haviam transcorrido somente algumas poucas horas do alerta

inicial no CCTE, mas as notícias já corriam rápido, e boletins extraordinários estavam pipocavam por todos os sistemas membros da UFP.

- Paris e São Francisco estão empolvorosas, Sergov, - Galbraith disse, quando o seu colega entrou na sala de reuniões, com vários outros Almirantes presentes. – Precisamos ter algo para eles o mais rápido possível. – O Chairman do Comando da Frota estava se referindo às reações que diversos setores do governo federativo estavam tendo à notícia, portanto um cenário claro do que estava acontecendo era essencial para se evitar que um surto de boatos tomasse conta das reações e das implicações políticas que daquele acidente poderiam resultar, considerando que uma proeminente membro do gabinete de Inyo estava morta.

- Muito bem, então, - Sergov disse, assumindo sua poltrona. – Eu vou adiantar o que já temos, mas advirto que preciso voltar para o CCTE o mais rápido possível, para dar continuidade às investigações. – E com isto, o Comando da Frota já estava nos negócios, embora todos ali soubessem que isto poderia ser apenas o começo de algo maior.

#



Enquanto o Tenente-Comandante Vtriev verificava em seu padd o progresso dos trabalhos de recuperação dos destroços das naves destruídas, trabalho sendo realizado no módulo de serviço da USS *T'Kumbra*, dezenas de tripulantes estavam ocupados na organização destes destroços no que acabava tendo a aparência de "visões explodidas" do Runabout e da ave-de-rapina, sendo uma verdadeira montagem de quebra-cabeças gigante.



O módulo de serviço de uma *Nebula* é uma área grande, e aquele trabalho em particular necessitava uma área ampla o bastante para acomodar naves ainda maiores do que as que aquelas duas haviam sido, uma vez que esta remontagem não reconectava os fragmentos uns nos outros, mas os organizava na mesma posição relativa que ocuparam, ao mesmo tempo em que permitiam que pessoas pudessem observar por entre eles para as investigações. Desta forma, a maioria dos fragmentos não se encontrava espalhada pelo amplo deck, mas sim flutuando acima dele, seguros por fortes campos de força para que ficassem próximos à posição que ocupavam antes das naves se despedaçarem. Então, ao mesmo tempo em que você conseguia visualizar aquilo que pareciam ser as naves, você também podia enxergar por entre os destroços. Era um arranjo bastante incomum, mas se tratando da remontagem das peças em uma investigação de acidente, era algo necessário.

Já este trabalho da investigação propriamente dita estava sendo realizado tanto por um grupo da própria *T'Kumbra* como da outra nave da Frota que havia sido requisitada para a tarefa, a USS *Vermont*. Este pessoal retirava algumas peças daquele local para análise mais cuidadosa nos laboratórios científicos das duas naves, o que também precisava do acompanhamento de Vtriev, uma vez que eles tinham que manter uma organização incrível de milhares de pequenos pedaços de nave, para que nada se perdesse.

Vtriev caminhava no momento por entre aquilo que fora a engenharia da *Azetbur*, agora reconstituída de tal forma que era como se aquela parte da nave houvesse sido fatiada em seções de aproximadamente um par de metros de largura. Havia alguns tripulantes trabalhando no local, e uma pessoa se juntou ao grupo reunido ali.

- Senhor Vtriev, - disse o Capitão Solok, comandante da USS *T'Kumbra*. – Requisitaria minha presença?

- Sim senhor, - respondeu Vtriev, que era o Engenheiro-Chefe de Solok na *T'Kumbra*. – Devo informá-lo de que os trabalhos de recuperação dos destroços da *Volga* estão 99,279 por cento finalizados, enquanto os trabalhos na *Azetbur* se encontram ainda a 96,121 por cento, - disse o Vulcano para o seu Capitão, também Vulcano.

– E esta discrepância entre estas suas projeções de progresso se daria devido a que razão? – Vtriev não respondeu de imediato. Ele caminhou alguns metros pelo deck até uma posição que possibilitava observar alguns módulos internos da engenharia da ave-de-rapina. – Como a colisão pela qual ambas as naves passaram não provocou nenhum tipo de explosão que resultasse na desintegração de seções inteiras de seus decks, isto nos possibilitou recuperarmos todos os principais sistemas das naves em sua totalidade, - explicou o Tenente-Comandante. – Com exceção de um... o dispositivo de camuflagem da *Azetbur*.

Solok observou o local onde normalmente estaria instalado o dispositivo na ave-de-rapina. Havia um vazio considerável, que indicava que o conjunto completo estava faltando, e não apenas alguns fragmentos ou peças isoladas. O Capitão passou os olhos rapidamente pelo padd com o progresso dos trabalhos, e confirmou o que o seu engenheiro lhe mostrava. - O que mais falta para trazermos a bordo que ainda está no espaço? – ele perguntou.

- Os times de recuperação dos destroços reportam que restam apenas 1,3 metros cúbicos de destroços ainda a serem recuperados, na sua maioria de fragmentos menores do que um centímetro de comprimento em suas mais longas partes, - Vtriev respondeu. – A sala de transporte dois irá recuperar este material, uma vez que os trabalhos de recuperação das peças maiores terminou.

- De qualquer modo, - Solok disse, - Não se trata de volume suficiente para se equiparar ao de um dispositivo de camuflagem Klingon.

- Correto, Capitão. E as análises mostram também que apenas 29% destes microfragmentos restantes são da *Azetbur*. O material a bordo de naves Klingons tende a se fragmentar menos do que as nossas, pois um número maior de componentes é fabricado em material mais resistente, além da ausência de itens frágeis menos essenciais, que normalmente naves da Federação costumam levar.

- Tratando-se de construção de naves puramente de combate, é uma política lógica. – Comentou Solok. – Mas estes fatos acrescentam uma nova incógnita às nossas investigações.

- Iremos fazer mais análises na ave-de-rapina, mas uma observação meramente lógica seria a de que a *Azetbur* não estava com o dispositivo de camuflagem quando colidiu com o *Volga*.

- Concordo. – Solok disse, enquanto tocava na sua combadge para contatar a ponte. – R'lev, contate a Comandante Palmer no CCTE e informe-a de que irei falar com ela em alguns instantes.

#

- É ruim como estão falando?

Gregory Dalton entrou rapidamente no gabinete do Presidente Inyo, e o encontrou já reunido com um grupo de pessoas. Além do Presidente, estavam também Jorge Céspedes e o Embaixador Natec, de Boliás, membro do Comitê de Ocupação, o grupo de embaixadores do Conselho da Federação que tratavam sobre os assuntos referentes aos territórios Cardassianos temporariamente sob controle dos aliados. Além dele, dois principais membros do gabinete do Presidente também estavam presentes, a Secretária Trajina, de Exploração Espacial, e também o Secretário Tiago Kirov, da pasta de Colonização.

- Pior, - respondeu Céspedes, enquanto ele e os demais repassavam algumas das informações que chegavam do Centro de Comunicações da Frota. A notícia na noite anterior de que um runabout com um membro do gabinete de Inyo havia se acidentado com uma nave Klingon, e sob circunstâncias ainda misteriosas, já havia sido ruim o bastante. Agora, a

isto se juntava a informação de que uma rebelião começara no sistema Cardassiano de Chin'Toka. Uma rebelião armada. E uma rebelião de secessão.



Um grande grupo de Cardassianos quigolianos, denominado "Empok", iniciou combates contra as guarnições militares Cardassianas no sistema, e rapidamente várias das principais instalações estratégicas do sistema foram tomadas. Contudo, a situação ainda está longe de se estabilizar. Bolsões de resistência se encontram espalhados por diversos pontos do planeta principal e de um par de luas do sistema, mas sem o apoio de naves de alta capacidade, como os Empok conseguiram para eles mesmos, isto poderá não continuar por muito tempo. Com ordens do Conselho Detapa, o Comando Central despachou naves Cardassianas para Chin'Toka, bem como uma força tarefa dos aliados, composta por nove naves Klingons, duas Romulanas e quatro da Federação, mas por ora, esta Frota estava com instruções de apenas circundar o sistema, enquanto as naves Cardassianas é que deveriam fazer o primeiro avanço para procurarem controlar a situação. Os relatos também indicavam que o Empok se mostrava admiravelmente bem treinado e armado, inclusive com muito equipamento Jem'Hadar.

- Como estão reagindo os habitantes das cidades de Chin'Toka? – Trajina perguntou, e Cespedes se adiantou para responder.

- O apoio popular tem variado, mas em geral os membros do Empok não estão sendo hostilizados, mesmo por Cardassianos de outras etnias.

- Isto pode indicar um sentimento mais nacionalista do que meramente racial, - Inyo especulou sobre a informação. – Trovez está como líder deste grupo, não?

- E certamente ele não parou por aí, - Natec disse. – Trovez aparentemente não perdeu tempo, e já se autodenominou Legate Trovez, líder daquilo que ele denominou Aliança Quigoliana.

Trajina observou algumas informações sobre aquela região do espaço. – O sistema de Chin'Toka é bastante próximo do que fora um dia a Zona Desmilitarizada, - a Secretária disse. – Temos alguma informação se eles estão recebendo apoio das demais colônias e províncias adjacentes?



- Ainda não, mas este quadro pode mudar caso o levante de Trovez tenha sucesso, - Cespedes respondeu. – O efeito dominó pode criar uma séria ruptura na União Cardassiana, seja com sistemas se juntando à tal de "Aliança Quigoliana", ou seja por sistemas declararem independência por si mesmos.

- De qualquer modo, isto já é uma crise gravíssima... talvez sem paralelo desde as Guerras de Unificação Cardassianas, séculos atrás. – Dalton se referia à série de conflitos que viriam a ser o catalisador do surgimento da União Cardassiana como uma vasta nação interestelar.



- Concordo, - disse o Presidente da UFP, pensando por mais alguns instantes. – E me digam, quais seriam as possibilidades de isto estar relacionado com o recente incidente do runabout? – Inyo perguntou, imaginando, como os demais ali, que o que parecia ser uma mera coincidência poderia de fato não ser.

- Eu estive em contato com o Alto Conselho Klingon alguns minutos atrás, - Natec disse. – Eles iniciaram a própria investigação deles sobre o que aconteceu com a ave-de-rapina, mas me adiantaram que também acreditam fortemente em algum envolvimento quigoliano no incidente, embora eles ainda não tenham nenhuma hipótese séria para corroborar esta desconfiança. – neste ponto, Dalton repassou algumas informações adicionais sobre as investigações do acidente em Trill, enquanto a reunião continuava. Em vários dos monitores no local estavam reportagens das principais organizações jornalísticas da Federação, enquanto em alguns outros passavam dados específicos ao governo da Federação

e à Frota Estelar, referentes a esta questão, como relatórios de inteligência, informações sobre Chin'Toka, sobre os principais envolvidos e sobre os grupos de interesse distintos etc. Um dos monitores trazia relatórios atualizados pelo Comando da Frota, os quais Cespedes e Trajina consultavam de tempos em tempos.

- Galbraith está realizando neste momento com o Comando da Frota mais outra reunião especial, para estudar quais podem ser os cenários que a Frota Estelar tenha que vir a enfrentar. – Trajina informou ao grupo. – Eles já estavam reunidos devido ao acidente com Oryza, então não foi demorado para eles entrarem em uma nova reunião deliberativa. – A Secretária habilmente mantinha uma postura sóbria sobre o incidente. Ela havia sido pega de surpresa pela notícia do acidente como todos ali haviam sido, mas isto a afetava também em nível pessoal, uma vez que ela e Oryza eram bastante próximas, tanto profissionalmente como por uma amizade de muitos anos. Mas ela também era uma profissional e uma membro do Gabinete do governo da Federação, então ela procurava manter os seus sentimentos sob controle, pois havia a hora de se trabalhar no caso e havia a hora de se lamentar pelo caso, e aquele momento se encaixava na primeira categoria.

- Uma coisa é certa... se ambas as coisas estiverem realmente relacionadas, então estaremos mais envolvidos do que seria aconselhável... para nossas diretrizes. – Natec apenas disse, enquanto a reunião continuava.

#

A Comandante Palmer estava acostumada a reuniões de alto-escalão, mas aquela se mostrava particularmente tensa. No CCTE, ela estava no momento reunida com o Almirante Sergov, o seu oficial comandante, e outros três oficiais seniores do Comando da Frota, os Almirantes Galbraith, Necheyev, e Triev. O grupo estava reunido para colocar em prática os procedimentos necessários em uma situação de emergência como aquela, que não era mais apenas sobre a investigação de um acidente. Era sobre a resposta a um ataque.

Depois de se analisar informação atrás de informação, as investigações cada vez mais apontavam para uma hipótese principal: a ave-de-rapina colidiu com o runabout propositadamente. Aquele fora um ataque premeditado, no qual uma terceira nave, usando o dispositivo de camuflagem da *Azetbur*, acompanhara a ave-de-rapina se chocar contra o runabout, com um procedimento feito para simular um acidente. A posição desta terceira nave também foi conveniente para teleportarem os ocupantes do *Volga*, os tomarem como reféns, uma vez que ficou determinado que não havia absolutamente nenhum indício de matéria orgânica no local do acidente ou nos destroços, o que mostrava claramente que as naves estavam vazias quando colidiram.

Mas aquelas informações, por valiosas que fossem, ainda assim não esclareciam várias questões, e ainda por cima criavam novas. Qual teria sido a razão primária para alguém atacar um runabout da Frota? Que ligações isto poderia ter com o recente levante em Chin'Toka? Como teriam conseguido capturar e derrotar a tripulação da *Azetbur*, assumindo-se que isto é o que teria acontecido? E, em relação ao ataque propriamente dito, nada explicava o fato de que, embora a tripulação tivesse ativado os escudos, a colisão dilacerou a nave de uma vez só. Uma colisão com outra nave é um baque forte, mas não seria suficiente para provocar o estrago que provocou de uma vez só. E mesmo que a colisão tenha também sido utilizada para se derrubar os escudos e com isto se teleportar os passageiros no exato instante antes das naves se destruírem, isto teria que ter sido feito enquanto a terceira nave usava o dispositivo de camuflagem da *Azetbur* para se manter oculta. Mas como teriam conseguido, se a própria nave original não era desenvolvida para tal procedimento?

Apesar destas questões, algumas outras estavam se esclarecendo, como por exemplo a razão para esta operação ter sido realizada assim. Isto estava bem claro; ao maquiarem o ataque na forma de um acidente, o grupo responsável conseguiu valiosas horas, certamente usadas para se garantir uma fuga segura do espaço da Federação. Mesmo utilizando um dispositivo de camuflagem, uma busca e perseguição incessante seria um risco a mais, e certamente este objetivo será atingido, se já for realmente tarde demais para as naves da Frota rastream o atacante.

Desta forma, aquilo que o Almirante Galbraith providenciou assim que a reunião começou realmente era extremamente prioritário. Um alerta PRIORIDADE UM foi declarado pelo Comando da Frota, atualizando-se o status do incidente em Trill de "acidente" para "ataque". Em seguida, um setor anexo à sala de controle principal do CCTE foi ativado, para servir de centro de comando e controle para aqueles oficiais se encarregarem das operações. Uma parte do painel holográfico foi reconfigurada para mostrar a região entre Trill e os principais setores Cardassianos ao longo da fronteira.

- Temos cerca de 94 naves na região em posição para cobrir todo o território entre o setor de Trill e a fronteira Cardassiana, - disse Galbraith, enquanto Palmer trabalhava nos controles para destacar as posições das naves. - Cerca de 40 delas estão em missões individuais, e as demais pertencem à Sétima Frota e à Força-Tarefa 47. Podemos remanejar várias destas para se posicionarem de modo a termos a otimização máxima na buscas desta nave atacante.

- E devemos nos assegurar de que os Capitães instruem suas tripulações a dar prioridade máxima às técnicas de detecção de camuflagem, - Triev sugeriu.

- Eles estão com coisa de... 30 horas de vantagem, que se passaram entre a colisão e o nosso alerta, - Sergov afirmou, consultando o horário atual, coisa de pouco mais de um dia depois do primeiro alerta. - Os atacantes não devem estar viajando na velocidade máxima que eventualmente possam manter, pois isto, combinado ao fato de que estão usando um dispositivo de camuflagem adaptado, poderia tornar o trabalho de nossas tripulações mais fácil, e eles provavelmente sabem disto.

- Então eles tiveram em seu favor estas 30 horas, e nós temos a nosso favor a limitação na velocidade possível dos atacantes. - Galbraith concluiu o raciocínio de Sergov. - Vamos fazer bom uso disto. - Os oficiais ali continuaram debatendo sobre a melhor maneira de se distribuir as naves, levando-se em conta as suas capacidades, velocidades, posições em que se encontravam atualmente, e diversos outros fatores. Ao mesmo tempo, as equipes do CCTE iam se encarregando de contatar as naves para retransmitir as ordens, e rapidamente dezenas de naves da Federação já começavam o trabalho de vasculhar milhares de anos-luz cúbicos de espaço em busca de uma nave camuflada de configuração ainda largamente desconhecida.

- Neste exato instante, há uma força combinada rumando para Chin'Toka, - Necheyev disse - Com quatro unidades nossas. Eu sugiro movermos estas naves para o flanco esquerdo deste grupo, de modo que elas se posicionem melhor entre o sistema Chin'Toka e a fronteira, para melhorarmos a cobertura neste ponto.

- Sim, - Galbraith concordou. - E desta forma, elas ainda estarão em posição de apoiar estas naves Klingons e Cardassianas. Muito bem. - Com isto, a Comandante Palmer providenciou para que dois oficiais de sua equipe se encaregassem de transmitir as ordens para as naves em questão.

- Isto cobre tudo por enquanto, - Triev disse, fazendo um gesto na direção da projeção holográfica principal, enquanto todo o reposicionamento planejado e as missões de

busca-e-captura se colocavam em andamento – Mas vamos precisar agora pensarmos nos procedimentos a serem realizados uma vez que descobriremos esta tal nave e seu destino.

- Sobre isto, - disse Necheyev – Eu e Sariff já estamos rascunhando algo. – a Almirante respondeu.

#

Capítulo 8

Tudo o Que eu Peço...

Aquele imponente salão havia sido utilizado pela primeira vez ainda em meados do século 20, e ao longo destes mais de 400 anos de história, a sua importância no cenário planetário havia passado por altos e baixos. Neste momento, a câmara principal da Assembléia-Geral da Terra estava desfrutando de tempos prósperos e tranquilos na Terra, mas como alguns costumavam dizer, estes também eram tempos em que a importância do órgão parecia um tanto quanto pálida, mesmo em comparação com épocas mais desfavoráveis. Talvez os dias gloriosos do final do século 21 e começo do século 22 jamais voltem, quando aquele órgão realmente fez a diferença nas questões terrestres, mas aparentemente este era o preço que se pagava ao se estabelecer uma comunidade de planetas, unidos em um todo que era maior do que a mera soma das partes.

A Senadora Cristina Stel se encontrava no momento ocupando o seu lugar de direito, o assento do representante do Brasil na Assembléia. Uma sessão estava em andamento, e Cristina considerava importante participar de tantas quantas fossem possíveis, quer ela estivesse ocupada com a eleição ou não. E fosse como fosse, aquela sessão em particular possuía um elemento interessante: o Embaixador Duke estava discursando.

Como representante da Terra no Conselho da Federação, é dever de Timothy Duke reportar-se à câmara mais alta da sua comunidade e, embora ele não fosse conhecido por dar muita importância a esta tarefa, aquela sessão em particular também o interessava, pois Stel era uma das senadoras presentes, certamente. Logo, ele não perderia a oportunidade de mostrar serviço bem no quintal da Betazóide.

Mas este serviço também não se mostrava particularmente fácil. Após ter deliberado sobre diversos temas regionais pertinentes ao Setor 001, no momento Duke discursava a respeito das providências que o Conselho da Federação estava tomando em relação à crise em Chin'toka, que era tanto uma crise política como uma situação de reféns, pois já havia sido divulgada a informação oficial de que todos os tripulantes e passageiros do *Volga* haviam sido tomados como reféns pelo Empok. A declaração oficial da organização, assinada por Trovez, garantia que todos estavam em perfeita segurança, e justificava a operação dizendo

que era uma garantia extra contra qualquer tipo de intervenção mais profunda da Federação na crise; tanto ela como os demais poderes aliados deveriam ficar apenas como mediadores -- se assim fosse, Trovez garantiria a liberdade incondicional dos reféns, incluindo a Secretária Zgouridy, tão logo as exigências do Empok fossem atendidas.

A crise já estava entrando na sua terceira semana, e as negociações com o grupo de Trovez sobre estas tais exigências não avançaram muito. Embora os embates militares tenham se restringido aos primeiros cinco dias do levante em Chin'toka, nenhum progresso havia sido feito além deste de haver um atenuamento no conflito, com ambos os lados, Cardassianos legalistas e o Empok, mantendo as posições conquistadas semanas antes.

O Conselho Detapa e os Representantes Aliados ainda tentavam persuadir Trovez a depor as armas e libertar os reféns para assim se negociar algum tipo de acordo diplomático que daria a Chin'Toka alguma autonomia administrativa, mas tanto ele quanto as demais lideranças Empok se mostravam impassivas, não abrindo mão das suas exigências principais: a retirada completa das forças legalistas do sistema, e o reconhecimento por parte do Conselho da Federação da independência da Aliança Quigoliana. Só então, dizia Trovez, poder-se-ia abrir mão dos reféns e haver algum tipo de negociação com a União Cardassiana. Mas Trovez sabia, tanto quanto os demais jogadores deste jogo político sabiam, que se estas exigências fossem atendidas, retroceder a este status-quo seria bastante improvável, por duas razões principais: primeiro, a pressão popular dos habitantes de Chin'toka fariam com que esta conquista fosse solidificada, e segundo, o Conselho Detapa ainda era muito instável, e ficaria ainda mais desgastado caso tivesse que ceder tanto ao Empok. Lang também tinha que gerenciar toda uma União Cardassiana ainda muito abalada pela guerra, com uma economia e sociedade em frangalhos, um déficit público cada vez maior, e diversos outros problemas. Certamente o governo Cardassiano estava com mais problemas do que tinha a capacidade de cuidar, e Trovez estava usando isto a seu favor. Mas da mesma maneira, o líder do Empok procurava não exagerar na pressão contra Lang e o restante do Conselho Detapa, pois isto poderia gerar uma queda precipitada do Conselho em favor de um grupo mais linha-dura, ou mesmo em favor do Comando Central, o que dificultaria muito a sua luta, mesmo com a Federação mantendo as rédeas sobre o governo Cardassiano. Esta situação toda estava sendo relatada por Duke, que também tinha de tempos em tempos durante a sessão a responder questões dos senadores da Terra, embora estes não se mostrassem muito incisivos contra o Embaixador.

A atenção de Cristina ao discurso de seu adversário na eleição se desviou quando o terminal LCARS à frente da cadeira ativou uma janela, com os dizeres, PRECISO DO ELO COM VOCÊ AGORA, acompanhado do nome da sua assessora de imprensa, Denise. Stel deu uma leve olhada para trás e a viu no palanque para o público, numa fileira de poltronas mais próxima do peitoril do local. Aquele tipo de requisição acontecia quando um membro da sua equipe precisava falar com a Senadora imediatamente, mas de uma maneira o mais discreta possível.

Stel olhou levemente para cima, tomando mais concentração, e conseguiu estabelecer um elo mental com Denise. Como era com o seu marido Eduardo, o procedimento tinha que ser totalmente controlado pelo único telepata envolvido no procedimento, e a distância de vários metros atrapalhava um pouco isto, mas não era nada que Cristina não soubesse contornar.

<Eu imagino que você já tenha aquilo que pedi,> Stel pensou.

<Sim, Senadora,> Denise pensou de volta. <Eu encontrei Katilla não faz sequer uma hora. Ela me passou todas as informações de que precisávamos para confirmar aquilo que o

Scott havia levantado.> Nisto, Denise abriu mais a sua mente, e Stel absorveu velozmente todo o conteúdo do que a meio-Romulana havia tido com a Klingon.

<Bem, ela pareceu muito segura de si, Denise.> Stel comentou assim que terminou de conscientizar todo o material.

<Você a conhece,> ela apenas respondeu. <Eu vou também repassar esta informação para o Scott, e ele e o Massif irão colocar um artigo no *Inquirir* tão logo a senhora termine aqui, para assim também terem qualquer coisa que o Duke comente a respeito.>

<Perfeito, Denise. Agora se me dá licença, eu vou começar a também fazer bom uso deste material.> Stel desfez o elo mental com sua assessora e voltou a atenção para a sessão. Pouco mais de um minuto havia se passado, mas fora tempo o bastante para que houvesse mais uma pausa para perguntas — muito providencial, pensou Stel.

A senadora acionou alguns comandos no console, e sua requisição ficou logada, para ter a chance de falar assim que o Senador Kim Yan, da Coréia, tivesse sua questão respondida por Duke. E este também percebeu isto rapidamente, como Stel pôde observar. O Embaixador desviou o seu olhar na direção do Senador Yan para a translúcida projeção LCARS à frente do palanque, e instantaneamente para a direção de Stel, mas também por apenas um instante, voltando novamente a encarar o Senador coreano enquanto terminava a sua frase. Foi um gesto rápido, mas que não passou despercebido pela Betazóide.

- Senadora Stel, sua pergunta, - o Chanceler da Assembléia-Geral, Senador Dranan, autorizou sua colega a se dirigir ao convidado. Stel se levantou.

- Como o senhor Embaixador está nos assegurando, o Conselho da Federação está insistindo fortemente em uma saída diplomática para a crise, - Stel começou, fazendo uma pausa rápida na qual Duke confirmou que ela estava correta em sua afirmação. A Senadora continuou. - Bem, entre as diversas movimentações da Frota Estelar quando do início da crise, algumas naves nossas se dirigiram para o sistema de Chin'toka como parte de uma força aliada de reação rápida, para eventualmente prover suporte para as forças Cardassianas legalistas. Contudo, as naves da Frota quebraram formação e se desviaram deste grupo. E nenhum dos Klingons, fossem comandantes locais ou de esferas mais altas, protestaram ou fizeram comentários irônicos, como eles têm o costume de fazer quando têm a opinião de que alguma decisão da Frota foi equivocada... e eles certamente considerariam uma divisão de forças desta maneira como um equívoco. Mas não houve absolutamente nenhuma reação negativa.

O Embaixador aproveitou a pausa de Stel para começar a debater. - A senhora é que está considerando a manobra da Frota como um "equívoco", minha cara Senadora. Eu lhe asseguro que tanto o Conselho como o Comando da Frota consideram que não houve equívoco tático algum no procedimento, logo os Klingons também não teriam nenhuma objeção. Eu não estou entendendo qual é a sua reserva quanto a uma simples escolha tática.

- Não, eu concordo com você, senhor Embaixador; os Klingons certamente concordam que a movimentação da Frota foi uma necessidade tática totalmente válida. A minha reserva, Embaixador, é que Klingons não fizeram absolutamente nenhuma objeção não apenas a esta manobra, mas também em relação a toda a maneira pela qual a Federação vem liderando a negociação e a crise toda, que como o senhor mesmo disse, está acontecendo toda em terreno da diplomacia. É algo intrigante.

- Bem, só porque os Klingons não fizeram nenhuma declaração não quer dizer que eles não tenham reservas... nós não podemos afirmar com certeza...

- Não, caro Embaixador. - Stel o interrompeu, o que nitidamente incomodou Duke, mas ele não insistiu com nenhuma ressalva. - Fontes da Embaixada Klingon asseguram que também não houve nenhuma queixa, formal ou informal, em qualquer esfera, seja pública ou

privadamente. A minha questão é simples: devemos encarar esta aparente tranquilidade Klingon como um sinal de que já está em andamento algum tipo de operação militar como opção caso as negociações falhem? Entendo que o senhor não precisa, ou mesmo não deve, claro, nos detalhar sobre estas eventuais operações, é certo. Mas eu considero importante sabermos se a opção está sendo considerada, e com que grau de seriedade. O senhor teria algo a nos comentar?

Ficou bastante nítido para Duke, pela maneira com a qual ela colocou a questão, que Stel estava sendo o mais neutra possível para ocultar a sua própria opinião sobre uma operação militar. Estaria ela sendo contra algum tipo de intervenção mais forte? Ou a favor? E no caso de considerar válida uma operação militar, até quanto ela consideraria isto ser um "risco aceitável" para a segurança dos reféns? Duke procurou não demorar novamente para dizer algo a Stel, como da última vez que ela tentou pegá-lo desprevenido. Afinal, Stel não devia estar interessada na resposta em si, mas na maneira pela qual ele daria a resposta.

- Em uma situação do tipo da qual estamos lidando, qualquer gabinete governamental e câmara de representantes popular tem o dever de considerar todas as possibilidades e maneiras de se chegar a uma solução satisfatória para todos os lados. Os valores sociais e morais de nossa sociedade, que são os elementos condutores das políticas do Conselho, fazem com que as vias diplomáticas sejam sempre a prioridade máxima, em qualquer caso. Mas apesar disto, eu estou seguro em afirmar que o Conselho da Federação e o Comando da Frota Estelar, em conjunto com os demais poderes aliados na União Cardassiana, irão considerar todas, eu repito, todas as opções possíveis para assegurarmos a segurança de nossos cidadãos e a rápida e pacífica resolução deste conflito.

- Muito bem, Embaixador. - Stel apenas disse, voltando a se sentar. - Eu apenas peço ao senhor que quando deliberar mais a respeito desta grave crise no Conselho, o senhor considere como seus elementos condutores todos os comentários aqui realizados pelos representantes regionais da Terra, que refletem apenas e tão somente a vontade dos cidadãos da Federação na Terra.

- Como sempre faço, Senadora, como sempre. - Duke concluiu.

#

- Esgotamos realmente todas as possibilidades?

O Presidente da UFP estava neste momento em mais uma reunião ocorrendo no anexo de Comando e Controle do Archer Hall. A reunião já vinha de várias horas, e Inyo estava tendo que admitir que um cenário nada agradável estava já definido na crise, o que criava a necessidade de medidas mais duras.

- A questão não é apenas o fato de que estamos ficando sem opções, - disse o Embaixador Boliano Natec. - Mas também de prestar-se apoio ao governo Cardassiano provisório o qual nós mesmos ajudamos a criar. Se apenas sentarmos de lado e assistirmos a este circo pegar fogo, estaremos anulando completamente qualquer credibilidade nossa com a sociedade Cardassiana, o que por conseqüência afeta toda a nossa política de ocupação e projeto de reconstrução de Cardássia. Perdemos suporte popular, e com isto o governo civil de Lang estará com os dias contados. - Ao lado dele, o chefe de gabinete de Inyo, Cespedes, balançou a cabeça.

- Concordo. Isto não apenas um incidente diplomático isolado. Na verdade, afeta diretamente mais aos Cardassianos do que a nós, ou aos Klingons e Romulanos. Trata-se de algo que coloca em perigo tudo aquilo no que temos trabalhado para ajudar os Cardassianos a reformarem sua sociedade... e há ainda o perigo de outros locais também se desestabilizarem,





como Camor V. Há indícios de que as repercussões da crise atual estão tendo alguma influência neste planeta, e em vários outros.

- Sim, mas não subestimem a importância interna. – o Secretário Tiago Kirov interveio. - Aquela região de nossas colônias, nas fronteiras, também está passando por uma vasta e ampla reconstrução, que está vindo desde os tempos da crise maquis, na verdade. Então existe também uma inquietação popular na região, e que tenderá a ficar mais grave caso a região das próprias colônias Cardassianas volte mais uma vez a ficar instável. Daí a necessidade de uma União Cardassiana que realmente faça valer este termo "união".



- E por cima de tudo isto, há também a necessidade de mostrarmos ao quadrante que daqui em diante, nós iremos sim adotarmos posições firmes quando isto se mostrar necessário. Não podemos permitir que a Federação continue a ser vista como um poder vacilante; este tipo de atitude é o que incentivou o Breen a se juntar ao Dominion, durante a última fase da guerra, por exemplo. – Kirov acrescentou.

- Quais podem ser as ramificações jurídicas da atitude que estamos prestes a tomar, Trilmore? - Inyo procurou mudar um pouco o eixo do debate, e se virou na direção de seu Secretário de Justiça, Trilmore Jrittz, um Betazóide. Jrittz era um jurista de longa carreira, e embora esta tenha sido no meio acadêmico, ele tinha uma sagacidade e habilidade que não deviam em nada aos melhores advogados e juizes nas mais altas cortes federativas, o que era naturalmente reforçado por suas naturais habilidades telepáticas, claro. Jrittz também era notório por suas fortes opiniões de como todo o código legislativo federativo, principalmente a Primeira Diretriz, devia ser aplicado e interpretado. E era justamente para isto que o Presidente havia requisitado sua presença naquela reunião em particular. Jrittz já havia preparado um relatório preliminar sobre a questão, no qual antecipava diversas dúvidas que as diversas autoridades presentes poderiam ter, mas ele sabia que iria precisar reassegurar alguns pontos básicos.



- Na verdade, menos do que se imagina, - Jrittz confirmou. – A nossa interferência atual nos assuntos internos Cardassianos é plenamente justificável, considerando dois fatores básicos: ela se dá na medida de se tratar de uma consequência a uma intervenção contra a nossa própria sociedade, ou seja, a guerra Dominion. Afinal de contas, os governantes de uma potência agrediram nossa soberania e nossas liberdades, e neste processo, a sociedade que estes governantes controlavam sofreu impiedosas consequências. Como vencemos a guerra e derrotamos estes governantes, temos até mesmo um dever implícito de auxiliarmos na reconstrução das instituições desta sociedade em questão. E portanto, isto nos coloca na situação de termos que intervir.

Jrittz fez uma pausa para tomar um gole de água do copo à sua frente. - E paralelo a isto, há as vidas dos cidadãos da Federação diretamente envolvidos na questão. Um grupo interno desta sociedade fez uma agressão direta a nossos cidadãos, e também como uma maneira de confrontar um segundo grupo desta sociedade, sobre o qual temos direta influência. Logo, temos duas razões distintas para intervir, e que, por não se relacionarem diretamente uma com a outra, reforçam ainda mais a validade legal de qualquer intervenção direta mais forte. A Primeira Diretriz não será violada em absolutamente nenhum aspecto, posso lhes assegurar.



Assim que ele terminou de falar, um momento longo de silêncio caiu pela primeira vez na sala, com todos observando Inyo. Todos os dados, opiniões e considerações já haviam sido deliberados. Agora era hora de Inyo manifestar um parecer sobre tudo o que foi debatido com ele. O Embaixador Natec se encarregou de quebrar o silêncio.

- O Conselho da Federação já teve uma decisão favorável ao plano, Senhor Presidente. Tudo o que falta é o seu visto final para ratificar esta decisão.

Inyo olhou por alguns instantes para o padd. Desde que a guerra terminara e a União Cardassiana caíra na tutela dos poderes aliados, ele desejava que uma situação do tipo pudesse ter sido evitada. Mas, como estava ficando cada vez mais claro, não era por esta razão que se deveria dar as costas ao problema; tentativas genuínas de se resolver a crise por meios mais convencionais, ou seja, pela negociação e diplomacia, se mostraram insuficientes. Então, para que houvesse condições de se tentar novamente soluções por estes meios convencionais, outros meios menos convencionais deveriam ser utilizados. E a decisão não poderia ser hesitada.

O Presidente da UFP digitou alguns comandos no padd e terminou pressionando firmemente o local para autenticação final. Um beep confirmativo soou, indicando que o sistema LCARS havia reconhecido sua autoridade para o procedimento, e então estava feito.

- Muito bem, senhores... a autorização está formalizada. – ele apenas disse.

#

A crise em Chin'toka estava realmente fazendo com que o anexo de Comando e Controle do CCTE estivesse sendo utilizado na base de 24/7, e neste momento, mais uma reunião de alto nível ocorria nele. Tanto o Comandante dos Fuzileiros da Frota Estelar, o Almirante John G. Sariff, como a Almirante Necheyev já vinham trabalhando em um plano básico para o resgate dos reféns em poder do Empok, e neste momento os detalhes finais estavam sendo acertados, juntamente com o Almirante Galbraith.

- Para esta operação, utilizarei dois grupos de fuzileiros, cada grupo com uma determinada especialidade, - Sariff passou um padd para cada colega seu, contendo a relação do pessoal envolvido que fora escolhido por ele, e suas funções e capacidades. – E cada time terá o apoio de determinadas naves. Portanto, estamos lidando com quatro grupos distintos, cujos nomes-código serão ESTRELA, GALÁXIA, NAVE e ESPAÇO. ESTRELA e NAVE, os times do meu pessoal, já estão estacionados todos na região, em duas de nossas bases estelares. Eu já enviei novas ordens para os seus comandantes locais, e eles no momento já estão preparados em pré-alerta. Mas para lhes passarmos o restante das informações e a ordem definitiva de avanço, precisamos definir neste momento os grupamentos de naves que irão auxiliá-los, ou seja, GALÁXIA e ESPAÇO. E esta bola está no campo seu, Necheyev.

- Muito bem. Semana passada, você já havia me informado das características das naves que seriam necessárias para a operação. Você quer fazer alguma modificação ou ajuste? – a Almirante perguntou.

- Não será necessário. Como sabem, esta operação preza a simplicidade em primeiro lugar, e desta forma, GALÁXIA e ESPAÇO não precisam ter um número grande de naves, mas sim ter as naves certas. A única ressalva é que, primeiro, o time GALÁXIA terá necessariamente que ser composto de naves Klingons; isto é imperativo. Já o grupo NAVE precisará apenas de uma das nossas próprias naves.

- Apenas uma? – Galbraith perguntou.

- Sim, mas esta precisa ter duas capacidades básicas: razoável capacidade de carga para equipamento, e boa velocidade... no mínimo capaz de manter dobra 9,94 por algumas horas.

- Qual será o apoio de inteligência com que poderemos contar neste exato momento? – Necheyev perguntou, e Galbraith lhe respondeu a pergunta enquanto dedilhava em um padd.

- A Inteligência já me informou que o nosso pessoal infiltrado em Chin'Toka está de prontidão plena, ainda que eles estejam tendo que dobrar as suas precauções de segurança,



principalmente nas áreas em que o Empok já conseguiu dominar totalmente a situação. Contudo, além de todos os relatórios de campo que eles já tem lhe passado, eles também já conseguiram nos entregar a informação fundamental: a localização do cativo dos reféns, e as informações sobre suas defesas e pessoal o defendendo-o. Portanto, assim que tivermos definido estes detalhes finais, podemos ir daqui direto para o holodeck tático três, - Galbraith se referiu a um dos vários holodecks especialmente desenvolvidos pela Frota Estelar para simulações de operações. - E testarmos a operação toda, do começo ao fim.

- Excelente, - respondeu o fuzileiro, enquanto Galbraith terminava de trabalhar nos dados nos seus padds. O Almirante fez uma pausa, e assumiu uma expressão preocupada ao ver uma determinada seção da relação de material requisitado por Sariff. Para uma operação "simples", ele não estava muito satisfeito de ver que estava requisitando a utilização de material ainda não definitivamente comissionado. - John, você está certo que precisa utilizar exatamente este equipamento? Eles ainda são experimentais, e embora já tenham tido bons testes de campo, são protótipos, devemos nos lembrar.

- Ou os utilizamos, ou nada feito, - respondeu Sariff. - As capacidades táticas deste grupo serão fundamentais, e isto só pode ser conseguido se utilizarmos o que eu estou lhe pedindo. E além do mais, são unidades dos Fuzileiros da Frota que estão fazendo estes testes de campo. Eu posso lhe assegurar de que eles já estão totalmente familiarizados com o equipamento, e eu não os consideraria no plano se fosse o contrário, esteja certo.

- Muito bem, então. - Galbraith chamou uma de suas ordenanças, e assim que a Alferes chegou na sala, o Almirante lhe passou um padd. - Miranda, remeta estas ordens prioritárias com três níveis de criptografia para o comandante da Nona Guarda Klingon, - Naquela mensagem havia todas as instruções finais para a colaboração Klingon para o grupo GALÁXIA do plano, e que era algo que já havia sido prometido aos Klingons, ou seja, a responsabilidade de levar a cabo parte da operação contra o Empok. O Alto Conselho Klingon havia terminado suas investigações próprias, e havia ficado claro que uma de suas naves havia sido emboscada pelos separatistas para os seus planos. Logo, o Chanceler Martok queria que a resposta do Império não fosse nada menos do que um golpe forte contra estes agressores.

- A Nona Guarda irá servir bem para dar apoio ao grupo ESTRELA, John. - Agora precisamos definir qual das nossas será utilizada como o ESPAÇO. Necheyev se virou, e entrou com alguns comando no console LCARS próximo a ela. A projeção holográfica da região mudou levemente, passando a indicar as diversas naves da Frota Estelar que haviam sido originalmente colocadas em prontidão naquela área, quando do início da crise. Um segundo comando fez com que as unidades que se encaixavam nas necessidades operacionais do plano ficassem mais destacadas.

- Hum... - ela disse, enquanto todos observavam as catorze naves realçadas na projeção. - Temos várias *Nebulas*, mas elas não são velozes o bastante, embora tenham boa capacidade de carga.

- Há duas *Akiras*, mas ambas estão longe demais da Base Estelar 310, que é onde NAVE está estacionado, - Sariff comentou, enquanto também procurava por opções. Necheyev dedilhou mais alguns comandos, e uma determinada nave foi destacada, com os dados sobre ela passando em uma janela anexa a projeção holográfica.

- Se considerarmos apenas o hangar vazio, você fica satisfeito com esta?

O Comandante em Chefe dos Fuzileiros da Frota pensou um pouco. - Meio apertado, mas... sim, irá dar bem, a velocidade que poderemos desenvolver será adequada. E ela já está muito bem posicionada, ainda por cima.

- Então já temos nossa garota, - Necheyev disse, e começou a preparar para contatar a nave em questão.

#

- Verdade? Eu não sabia disto. – disse Bárbara Coelho.

O refeitório da USS *São Paulo* estava neste momento vazio, exceto por alguns dos oficiais seniores da nave, no caso a Tenente Coelho, da navegação, a oficial de segurança, Tenente-Comandante Naran, e a própria Capitão Parker. A Capitão não tinha muito costume de chegar tão cedo para o café-da-manhã, às 0530 horas, e ao quebrar esta rotina naquela manhã, teve a chance de jocosamente perguntar para suas duas oficiais se elas não tinham nada melhor a fazer do que ficar comentando sobre a vida dos outros. No caso, Coelho e Naran estavam comentando sobre o estado civil de vários dos tripulantes homens da nave, especificamente do Comandante Dot, o primeiro-oficial da nave.

- Sim, pode não parecer, mas a esposa do Dot também é Trill. – confirmou a Capitão, trazendo o seu copo de suco de laranja do balcão do refeitório. A *São Paulo*, assim como outras unidades da classe *Intrepid*, haviam ganho alguns pequenos ajustes desenvolvidos pela tripulação da irmã delas no quadrante Delta, o que incluía aquele pequeno balcão perto da unidade principal de replicação. – Eu a conheço faz vários anos, do tempo em que eu e ele ainda servíamos na *Mutara*. Só que ela é de uma outra etnia Trill, e por isto a testa dela tem uma protuberância diferente, e as pintas só começam do pescoço para baixo.

- Ela é unida? – quis saber Naran.

- Não, - respondeu Parker. – E ela nunca quis. Os Trills desta etnia não se voluntariam muito para se juntar a simbioses, pois pelo que Dot me disse, com eles o simbiote tende a se tornar a única consciência do hospedeiro. Não é que nem no caso dele, que é uma mistura dele mesmo, do simbiote Dot e dos outros dois hospedeiros anteriores.

- Hum... interessante.

- Então, Bárbara, você vai ter que esperar o próximo hospedeiro dele, pois este já tem dona. – Naran comentou, rindo.

- Capitão para a ponte, - a voz do citado primeiro oficial da *São Paulo* fez-se ouvir pelo refeitório.

- Ih, ele ouviu que nós estamos falando dele. – brincou Bárbara.

- Sim, Número Um? – Parker respondeu, sorrindo pelo comentário de sua navegadora.

- Skipper, temos uma mensagem da Frota Estelar classificada como prioridade um, e específica para nós. – o semblante das mulheres no refeitório adquiriu tom mais sério, e a Capitão da *São Paulo* levantou-se. – Muito bem, redirecione para o meu gabinete. – Com os recentes desdobramentos da crise na União Cardassiana, a tripulação estava em um grau maior de alerta, e aquilo podia ser o primeiro indício de que algo estava efetivamente para acontecer que justificaria bem esta precaução.

#

Kritol olhou ao redor da ponte da IKS *Sompek*, a nave sob seu comando. Uma unidade da classe *Vor'cha*, a *Sompek* havia acabado de sair da doca seca antes de eles se juntarem à Nona Guarda, e havia recebido o que existia de melhor e mais atualizado em novos sistemas. Apesar disto, para um observador desavisado, sobretudo se este não for Klingon, poderia haver dúvidas quanto a estes reparos, a julgar-se pela aparência do

acabamento dos novos sistemas na ponte, os quais não fora refeito além do necessário para serem funcionais e organizados. Kritol queria que sua nave também tivesse a honra de mostrar as cicatrizes das batalhas pelas quais passou, da mesma maneira que ele e seus demais guerreiros prezam suas próprias cicatrizes.



Estes guerreiros, por sua vez, se encontravam todos em postos de batalha, pois tanto a *Sompek*, como o restante da flotilha de outras oito naves os quais capitanearam, estavam entrando no sistema Chin'Toka, com todas as naves camufladas e prontas para o momento certo do ataque. Os mais novos inimigos do Império estavam prestes a aprender que este não iria ignorar passivamente a tomada de uma de suas naves.

O ataque precisava ser rápido e preciso, para que desta forma o seu objetivo principal fosse realizado. Para tal, uma penetração funda nas linhas de defesa do Empok era necessária, manobra a qual eles estavam fazendo no momento. Uma outra força de doze naves Cardassianas legalistas, entre elas quatro cruzadores classe *Galor*, estava se movendo ao largo do sistema, atraindo a atenção das patrulhas do Empok. Isto iria servir de distração, enquanto suas próprias naves iriam se aproximar o máximo possível de Chin'Toka Prime. Em toda a batalha havia elementos desconhecidos, mas de uma coisa ele estava certo: iria ter sucesso em sua missão.

E isto iria acontecer contra um adversário que se mostrava bem preparado. As mais recentes informações da inteligência mostravam que os separatistas do grupo Empok estavam defendendo o sistema de Chin'Toka com 93 naves de diferentes classes, tanto Cardassianas quanto Dominion. As unidades Cardassianas haviam sido fornecidas por alguns Guls que se aliaram a Trovez, enquanto outras foram capturadas das forças legalistas. Além disto, o fato de Trovez também ter conseguido um bom número de naves Jem'hadar mostrava que o seu pessoal vinha se preparando para isto desde imediatamente após a guerra. Todas as forças Dominion foram forçadas a voltar para o quadrante Gama, mas na confusão da retirada de tanto pessoal e equipamento, unidades Cardassianas que já eram secretamente leais a Trovez conseguiram manter secretamente cerca de 40 naves do Dominion. A falha dos serviços de inteligência aliados de não descobrir estas naves foi algo bastante grave, mas havia também mérito a se dar aos operadores Empok, que procuraram escolher bem as naves: nenhuma estava em plenas condições de operação quando foram ocultadas, e foram retiradas de estaleiros e bases, onde se encontravam para reparos quando do fim da guerra. Desta forma, os membros do Empok conseguiram com que o paradeiro destas naves fosse facilmente forjado, através de relatórios falsificados que indicavam que estas naves haviam sido destruídas em diferentes épocas da guerra. De lá para cá, Trovez e seu pessoal se dedicaram a lentamente recuperar estas naves em plenas condições, e quando se mostraram prontos, o levante em Chin'toka estava ao alcance deles.



Mas o fato de o inimigo à frente ter uma força considerável para defender um território composto de apenas um sistema não o preocupava. Embora isto fizesse com que as defesas estivessem bem posicionadas e ocupando uma área pequena, uma força de guerreiros Klingons bem treinados pode se infiltrar em qualquer defesa, seja ela de que sofisticação for. E seus guerreiros estavam entre os melhores.

Um destes, o segundo-navegador Jkrett, responsável pelo monitoramento do tráfego inimigo durante a batalha, foi o primeiro a relatar um movimento hostil. Como de costume, o seu tom de voz era profissionalmente neutro, mas que ainda assim deixava nítido a satisfação de saber que o combate era iminente.

- Senhor, as naves do Empok estão quebrando formação da perseguição do grupo de apoio Cardassiano, - ele reportou. - O inimigo está assumindo rotas de interceptação ao nosso flanco esquerdo, com as coordenadas 120 marco 30.



Fomos descobertos, pensou Kritol. Não era algo de se espantar, claro. O Dominion desenvolveu diversas técnicas de detecção de camuflagem durante a guerra, e o Empok certamente estava fazendo bom uso destas técnicas, o que se mostrava ainda mais claro com esta rápida detecção de seu grupo. De qualquer modo, eles já haviam transcorrido mais de um terço do curso até o alvo principal dentro do sistema. Os dois terços seguintes não seriam nada os quais um Klingon não pudesse conquistar lutando.

- Ordene todas as escoltas, aumentem a velocidade para impulso total, e adotem a formação de penetração em profundidade, - ordenou Kritol. A manobra foi realizada, com as naves ajustando seus cursos para adotarem a nova formação. Kritol também ordenou que o grupo desativasse os dispositivos de camuflagem, uma vez que sua utilidade chegara ao fim. E desta forma, todas as naves já estariam prontas para os primeiros disparos no instante seguinte a que isto fosse possível. Tão logo as primeiras manobras foram concluídas, Jkrett reportou novamente.

- Senhor, há outras seis naves vindo do planeta, acompanhadas de outros dez contatos ainda não identificados... - alguns segundos se passaram antes que o computador principal pudesse ter uma leitura positiva da identificação dos alvos. - São mísseis táticos Cardassianos, do tipo D2.

Aquilo era má notícia.



O D2 era uma versão reduzida de um outro tipo de míssil Cardassiano, o qual eles tinham o costume de classificar como uma arma "tática", mas que estava longe de ser isto: tratava-se de uma naveta autoguiada carregada com uma tonelada de matéria e uma outra de antimatéria, poder o bastante para despedaçar um asteroide por total. Como eram de difícil construção, os Cardassianos desenvolveram uma versão reduzida, esta sim para finalidades táticas, a D2, que embora não fosse nem de perto tão poderosa, por levar bem menos carga explosiva, ainda assim podia dizimar uma nave em apenas um único impacto. E além do mais, era muito mais manobrável do que a primeira versão.

- Os cruzadores devem nos fornecer cobertura enquanto nos posicionamos para o ataque, - o Capitão ordenou o seu oficial de comunicações a transmitir instruções detalhadas para todas as naves. - Enquanto as aves-de-rapina devem engajar os mísseis táticos. Se assegure que todos recebam suas instruções.

Naquele momento, duas forças distintas se dirigiam contra o grupamento Klingon, que em velocidade de impulso máxima, se encontrava ainda a bons 15 minutos de Chin`Toke Prime. O primeiro grupo de naves do Empok, que antes estavam perseguindo os Cardassianos legalistas, chegou primeiro, composto de 14 naves, as quais abriram fogo tão logo entraram no alcance. Kritol observou no táctico dois de seus cruzadores receberem o primeiro voleio de torpedos, enquanto as demais naves respondiam com fogo de feisers. A nave mais avante do grupo do Empok recebeu boa parte dos disparos, explodindo quase que instantaneamente, mas era apenas uma fragata leve; os dois cruzadores classe *Galor* que vinham logo atrás agüentaram bem estes primeiros disparos, e retornaram fogo com tudo o que tinham.



- Oito minutos para os mísseis nos alcançarem, - reportou o seu navegador, no meio do intenso trabalho na ponte da *Sompek*. Eles podiam agüentar bem contra este grupo do Empok mesmo estando em uma desvantagem de cerca de três para um, mas era imperativo que as suas escoltas ligeiras conseguissem ganhar tempo destruindo o maior número possível de mísseis D2 que se aproximavam. As seis naves do Empok que vinham acompanhando estes mísseis abriram fogo contra as suas aves-de-rapina, que corriam para interceptar estas armas. Este segundo grupo do Empok era todo composto de naves ex-Jem'Hadar, as quais mostraram o seu poder ao destruírem em apenas uma passada duas das aves-de-rapina, mas



não sem antes o piloto da segunda conseguir controlar os destroços de sua moribunda nave de modo que eles colidiram com uma das naves do Empok, danificando os escudos desta o bastante para que uma outra ave-de-rapina conseguisse acabar com esta nave Empok com apenas um torpedo. As cinco naves inimigas restantes fizeram uma manobra rápida e saíram em perseguição das três ave-de-rapina que ainda se dirigiam contra os dez mísseis, enquanto a *Sompek* e os outros três cruzadores Klingons continuavam a avançar debaixo do fogo de nove naves Cardassianas; os artilheiros da *Sompek* e das demais naves estavam conseguindo nivelar as coisas com uma contagem que já alcançava cinco alvos destruídos, mas eles não poderiam continuar a suportar danos naquele ritmo por muito mais tempo, e ainda quatro minutos os separavam do alvo.

Enquanto avançavam mais e mais, outro cruzador pesado Empok foi destruído, com diversos outros em diferentes graus de danos, mas a coisa estava complicando, pois os primeiros D2 começaram a sua corrida final contra seus alvos; as aves-de-rapina conseguiram interceptar quatro deles, mas ainda lutavam para conseguir acertar os seis restantes, uma vez que ainda tinham que lutar contra as naves do Empok que as perseguiam.



Em menos de um minuto todas estas naves e mísseis se encontravam bastante próximos uns aos outros. Os cruzadores Klingons dividiam agora o fogo contra todas as naves do Empok que conseguiam engajar, e os artilheiros conseguiram aumentar as perdas deles em mais duas naves, com outras duas danificadas a ponto de não representar mais perigo. Mas a conta de atacantes ainda estava em dez naves.

As três aves-de-rapina conseguiram destruir mais três mísseis antes que finalmente se juntassem à *Sompek* e os demais cruzadores, para que todos pudessem chegar ao mesmo tempo em Chin'Toka Prime, agora a menos de dois minutos.

- Senhor, tenho uma solução de tiro para a nossa salva de torpedos, - o seu artilheiro-chefe afirmou, enquanto Kritol observava o monitor do tático, com os dados da batalha chegando, no meio de uma caótica ponte na qual todos estavam trabalhando freneticamente em seus consoles, mesmo aqueles que estavam consideravelmente feridos pelos danos que a *Sompek* vinha sustentando.

- Ainda não. Aguarde meu comando. - E Kritol ficou em silêncio. Seus oficiais sabiam que ele não falaria absolutamente mais nada até que fosse a hora de ele se pronunciar; não haveria necessidade alguma de ele reiterar esta ordem. A distância entre o grupo principal e Chin'Toka Prime caiu para meros segundos. Da mesma forma que a distância entre os mísseis D2 e eles.

O primeiro dos três mísseis restantes conseguiu um impacto direto contra a nave Klingon mais exposta, um cruzador que protegia o flanco direito do grupo. A nave partiu-se em dois e explodiu instantaneamente, mesmo sendo a nave Klingon que havia sustentado menos dano até aquele ponto da batalha. O segundo míssil restante recebeu disparos de feiser de quatro naves Klingons diferentes, que eram as unidades que haviam entre o cruzador destruído e a capitânia do grupo. O fogo concentrado neste míssil o detonou repentinamente, e a explosão fez com que alguma das naves Empok que os perseguiam ficassem momentaneamente fora de rota. E por fim, o terceiro míssil estava travado diretamente em seu alvo, a *Sompek*, que já estava praticamente em órbita de Chin'Toka Prime.

- Impacto em cinco, quatro, três... - Jkrett reportou, no que Kritol finalmente fez-se ouvir.

- Agora! Impulso total para 240 marco 45, e disparar torpedos!

No que a ordem foi dada, quatro eventos distintos ocorreram no mesmo exato instante. Os dois primeiros foram tanto o seu navegador-chefe e seu artilheiro-chefe obedecerem às suas

ordens velozmente, o que fez a *Sompek* fazer uma violenta manobra enquanto nada menos do que oito torpedos eram disparados. Já o terceiro evento foi que eles foram atingidos por dois torpedos disparados por uma das naves Jem'Hadar do Empok, enquanto o quarto evento foi também responsabilidade de outro de seus artilheiros, que concentrou todo o fogo de feisers no míssil que estava travado neles, fazendo-o explodir a apenas quarenta quilômetros da *Sompek*, uma insignificância absurda.

Toda esta atividade em torno da Capitânia Klingon naquele momento provocou grande confusão nas linhas da batalha. Com o impacto dos torpedos que foram disparados contra as naves Empok, mas principalmente devido à onda de choque da explosão do míssil D2, a *Sompek* girou violentamente para o lado oposto ao qual estava manobrando, o que exigiu o máximo da integridade estrutural da nave. Diversas explosões secundárias aconteceram na ponte e por toda a nave, com seus guerreiros lutando bravamente com os sistemas do cruzador para mantê-lo em condições de batalha. As naves do Empok mais próximas foram seriamente danificadas, e as restantes tiveram que manobrar violentamente para se desviar do ainda numeroso enxame de torpedos que corria em sua direção, pois todas as sete naves restantes do grupo também lançaram todos os torpedos que ainda podiam disparar simultaneamente, o que colocava nada menos do que setenta torpedos quânticos espalhados na área da batalha. Vários atingiram seus alvos, mas alguns acabaram sofrendo interferência eletrônica do Empok, e estavam vagando sem rumo, em rotas aleatórias contra o agrupamento de naves atacantes e o planeta próximo.

Kritol observou o tático e rapidamente digitou alguns comandos no console próximo à sua cadeira de comando. O grupo de sete naves passou ao largo do planeta, enquanto duas plataformas de armas orbitais se juntavam à defesa do planeta e abriam fogo contra os Klingons, e as naves Empok que ainda tinham condições de combate os perseguiram.

- Atenção todas as naves, - Kritol ordenou novamente. - Velocidade de dobra máxima, ativar! - e em apenas um par de segundos, todas as naves Klingons desapareceram nos característicos efeitos de naves entrando em dobra, e as naves Empok se desviaram da rota de perseguição, para reagruparem e restabelecerem o perímetro de defesa em volta do sistema, uma vez que a força Klingon atacante havia se retirado.

Entrementes, Kritol aguardava o seu oficial tático analisar os resultados. Haviam perdido um cruzador e duas aves-de-rapina, e tinham diversos danos em todas as demais naves, mas em contrapartida conseguiram destruir oito naves do Empok. Mas isto não era o principal a se saber. Instantes antes de o grupo entrar em dobra, o Capitão havia deixado para trás um pequeno satélite de dados, que antes de ser destruído pelas naves Empok restantes, conseguiu transmitir a principal informação de que eles precisavam: a de que o objetivo da missão havia sido atingido.

- Qa'pla! - Kritol exclamou batendo em seu peito, enquanto todos os seus guerreiros ali trocavam entusiasmados cumprimentos por uma missão de sucesso.

#

- Como vão indo os trabalhos?

A Capitão Parker entrou no hangar da sua nave, acompanhada pelo Comandante Dot, e ambos estavam caminhando na direção do Comandante Rtoget, o Tellarita que estava em comando do grupo de Fuzileiros da Frota Estelar que no momento estavam embarcando o seu equipamento.

- Caminhando muito bem, Capitão, - respondeu Rtoget. - Os trabalhos de ampliação do deck de manobras do hangar já terminaram, e o pessoal da Base está começando a trazer o

equipamento. Teremos uma seqüência específica para fazermos tudo encaixar no hangar, mas isto já foi providenciado. - E com isto Rtoget entregou um padd para o Primeiro-Oficial Dot, que descrevia o procedimento pelo qual o equipamento do grupo de Rtoget iria ser estocado, e a maneira que o seu pessoal de apoio iria fazer a preparação dele durante a viagem.

Neste momento, a *São Paulo* estava docada na Base Estelar 310. A nave havia sido chamada às pressas para aquela instalação da Frota, ao largo da fronteira Cardassiana. Uma vez na base, a Capitão Parker foi informada dos detalhes da operação. A participação da *São Paulo* iria ser de transportar o time NAVE, comandando por Rtoget, até o teatro de operações, e efetuar a extração deste time posteriormente. Não eram muitas pessoas, apenas 14 oficiais dos Fuzileiros da Frota. Mas o equipamento que eles levavam era tanto que a *São Paulo* teve que sofrer algumas adaptações para acomodar todo o material, que estava sendo colocado no hangar neste momento.

As equipes de engenharia da *São Paulo* tiveram que remover praticamente todo o equipamento que normalmente ficava espalhado pelo local, a fim de aumentar a área útil para a estocagem, que consistia de oito grandes contêiners, além de dezenas de outras caixas e envoltórios menores. Consoles de controle, bancadas de manutenção, contêiners, e tudo o mais que pode ser remanejado para as laterais do local. Mesmo assim, o espaço iria ficar extremamente apertado, mas se tratava de um problema que de uma maneira ou de outra, teria que ser contornado.

- Vocês tiveram mesmo que bagunçar a minha nave, hein? – comentou a Capitão, observando as modificações feitas no hangar.

- Lamento pelo inconveniente, mas o nosso equipamento é volumoso, - o Comandante respondeu. - O seu pessoal se mostrou muito eficiente, especialmente sua engenheira-chefe, embora eu esteja certo de que demos a ela muito trabalho. Acho que se ela tivesse algum fio de cabelo, já teria arrancado todos. - ele comentou sorrindo. Com as portas do hangar da *São Paulo* totalmente abertas, e com os campos de força mantendo a pressurização do local, a Capitão podia observar o espaço fora da nave, onde um dos shuttles classe dois da *São Paulo* fazia uma manobra para entrar em uma área da Base Estelar 310.

- Todos os nossos shuttles já foram removidos?

- Sim. O meu pessoal se assegurou com as equipes da Base que eles fossem bem hangarados, e vão ficar seguros até a nossa volta.

- Ainda estamos com o Aerowing, - disse Dot. - Ele irá servir bem caso surja a necessidade por uma nave auxiliar. – Parker fez uma silenciosa expressão de que concordava com o seu Número Um.

Rtoget fez um gesto para um dos oficiais no hangar ir verificar um dos oito grandes contêiners, o qual havia acabado de ser descarregado no hangar por uma naveta da classe Workerbee, que pertencia à Base 310. Parker não reconheceu o Tenente, o que lhe indicava que devia ser um dos homens de Rtoget. Ele estava usando um uniforme de serviço regular da Frota, com a única diferença que próximo às bolinhas de patente na lapela, havia um pequeno distintivo dos Fuzileiros da Frota, uma âncora no fundo do brasão da UFP.

- Comandante, - Dot chamou a atenção de Rtoget. – Antes de levantarmos ferros, eu preciso coordenar a distribuição dos alojamentos ao seu pessoal, então vou colocar alguns tripulantes para prepararem tudo. Eu a encontrarei na ponte, Skipper. – e com isto Dot começou a se dirigir à saída do hangar. A equipe de Fuzileiros não iria ficar muito tempo na nave, mas eles precisariam de algum local para descansar ao menos por um par de horas antes da missão.

- Muito bem, Número Um. E lembre-os e também ao nosso pessoal de que teremos uma reunião tão logo nós partirmos, para que possamos repassar o cronograma do plano, e outros detalhes.

- E isto não deve demorar muito, - o tellariano acrescentou. - A Frota vai nos dar a ordem a qualquer instante, agora.

- Eu imagino que sim. E teremos que partir minutos depois, ou vamos ficar para trás nisto tudo.

#

SECRETO

DE: IKS SOMPEK

PARA: CINC FROTA ESTELAR



VOCE TEM A ESTRELA QUE PEDIU A DISPOSICAO DE SUA NAVE. COORDENADAS 33NO 75W 176.

A mensagem estava sendo mostrada na tela principal da sala de Comando e Controle do Archer Hall, onde o Presidente Inyo estava acompanhando o desenrolar da operação, acompanhado de Gregory Dalton, do Embaixador Boliano Natec, e dos Almirantes Galbraith e Neychevey.

- Cespedes já verificou com a Inteligência da Frota de que a informação é correta, embora nossos agentes de campo ainda não tenham chegado nas coordenadas do encontro, que serão nas proximidades destas que os Klingons passaram, - Dalton disse, se referindo à mensagem que recebera do Chefe de Gabinete da Presidência da UFP. - O Empok em momento algum teve o conhecimento do real motivo do ataque Klingon, e as comunicações que interceptamos deles mostram que eles estão especulando de que se tratava de um desembarque de tropas em Chin'Toka Prime para o estabelecimento de uma cabeça-de-ponte para a chegada de tropas cardassianas legalistas.

- Desta forma, esta etapa da operação está completa, - Neychevey afirmou. A Almirante acionou alguns comandos e o grande painel passou a mostrar uma rota espacial, partido das cercanias de Trill até o sistema de Chin`Toka.

- A segunda fase, será, claro, efetuada pelo pessoal embarcado na USS *São Paulo*, ou seja, o grupo NAVE. - ela continuou. - A *São Paulo* partiu da Base Estelar 310 tão logo tivemos a confirmação por parte dos Klingons sobre o momento e o local onde ESTRELA foi posicionado. A contar de 35 minutos atrás, tanto NAVE quanto ESTRELA agora tem exatas 2.0 datas estelares para estarem na posição zero, quando será o momento de agir. Estimamos que a extração dos reféns e a retirada do local levarão exatamente vinte minutos, sendo que quinze destes são solenemente o tempo necessário para a penetração inicial e a retirada. Portanto, a operação per se levará não mais do que cinco minutos. Nem deve, na verdade.



Inyo observou as informações táticas por mais alguns instantes. Claramente a operação estava caminhando bem neste aspecto, mas ele sabia que isto era apenas um lado daquela problema. Havia uma outra questão a se considerar, e ele sabia que isto estava nas mãos dele, do Conselho da Federação e do corpo de diplomatas. O Almirante Galbraith se encarregou de introduzir o tema.

- Mas considerando que ainda estamos a quase um dia de isto acontecer, precisamos ter certeza de que não irá ocorrer nenhum tipo de retaliação por parte do Empok devido ao ataque Klingon. Em outras palavras, agora é a hora de ganharmos tempo.



- A idéia, Sr. Presidente, é estabelecermos que isto teria sido uma ação unilateral dos Klingons, resultante das próprias investigações deles sobre o que aconteceu com a IKS *Azetbur*. – disse Dalton.

- O Chanceler Martok concorda com este posicionamento?

- Foi idéia dele, na verdade, - respondeu o Embaixador Natec. – Originalmente, nós queríamos camuflar isto como algum tipo de erro de comunicações que teria causado um mal-entendido. Mas Martok preferiu uma versão mais firme, por assim dizer. O que faz a coisa sequer ser uma mentira, pois eles certamente iriam retaliar, fosse para apoiar nossa operação ou não.

- Tudo já está arranjado para que tenhamos êxito nisto, - Dalton afirmou, passando um padd para Inyo, embora o Presidente já conhecesse bem o cronograma ali listado. – Certamente haverá protestos e ameaças iniciais, os quais iremos responder com o argumento sobre os Klingons, acompanhado de que estamos estudando diversas das exigências de Trovez, e que devemos preparar uma reunião em Chin'Toka. Isto tudo, se feito de maneira apropriada, irá levar exatamente o tempo necessário para que a operação termine. E com isto, teremos eliminado o principal risco imediato à Federação, que é a vida de nossos compatriotas.

- Muito bem. – respondeu o Presidente. – Então vocês podem nos assegurar que a operação vai se dar exatamente na data estelar 54298.0?

- O cronograma é vulcanamente preciso, Sr. Presidente.

Vulcanamente preciso, pensou Inyo. Infelizmente eles não poderiam fazer com que os argumentos os quais usariam para contatarem o Empok também tivessem valores mais Vulcanos.


#

Capítulo 9

Cavaleiros Fantasma


Tanto aquela região remota no hemisfério norte de Chin'Toka Prime como a Ilha Mretet tinham uma densidade demográfica baixa, mas mesmo que algum Cardassiano por acaso tivesse observado os diversos flashes luminosos no céu da madrugada, certamente imaginaria serem clarões de alguma das batalhas espaciais que tem ocorrido em órbita, devido a todas as mudanças políticas que estavam ocorrendo no seu mundo. Os dirigentes atuais do Empok não estavam informando muito, mas sim apenas dizendo para a população em geral "não se preocupar" com toda a atividade estelar dos últimos tempos. Portanto, este eventual observador pararia por alguns instantes para observar os clarões, e continuaria seguindo pelo seu caminho, imaginando ser apenas alguma troca de tiros entre naves.

Bem, ele não estaria de todo errado.

 Primeiro, correram em direção à superfície três flashes luminosos, com dois desaparecendo no horizonte, e um atingindo o mar muito ao longe, mas ainda assim possível de observar-se da Ilha o local do impacto. Após isto, cinco outros clarões cortaram o céu, mais lentamente, e desapareceram em um vale no interior da ilha. Após estes eventos, a noite em Mretet voltou a se acalmar.

Os locais da queda destes últimos cinco torpedos quânticos Klingons em especial eram ocupados por um pequeno bosque silvestre, já longe da linha do litoral. Mas os pontos em que eles caíram não parecia danificado pelo impacto, pelo contrário. Desafiando a gravidade e o bom senso, estes cinco torpedos caíram muito suavemente. Não era de se espantar, contudo; eles haviam sido projetados para tal manobra.

Depois de um par de minutos da queda, a Tenente Pava Aqabaa ativou o mecanismo de trava, e a tampa externa do torpedo Klingon na qual ela se encontrava se soltou, caindo para o lado. Aqabaa segurou rapidamente a tampa, para que ela não caísse ruidosamente no chão, e se levantou devagar. Estava tudo escuro, mas ela podia notar que se encontrava no meio de algumas árvores. A Andoriana ativou sua visão noturna e saiu do torpedo, rapidamente tratando de retirar seu equipamento de dentro, que consistia em um rifle feiser e uma mochila, e depois arrumou alguns itens.



Assim que ela terminou de colocar a mochila nas costas, suas antenas captaram um movimento, fraco o bastante para ainda não ser ouvido, mas que estava se aproximando. Aqabaa destravou o rifle por precaução, e olhou na direção de onde sentira o movimento.

Do meio de duas árvores, quatro vultos saíram caminhando na direção de Aqabaa, mas a voz de um deles fez com que ela confirmasse a identificação do grupo.

- Pava, você está pronta? – perguntou o Tenente-Comandante Dennis Muller, líder daquela unidade em particular do Space Assault Service dos Fuzileiros da Frota Estelar, equipe da qual a Tenente Aqabaa fazia parte. Muller se aproximou dela, acompanhado por mais um humano, o Tenente Tiago Vieira e outros dois Klingons. Vieira também era um dos comandados de Muller, da mesma forma que a Andoriana, enquanto os Klingons, K'trar e Rqutek, eram oficiais de campo da Nona Guarda, e foram designados a participarem do time ESTRELA da operação, juntamente com aqueles integrantes do esquadrão Gama das SAS. O local estava bastante escuro, mas todos também estavam com capacidade de visão noturna. Os humanos e a Andoriana estavam utilizando o visor que equipava a Hazard Suit que estavam vestindo, um uniforme de combate tático da Frota. A Hazard Suit era bem mais justa ao corpo do que o uniforme de serviço padrão da Frota, com o qual compartilhava apenas a aparência, uma vestimenta preta com ombros cinza, e um comunicador padrão da Frota no peito esquerdo. Fora isto, aquela vestimenta era muito mais sofisticada, possuindo um limitado suporte de vida, era bem resistente e possuía ótima elasticidade, isolamento térmico, e um visor fixo à frente dos olhos do usuário que era conectado a um tricorder instalado em um dos vários bolsos da vestimenta. Já os dois Klingons estavam em uma versão de campo noturna do uniforme regular de combate Klingon, e também equipados com um equivalente do visor noturno da Hazard Suit.

- Quase, chefe. - respondeu Aqabba. – Só preciso agora cuidar do torpedo. – A Andoriana retirou um pequeno dispositivo de um dos seus bolsos e o jogou dentro do torpedo já vazio. Em coisa de dez minutos, aquele emissor energético iria cuidar para que o torpedo fosse totalmente desintegrado, ele mesmo incluso, não deixando nenhum vestígio, fosse de matéria ou de qualquer assinatura residual do desintegramento, por este acontecer de maneira relativamente lenta.

- Muito bem, - disse K'trar, um dos Klingons. – Rqutek, triangule nossa posição. – com isto, o outro Klingon ativou um tricorder e entrou com alguns dados nele, enquanto K'trar andou alguns metros até uma área mais aberta, para observar algumas colinas ao longe, para tentar reconhecer o local. Ambos os guerreiros eram veteranos da primeira campanha dos aliados contra Chin'Toka Prime, e desta forma tinham grande conhecimento da geografia do planeta. Esta era uma das razões pela qual Muller havia requisitado à Nona Guarda que K'trar fizesse parte do time. Além disto, K'trar e Muller já haviam trabalhado juntos em diversas outras operações especiais antes, e ele sabia que podia confiar plenamente nas habilidades do guerreiro klingon.

- Nós estamos na grid 176 do hemisfério norte, bem dentro de Mretet, - o Klingon disse, depois de consultar seus mapas no aparelho. Mretet era uma ilha razoavelmente grande, tendo um formato mais ou menos oval e mais de 1400 quilômetros quadrados, e algumas poucas cidades e vilarejos ao norte. Rqutek continuou a reportar. - Desta forma, nosso alvo está a 19 quilômetros de distância daqui, nesta direção. – ele virou o tricorder para o oeste, na direção para onde se localizava a instalação que era o destino daquela equipe, ou seja, o local do cativo dos reféns mantidos pelo Empok.

- Hum, nada mal, - comentou o Tenente Vieira. – a melhor estimativa de precisão para a penetração com os torpedos foi de 30 quilômetros, pelo que eles disseram.


Muller deu um tapa no ombro de K'trar. - Seus companheiros "erraram" os disparos de torpedo muito bem, K'trar.


- O artilheiro-chefe da *Sompek* é aclamado como um dos melhores; nosso comandante não iria aceitar nada menos. - respondeu o Klingon. O desembarque do time ESTRELA em Chin'Toka Prime havia sido realmente o único objetivo do ataque da flotilha das naves Klingons, de maneira que este desembarque fosse o mais discreto possível, sem se utilizar quaisquer meios convencionais para isto, como naves ou teleporte. Desta forma, cada um dos cinco membros da equipe foram colocados em um torpedo especialmente desenvolvido para a tarefa. Quando a *Sompek* se aproximou de Chin'Toka Prime, disparou os torpedos-transporte de maneira que parecesse apenas mais disparos comuns contra as naves do Empok, mas que desde o início estava programado para "errar", e assim os torpedos iriam "aleatoriamente" rumar para o planeta.


- Bem, então peguem suas tralhas e vamos andando, - Muller afirmou. - Temos agora... 1,75 data estelares para a operação, e teremos primeiro que passar pelo checkpoint alfa, aonde vamos nos encontrar com o nosso batedor para a missão. - Muller se referia ao agente local da Inteligência da Frota em Chin'Toka Prime, o qual havia sido instruído a se encontrar com o time ESTRELA em uma determinada coordenada a alguns quilômetros de distância do alvo da equipe na Ilha. Todos ali terminaram de verificar os arredores, para se certificarem de que não haviam sido eventualmente observados, e se colocaram em marcha pelo interior da Ilha Mretet.

#

- Dê-me a relação dos itens que você já calibrou agora.

 A Tenente Coelho levou um susto pela maneira repentina que o Tenente Cevar Melden usou para se dirigir a ela, e quase deixou cair o tricorder que estava utilizando para calibrar alguns itens do equipamento que o time NAVE iria utilizar na operação. Ela se virou na direção de Melden, e com uma cara nitidamente emburrada, pegou um padd ao seu lado e entregou para ele, que saiu andando para fora do hangar da *São Paulo* sem falar nada.


- Mal educado, - ela resmungou meio que para si mesma, quando Melden desapareceu de vista. A Tenente-Comandante Sielle, a segunda em comando do grupo de Fuzileiros da Frota que Rtoget comandava, estava trabalhando com Coelho, e estava bem ao lado dela. 

 - Não tome como algo pessoal, Tenente. - a Vulcana disse. - Melden é Zaldaniano, e membros desta espécie são conhecidos por sua típica atitude ríspida.

- Ah, eu sei, mas eles bem que podiam dar uma maneirada nisto, não? Ninguém tem a obrigação de ter que aturar estes modos deles só porque eles são assim e pronto. - ela se virou na direção de Sielle. - Mesmo vocês Vulcanos não são rudes deste jeito... especialmente você, Sielle, ao menos pelo que eu tive a chance de te conhecer.

- Muitas pessoas têm uma visão estereotipada de Vulcanos, eu penso. - Sielle respondeu. - Certamente controlo minhas emoções com grande disciplina e exerço minha lógica com muita precisão, mas isto realmente não é motivo para fazer com que meus associados de outras espécies fiquem desconfortáveis com minha presença. Há muitos outros Vulcanos que também agem assim, especialmente aqueles que não são naturais de Vulcano.

- Mas você é de lá, não é?

 - Minha família é de Vulcana Regar, - Sielle respondeu. - Meus pais serviram na Frota durante muitos anos, mas ambos já deixaram a corporação. Meu pai seguiu carreira



política, e minha mãe optou por se especializar em desenvolver lingerie cerimonial para Vulcanas utilizarem durante pon-farr.

Coelho não conseguiu evitar de sorrir ao comentário. – Não disse? Eu nunca conheci nenhum vulcano que citasse o pon-farr de maneira tão descompromissada como agora...! – a humana sorriu, mas não foi acompanhada neste gesto pela sua colega Vulcana.



- Como citei, muito se baseia em estereótipo. A definição totalmente precisa do que seria o típico Vulcano é algo que na verdade é bastante complexo, uma vez que estamos falando de uma sociedade espalhada por toda a Federação, totalizando uma população de vinte e um bilhões, novecentos e quarenta e sete milhões, duzentos... – e Sielle parou de falar quando Coelho levantou sua mão, rindo, mostrando que compreendia que, como Sielle ali, era possível de fato alguém ser total e tipicamente vulcano, mas sem sê-lo dentro do estereótipo normalmente aceito.

A vulcana que conversava no momento com a piloto da *São Paulo* era mais um membro da equipe de fuzileiros que compunham o time NAVE, juntamente com o Tenente Melden. Tanto Sielle como Coelho haviam ficado encarregadas de preparar todos os sistemas eletrônicos do equipamento que NAVE utilizaria, e era um trabalho que demandava considerável precisão. Os demais membros da equipe de Rtoget, tendo a ajuda de um time de engenheiros da *São Paulo*, estavam bastante ocupados em desempacotar e preparar a montagem final de todo este hardware, coisa que tinha que acontecer em uma ordem absurdamente específica, dada as condições bastante apertadas do local. Eles tinham agora apenas poucas horas para ter tudo pronto, mas com o esforço demonstrado por todos trabalhando ali, isto não deveria ser problema.

#

Ainda era noite na Ilha Mretet, e os integrantes do time ESTRELA já haviam caminhado cerca de oito quilômetros até finalmente alcançar o checkpoint Alfa, que nada mais era do que uma coordenada específica dentro dos bosques de Mretet, aonde um operador da Inteligência da Frota Estelar iria encontrá-los para trazer as informações mais atuais sobre a situação no alvo deles, e discutir detalhes finais da operação. O time ESTRELA se encontrava reunido em torno de um pequeno aquecedor de plasma, acompanhados de Deltay, o homem da Inteligência, que tinha aquela função ali em Chin'Toka Prime havia pelo menos seis anos. Ele era um Halliano, mas havia sido cirurgicamente alterado para parecer um Cardassiano Quigoliano, e seu disfarce também envolvia ter de ser um ativo membro do comércio local, o que lhe dava boa liberação de tráfego no sistema e lhe foi bastante útil durante a ocupação Dominion, como estava sendo para aquela ocasião.



Naquele momento, Deltay já havia repassado todas as atualizações que dispunha sobre o local do cativo, que se tratava de um antigo depósito de maquinário e armamento do Jem'Hadar. O local em si não era grande, tratava-se de apenas uma única edificação de mil metros quadrados em um campo cercado pelo bosque típico da Ilha Mretet e uma colina, mas esta edificação tinha pelo menos duas dezenas de níveis de subsolo, fortemente reforçados. Além disto, havia um forte escudo sendo mantido na área, e diversos guardas tripulavam torres de controle armadas com canhões feiser, e todo este aparato fazia com que o lugar fosse praticamente inexpugnável frente a um bombardeio orbital de naves estelares, por exemplo. Logo, a finalidade do time ESTRELA seria justamente preparar o terreno para o assalto por parte dos membros da equipe NAVE, que já se encontrava a caminho, e era agora sobre isto que todos debatiam com Deltay.

- Vocês deverão instalar os estimuladores de busca aqui, aqui, aqui e aqui, - Deltay disse, apontando para quatro posições específicas em torno do perímetro da instalação. – É imperativo que vocês não errem o ângulo de instalação dos estimuladores, caso contrário eles não irão operar na eficiência necessária, e não irão conseguir localizar com precisão o ponto em que os reféns estão sendo mantidos. – O grupo aproveitou o momento para examinar os aparelhos em questão, pequenas caixas com uma perfuratriz conectada, de modo a descer uma antena a dois metros de profundidade no solo.

- Muito bem, Deltay, prossiga. – disse o Comandante Muller.

- Quando os estimuladores estiverem em posição, vocês devem assumir posições nesta colina. – Deltay acionou um comando e a reprodução holográfica girou e centralizou-se em uma colina próxima ao alvo. – Aqui, vocês irão cumprir a parte dois e três de sua missão. A dois envolve ativar as contramedidas que irão servir para o time NAVE conseguir derrubar os escudos da área, e a parte três será fornecer qualquer apoio de fogo que o time NAVE precisar, especialmente apoio de fogo de precisão.

- Quando saberemos que eles terão resgatado os reféns? – perguntou Vieira.

- Quando estiverem junto com eles, - respondeu Deltay. – No momento em que vocês ativarem as contramedidas contra os escudos, os transponders de suas vestimentas estão sincronizados para se ativar em uma frequência específica, e o time NAVE irá vir retirar vocês do local. – O que Deltay não disse a eles é que o sinal em questão seria transmitido em EHF, um sinal de rádio subluz. A Inteligência da Frota costumava usar algumas destas frequências em determinadas situações nas quais elas se mostravam práticas, pois sendo um tipo de transmissão de dados há muito tempo obsoleto, eram faixas de transmissões que absolutamente ninguém monitorava para nada, e, portanto, perfeitas para alguns usos táticos em campo e de curta distância.

Após o grupo trocar mais algumas recomendações e instruções, todos se prepararam para deixar o local. Deltay se retirou para retornar à uma das províncias da Ilha, onde supostamente ele estava "a negócios" no momento, e os humanos, Andoriana e Klingons resumiram a marcha na direção do alvo. Tinham agora poucas horas para estar em posição, e todo minuto era precioso.

#

A *São Paulo* navegava lentamente através da borda da nebulosa McAllister, impulsionada apenas pelos propulsores de manobra. A nave da Federação se encontrava agora a apenas poucos anos-luz de Chin'Toka Prime, na posição marcada para o início da operação. Os acertos e preparativos que envolveram o equipamento do time NAVE já haviam sido terminados, e, um a um, todos os fuzileiros da Frota já haviam sido recepcionados por uma das outras equipes envolvidas na missão, que a partir dali assumiria o uso do codinome ESPAÇO, e que havia sido instruída de se encontrar com NAVE ali naquela nebulosa. Faltava agora apenas o próprio Comandante Rtoget, que no momento se encontrava na porta de acesso ao hangar da *São Paulo*, falando com a Capitão Parker e a Tenente Naran.

- Eu agradeço por todo o apoio que nos forneceu, Capitão. – ele apertou a mão dela, enquanto pegava o seu equipamento para a viagem.

- O seu pessoal se mostrou bastante flexível também, e estou certa que terão sucesso. Godspeed, e nos encontramos no ponto de recuperação combinado.

O Tellariano acionou a porta e entrou para o hangar. Parker e Naran seguiram para a ponte, onde Dot estava coordenando as operações.

- Capitão, a escolta tática ESPAÇO para o time NAVE chegou na hora marcada, e já tem todos os membros da equipe de Rtoget sob seus cuidados. Eles estão prontos para partir. – O Trill reportou assim que a humana e a Bajoriana entraram na ponte. Parker olhou as informações táticas mostradas no painel principal da nave, e transmitiu a confirmação final para ESPAÇO, que não demorou a partir em direção ao sistema de Chin'Toka Prime.


- Muito bem, - disse a Capitão, assim que ESPAÇO partiu levando o time NAVE. – Acione em dobra nove para as coordenadas do ponto de recuperação, Tenente.

- Sim, Senhora. – A piloto da *São Paulo* respondeu, e a nave da Federação também deixou a nebulosa, para dar uma larga volta circundando o sistema Cardassiano, de modo a estarem devidamente posicionados para aguardarem o término da operação.

#


O campo de visão diante de Vieira tinha uma bela vista, de um pequeno descampado à frente de uma colina a cerca de um quilômetro adiante da própria colina em que se encontrava, mas o que interessava mais ao humano naquele momento era observar o movimento em torno da base do Empok em que os reféns estavam sendo mantidos, e que era o alvo deles naquele dia.

Vieira olhou ao redor de todo o perímetro da base, mas não via nada de incomum a uma instalação destas, o que naquele exato instante era exatamente o que ele desejava. Em algum lugar deste perímetro, seus quatro outros companheiros estavam se esgueirando para instalar o equipamento que possibilitaria ao outro grupo de Fuzileiros encontrar os reféns dentro daquela instalação.

 Ele aguardou mais um pouco, e aproveitou aqueles minutos para checar novamente o seu rifle TR-116, na versão Mark II. Não era a típica arma que você encontraria nas mãos de um oficial da Frota Estelar, uma vez que tratava-se de uma arma de projéteis, e não de feixes energéticos como o tradicional feiser. A Frota Estelar havia iniciado aquele projeto visando dispor de uma arma que pudesse ser utilizada em ambientes com muita interferência de campos inibidores, mas acabou abandonando o programa do TR-116 em favor de feisers regenerativos. Contudo, os Fuzileiros da Frota refinaram para si mesmos o projeto da arma para servir como rifle sniper, uma vez que com os ajustes necessários, ele se mostrou uma arma admiravelmente discreta, que não deixava sequer um ínfimo de assinatura residual de disparo, e um eventual inimigo teria grande dificuldade de perceber de onde vinham os disparos. Para conseguir descobrir esta informação, uma análise química era necessária, e seria necessário conhecer exatamente o que se procurava. Quando fosse possível descobrir de onde os disparos haviam se originado, o seu autor há muito teria deixado o local. A versão Mark II do rifle era, portanto, uma arma com altíssima precisão, e que podia ser tão discreta quanto seu operador.

Depois de algum tempo, sua atenção foi desviada por notar que pessoas se aproximavam. Após alguns segundos, Aqabba revelou-se e caminhou semi-agachada até a posição onde Vieira se encontrava, deitado à frente de uma árvore caída, entre algumas plantas na extremidade de um barranco à frente do campo onde era a base Empok.

- Está pronto? – a Andoriana perguntou, e Vieira respondeu com um tranquilo hum-hum, quase inaudível. – O pessoal já está vindo para cá, e então só precisaremos aguardar.

Vieira olhou no mostrador LCARS do seu sistema de visor acima-da-cabeça da Hazard Suit o local onde marcava o tempo estimado para a chegada de NAVE: T menos 5 minutos. Já era hora de fazer valer sua parte na operação. 

#

- Será que ele realmente está dizendo tudo que o Conselho tem de intenções em relação a esta confusão?

- O que você acha? – Cristina Stel respondeu à pergunta de David Cohen com um tom nitidamente sarcástico.

Todo o staff da Senadora Stel estava no momento reunido no Palácio do Itamaraty, assistindo o vídeo de um debate público ocorrendo entre diversos Embaixadores do Conselho da Federação, e alguns cientistas políticos, com o tema principal sendo o agravamento da crise em Chin'Toka provocado pelo repentino ataque Klingon ao sistema. A Chancelaria do Império havia divulgado uma nota dizendo que o Alto Conselho Klingon havia decidido tomar as rédeas para si da crise, frente à toda a imobilização que a Federação estava demonstrando. A nota prosseguia dizendo que era de se esperar que o Império Romulano lavasse as mãos em relação ao problema em Chin'toka (o que provocou protestos dos Romulanos, certamente), mas que a Federação não podia se dar ao luxo de lidar apenas com sua diplomacia quando as vidas de vários de seus cidadãos corriam grande perigo.

Trovez ameaçou seriamente retirar a sua Aliança Quigoliana da mesa de negociações, mas alguns movimentos diplomáticos feitos pelos representantes da Federação em Cardássia Prime e o Conselho da Federação conseguindo acalmar os ânimos pelo presente momento. O debate prosseguia com o Embaixador Duke fazendo uma réplica aos comentários de alguns dos analistas políticos presentes ao debate, que estavam especulando sobre se Trovez queria capitalizar em cima dos desencontros de opiniões e ações entre os aliados, que aparentemente estavam divergindo bastante sobre qual deveria ser o curso de ação em relação à crise provocada pelo levante do Empok em Chin'toka. Trovez estava agora usando a oportunidade para se fazer de vítima, e acabaria reconsiderando sua posição para mostrar que podia ser conciliador, era a opinião dominante no momento.

- *Desta forma*, - prosseguiu Duke, - *Eu acredito que Trovez de fato só tenha a ganhar em voltar à negociação para encontrarmos uma saída pacífica para a crise. A demonstração de força dos Klingons não pode colocar em risco esta oportunidade, pois todos nós ainda temos a esperança de conseguir uma resolução que agrade a todas as partes envolvidas, tantos os poderes aliados como o governo da União Cardassiana, e o povo de Cardássia, toda ela, Chin'toka inclusive. Nós apenas desejamos que os líderes do povo em Chin'toka não percam esta janela de oportunidade.*

- Ele só está falando obviedade em cima de obviedade, - Zhaav comentou. – A capacidade do Duke de camuflar enrolação como argumentos sólidos nunca para de me espantar.

- Deve ser só uma cortina de plasma para tentar minimizar o fato de os Klingons terem tentado uma operação de resgate e quebrado a cara, - Stel fez uma expressão de que não concordava muito com esta afirmação de Tolia.

- Não acho que os Klingons fizeram isto realmente sozinhos. Eles devem ao menos ter contatado o Comando da Frota. Se eles obtiveram a aprovação ou não já são outros quinhentos créditos, entendeu... mas é difícil de acreditar que a turma do Galbraith não estaria a par de alguma coisa que eles estivessem armando.

- Bem, você estava estranhando a falta de ação klingon, - comentou Marcos, com um sorriso um tanto irônico. – Queria ver só o Duke falar alguma coisa sobre o que você disse a ele na Assembléia-Geral uns dias atrás.

- Vamos ter que esperar sentados, - a senadora comentou, sorrindo de volta.

Enquanto um dos debatedores comentava as declarações de Duke a seguir, Stel não conseguiu evitar de notar que Duke deu um rápido tapinha na sua combadge, mas aparentemente não foi por razão alguma, pois ele não começou a dizer nada, e nem pediu licença para responder a algum chamado, o que só ocorreria em uma situação daquelas se o assunto fosse muito urgente. Contudo, ele não esboçou reação alguma; Duke parecia estar ouvindo algo, mas apenas isto – e certamente apenas ele estaria tendo acesso ao eventual áudio de alguma mensagem destinada a ele.

Stel ficou ali imaginando se poderia se tratar de algo relacionado à crise. Provavelmente, a Betazóide ficou pensando, enquanto continuava a observar o debate.

#

Em uma pequena estação de controle, em órbita alta de Chin'Toka Prime, um destacamento de oficiais do Empok estava monitorando toda a atividade de tráfego no sistema, bem como recebendo a telemetria de vigilância do sistema estelar de Chin'Toka, o que garantia que aquele sistema fosse um dos mais bem monitorados em toda aquela região, especialmente se tratando de captar naves camufladas. O sistema de detecção de camuflagens que o Empok preparou era vasto, todo baseado em técnicas modernas de detecção, como feixes de antiprótons e malhas energéticas, e utilizando-se de equipamento especialmente desenvolvido pelo Dominion, e tal aparato já se mostrara eficiente, quando a frota Klingon fora detectada não muito tempo depois de entrar no sistema. Sem dúvida era um sistema robusto, e mesmo no caso de aquela estação ser destruída, haviam também centros de controle redundantes em alguns dos cruzadores classe *Galor* que eles conseguiram capturar quando do levante contra o governo central.

Naquele momento, os controladores dos sistemas anticamuflagem Empok estavam todos confiantes de que seu sistema de alerta antecipado poderia captar todas e quaisquer possíveis ameaças. Na verdade, eles estavam trabalhando muito, uma vez que aqui e ali emissões naturais de partículas táquions eram captadas e analisadas, para se identificar a possível presença de naves camufladas. O sistema era refinado o bastante para distinguir emissões naturais de artificiais, uma vez que naves estelares eram corpos grandes e que tinham um perfil de movimento típico e previsível, e portanto, as emissões de táquions que se encaixassem neste perfil eram investigadas, e as emissões naturais eram ignoradas. Uma destas emissões de partículas táquions no momento estava surgindo e desaparecendo algumas vezes perto de Chin'Toka Prime, mas de maneira bastante dispersa, e também se tratava de uma das mais fracas emissões detectadas naquele dia, logo não recebeu mais do que apenas alguns segundos de atenção dos controladores na estação orbital. Isto iria se mostrar um erro.

Quando estas fracas emissões dispersas de táquions entraram na atmosfera de Chin'Toka Prime e se aproximaram a cerca de oitocentos metros da superfície, um efeito surgiu no céu marítimo na costa da Ilha Mtrev, que lembrava muito cristais de gelo surgindo e então derretendo, e dele uma formação de nove escuras naves apareceu.

No centro desta formação estava a responsável pelo efeito, no caso um shuttle Romulano da classe *Vreenak*. A bordo, estavam oficiais Romulanos nos postos de piloto e navegador, enquanto um terceiro manejava os controles de um dos mais novos sistemas de camuflagem do Império, em uma versão adaptada para gerar uma cobertura de camuflagem para naves que estivessem próximas da nave que tinha o dispositivo de camuflagem. Além deste, haviam também uma dupla de oficiais da Frota Estelar, que estavam ali para operarem o sistema de teleportagem da missão, que tinha que ser habilmente manejado. O shuttle



estava servindo como cobertura de camuflagem para outras oito naves que no momento escoltava, todas da Federação, e cada uma pilotada por um fuzileiro da Frota Estelar.



Gostaria de ver a cara deles, pensava Rtoget sobre os controladores orbitais do Empok. O comandante estava atuando como líder daquela formação de naves da Federação, que eram unidades do Ghostrider SF Mk-III, um novo projeto de caça estelar leve da Frota. Era uma nave pequena, que não tinha mais do que treze metros de comprimento e cinco de largura na sua parte mais larga, mas que dispunha de bastante recursos para tão pouco tamanho: era extremamente manobrável, contava com avançados sistemas de navegação da Frota e podia chegar a manter dobra oito; contavam também com um novo sistema de escudos, um canhão de pulso feiser semelhante ao utilizado na classe *Defiant*, além de também poder carregar até oito torpedos quânticos ou outras cargas em um compartimento interno na parte inferior do caça.



Era uma ótima nave de se pilotar, pensava Rtoget, enquanto estava confortavelmente instalado no cockpit do caça, que era equipado um holoemissor conectado ao seu capacete de sua Hazard Suit. Neste dispositivo ele podia ver todas as informações básicas da missão. O manche de pilotagem ficava em um dos consoles LCARS da cockpit, à sua direita, e tratava-se de uma esfera oval a qual ele mantinha à sua mão, o que lhe dava um controle bastante natural do Ghostrider.



O nome fora dado por um dos engenheiros que participou do projeto, quando ele percebeu que o desenho final do caça coincidentemente lembrava muito o do assim chamado F-19A Ghostrider, um caça atmosférico da Terra no final do século 20. O único porém é que tal aeronave nunca existiu, tendo sido apenas uma peça de desinformação criado pelo então Departamento de Defesa dos EUA para ocultar a verdadeira designação do caça stealth, o F-117A Nighthawk. De qualquer modo, eram realmente espantosas as semelhanças entre o fictício caça do século 20 e aquele que no momento ele pilotava: linhas esbeltas e arredondadas, quase no formato de uma gota, com duas pequenas derivas verticais na cauda e asas no formato de semicírculos, ainda que, no caso da versão do século 24, as asas eram na verdade os casulos das pequenas naves de dobra. Ao que parece, desenhos retrô se mostravam bastante atuais, quando efetivamente desenvolvidos.

Fosse como fosse, o Ghostrider era um projeto bastante controverso, e Rtoget tinha conhecimento de que não eram poucas as pessoas, dentro e fora da Frota Estelar, que eram contra o desenvolvimento de uma classe de naves daquele tipo, que segundo diziam, ia contra as características e diretrizes básicas da Frota Estelar e da Federação. Mas também não era segredo algum que as necessidades militares dos últimos anos serviram de bom incentivo extra para se apoiar o desenvolvimento de um caça estelar puro, que apesar disto não chegou a ficar pronto a tempo de ser utilizado na Guerra Dominion, o que na verdade era algo que Rtoget não lamentava... bom projeto ou não, ele certamente preferiria ver a guerra terminar antes de qualquer coisa.



Mas ainda era um projeto promissor, e ele tinha esperança de que o desempenho que o seu esquadrão estava tendo com aqueles protótipos iria incentivar a Frota a adotar a pequena nave. Além do mais, a Inteligência da Federação já havia descoberto fortes indícios de que os próprios Romulanos estavam desenvolvendo também uma nova classe de naves que se encaixava exatamente na categoria de caça estelar leve, e portanto, a Frota Estelar logo teria que possuir a capacidade de eventualmente os enfrentar de igual para igual.

- Atenção time ESPAÇO, e vetores dois a oito de NAVE, assumir padrão de assalto final, - Rtoget disse pelo sistema de comunicação.

- Roger, vetor um. - Todos confirmaram, e os oito caças manobraram fortemente para iniciar suas corridas finais contra o alvo. Sielle e seus dois alas quebraram formação à

esquerda do grupo, e Rtoget e seus próprios dois alas fizeram o mesmo, mas à direita, ambos os grupos aumentando a velocidade. Melden e seu ala continuaram escoltando o shuttle Romulano, mantendo o curso direto na direção da base Empok.

Rtoget moveu a sua mão no esférico manche, que no seu caso era especialmente desenhado para a de um Tellariano, e com apenas alguns sutis movimentos ele manobrou o seu Ghostrider, ajustando-o novamente em rota, com seus dois alas vindo logo atrás. Os pequenos caças aumentaram ainda mais a potência do motor de impulso, velozmente cruzando a linha de costa da Ilha Mrtetv, voando agora a meros 200 metros de altura, acompanhando o terreno da ilha. Chin'Toka Prime tinha cerca de 86% da gravidade da Terra ou de Tellar, mas mesmo assim Rtoget e os demais podiam sentir a força G contra eles aumentando, enquanto as Hazard Suits se ajustavam para compensar o aumento da pressão.

Isto sim é que se pode chamar de voar, pensou o Tellariano.

#



Quando o cronômetro atingiu a marca de T menos catorze segundos, um beep pôde ser ouvido no sistema de comunicação de cada um dos cinco membros da equipe ESTRELA. Aparentemente, NAVE estava adiantado quatro segundos em relação ao cronograma oficial. Não que precisassem do tempo extra, claro que não. Já estavam prontos, e só utilizaram os segundos que faltavam para se certificarem que tudo estava correndo com precisão.

No que o cronômetro finalmente atingiu a marca cravada de 54298.0, as coisas começaram a acontecer. De posições específicas, Aqabba e K'trar, Muller e Rqutek dispararam repetidamente invisíveis feixes dispersados de feiser contra sete pontos específicos em torno e ao redor da base Empok. O escudo defletor em volta da base era uma adaptação de um escudo de defesa Cardassiano que normalmente era utilizado para defender áreas com pelo menos o dobro de tamanho daquela. Quando os feixes atingiram o escudo, este brilhou em diversos tons de dourado e azul, reagindo como se tivesse suportado a carga de canhões feisers centenas de vezes mais potentes do que apenas rifles manuais. Levou apenas um nanosegundo para um alarme soar na instalação, e no instante seguinte o computador de controle daquele tipo de escudo automaticamente desviou energia para reforçar aquelas áreas "atingidas", compensando a suposta perda de força naqueles locais. Para isto, as demais áreas do escudo perderam potência durante dois segundos e meio, até que o gerador de força da base pudesse equilibrar a transferência de energia e novamente estabilizar o escudo.

Mas dois segundos e meio era tudo o que precisavam.

#



O primeiro grupo a passar foi o liderado por Rtoget. Três Ghostriders surgiram detrás da colina, com o sol do sistema Chin'Toka começando a nascer no horizonte atrás deles. Todos os sensores das três naves já estavam fazendo leitura passiva do alvo, e tão logo detectaram as variações de força no escudo da Base, o sinal de alvo travado soou para os pilotos. O comandante foi o primeiro a disparar, seguido pelos demais. Dois mísseis com ogivas de tricobalto se desconectaram de cada Ghostrider, e os caças fizeram uma curva brusca para cima assim que os mísseis estavam a caminho. O vôo destes não durou mais do que um segundo e alguns décimos. Todos os seis mísseis atingiram o escudo em locais diferentes, e tanto a estupefata força explosiva daqueles dispositivos, quanto a repentina necessidade do computador de defesa de compensar drenagens demais de energia foram

responsáveis pelo colapso total do escudo de defesa. A reação luminosa do escudo ficou parcialmente encoberta pelo clarão das explosões, e finalmente este se desativou sem maiores efeitos de luz.

Ainda escondidos na mata, Muller e sua equipe observaram a confusão subsequente à base perder sua primeira linha de defesa. Vários Cardassianos corriam de um lado para o outro, e era necessário que todos ali estivessem prontos no caso de serem descobertos e conseqüentemente atacados, mas não parecia ser o caso. Desta forma, a preocupação seguinte deles era a de observar e anular quaisquer ameaças às naves que poderiam ser discretas demais para os pilotos conseguirem perceber em vôo. Por enquanto, não havia nada além de soldados procurando seus comandantes diretos para instruções.

Muller olhou para o outro lado do vale, e o segundo grupo de Ghostriders surgiu velozmente. Os três caças estavam tão rápidos que ele não os conseguiria reconhecer caso não soubesse do que se tratava. No céu, havia apenas três formas difusas de cor grafite, mal aparentando serem naves estelares, e tampouco permitindo-se observar as marcações da aeronave, que tinha os dizeres MARINES em letras grandes na cauda, e de onde partia a característica fina listra pelo casco com os dizeres UNITED FEDERATION OF PLANETS, terminando com a ponta do emblema da Frota Estelar.

Este segundo grupo também não demorou para localizar seus alvos e disparar. Uma saraivada de nada menos do que dezoito torpedos quânticos surgiram no céu, com o característico brilho circular de seus disparos. Vários dos torpedos atingiram em cheio as torres de defesa, equipadas com canhões feisers de grande capacidade. Uma delas ainda estava em processo de ativação, e não conseguiu realizar sequer um disparo contra as naves atacantes. A segunda torre já estava em pleno funcionamento, tendo conseguido atingir quatro vezes os caças. Foram baques consideráveis, mas os escudos estavam agüentando com eficiência, pensou Sielle, cujo Ghostrider levou dois dos quatro disparos. Contudo, também esta foi neutralizada por vários dos torpedos, desmoronando em uma grande explosão. Dois torpedos perderam seus alvos devido a contramedidas eletrônicas, e caíram em áreas vazias do complexo, enquanto os restantes atingiram o prédio principal da base e o hangar de naves auxiliares. Mas estas eram apenas o alvo secundário do grupo de Sielle. O alvo primário, uma edificação ao lado do prédio principal da base, teve a atenção de nada menos do que seis dos torpedos quânticos disparados, o que resultou na destruição completa daquela estrutura, onde estavam instalados vários subsistemas da base, como os relés de comunicação subespacial e também os inibidores de teleporte.

Com a destruição destes dispositivos assegurada, era hora do time ESTRELA ativar os seus brinquedinhos. Muller fez um gesto para K'trar e este entrou com alguns dados em um tricorder klingon. Os emissores instalados pelo grupo começaram a trabalhar, ativando poderosos sinais de busca por formas de vida humanóide. Depois de alguns segundos, os emissores conseguiram identificar 16 humanóides das espécies Trill, humana, Felinóide, Cignetiana e Bajoriana, e com estes dados travou um sinal de teleporte no grupo, retransmitindo as coordenadas para o tricorder de K'trar. Ele não precisou fazer mais nada com o aparelho; o sinal já estava sendo repassado para o terceiro grupo de naves, que surgiam naquele exato instante.

O shuttle romulano vinha voando acima dos seus dois Ghostriders de escolta, e devido a sua iminente tarefa, ele já estava com os seus escudos abaixados; daí a necessidade de cobertura total por suas escoltas. Mas estas não estavam ali apenas para defesa passiva. Melden e seu ala travaram o canhão de pulsos feiser em diversas posições de onde soldados do Empok disparavam contra eles, usando rifles manuais e pequenos canhões feiser de campanha. Os disparos eram fracos, mas como se tratava de um número grande destes, os

dois Ghostriders estavam tendo que suportar um poder de fogo considerável, o que estava exigindo bastante dos sistemas de escudo e de integridade estrutural dos caças. Os grupos de Rtoget e Sielle já haviam manobrado novamente e se juntavam agora para prestar suporte de fogo para o grupo de Melden e do shuttle, adicionando disparos feisers para tentar neutralizar este fogo cerrado dos oficiais do Empok.



Já o grupo ESTRELA também estava com esta função, uma vez que de sua posição privilegiada eles conseguiam observar e localizar alvos pequenos, que podiam passar despercebidos para os pilotos no ar. Desta maneira, Vieira destravou o seu TR-116 e procurou por alvos que pareciam oferecer maior poder de fogo contra os caças. Um par de oficiais do Empok parecia estar se preparando para disparar mais uma vez um dos canhões feiser de campanha, montado em um tripé. Vieira sincronizou o alvo travado com o TR-116 e levemente pressionou o gatilho da arma. O projétil de tritanium foi disparado com um leve "fssss", e atingiu o canhão feiser bem no meio, despedaçando-o em várias partes. Ambos os operadores foram jogados para trás, mas não pareciam gravemente feridos. Bom, pensou Vieira. Não havia realmente nenhuma necessidade tática de se matar os operadores da arma, mas sim apenas de neutralizar a arma em si, então ele não tinha realmente razão alguma para adicionar aqueles sujeitos à lista de baixas que o Empok estava tendo que enfrentar com o pesado ataque. Não só ele estava com esta tarefa — Muller e Aqabba também montaram dois outros TR-116 e se juntaram à tarefa, enquanto K'trar e Rqutek estavam de prontidão com seus disruptores para o caso de eles serem descobertos e atacados, mas o que ainda era improvável. Afinal, a escolha de usar o TR-116 para esta tarefa havia sido justamente o fato de que os disparos não revelariam a posição deles.

A tripulação do shuttle estava com bastante trabalho. O piloto se concentrava em manter a nave estabilizada em uma posição na qual ela estava ficando na cobertura dos caças, mas que também possibilitasse o teleporte que eles estavam para fazer, enquanto o navegador continuava a monitorar pelas ameaças do solo, e repassar as informações para os caças. Na parte traseira, os operadores de teleporte receberam o sinal de telemetria dos emissores em terra: já tinham um sinal de teleporte travado. Certificando-se de que todos os delicados ajustes para um teleporte naquelas condições estavam perfeitos, o sistema foi ativado.

Na área de carga na popa do shuttle, atrás do console de teleporte, numerosos efeitos de teleportagem começaram a surgir, rapidamente definindo-se como formas humanóides. Destes efeitos, surgiram todos os reféns que estavam sendo mantidos pelo Empok: a Secretária Zgourydi, seu staff, a tripulação do *Volga* e todos os demais passageiros. As suas expressões iniciais mostravam confusão e surpresa, e vários caíram no assoalho do shuttle por evidentemente terem sido pegos desprevenidos. O Tenente Diego, um dos operadores de teleporte, se dirigiu ao grupo para certificar-se de seu estado, e não parecia haver ninguém necessitando de cuidados médicos de urgência, embora era nítido que todos estavam bem abatidos e assustados. Mais atrás, os cinco membros do time ESTRELA também haviam se materializado, todos em pé e com o equipamento travado, pois haviam recebido um sinal de alerta para cessarem fogo e se posicionarem para teleportagem. Muller rapidamente indicou para Vieira e Aqabba verificarem os reféns, e ambos os oficiais da Frota se muniram de kits médicos e tricorders, enquanto Rqutek acenava para Diego que todos estavam ali.



O Tenente correu para a cabine do shuttle e deu um par de tapinhas rápidos nas costas do piloto Romulano. - Grupo recuperado e seguro, podemos cair fora daqui, vamos, vamos, vamos! – ele disse rapidamente. O navegador acionou o sinal de retirada, enquanto o piloto manobrava velozmente o shuttle, subindo rapidamente para sair da atmosfera do planeta, acompanhado de perto do grupo de caças de Rtoget. Em poucos instantes, as nove

naves atingiram a ionosfera do planeta, com todas desapareceram rapidamente nos clarões de dobra, deixando para trás a Base Empok. Haviam se passado não mais do que quatro minutos desde o momento que o primeiro disparo fora feito.

#

Não muito tempo depois, em um clarão típico de nave saindo de dobra, a USS *São Paulo* surgiu em uma posição a dois parsec do limite externo do sistema estelar de Chin'toka, ponto de encontro combinado para eles recolherem os times NAVE e ESTRELA, voltando da operação.

- Skipper, estou detectando múltiplos contatos nas coordenadas de recuperação, - A Tenente-Comandante Naran reportou. Mas antes que Parker pudesse dizer qualquer coisa, a Bajoriana adicionou informação, com um tom mais preocupado. - Há contatos Cardassianos... pelo menos 12 deles. - Aquilo atraiu a atenção tanto de Parker quanto a de seu Número Um. Quando a *São Paulo* saiu de dobra, se viu frente a uma cena totalmente inesperada. O grupo de naves dos times ESTRELA e NAVE estava sofrendo forte perseguição por parte de nada menos do que uma flotilha de naves Cardassianas, supostamente do Empok, uma vez que estas não estavam economizando disparos contra o grupo de pequenas naves. Os Ghostriders estavam extremamente ocupados em manobrar tanto para manter o shuttle protegido como para responder o fogo dos cruzadores que os perseguiram, e o combate era nitidamente encarniçado.

- Alerta vermelho, e levantar escudos! - Parker ordenou instintivamente, enquanto observava a tela principal. - Mas que cacete está acontecendo? Não havia a possibilidade de naves do Empok chegarem nestas coordenadas tão rapidamente...!

- Eu estive monitorando os dados sobre as forças Empok no sistema, e não há indícios alguns que elas se moveram. Eles ainda tem o grosso da frota deles posicionada entre Chin'toka e várias das naves da Força Tarefa 47 estacionadas ao largo do sistema. - Dot acrescentou ao comentário de sua comandante. - Mas pelas naves que estamos vendo aqui, eu diria que é um regimento de frota completo, talvez parte de alguma Ordem Cardassiana que tenha passado para o lado do Empok, mas não há nenhuma informação oficial a respeito.

- Mas que bela hora para eles ganharem reforços, - a Capitão disse, enquanto a transmissão do líder do esquadrão entrava no áudio da ponte.

- Estamos com as mãos bem cheias aqui, Capitão, - ela escutou a voz de Rtoget. - Captamos estes Cardassianos se dirigindo para o sistema de Chin'Toka, mas antes que pudessemos corrigir a rota eles nos engajaram, - o Tellariano continuou dizendo atrás de alguma estática, sua voz soando nitidamente tensa e cansada. - Conseguimos neutralizar três naves, mas eles já abateram Melden, estamos ficando sem torpedos e escudos, e não sei por quanto tempo mais podemos manter cobertura segura ao shuttle.

- Agüente firme Rtoget, - respondeu Parker. - Quanto tempo até estarmos em alcance de fogo?

- Mais 12 segundos, dando impulso total que nem eu já estou fazendo, - respondeu Coelho, trabalhando freneticamente no leme.

- Estamos sendo contactados pela capitânia Cardassiana, que se identifica como membro do Empok, Skipper. Abro um canal? - K'livon perguntou, do ops.

- Que contato que nada. Já que não estão se fazendo de rogados em atirarem contra o nosso pessoal, eu já vou considerar isto como contato até demais. Naran, trave as armas naquelas três unidades que estão em perseguição direta do shuttle!

- Alvos adquiridos. - respondeu rapidamente a oficial.



- Então abra fogo com tudo o que temos, mulher!

Em uma questão de segundos, nada menos do que quatro torpedos quânticos deixaram os lançadores no topo da seção de engenharia da *São Paulo* em duas salvas, acompanhados por disparos de feiser de ambas as faixas de tiro ao longo da seção disco da nave. A nave Empok mais avante recebeu um dos disparos feiser à meia nau e dois dos torpedos, fazendo-a girar em torno de seu próprio eixo enquanto tinha as suas nacelas de dobra e sistemas de armas destruídos pelo impacto. As duas outras sofreram bons danos, mas ainda agüentaram o bastante para continuar a perseguição a três dos Ghostriders, enquanto dois outros estavam juntando os últimos torpedos que tinham contra as naves, as quais foram atingidas pela *São Paulo*. Mas um cruzador *Galor* e duas corvetas menores o escoltando fizeram a dupla de Ghostriders ter que se dispersar em manobras evasivas, procurando voltar para perto do shuttle, que estava recebendo vários disparos de feiser das demais naves Empok.

- Direcione sua atenção contra as demais naves, - Dot instruiu Naran, enquanto ele acessava alguns controles no seu console ao lado da cadeira de primeiro oficial, para repassar à oficial tática uma análise da batalha, alimentando com mais dados o computador de tiro de Naran. A Bajoriana realinhou os alvos e disparou novamente, no exato momento em que a *São Paulo* teve que começar a também demonstrar suas próprias capacidades defensivas.

A nave sacudiu fortemente quando diversos disparos de feiser e um torpedo atingiram os escudos na parte superior da seção disco. Vários tripulantes se seguraram, e alguns consoles LCARS piscaram enquanto a navegadora colocou a nave em uma manobra evasiva, e o Tenente K'livon recalibrava os escudos.

- Danos médios em sistemas EPS ao longo do deck quatro, mas escudos suportando a carga atual de fogo!



- Coelho, trace uma rota seguindo o shuttle, mas por entre as naves Empok em 085 marco 205, em um ângulo de descida direto para o shuttle, e acelere para impulso total. Precisamos chegar perto o bastante para conseguirmos colocar nossos escudos em volta deles.

- Skipper, está é uma manobra extremamente arriscada nestas condições... - Dot citou.

- E você, bom XO que é, vai tentar me fazer mudar de idéia, - a Capitão disse, novamente se segurando em uma antepara ao lado do console da navegadora, devido a mais um impacto de feiser.



- Só se eu não a conhecesse como conheço, - respondeu o trill, sorrindo, enquanto Coelho realizava a manobra.

Com a *São Paulo* iniciando sua corrida em direção do shuttle, a tela principal mostrou em uma imagem secundária abaixo do tático um dos caças, o Vetor cinco, sofrendo uma concentração de fogo. Era admirável como aquelas pequenas naves estavam conseguindo sobreviver ante a uma força de naves que além de em maior número, naturalmente eram mais poderosas do que aquelas pequenas naves de um só tripulante. As manobras destes pilotos estavam conseguindo garantir esta sobrevivência, mas contra fogo concentrado em demasia, os escudos dos caças não estavam conseguindo agüentar por tempo demais. O vetor cinco perdeu totalmente suas defesas, e um tiro de feiser arrancou uma das asas-nacelas, fazendo o caça vazar plasma e começar a rachar. O sistema de controle de danos ativou a seqüência de pré-lançamento do escape pod, e o piloto mal conseguiu ativar a trava final, ferido que estava.

O Ghostrider explodiu segundos depois do cockpit se desconectar do casco do caça, tornando-se assim o próprio escape pod para o tripulante. Embora fosse mais uma das



inúmeras coisas acontecendo todas no mesmo frenético ritmo de batalha, o Primeiro Oficial da *São Paulo* correu para o console traseiro de ops para dar atenção a isto. Enquanto K'livon manipulava os escudos, Dot ativou o raio trator da *São Paulo*, disparando-o contra o escape pod. O Trill teve bom trabalho para controlar o feixe de tração com a nave, tendo que manobrar tão violentamente, mas ele eventualmente conseguiu trazer o pod para dentro do envelope do escudo, ao calibrar a frequência do raio trator na mesma em que K'livon mantinha o escudo, da mesma maneira que iriam tentar com o shuttle. Assim que o pod caiu na proteção da *São Paulo*, K'livon teleportou o piloto direto para a enfermaria, com o oficial-médico Benit Tomly já preparando-se para atendê-lo. Dot fez um silencioso gesto com a cabeça para Parker, indicando para a Capitã que isto já havia sido feito, mas a batalha continuava, e mais ainda havia para fazer.

A *São Paulo* novamente sacudiu com novos impactos de disparos, desta vez devido mais a torpedos quânticos do que canhões feiser, e os danos sustentados pela nave foram maiores, com diversos sistemas a bordo sofrendo pane. K'livon comunicou para times de reparos correrem para as áreas afetadas, enquanto a equipe de Tomly corria para atender alguns feridos na tripulação. O fogo estava começando a se concentrar mais e mais contra o shuttle e a *São Paulo*, à medida que os artilheiros Empok percebiam ambas as naves se aproximando uma da outra. Os Ghostriders remanescentes passaram a dar apoio de fogo à aproximação da *São Paulo*, mas também tinham que manobrar evasivamente, pois não havia falta de armas Cardassianas para engajar o menor número de alvos federativo e Romulano que ali se apresentava.



Em mais outro voleio de disparos das naves atacantes, a *São Paulo* agüentou um forte impacto concentrado nos escudos de sua seção disco. A drenagem de energia nos decks superiores para se reforçar o escudo foi grande, e por alguns instantes diversos sistemas auxiliares ficaram enfraquecidos, um deles sendo o sistema de integridade estrutural. Com isto, algumas anteparas de contenção se romperam, antes que os reatores da *São Paulo* pudessem compensar a perda e reforçar o sistema de integridade estrutural, uma de suas prioridades máximas em receber potência. O rompimento ocorreu em corredores de três decks diferentes, mas uma delas aconteceu exatamente em cima do posto de engenharia na ponte da *São Paulo*.

O Alferes Harvey, um membro do staff da Engenheira-Chefe Zalyn, tentou se desviar, mas uma seção inteira da antepara caiu em cima dele, derrubando-o no chão, em meio a vapor escapando e fagulhas queimadas do console que foi destruído pelo impacto. A tripulante mais próxima ao local era exatamente a Capitã Parker, que estava ao lado da Tenente Coelho no console de navegação, acompanhando as manobras de aproximação ao shuttle. Parker correu rapidamente para socorrer o Alferes, e começou a tentar mover a pesada peça de duranium composto. Contudo, o destroço estava em uma posição péssima para ser erguido, e o fato de pesar mais de cem quilos não ajudava em nada, mesmo ela agora tendo a ajuda de Dot. Harvey gemeu algumas vezes, o que indicou a eles que a coisa não poderia ser resolvida com força bruta.



- Computador, - Parker disse, retomando o fôlego. – Diminua a gravidade artificial neste deck para quinze por cento durante dez segundos, ao meu comando.

- Segurem-se todos, - vociferou o primeiro-oficial da *São Paulo*, instruindo a todos ali que a gravidade iria ficar bastante enfraquecida.

- Ativar! – e com isto a força G na ponte caiu para apenas 15 por cento do que normalmente. Vários tripulantes se apoiaram em seus consoles e cadeiras, enquanto tinham que manter total atenção em suas tarefas, pois o Empok não estava fazendo nenhuma pausa, e a nave precisava manter-se firme na batalha. A antepara que Parker e Dot estavam

tentando erguer passou a pesar cerca de apenas quinze quilos, e a Capitão a removeu rapidamente de cima de Harvey enquanto Dot o puxou pelo corredor, deitando-o próximo a entrada do gabinete de Parker. Esta, por sua vez, soltou a antepara no chão novamente, e mais um par de segundos depois o computador reativou a gravidade normal da ponte.

Naran estava naquele instante totalmente concentrada em realizar o mais rápido possível uma operação de reativação de um dos dois lançadores de torpedos, que fora danificado com um dos mais recentes impactos contra a nave, quando vários beep no seu console auxiliar tático soaram.

- Skipper, - ela chamou a atenção de Parker, que estava retornando para o lado do console de navegação, assim que um enfermeiro se encarregou de atender Harvey com auxílio médico. - Tem uma nave saindo de dobra... é da Federação!

Uma chegada providencial, pensou Parker. - Não me diga que é a *Enterprise*...! - ela respondeu, segurando-se no console de navegação devido a ainda outro impacto contra os escudos.

- Não, é... - Naran verificou os dados da telemetria, que mostravam o nome daquela unidade ao lado do registro NCC-3672-A. - É a *Protector*!

#

Do característico efeito luminoso de nave saindo de dobra, a USS *Protector* surgiu, mantendo alta velocidade de impulso na direção da batalha que ali se desenrolava. Aquela unidade da classe *Prometheus*, contudo, não iria continuar avançando em apenas uma única rota. Simultaneamente, a nave começou a se separar em suas três seções distintas. O topo da seção disco se desconectou do inferior da seção disco, que por sua vez também se separou da seção de engenharia, todas continuando a avançar. A *Protector* era mais uma unidade de uma classe que finalmente entrara em produção depois de um difícil processo de desenvolvimento, durante o qual diversos refinamentos foram adicionados ao projeto, como a seção disco principal ganhar uma segunda nacela auxiliar para quando estivesse separada, pontes de comando reformuladas, e sistemas auxiliares desenvolvidos durante a guerra Dominion.

Agora, atuando como uma pequena flotilha de três unidades, a *Protector* estava preste a executar as manobras ofensivas que o chamado Modo de Assalto Multivetor proporcionava. O controle geral era realizado da ponte principal, onde o Capitão Adrib Dodgers, o Zakdoniano em comando da *Protector*, coordenava a ação de seus oficiais nas três pontes para fornecer apoio a seus companheiros. Na tela principal da ponte Alfa, onde Dodgers se encontrava, surgiu a figura da Capitão da outra nave da Federação ali presente, em uma imagem secundária às demais informações táticas.

- *Adrib! O que foi que eu te disse depois que te dei aquele tapa na Academia?* - Parker exclamou, um sorriso cínico complementando um olhar que combinava alegria e irritação.

- Sabe como são ex-namorados, Carol, - Dodgers respondeu, retribuindo a gentileza, enquanto andava ao centro da sua ponte. - Se vamos aparecer, escolhemos para fazer isto na pior hora possível. - O Capitão da *Protector* se posicionou atrás de seu navegador.

- Todas as unidades reportam estarem prontas e armadas, Capitão. - K'Nel, o navegador andoriano, informou.

- Excelente. Computador, coordenar os sistemas das pontes de comando para modo de assalto multivetor, agora.

- *Especificar padrão de ataque.* - o computador requisitou.



- Padrão Omega 13.

- *Especificar alvos.*

- Seções alfa e gama, o grupo de naves Cardassianas a 231 marco 43, alvos engajando o shuttle Romulano, e seção beta, intercepta a classe *Galor* em 032 marco 89, para dar cobertura para a *São Paulo* se aproximar do shuttle. Ativar agora!

Com isto, as três seções fizeram rápidas manobras e iniciaram suas corridas contra as naves Cardassianas. A seção em que Dodgers se encontrava e a seção gama dispararam simultaneamente todos seus bancos feiser, atingindo quatro naves do Empok. A seção gama adicionou dois torpedos quânticos ao alvo que havia sido mais duramente atingido, o que rapidamente desabilitou totalmente o alvo, que passou a vagar à deriva com os seus sistemas energéticos em pane total. A seção alfa fez o mesmo contra uma corveta de escolta, a que havia sofrido menos danos, mas concentrou o fogo dos torpedos contra a seção de engenharia desta, o que provocou danos o bastante para que a nave Empok tivesse que ejetar o núcleo de dobra. Dodgers contava com esta possibilidade, e o piloto do Gosthrider mais próximo executou rapidamente as instruções que recebeu da seção alfa da *Protector*, disparando um pulso de feiser diretamente contra o núcleo de dobra Cardassiano tão logo as seções alfa e gama fizeram uma violenta manobra evasiva, juntando-se aos demais caças. A onda de choque da explosão atingiu outras três naves do Empok, que sofreram danos o bastante para terem que cessar a perseguição.

Com o fogo Empok momentaneamente dividido, a *São Paulo* conseguiu momento de folga o bastante para finalmente emparelhar bem ao lado do shuttle romulano, e seus escudos envolveram a pequena nave, enquanto a seção beta da *Protector* dava cobertura, pois ainda haviam diversas naves Empok os engajando. A seção gama passou a dar cobertura para a seção alfa se dirigir ao outro flanco da *São Paulo*, onde também iria envolver os Ghostriders mais danificados em seu próprio escudo. A pressão de fogo contra as naves da Federação diminuíra no seu geral, mas os comandantes Empok ainda estavam tentando provocar danos sérios a eles, quando passaram a concentrar todos os disparos em apenas uma única nave por vez. Isto fez com que as três seções da *Protector* e a *São Paulo* recebessem forte impactos por diversos segundos cada vez, mas todas ainda continuavam a mostrar os dentes, retribuindo fogo tão pesado quanto.

- *Ainda não terminei de surpreender você,* - a voz de Dodgers soou pelo intercom da ponte da *São Paulo*, por entre o som de mais impactos, tanto na nave de Dodgers como na de Parker. - *Ah... aí estão eles.* - a atenção de todos na ponte da *São Paulo* se dirigiu novamente para a tela principal, quando nada menos do que oito naves saíram de dobra naquele instante. Três *Nebula*, duas *Norway*, uma *Soyuz* e uma *Ambassador*, com esta frota sendo nucleada pela USS *Thunderchild*, uma unidade da classe *Akira*.



- *Havíamos detectado estes caras várias horas atrás, ao largo do sistema Torga, no que eles rapidamente entraram em dobra indo para Chin'toka,* - Dodgers continuou. - *O Comando da Frota nos informou que eles não tinham ordens do Conselho Detapa para isto, então suspeitamos que eles iam acabar pulando a cerca e provocando mais encrenca, especialmente se encontrassem vocês. Como o tempo estava ficando curto, nós viemos na frente até que eles também chegassem na festa.* - Dodgers estava se referindo a alta velocidade que as *Prometheus* podiam desenvolver, as naves mais velozes da Frota, ainda mais do que as *Intrepid*.

Parker e Dot observaram com alívio enquanto todas aquelas naves engajavam as naves Empok que ainda os perseguiam. Estes, vendo-se repentinamente em evidente inferioridade de músculos, fizeram manobras evasivas, quebrando a perseguição, e tentavam fugir entrando em dobra, enquanto respondiam ao fogo da frota. Quatro naves no total



conseguiram escapar, enquanto duas *Nebulas* e as duas *Norway* também entravam em dobra para persegui-las. As demais naves da Frota Estelar cercaram todas as unidades hostis que se encontravam imobilizadas ali, e times de segurança começaram os procedimentos de abordagem. A *São Paulo* se aproximou da *Thunderchild*, acompanhada do shuttle e dos caças, enquanto a *Protector* iniciava o procedimento de reconectar suas seções.

#

Capítulo 10

Exploradores

- Eu realmente adoro quando as coisas dão certo. – O Embaixador Duke disse, ao término do relatório final pelo Almirante Galbraith, sobre o término da operação de resgate. A sala de situação da Presidência do Conselho, no Archer Hall, estava contando com a presença de quase todos os líderes federativos envolvidos no gerenciamento daquela crise.



- Realmente Trovez agora está em uma posição muito mais desconfortável no que diz respeito a ser enfrentado diretamente. O fator de ter reféns para impedir ações dos poderes aliados acabou, e agora estes poderes aliados podem possibilitar ao governo Cardassiano legalista uma margem de manobra muito mais ampla para gerenciar a crise. – O embaixador Natec comentou. Ele estivera junto com Duke no Conselho da Federação, para que ambos, mais o Comitê de Ocupação do Conselho, fizessem as manobras diplomáticas necessárias para justificar a ação militar que acabara de acontecer. As reações a ela já estavam acontecendo, na verdade, e o governo da Federação iria precisar de um posicionamento para justificar. Felizmente, ter os reféns sãos e salvos iria ser uma peça fundamental, e esta havia sido conquistada. Duke continuou o comentário de Natec.

- O que faz a bola agora estar na quadra da Lang. Ela no momento tem boa capacidade de manobra política no Conselho Detapa para intensificar as operações militares contra o levante Quigoliano.

- Isto leva a uma escalada do conflito. Eu não gosto disto. – Inyo disse, simplesmente.

- Trovez praticamente pediu por isto ao fazer o levante em primeiro lugar, Senhor Presidente. – O Embaixador Natec afirmou. – Eu não acredito que eles tenham levado realmente a sério as conversações que tivemos nestas últimas duas semanas. A única coisa em que eles se esforçaram neste meio tempo foi procurar ganhar apoio moral pela União Cardassiana.

- E conseguiu bastante, a se considerar as manifestações pela União, e o fato daquela flotilha Cardassiana ter intercedido em favor do Empok bem no momento da nossa operação – a Almirante Necheyev disse.

- Acabaram nos dando um baita presente. – Duke comentou. – Este fato de parte da Décima Segunda Ordem Cardassiana ter realizado este avanço foi uma movimentação militar que serviu como uma luva para justificar nosso avanço para resgatar os reféns.

- Em termos práticos, era a de toda aquela Ordem, na verdade – Necheyev disse. – Aquela unidade ainda estava em processo de ser reconstituída, e apenas aquelas naves compunham toda a Ordem naquele momento.

- Tanto melhor... mas não faz diferença. Isto quebrou a promessa de Trovez de manter suas forças em compasso de espera durante as negociações. – O Embaixador da Terra comentou, enquanto o Presidente se dirigiu para a sua Secretária de Exploração Espacial.

- Uma saída diplomática ainda era preferível do que toda esta operação militar. – Trajina disse. – Ela nos custou vidas, fora as centenas de Klingons cujas naves foram destruídas na fase inicial.

- Bah. Não seja ingênua, Trajina, - Duke intercedeu, fazendo um gesto de desdém com a mão. – Se dada a chance, nenhum daqueles Klingons iria trocar a chance de ter participado da batalha por nada. Era claro que eles não iam ficar de braços cruzados, fosse o que fosse que fizéssemos. Eles iam querer uma solução a curto prazo, mas também uma a longo prazo. A de curto prazo teria que ser uma resposta direta a uma das naves deles ter sido atacada. – Trajina fuzilava o Embaixador enquanto ele falava. A Secretária de Exploração Espacial já andava desgostosa com o Embaixador por diversos motivos políticos que estavam interferindo com o trabalho dela, mas aquilo já estava começando a ficar pessoal. Se ele fazia tanta questão de se meter entre ela e a Frota Estelar, que trabalhava em conjunto com a sua Secretaria, ele iria ter que começar a considerar levar patadas de volta por pisar no pé dela assim sem cerimônia.

- Já a de longo prazo... – Cespedes disse.

- A de longo prazo seria ter certeza de que os Cardassianos mesmo resolvam internamente suas questões étnicas, e de uma maneira que seja totalmente favorável ao governo central. A última coisa que os Klingons querem no momento é movimentos nacionalistas pipocando pelo quadrante. Eles tem aversão à idéia.

- Em que sentido? – Dalton perguntou.

- As disputas internas no Império não são apenas de interesses políticos e de Casas diferentes, - Galbraith respondeu à pergunta de Dalton. – Mas também possuem algumas tintas étnicas, e eles são de falar muito pouco sobre o tema. Mas nossos serviços de inteligência já levantaram muito a respeito. Tem a ver com aquela etnia Klingon que influenciou por algum tempo o Império, coisa de uns cem anos atrás. Os Klingons aos quais estamos acostumados a lidar tiveram tantas disputas internas com eles que é admirável que pouco se saiba publicamente, ou mesmo que o Império tenha resistido. Mas o fato é: as facções atuais em controle do Império Klingon jamais aceitariam a menor possibilidade de insurgências étnicas em outros poderes do quadrante Alfa começarem a servir de inspiração para levantes étnicos dentro do próprio Império deles.

- Portanto, a coisa a se saber é: o Alto Conselho e Martok iriam exigir que o Conselho Detapa tivesse a chance de responder com força, e iriam querer ter participação nisto.

- E só por causa disto uma ação destas por parte da Federação se justifica, Duke? – Trajina disse em um tom mais forte. – Nós praticamente juramos que estávamos seguindo um caminho diplomático seguro, e agora o quadrante Alfa dá de cara com a notícia de que forças militares nossas atacaram enquanto se conversava a saída diplomática!

- Mas nós estávamos em um caminho diplomático, Trajina. – Ele respondeu. – O qual estava sendo mantido em círculos por Trovez. Queria ficar nele para sempre?

- Se você queria uma intervenção direta, Duke, esta devia ter acontecido justamente usando o nosso peso de potência de ocupação, e as negociações deviam ter incluído mais garantias de alguma autonomia para Chin'toka, para ao menos o levante armado terminar.

- Isto seria ridículo e inaceitável, - Duke desdenhou da idéia. - E seria exatamente algo com que os Klingons não iriam concordar, ceder um ínfimo que fosse para a sede nacionalista do grupo de Trovez. E quanto a intervirmos diretamente, foi algo que tínhamos todo o direito de fazer, uma vez que estamos co-administrando aquela pocilga em que os próprios Cardassianos tornaram sua nação. E se você quer tanto clamar pela Primeira Diretriz, que faça isto agora: eles podem agora resolver a crise interna deles por eles mesmos.

Inyo estava acompanhando com interesse a parte acalorada da troca de argumentos entre o Embaixador e sua Secretária de Exploração Espacial, mas o Presidente achou por bem intervir. - Eu, mais do que ninguém, estou pensando nas conseqüências relativas a como este eminente embate militar pode vir a afetar a sociedade Cardassiana, mas devemos lidar com uma coisa de cada vez. Por ora, iremos esclarecer ao povo da Federação as circunstâncias que levaram à nossa decisão de resgatar nosso pessoal da maneira que fizemos. Entrementes, o Comitê de Ocupação irá começar a trabalhar com o Conselho Detapa em procurar negociar um novo acordo, como uma segunda chance para o Empok renunciar ao levante militar e resolver a crise pacificamente. - com isto, Inyo distribuiu mais algumas instruções particulares a cada um dos membros daquele grupo providenciarem para os próximos dias.

#

Parker estava terminando de falar na tela principal com o Comandante Rtoget, que naquele momento se encontrava na enfermaria da *São Paulo*, juntamente com os demais pilotos sobreviventes de sua equipe. Rtoget informou a Capitão de que já estavam recebendo todos os cuidados médicos necessários, assim como os outros tripulantes da própria *São Paulo* que haviam se ferido. O Tellariano também confirmou a ela que os passageiros e tripulação do shuttle estavam sendo atendidos na *Thunderchild*, e assim que o time do Comandante Muller terminasse de organizar tudo com as equipes a bordo da *Thunderchild*, Muller e seus dois oficiais iriam se juntar a eles na *São Paulo* para retornar à Base Estelar 310, e K'trar e Rqutek iriam ficar na *Thunderchild* para voltar à Nona Guarda Klingon.

Neste momento, a porta do turboelevador se abriu, e o Capitão Dodgers saiu andando para a ponte, indo à direita para contornar a antepara atrás das cadeiras de comando da *São Paulo*. Parker se despediu de Rtoget e se adiantou para cumprimentar o seu colega com um abraço. - Que sujeira... nem parece ser a nave daquela cadete toda certinha a quem eu dei a honra de ser minha consorte. - Dodgers disse, olhando ao redor da ponte da *São Paulo*, ainda mostrando as marcas da batalha. Todos os sistemas estavam em operação, mas havia diversos conduítes EPS a mostra, e destroços por vários locais, especialmente perto do console de engenharia.

- Começa, vai, começa. - Parker riu.

- Você que está tendo que aturar ela agora? - Dodgers disse para o Comandante Dot, esticando calorosamente sua mão.

- A Capitão falou algumas vezes sobre o senhor, Capitão Dodgers, - Dot disse, apertando a mão do Zakdoniano. - Só não vou dizer se bem ou mal, claro.

- Meus times de reparos se reportaram à sua engenheira-chefe, - Dodgers disse. - Eu já dei um apertão neles para serem ligeiros em ajudar as suas próprias turmas de reparos.

Típico dele, pensou Carolina. Dodgers sempre foi do tipo que gosta de assumir o controle de tudo em que se mete, e isto de já despachar o seu pessoal para a *São Paulo* sem

nem mesmo avisar a ponte era mais uma demonstração disto. A atenção que ele estava dando era elogiável, mas Parker não podia deixar de fazer isto ao lembrar da razão pela qual ela rompeu com ele, quando ambos namoraram durante o ano sênior deles na Academia da Frota — ela simplesmente não agüentava toda a empáfia e prepotência de Dodgers, uma característica comum aos Zakdonianos.

- Eu não quero ter que segurar vocês aqui mais do que o necessário, - Parker respondeu, simplesmente. - Acho que poderemos arrumar as coisas por aqui até voltarmos para a Base Estelar 310.



- Não há problema, nós ainda vamos esperar mais algumas horas aqui com a *Thunderchild* e as demais naves, e então iremos nos separar da força-tarefa mais tarde.

- Por quê?

- As ordens do Comando da Frota são para nós levarmos o grupo resgatado de volta para a Terra. Não que eu tenha muita escolha, na verdade... - o Capitão da *Protector* adicionou. - Nós estamos com ordens de voltar para o setor 001 mesmo. A nossa próxima missão irá consistir de operações de treinamento e patrulha que irão nos colocar em uma zona de vigilância de dez anos-luz em torno do sistema solar da Terra.

- Bem, então realmente podemos fazer bom uso de braços extras, - Parker respondeu. Ambos os Capitães e o Comandante Dot discutiram por mais algum tempo procedimentos a serem feitos pelo pessoal da Frota ali no que dizia respeito aos Cardassianos do Empok capturados, que iriam ser encaminhados para as forças legalistas Cardassianas e, depois disto, Dodgers retornou a sua nave. Depois de acompanhar Dodgers até a sala de transporte para se despedir dele, a Capitão da *São Paulo* retornou para a ponte de comando.

- Então, - disse Parker, - Assim que o pessoal da *Protector* tiver deixado a nave e o nosso pessoal e o time de Rtoget terminar de hangarar bem os caças, vamos fazer alguns reparos básicos e traçar o curso para a Base Estelar 310. Teremos muito que fazer, além é claro de um debriefing padrão sobre a missão.

- Será que vamos ficar muito tempo parados lá? - perguntou Coelho.

- Hum... eu calculo coisa de um par de semanas, talvez. - Parker respondeu, com uma expressão pensativa. - Precisaremos de vários reparos, além de reabastecermos com suprimentos e repormos os consumíveis que usamos nesta operação, além de arrumarmos de volta nosso hangar.

- Duas semanas? Tudo isto?



- Ora, Tenente... você acha que esta nave se conserta sozinha? - A Capitão apenas disse, indo na direção de seu gabinete.

#




Algo bastante comum na Terra eram os chamados fóruns, que consistiam de encontros de diversos intelectuais e pensadores de diversas áreas, para poder ter um bate-papo informal em reuniões que podiam acontecer desde diariamente até de maneira anual. Muitas vezes, os participantes de tais encontros permitiam uma transmissão visual aberta dos eventos, o que possibilitava que pessoas por toda a Federação acompanhassem a conversa, o que tornava a coisa, em seu formato básico, algo semelhante às chamadas "mesas redondas" que existiram durante a era televisiva.

E naquela manhã de sábado, enquanto se exercitava em um holoaparelho de musculação, Kátia Parker estava começando a assistir justamente a um destes fóruns, que ocorria toda semana naquele horário, com cinco personalidades reunidas para um café da manhã no bistrô instalado em uma das áreas de convivência do Museu de Ciências de

Vitória, instalado em uma ilha às margens do litoral desta cidade do Espírito Santo. O *Jornada*, como era conhecido aquele grupo em particular, se tratava de um dos mais populares encontros em fórum, e Kátia passou a acompanhar aquele em particular depois que a amiga de Denise, Katilla, passou a integrar o grupo, coisa de dois anos antes. A participação da Klingon realmente deu mais tempero aos debates do grupo, e ela não parava de surpreender o público com que eles contavam.

Kátia observava a Klingon discutindo com os demais membros do fórum enquanto ajustou o holoemissor para ajustar o aparelho de musculação para um exercício de pernas. Como a cabeça dela passou a estar em uma outra direção por ela agora estar deitada, a projeção da transmissão foi movida automaticamente para ficar um pouco abaixo do teto, como se houvesse um monitor flutuante pairando acima da cabeça de Kátia. A garota começou os exercícios enquanto continuava assistindo ao fórum, no momento em que seu pai, Eduardo Parker, entrou no recinto.


- Olá Kátia, - Eduardo disse, passando pelo holoaparelho para ir na direção de sua bancada de trabalho, que também ficava ali em uma sala de recreação da casa da família. Era uma bancada que consistia em metade mesa de despacho de documentos e metade área para trabalhos manuais, onde se encontrava de tudo que um pesquisador do estilo de Eduardo costumava usar: livros, padds, um tricorder, instrumentos de análise, ferramentas para restauração de artefatos antigos, pincéis, diversos porta-trecos com objetos, caixas com o logo do Smithsonian, plaquetas de identificação, um terminal LCARS e diversos outros itens.

 - Você viu onde deixei a caixa de membranas palmares, Kátia? - ele perguntou, ainda revirando as coisas em sua mesa, olhando debaixo de uma pilha de livros replicados em papel.

- O Ricardo andou pegando algumas... acho que ele deixou na segunda gaveta. - O pai de Kátia abriu a gaveta e encontrou a caixa com as membranas. Eram leves folhas de um material orgânico que quando enroladas nas mãos se transformavam em perfeitas luvas para manipulação de objetos sensíveis, evitando-se sujar ou ferir as mãos da mesma maneira que se evitava danos ao objeto manipulado, sem que se perdesse em nada a sensação natural de tato.

- Esse guri vive metendo as coisas onde não as encontrou, - Eduardo comentou, enquanto separava algumas membranas. Ele se aproximou de Kátia fazendo os exercícios. - O que você está assistindo?

- A Katilla está falando no *Jornada*, - ela respondeu. - E está descendo o ferro no Conselho. Ela disse que eles adoram dar um jeito de colocarem um targ na sala, para que quando todo mundo começa a reclamar que tem um raio de um targ ali, eles sempre serem os heróis em arranjar jeitos de remover o targ.

 - Ela está se referindo à operação em Chin'Toka, não? Não sei se este último rolo foi o caso disto, mas ela não deixa de ter razão... é só lembrarmos por exemplo da crise em Ba'ku e da colonização da ZDM Cardassiana. - Eduardo comentou, enquanto mantinha o olhar para o alto para observar a projeção acima da cabeça de sua filha.

- É, ela comentou sobre a ZDM, como exemplo, mesmo. O Petrov concordou com ela, e disse que de fato foi o próprio Conselho e a Comissão de Ocupação que permitiram que a situação chegasse no ponto em que chegou. Já os outros estão tendo que agüentar o verbo dela, he, he. - Kátia riu, depois de se referir às várias reações dos demais membros do fórum, como Petrov Leminom, o Risaliano que era o chefe da editoria cultural do Serviço de Notícias da Federação.

- É, meu, a Katilla é foda, mesmo. - Eduardo sorriu, lembrando-se de como a Klingon pode dobrar um oponente com os melhores argumentos sem sequer ter que apelar para

qualquer jeito Klingon de debater, coisa que sempre desarmava seus oponentes, como Katilla mesmo costumava dizer.

Eduardo guardou as membranas no bolso de sua jaqueta de campo. - Ela gostou muito do pote de pimenta que eu preparei para ela, e me prometeu que vai me mandar um quarto de targ, que ela mesma vai caçar na reserva da Embaixada Klingon. - Eduardo fez alguns gestos para demonstrar qual seria o provável tamanho daquela peça de carne que Katilla iria lhe mandar de presente. - Sua mãe ganhando a eleição, eu vou fazer um churrasco bom quando nós formos a Nova, em comemoração. Vou assar este quarto de targ no vapor, temperando com sal grosso, e depois servir ele com uma farofa de quadrotriticale, para depois tomarmos um boa garrafa do melhor madeira que temos... hum...

- A mãe é quem vai te assar no vapor se ela souber disto, - Kátia comentou, sorrindo.

- Bah, a sua mãe, também, viu? - Parker fez um gesto desdenhoso, sorrindo levemente ao comentário. - Típica terráquea, mesmo... não come carne real nem que suas vida dependa disso. Vocês não sabem apreciar o bom paladar de uma verdadeira carne caçada e assada como nos velhos tempos.

- Ê, ê, vocês é muita gente, hein, pai? Você sabe que eu como, quando você faz. - Kátia respondeu, enquanto se levantava para permitir que o holoaparelho se reconfigurasse novamente para um exercício de braços.

- Eu sei, você não perdeu o costume mesmo depois que viemos para a Terra. - Kátia havia nascido na época em que o casal Parker-Stel morou em Terra Nova, o planeta-natal de Eduardo Parker. Eles passaram dois anos lá, enquanto Parker ocupou a cadeira de antropologia da Universidade de Logan City, instituição onde Stel também lecionou letras. O casal se mudou para a Terra quando Kátia tinha três anos, e Priscila e Ricardo já nasceram quando a família morava na capital da Federação, enquanto Stel ocupava cargos na Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, e Parker atuava como pesquisador para o Instituto Daystrom.

- Mas deixe comigo, - continuou Parker - Mesmo porque a sua Mãe sabe bem que nenhuma festa lá em Nova pode ser feita com os trecos replicados que ela gosta de comer aqui. E, de qualquer jeito, se ela não quiser o targ, ela sempre pode preferir comer um tatu, que a vó de vocês faz. - o humano se referiu a um tradicional prato novano que sua mãe costumava fazer.

- Ah, tá bom...! - Kátia apenas responde, enquanto continuava a se exercitar assistindo ao fórum.

#

Marcus e Vortik caminharam rapidamente por entre todas as pessoas que se encontravam no momento em uma das salas de convenções do Bolo de Noiva, no Itamaraty, e chamaram a atenção de Denise e David, que estavam atrás da mesa no palanque principal instalado ali. Ambos estavam sendo os principais moderadores daquele debate, que envolvia membros das equipes políticas dos principais candidatos ao senado Terrestre que Cristina Stel estava apoiando. A reunião tinha como principal objetivo uma melhor articulação entre as propostas de todos aqueles candidatos, e se definir uma agenda de compromissos básica com a qual aqueles eventuais Senadores iriam trabalhar em conjunto com a eventual Embaixadora. Mas por ora todos ali estavam concentrando seus esforços em assegurar que a palavra “eventual” poderia futuramente ser desconsiderada desta afirmação.

- Bebidas para os forasteiros, e água para seus cavalos, - David brincou, enquanto acenava para os dois se juntarem a eles. David estava sentado de maneira mais descontraída na sua cadeira na mesa de moderação, enquanto outras pessoas caminhavam ao redor do

local. Aquele intervalo estava programado para durar vinte minutos, o que daria bom tempo para a recém-chegada dupla reportar as novidades.

- Parece que a coisa está animada aqui, - Marcus disse, colocando um par de padds na mesa.

- Não faltou ninguém, - Denise disse, - E a presença de correspondentes também tem sido boa. Mas e lá na reunião?

- Igualmente proveitoso, - começou Vortik. - Ainda que tivemos uma considerável dose de trabalho.

- Considerável é apelido... tivemos que ó... - Marcus disse, passando dois dedos da esquerda para a direita ao longo de sua testa, e os estalando em seguida, em um suposto gesto de remover suor. - Setorianos são osso duro de roer em negociações, especialmente aqueles que trabalham nas Câmaras em si.

Marcus se referia ao grupo com o qual ele e Vortik haviam se reunido previamente, diversos representantes das principais Câmaras Setoriais e Sindicatos Terrestres. A finalidade do encontro foi acertar alguns detalhes finais para que estes grupos assegurassem seu apoio formal para Stel na eleição e, disto, preparassem a participação da Senadora no próximo Fórum Econômico Terrestre, para dali a dez dias, em Mojave City.

De toda a força de trabalho existente na Terra e na Federação, cerca de 40 por cento é composta de pessoas em diferentes posições governamentais, seja este nas esferas das administrações regionais, como as cidades e estados de um planeta, seja nas esferas governamentais ou mesmo federativa. Outros 25 por cento da força de trabalho são de pessoas que possuem pequenos negócios particulares ou trabalham em atividades individuais, como donos de pequenos cafés e restaurantes, artistas, músicos, e outras atividades. Os demais 35 por cento correspondem a todos os trabalhadores envolvidos no chamado setor produtivo, que são as grandes organizações de produção e serviços que são responsáveis pela produção e distribuição dos bens e serviços os quais são necessários serem realizados por instituições com grandes estruturas para isto.

A uma primeira vista, estas organizações seriam o equivalente de empresas privadas de grande porte, que existiram séculos antes, mas apenas em alguns pontos, como áreas de atuação e parte da estrutura organizacional. Primeiramente, tais organizações não têm mais como objetivo básico gerar lucro puro e simples - a finalidade agora é prover para a sociedade como um todo os bens e serviços pelos quais a organização em questão é responsável. Da mesma maneira, a "propriedade" destas organizações não está nas mãos de indivíduos específicos ou de qualquer órgão governamental. O controle sob estas organizações é de responsabilidade das Câmaras Setoriais das áreas em que a organização atua, e estas são auxiliadas na administração destas organizações pelos Sindicatos dos trabalhadores destas respectivas áreas de atuação.

Então, o modelo se divide em setores: por um lado, o governo da Federação e os governos regionais dos planetas-membros, através de seus departamentos específicos, atuam como reguladores da economia em geral, enquanto as Câmaras Setoriais se ocupam da administração direta das companhias, e as representam enquanto instituições, e os Sindicatos se responsabilizam por apoiar e representar os trabalhadores destas instituições enquanto indivíduos. Os campos de atuação são os mais diversos possíveis, como mineradoras, refinarias, indústrias de base, metalurgia, construção, indústria de equipamentos acabados, estaleiros, agroindústria, e diversos serviços fundamentais para a organização de uma boa economia, como transporte, distribuição de energia, desenvolvimento de sistemas computacionais, comunicações, e muitas outras áreas.

Marcus não era de se animar à toa, e quando isto ocorria David nunca deixava de notar – conhecia-o bem demais. Apesar de ele querer dar a entender que tiveram uma negociação difícil com os setorianos e sindicalistas, a sua animação era visível. Marcus continuou a falar.

- Estamos falando de pelo menos dez por cento, aqui... na primeira seqüência. Pelo menos.

- Kahless seja louvado, - brincou Denise, lembrando de uma fala típica de sua amiga. - Tomara que isto já apareça nas próximas projeções. - com isto, ela começou a fazer alguns cálculos em um padd, enquanto Vortik continuou a falar.

- A atual composição do Conselho do Fórum Econômico mostra-se extremamente favorável para nós. Cerca de 66% deles são representantes da Associação de Automação Mecânica, e falam por boa parte da indústria robótica federativa. - disse o Vulcano.

Marcus passou um dos padds para David, com a pauta da reunião em detalhes.

- Eles queriam porque queriam se assegurar de que a Senadora fizesse pressão para que a Secretaria do Desenvolvimento Industrial e a do Planejamento aumentem o apoio à indústria robótica, especialmente a de autômatos.

- Eu já havia comentado sobre isto com Zhaav e Stel. - emendou David. - E já garantimos o suporte do pessoal acadêmico e de centros de pesquisa. Agora com o apoio das indústrias de base, vamos ter uma mão que ninguém vai poder bater.

- Adiantamos esta informação para eles, e foi um dos fiéis da balança em nosso favor na reunião. - disse Vortik.

- Excelente. - David pensou durante alguns instantes, procurando também ponderar sobre as eventuais desvantagens deste arranjo; afinal de contas, quando o latinum é muito, o Ferengi desconfia. - Podemos ficar meio impopulares com os setores de holoprogramação, mas acho que é um risco aceitável, - ele finalmente disse. - Com o apoio do pessoal de robótica, é meio caminho andado para o resto da turma de indústria pesada nos apoiar também.

Denise mostrou um outro padd, com alguns cálculos especulativos sobre as projeções futuras de intenção de voto. - Considerando a projeção da semana passada... na qual o Triev e o Duarte deram uma pequena crescida... - a Romulana ia murmurando enquanto fazia mais alguns cálculos. - Se considerarmos quinze por cento de ganho na primeira seqüência, vamos ceifar pelo menos a metade da diferença geral que separa a Senadora do Duke.

- Acho melhor esperar as projeções depois do Fórum Econômico, Dê. - Marcus disse. - Vai dar para termos uma precisão bem melhor de quanto foi que ganhamos. Até lá, eu vou considerar estes dez por cento mesmo.

- Muito bem, então. - David disse, se levantando para ir buscar algo para beber. - Eu vou falar com a Senadora, e ela vai preparar todo o material para o debate no Fórum. Ela está especialmente interessada em discursar sobre nossos planos para aumentar o apoio aos projetos educacionais regionais que as Câmaras Setoriais fazem. Aqueles cursos de complementação, coisas do tipo.

- Bom, mas seja lá qual for o nosso crescimento final depois do Fórum, vai ter sido uma bruta ajuda. Bem que estamos precisando. - Denise comentou, se levantando também. Marcus continuou sentado, calmamente dando um gole em uma garrafa de água mineral que estava aberta em cima da mesa.

- Com certeza... com certeza. - ele apenas disse, entre goles.

#

Entre as dezenas de compromissos de campanha, como o Fórum Econômico, e os compromissos normais de representante na Assembléia-Geral, Cristina Stel ainda tinha que também gerenciar as responsabilidades de ser mãe de três adolescentes, e todo o trabalho que vem juntamente com isto, como por exemplo estar presente em eventos nos quais os seus filhos tomavam parte. Ela procurava participar do máximo que podia, mas como era de se esperar, não havia a possibilidade de estar em todos, fato que tinha a compreensão de seus três filhos, pois eles bem sabiam dos meses atribulados em que sua mãe estava no momento.

Um dos compromissos que Stel teve que inicialmente abrir mão de participar foi a apresentação das bandas musicais das quais Priscila e Ricardo participavam. Em um festival musical a ser realizado no sul do Brasil, ambos os seus filhos iriam participar como integrantes de bandas musicais de colegas seus da escola em que estudavam, a SPHS *Derville Allegretti* -- ainda que ambos não estivessem na mesma banda, mas sim em grupos separados. Tal festival musical era uma tradição entre as escolas secundárias da Terra, que anualmente patrocinavam estas apresentações musicais de seus alunos em um evento conjunto em Santa Catarina.

A oportunidade, contudo, não aconteceu de maneira totalmente espontânea, tinha que admitir Stel. Originalmente, o seu marido Eduardo havia se comprometido a comparecer neste evento dos filhos deles, uma vez que a data não era nada favorável para a senadora, mas um convite para o evento, especificadamente dirigido para Cristina Stel, serviu de perfeita desculpa para a senadora se permitir comparecer. Afinal de contas, o convite em particular veio diretamente do gabinete da Secretária de Educação da Federação, e foi entregue em mãos para Priscila Parker pela Diretora da escola deles. Embora estivesse dirigido para ela enquanto mãe de uma das participantes, a Senadora não podia deixar de pensar que havia uma agenda oculta de Zgouridy ali, então ela certamente devia aceitar o sutil convite, pois provavelmente iria encontrar no evento não apenas atividades maternas, mas também políticas.

E de fato, sua especulação se confirmou. Quando compareceu ao Festival, Stel pôde constatar que entre as mães que estavam prestigiando o evento das bandas estudantis se apresentando, Raquel Trajina era uma delas.

#

E os compromissos continuavam pelas semanas seguintes. De todos os candidatos ao cargo de Embaixador, aquele que estava se destacando mais em fazer campanha fora da Terra sem dúvida era Stel, com a senadora fazendo questão de visitar todos os assentamentos e colônias da UFP espalhadas pelo setor 001, por menor que fossem. Esta prática a levava no momento para as plataformas de mineração em órbita do planeta Mercúrio, onde ocorre a extração de alguns metais raros para replicadores industriais usarem como matéria-prima para a sintetização de peças de maquinário. A plataforma não contava com mais do que uma população de três mil pessoas, sendo que, destas, duas mil eram flutuantes -- logo, a busca de votos per se não era seu único objetivo ali. Stel estava particularmente interessada em demonstrar o seu apoio aos setores de indústria de base, e o trabalho realizado pelo pessoal das plataformas orbitais do setor 001 era claramente de suprema importância.

A Senadora visitara todo o complexo e recebeu uma explicação básica sobre como são realizados os trabalhos de extração do minério no planeta abaixo, e seu processamento básico na plataforma, para posterior distribuição para diversos locais da UFP. Após a visita, uma palestra se seguiu, e ao seu encerramento, tanto ela como o seu staff já estavam retornando para o *Delaware*, bem como todos os jornalistas que os acompanharam. Stel aproveitou o

tempo que ainda faltava para a partida de volta para a Terra para ter uma conversa reservada com um daqueles jornalistas em particular, o qual Denise havia garantido sua presença no evento.

- Então este é o negócio? - Ross disse, depois que Stel usou dez minutos para explicar no que ela precisaria da ajuda dele.

- Este é o negócio. Topa?

Ross ponderou um pouco. O que Stel havia proposto era bastante incomum, considerando que isto não dizia respeito especificamente sobre qualquer coisa que estivesse na sua jurisdição. Uma investigação independente sobre os eventos em Chin`toka Prime? A informação contida no material básico do padd que ela lhe entregou tinha o típico ar de "Algo de Errado", e certamente valia uma fuçada a mais. E há muito que Ross aprendera a confiar no estilo de agir de Stel, e não apenas por intermédio de sua namorada; ele já havia votado nela mesmo antes de conhecer Denise, além de todo o trabalho dela antes.

- Você vai ser ideal para isto, Ross, - Denise recomeçou a falar, para assegurar-lhe de que ela e Stel não tinham dúvidas sobre suas capacidades. - Você conhece bem os Cardassianos...

- E é bom repórter investigativo. - Acrescentou Stel.

- Nem tanto, Senadora... minha especialidade é mais de análise, e não deste tipo de investigação minuciosa.

- Bobagem. Não é o que sua série de matérias sobre os maquis parece demonstrar. - ela replicou.

Ross ficou em silêncio por mais alguns instantes, mas pareceu bastante seguro de si ao concordar com o que a Senadora estava lhe propondo. - Muito bem, faremos isto.

- Excelente. Agora, deixa eu te dar uma coisa a qual eu posso te fornecer diretamente para te ajudar no trabalho. - com isto, a senadora levantou da poltrona do runabout, ajustou o seu vestido em uma posição mais formal e fez um gesto para que Ross também se levantasse. - Estenda a sua mão direita para mim.

Ross não entendeu bem, mas seguiu as instruções dela. Stel pegou a mão dele com ambas as suas mãos, e a pedido dela, Ross repetiu uma frase de cinco palavras em Betazóide. Logo em seguida, Stel voltou a usar o inglês federativo.

- Computador, autentique esta operação com o meu código pessoal, que é... - e com isto Stel digitou o seu código no teclado LCARS no console próximo a si. - Está feito. Agora você é o meu valete.

- O seu o quê? - Ross fez uma expressão intrigada, que valeu um sorriso por parte de Denise.

- Meu valete, - respondeu Stel. - Toda mulher Betazóide em alta posição na sua Casa tem direito a um, cuja função é a de ser uma espécie de secretário pessoal, mordomo e guarda-costas. Eu sempre detestei este tipo de coisa e nunca tive um, mas neste momento você bancar ser o meu irá ter uma baita vantagem... como sua "chefe", o meu status diplomático passa a se estender a você, se eu precisar que você faça algum serviço diplomático.

- Certo, certo... bem, mas isto não é necessário para acelerar a minha ida até lá, de qualquer maneira. Imagino então que tenha algo mais em mente, Senadora?

Stel entregou para Ross um padd e uma pequena caixa com o timbre do Departamento de Exploração Espacial. - Sim. Vamos dizer que... preciso que você leve isto para uma certa Capitão da Frota Estelar, cuja nave no momento se encontra exatamente naquela região.

- Que coisa, não? - Denise ironicamente comentou.

- E uma vez lá, eu quero que você fique à disposição dela. Entendeu? - Stel disse para Ross, com um sorriso que deixava claro qual era a finalidade básica do novo "emprego" do jornalista.

- Perfeitamente, milady. - ele apenas respondeu.

#

A movimentação era grande como sempre no gabinete principal da sede da Secretaria de Exploração Espacial, em Houston, e no momento a Secretária Trajina estava despachando com alguns de seus assessores. A sua assistente terminou de deixar alguns padds na mesa de Trajina, e deixou a sala no momento em que a Secretária aceitava um chamado de São Francisco. Trajina ordenou o computador a desviar o chamado para seu monitor auxiliar, próximo à sua mesa, em vez de usar o grande monitor principal da sala. Na tela, em uma sala do Comando da Frota Estelar, apareceu a figura do Almirante Galbraith.

- Trajina, Bom dia... - Galbraith começou a dizer. - Me diga, você passou ordens para alguma de nossas naves mudar o seu curso ao longo da fronteira Cardassiana?

- Sim. - ela respondeu, podendo prever exatamente ao que o Almirante se referia.

- Carol Parker?

- A própria, - Trajina confirmou tranquilamente, ainda trabalhando em alguns padds enquanto falava com o Almirante. - Depois de sair da base estelar 211, ela irá correr pelos setores Dorvan e Almatha... mas você já deve estar sabendo disto, de qualquer forma.

- O comando da Força-Tarefa 47 não foi diretamente informado de detalhes destas novas ordens da *São Paulo*, Trajina. Eles são o núcleo de nossas forças naquela região da fronteira para onde a *São Paulo* mudou a rota.

- Ela não está em uma missão de defesa, Galbraith. Realoquei-a para dar suporte para uma pesquisa cultural do Departamento de Educação da Federação.

- O local ainda está bem volátil para ficarmos inventando missões de pesquisa cultural. As forças legalistas ainda estão tendo diversas escaramuças contra forças Empok espalhadas por aqueles setores do espaço Cardassiano, e nossas forças estão bem ocupadas dando apoio a eles. Pode ser arriscado mandar uma nave sozinha, em missão de pesquisa, para lá nestas circunstâncias.

- As instruções nossas para a *São Paulo* incluem evitar todo e qualquer engajamento desnecessário, Almirante. E ela tem plena capacidade de cuidar de si mesma.

Galbraith não conseguia deixar de imaginar que a Secretária Trajina parecia ter algo bem mais específico para a *São Paulo* do que apenas "pesquisa cultural", mas resolveu não forçar o assunto. Por ora, não havia realmente nada de incomum no procedimento requerido pela Secretária. - Muito bem, então. Estou apenas confirmando para podermos remarcar o status operacional da *São Paulo* na região.

- Sua equipe tem feito ótimo trabalho nisto, Almirante. Trajina desliga. - *Assim como o senhor, Almirante*, pensou Trajina. *Muito polido da sua parte, o próprio Chefe do Estado Maior da Frota em pessoa, se encarregar de fazer uma corriqueira verificação como esta...*

#

A parada na Base Estelar 211 não havia sido demorada. Segundo as ordens da Secretaria de Exploração Espacial, tudo o que a *São Paulo* precisava fazer era pegar um passageiro, o qual iria servir de adido para a nova missão deles — esta pessoa também estaria

trazendo detalhes a respeito. A Capitão Parker encontrou-se com Scott Ross tão logo ele chegou à sala de transporte.

- Permissão para subir a bordo, - Ross disse, descendo do padd. Como civil, ele não tinha realmente obrigação de dizer a frase, mas gostava de a usar como cortesia para as tripulações com as quais interagia.

- Concedida. Bem vindo à *São Paulo*... sou a Capitão Carolina Parker, e esta é a Tenente-Comandante Naren.

- Capitão, Comandante, - Ross apertou a mão da humana e da Bajoriana. O grupo se pôs em direção do gabinete de Parker, e, no que entraram, usando a porta secundária da sala, a Capitão já estava passando os olhos pelo sumário das ordens criptografadas que Ross trouxera no padd que Stel havia lhe confiado.

- Pretende fazer uma pesquisa sociológica bastante específica, não, Ross? – perguntou retoricamente Parker. As ordens também continham recados pessoais da Senadora para a sua cunhada, além de instruções pessoais da Secretária Trajina. Com mais alguns minutos de leitura, Parker já estava ciente da natureza pouco convencional da missão à frente.

- Será interessante que conversemos mais a respeito, para discutirmos a melhor maneira de fazermos esta... análise e pesquisa, Capitão. – comentou Ross. - Será um empreendimento cheio de quetais, como pode imaginar.

- Sim, concordo... nos reuniremos com meu staff após o jantar, as 2100 horas. Mas enquanto isto acho que seria melhor nos colocarmos a caminho de nosso destino. – com isto, Parker começou a ir na direção da porta principal de sua sala, e o grupo passou para a ponte da nave.

- Quanto mais rápido chegarmos a Torga, melhor.

- Você ouviu o rapaz, Tenente Coelho, - Parker chamou a atenção de sua navegadora. – Trace o curso para lá e acione em dobra oito.

- Aye, aye, Skipper.

#

Com o passar do par de semanas seguinte, a campanha eleitoral tomou ainda mais corpo, e a agenda de Cristina Stel estava cheia como nunca. Diversas sessões na Assembléia-Geral dividiam a atenção da Senadora com a mais recente rodada de debates entre os candidatos, além de visitas e reuniões a diversos grupos no Setor 001, nos quais os temas debatidos variavam de controle climático a educação infantil, de desenvolvimento industrial a controle de aduana planetária, de propostas de novos centros esportivos a ampliação de fazendas marinhas.

Durante este tempo, Stel não conseguia esquecer aquilo que Trajina lhe havia dito, e daquilo que ela havia iniciado com a Secretária. Uma investigação secreta estava em curso, da qual apenas Trajina tinha controle direto – elas optaram por deixar a participação de Stel o mais distante possível, para se evitar conseqüências políticas que pudessem envolver a eleição. Este risco foi diversas vezes ressaltado por Stel para Trajina, mas a Secretária parecia bem segura de si em desejar a colaboração da Senadora. *Ela certamente tem algo em mente...* – pensava Stel, antes de um suspiro mais forte. – *Hum... eu e esta minha maldita decência Betazóide... bem que uma leiturazinha da mente dela viria a calhar.* – Stel sorriu para si mesma ao especular sobre a possibilidade. Tudo o que Trajina havia conversado com ela a preocupava. Mas não havia muito que fazer por ora, a não ser aguardar pelo comunicado dela, sobre qual irá ser o próximo movimento.

- Estamos chegando, - Tolia avisou, enquanto olhava pela janela do Runabout a vista da Estação Europa se aproximando, em órbita daquele satélite de Saturno. Aquele era o local onde estava para ocorrer o mais próximo evento da campanha, uma visita ao Centro de Coordenação de Colonização, ou seja, o local do setor 001 onde novas missões de colonização de mundos desabitados são preparadas. Neste centro as naves de colonização da Federação são preparadas com todo o equipamento e suprimento necessário para se dar início a novas colônias em pontos remotos da Federação e em novos territórios, e é onde as equipes de colonos se reúnem para se preparar para tais jornadas, onde recebem todas as instruções e o treinamento necessários, estudam as condições do local escolhido, e uma série de outros procedimentos, coisa que normalmente ocupa boa parte de um ano todo. Tudo pronto, a flotilha de naves de colonização zarpa com uma escolta de naves da Frota Estelar, para a viagem até o planeta escolhido, onde o processo inicial de criação da colônia é acompanhado pela Frota e pela Secretaria de Exploração Espacial.

Zhaav, David, Tolia e Denise estavam acompanhando a Senadora para esta visita, que visava mostrar o apoio dela para com a iniciativa de colonização de um novo sistema classe M que fora recentemente descoberto no quadrante Beta, e também o seu apoio em geral a política de colonização da Federação. Nos últimos dias, diversas críticas a Stel haviam sido comentadas na opinião pública, depois dos outros candidatos Tiago Duarte e Zirot comentarem as posições de Stel em relação à maneira pela qual a Federação criava novas colônias, e como este procedimento teria que ser revisto. Ambos estes rivais de Stel especularam que isto se tratava do fato de que a Senadora era basicamente contra a política de colonização. O mais irônico de tudo é que as próprias posições pessoais de Duarte e Zirot são praticamente opostas – Duarte é fervoroso defensor de uma ampliação geral do processo de colonização para níveis ainda maiores do que os atuais, enquanto Zirot, condizente com sua visão de uma Federação mais fechada, advoga por mudar o foco da criação de novas colônias para se resumir a expansão de sistemas estelares já conhecidos. E ambos encontraram meios de combinar suas visões particulares com maneiras de criticar Stel por seus recentes comentários, nos quais a Senadora comentou as implicâncias políticas da expansão das colônias, usando para isto as campanhas de colonização dos territórios próximos às fronteiras Cardassianas, durante as décadas de 2330 e 2340.

- Hum... não vejo ninguém com tochas e ancinhos nas janelas da doca de atracação, - David comentou.

- Só deve ter ancinhos, - Stel disse, se preparando para desembarcar. – Colonos não devem ser do tipo de gastar oxigênio com tochas. – Stel não estava tão preocupada quanto o restante de sua equipe sobre a possível receptividade daqueles colonos, logo não se incomodava de manter um tom irônico para eles sobre o tema. Ela já havia imaginado que poderia receber duras críticas quando mencionasse suas opiniões sobre a crise maquis de alguns anos antes, e mais ainda quando especulasse sobre as raízes deste problema, que teria sido em um processo de colonização que não levou em consideração nenhuma questão política a respeito da região escolhida, e como isto serviu de catalisador para os problemas com os Cardassianos na década de 2350.

Zhaav se levantou junto com os demais quando a nave finalmente terminou de atracar. – Bem, páreo duro ou não, vamos ter que sair aí para enfrentar as feras. Bom, mas não vai ser só com esse pessoal que o nosso osso vai ser duro de roer. A agenda para os próximos dias também não está nada fácil. Só eu vou ter que ir em uma dúzia de reuniões, aaargh...

- Não se preocupa não, que depois eu ponho uma coisa mole na tua mão. – David disse com um sorriso jocoso.

Zhaav combinou um sorriso com uma expressão de desdenho, e cruzou os braços. – Ih, tá ruim assim é? – ela finalmente respondeu, olhando ele de cima a baixo. - Não, pode guardar isso aí para as tuas garotas Órion, tá?

- Pô, eu estou dizendo que vou guardar para ela pegar as tarefas mais fáceis desta semana e ela ainda reclama...? – ele comentou para Denise, logo ao lado.

- Para as próximas semanas, - disse Stel enquanto o grupo saía pela doca do Runabout. – Para as próximas semanas, o que nos espera pode ser bem maior do que isto...

#

Katilla mal saiu do pad de teleporte e correu apressadamente pelos corredores da ala de serviço da Embaixada Klingon para o átrio principal, indo para o gabinete do adido de Inteligência do Império. A jornalista entregou uma autorização para o guerreiro em serviço de vigilância no momento, e este autorizou a entrada dela no recinto. Uma conversa de cinco minutos seguiu-se com o oficial do dia, que o entregou um padd e uma caixa com fragmentos metálicos dentro. O oficial se despediu dela com um qa'pla, e alguns minutos mais tarde Kattila estava de volta novamente na sala de transporte.

- Para onde está indo? – o Klingon operando o teleporte da Embaixada disse.

- Para a SecExp, Houston. – ela confirmou, pisando no pad mais próximo.

#

Capítulo 11

Seções Iniciadas

Cristina sentou-se no sofá da sala onde se encontrava e levou a mão à cabeça, que ainda estava sentindo bem latejante. O local onde estava era o gabinete da Secretária de Educação, Oryza Zgourydi, e além da própria, também estava ali na sala a Secretaria Trajina. Oryza trouxe para Stel uma pequena hypospray que replicou, contendo uma dose de analgésico próprio para Betazóides. Stel encostou a ponta da hypospray na base de seu pescoço, e ficou deitada por ainda mais alguns minutos, em silêncio. No monitor LCARS da mesa de Oryza estava passando uma mensagem a que Stel havia assistido há pouco, sendo repetida em um loop contínuo. Para qualquer um que assistisse, não parecia ser nada demais. Apenas mais um relatório de progresso das pesquisas culturais que a São Paulo estava fazendo na região da fronteira com Cardássia – a Capitão Parker e Scott Ross descreviam durante alguns minutos o status atual da pesquisa para a Secretária Zgouridy.

Contudo, havia mais naquela mensagem do que podia ser visto. Criptografada com o áudio e vídeo da mensagem original, havia uma segunda mensagem, também de autoria de Parker e Ross. Esta segunda mensagem fora inserida ali de tal maneira que apenas o subconsciente Betazóide de Cristina Stel podia captar, trabalho este feito por um analista de comunicações em Betazed o qual Trajina conhecia há muitos anos. O trabalho era baseado em antigas técnicas telepatas deste planeta com algum tecnobabble desenvolvido por este técnico.

A senadora finalmente suspirou aliviada, depois do baque que sentiu pela informação ter sido reconhecida de maneira tão abrupta pela sua mente, mesmo ela tendo se preparado para isto, pois Trajina havia avisado que ela seria a única a ver a "mensagem subliminar", como ela chamou o procedimento. Mas Stel também estava abismada com o conteúdo em si da mensagem. Ela levou quinze minutos para descrever tudo o que Parker e Ross haviam reportado na mensagem escondida, e depois deste tempo também pediu para descansar um pouco.

- Incrível, - Zgouridy disse. – Até agora, nada disto foi levantado pela Bancada de Investigação da Frota. Nem fui questionada sobre nada parecido em todos os meus

depoimentos. – a Secretária de Educação se referia ao comitê oficial de investigação que fora implantado pela Secretaria de Justiça da Federação, em conjunto com a Frota Estelar, para se descobrir como teria sido possível o seqüestro dos passageiros do runabout em que ela estava, e quais teriam sido as razões do Empok de fazer isto.



- Isto vai ser uma verdadeira supernova na coisa, - Trajina disse. - Eu tive acesso ao primeiro rascunho do relatório da Bancada, e muita coisa vai entrar em contradição sim, Oryza. Para todos os efeitos, a investigação vai ter que recomeçar baseada nisto que o Ross e o pessoal da *São Paulo* descobriram.

- Mas como isto é possível...? – disse Stel. - Quero dizer... tudo isto é incrível demais. - Trajina sorriu levemente para Stel.

- Cris, eu devo confessar a você que nós aqui na SecExp já tínhamos alguma desconfiança sobre certas incoerências e inconsistências na investigação da Bancada. Tanto que eu também adiantei algumas coisas por mim mesmo... por exemplo, aquela conhecida sua, a Katilla, do Ministério de Propaganda Klingon... ela passou para mim alguns dados e análises extras sobre as investigações dos Klingons sobre o caso, e sobre a análise forense da IKS *Azetbur*, depois que repassamos para eles os destroços. Recebi coisas que os Klingons não confiaram repassar sequer para a Bancada de Investigação. Informação de cocheira, mesmo... garantida pelo Chanceler Martok em pessoa. E pelo que eu vi daquilo que eu já havia levantado, pelo que Katilla me passou, e pelo que você agora nos contou que Parker e Ross descobriram, a coisa está agora bem clara. E ter te incluído neste nosso... plano, vamos dizer assim, de providenciarmos uma investigação em paralelo foi uma decisão da qual não me arrependo.

- Só que não podíamos fazer isto de maneira aberta, - continuou Zgouridy. - Precisávamos disfarçar isto de alguma forma, e então bolamos esta missão de pesquisa da *São Paulo*. E agora a sua participação neste plano vai ser importante para valer, mesmo.

- Eu imagino que ter colocado Ross na São Paulo tem relação com isto tudo, mas não sei como é que eu poderia ajudar além disto. Esta própria mensagem vocês poderiam ter preparado para outro Betazóide qualquer.

- Sim, poderíamos... - Trajina recomeçou, - Mas você era a escolha certa, e por duas razões, uma prática e uma subjetiva. A razão prática é que cada uma de nós três aqui tem um papel a cumprir assim que este tribble começar a dar cria, que vai ser... computador, que horas são?

- 23 horas e 15 minutos, horário central europeu, - foi a resposta.

- Vai ser em dez horas, assim que a reportagem completa do Ross for incluída na atualização da manhã do *Philadelphia Inquirer*.

- Será que isto é realmente uma boa idéia? Quero dizer, algo assim ser escancarado por um jornalista... - Stel especulou, mas Zgouridy girou a tela LCARS do seu console, onde ela havia desligado a mensagem para poder acessar o banco de dados da legislação da Federação.

- Seria algo inadequado caso o jornalista em questão tivesse tido acesso ilegal à informação privilegiada, Cristina. - Zgouridy dizia enquanto rolava o texto para procurar o parágrafo específico que tinha marcado. - Mas de acordo com o Ato de Garantia de Liberdade de Informação, da data estelar 1223.3, no caso de um cidadão da Federação que não é membro de nenhuma organização governamental ser envolvido em uma investigação criminal no papel de colaborador da equipe de investigação, ele só precisa manter a informação confidencial até o momento em que o relatório final do investigador-chefe for terminado.



- E neste caso, o investigador-chefe é a Capitã Parker, - Trajina disse. - E o relatório final dela será transmitido para a Frota Estelar alguns minutos antes do *Inquirer* publicar a matéria de Ross. E este relatório já vai ter sido classificado pela Capitã como estando na proteção do Ato de Liberdade de Informação.

Stel fez uma expressão que compreendia onde as duas queriam chegar. - Então podemos considerar que teria sido uma "coincidência" Ross e o time de Parker terem esbarrado em pistas sobre o caso, quando estavam na sua missão de pesquisa... desta forma, Ross foi envolvido na equipe de investigação local de Parker... e, desta forma, não poderia ser impedido de divulgar o que sabe pelo governo federativo ou pela Frota Estelar, tão logo a Capitã Parker fizesse o seu relatório.

- Com certeza. - Trajina disse. - Este relatório certamente iria ser reclassificado o mais rápido possível como informação confidencial novamente, pois eles considerariam um "absurdo" Parker ter decidido carimbar ele como algo de livre acesso, e levaria dias para ser analisado pelo pessoal da Frota, que daí o repassaria para o Conselho, e assim por diante. Mesmo que eu pessoalmente exigisse agilidade no processo, nós estaríamos com as mãos atadas, e nada poderia ser dito ao público por um tempo considerável.

- Mas como Ross já vai ter uma reportagem sucinta e recheada de provas para ser publicada minutos após a transmissão de Parker, a Frota não vai poder fazer nada para evitar que a informação seja temporariamente abafada.

- Garantindo assim que o caso tenha a atenção que merece da opinião pública. - Oryza concluiu.

- Você mencionou papéis específicos de cada uma de nós, Trajina. O que isto significa? - Stel perguntou.

- Como eu disse, depois da reportagem do Ross, vai ser um Kahless nos acuda. A opinião pública vai certamente exigir medidas, e eu tenho uma sugestão de uma proposta para você fazer na Assembléia-Geral da Terra, minha amiga: a de requisitar a formação de um grupo de investigação independente do Conselho e do restante do nosso governo da Federação, que deverá ser composto por representantes regionais indicados diretamente pelos cinco membros originais da carta da Federação.

Cristina pensou a respeito daquilo. A rigor, cada um dos membros da UFP é representado no Conselho pelos seus embaixadores, aos quais, entre outras tarefas, cabe a formação de Bancadas de Investigação sobre problemas muito sérios na Federação. Mas, no caso de um membro em particular achar necessário, os governos regionais dos membros da UFP podem requisitar a formação de uma Bancada de Investigação independente do Conselho, a qual responderia diretamente ao governo regional do membro que a teria requisitado. Trajina e Zgouridy estavam pedindo para que ela levantasse tal proposta na Assembléia-Geral, de modo que o governo regional da Terra requerisse a criação da Bancada Independente. Para todos os efeitos, a coisa valia como um voto de desconfiança contra o Conselho, embora formalmente não tivesse esta finalidade. Precedentes havia, mas, de qualquer modo, seria um ato político extremamente ousado.

- Após isto, é que nós três vamos ter que rodar a Bajoriana. Para a Oryza, vai caber a tarefa de fazer pressão no Presidente Inyo e o restante do gabinete fora nós mesmas, para que apoiem a proposta da Terra. A mim, cabe a tarefa de fazer pressão no Conselho da Federação e na Frota Estelar para que apoiem a proposta da Terra. E a sua função é de fazer o mesmo na Assembléia-Geral, e na Terra como um todo. A sua posição atual de candidata ao Conselho da Federação é perfeita para isto. E, quanto mais apoio pudermos conseguir, melhor irá ser. Eu imagino que os seus candidatos para a Assembléia-Geral devem fechar com você, principalmente os que forem progressistas ou comunitários.

- Mas isto pode vir a ser uma d'ktahg de dois gumes, - disse Stel. - Eu posso ser acusada de mero oportunismo. Que razão poderíamos usar para justificar a criação da Bancada Independente?

- Há várias, mas a mais básica e óbvia poder ser a do escândalo Ba'ku. Até agora eu não engulo que tenha sido o próprio Conselho da Federação a investigar uma confusão que eles mesmos criaram! Isto não pode se repetir. Mas você tem razão no que diz respeito a haver uma boa dose de risco. - confessou Trajina. - Eu não posso negar que é um risco político alto para você. O Duke, por exemplo, tem cacife o bastante para pesar na decisão do Conselho. O que o Conselho fizer a respeito desta confusão toda pode afetar o rumo da sua campanha. Pode ser que afete para melhor, ou para pior. - com isto, a Secretária fez uma pausa, e se sentou ao lado de Stel no sofá.

- Mas eu quero que entenda uma coisa, Cris, que é a tal razão subjetiva para termos escolhido você. Eu acredito sinceramente que isto pode ser o fiel da balança que irá mostrar ao povo deste planeta, de uma vez por todas, que você pode ser uma excelente Embaixadora. Uma Embaixadora realmente preocupada não apenas com os destinos da Federação, mas também preocupada com os destinos da Terra, e dos terráqueos. E sei que nós poderemos ter uma ótima relação, nos apoiando mutuamente, você no Conselho, e nós no Gabinete. O Presidente tende a preferir o Duke, é claro, mas com jeitinho eu e a Oryza podemos dobrar o homem. - ela terminou, sorrindo.

- E então, topa? - as duas perguntaram. Stel teve um rápido deja-vu, com a pergunta. Ela havia colocado Ross em uma situação parecida, de tomar a decisão de se juntar em algo do qual ainda não tinha total compreensão. E uma vez que entrou, ele estava cumprindo sua parte. Agora era a sua vez de optar por sair pela tangente ou abraçar a oportunidade de realizar mudanças reais na face política da Terra, e da Federação. A escolha não parecia ser difícil, portanto.

- Vamos fazer isto. - Stel confirmou, enquanto se levantava do sofá, acompanhada das duas Secretárias de Estado da Federação.

#

- Desta forma, colegas, eu acredito que somente com a adição de mais propulsores de manobra ao longo do casco este conceito pode se tornar válido... - o Almirante Galbraith parou de falar no momento em que um de seus ordenanças parou em pé na porta da ponte de comando daquela representação holográfica de uma nave da classe *Defiant*, e gesticulou que precisava falar com ele pessoalmente. O Almirante estava reunido com um time de engenheiros de Utopia Planitia e alguns pilotos da Frota Estelar, em um estudo de novas táticas nas quais se empregar as naves daquela classe. No momento, o grupo havia terminado de testar como *Defiants* iriam se comportar se combinadas em wolfpacks, ao mesmo tempo em que cada uma daria cobertura cerrada para as demais, em um bem fechado grupo de naves manobrando em conjunto.

- O que foi? Eu estou no meio de uma reunião. - o Almirante disse, enquanto o Tenente-Comandante se aproximava, deixando transparecer que tinha extrema urgência em falar com ele.

- Eu entendo perfeitamente, senhor. Mas acho que o senhor precisa acessar o mais rápido possível a atualização mais recente dos jornais e do Serviço de Notícias da Federação.

- Agora? - ele perguntou retoricamente, em um tom contrariado, enquanto se dirigia da cadeira de comando holográfica para uma das simulações de console da ponte, a qual ele iria reconfigurar.

- Agora, senhor. Agora.

#

Em questão de minutos, as primeiras reações à matéria original de Scott Ross começaram a surgir pelo planeta... o que não era de se espantar, a considerar o conteúdo da reportagem. Basicamente, a matéria se dividia em duas partes. A primeira descrevia como, durante uma pesquisa sócio-cultural em alguns planetas da União Cardassiana, a equipe de uma nave da Federação, acompanhada do jornalista, descobriu indícios e pistas mais detalhadas sobre o envolvimento Empok no recente incidente dos reféns da Federação, o estopim da revolta Quigoliana na região. A investigação preliminar, decidida no momento pela capitão da nave federada, a *São Paulo*, revelou o perturbador fato de que pelo menos cinco cidadãos da Federação estavam envolvidos, de uma maneira ou de outra, com a operação do Empok. O texto descrevia depoimentos de civis Cardassianos, membros de médio escalão do Empok, capturados por forças legalistas, e membros do próprio governo legalista, e uma fonte interna em particular do reformado Bureau de Inteligência Cardassiano, que optou por anonimato. Destes depoimentos e de diversas evidências materiais, a equipe de Parker conseguiu descobrir que tais federados passaram informação sobre a IKS *Azetbur* para o Empok, e que esta organização também recebeu informação, suporte e logística para não apenas iniciar a revolta, mas também usar a operação de seqüestro como o início de fato das hostilidades contra as forças legalistas do governo Cardassiano e contra as potências aliadas. Mas curiosamente, havia também indícios de que em dado momento os mesmos federados teriam repassado informação sobre o Empok para a Inteligência da Frota, usando para isto secretos canais indiretos de troca de informações.

Já a segunda parte da matéria especulava a respeito de quais poderiam ser as possibilidades, frente a estes fatos. Seriam estas pessoas ex-maquis? Ou meramente operadores da Inteligência da Frota Estelar, infiltrados no Empok com a intenção de desestabilizá-lo? Mas então, porque o Empok havia ganhado deles apoio e suporte de tal maneira que isto o fortalecia, e ajuda para a operação contra a Federação? Fatos contraditórios como aqueles pareciam delinear um caso ainda não muito claro de jogo duplo por parte de seções secretas da Federação, sem ainda estar claro exatamente de qual lado parecia estar a suposta lealdade destes indivíduos, e a reportagem continuava por comentar sobre outros casos na história da Federação onde forças no mesmo estilo pareciam ter tido atuação. Concluindo, a recomendação era de que uma investigação em larga escala deveria continuar seguindo estas pistas, em conjunto com o atual inquérito sobre a operação dos reféns, além de uma revisão geral sobre o grau de interferência atual da Federação no governo Cardassiano de Natima Lang.

Com especulações e rumores correndo pela Federação, o Conselho abriu reunião de emergência para iniciar um debate a respeito, enquanto o Gabinete do Presidente do Conselho iria se reunir em breve. Mas antes, o Presidente Inyo estava reunido com um grupo do Comando da Frota Estelar, que era um dos órgãos particularmente preocupados com as repercussões do caso, uma vez que a reportagem especulava que três dos cinco misteriosos contatos do Empok eram membros da Frota Estelar ou dos serviços de inteligência desta.

O Almirante Galbraith e seu staff estavam no momento no gabinete de Inyo, e o Presidente teve que gerenciar diversas críticas lançadas contra a sua Secretária de Exploração Espacial, que segundo Galbraith, armara a investigação da maneira que ocorreu de modo a

poder escancarar publicamente os fatos antes que qualquer um na Frota Estelar pudesse debater previamente as informações.

- Se vocês estavam tão reticentes à idéia de que Trajina podia estar usando isto como cobertura para uma investigação paralela, - perguntou Danton, - Porque não desautorizaram que a *São Paulo* fizesse estas investigações? A Secretária Trajina teria que admitir a verdadeira razão de ter realocado a *São Paulo* para a região.

- Porque, acreditem ou não, a *São Paulo* de fato fez uma pesquisa absurdamente sucinta sobre antropologia e sociologia daquela região da União Cardassiana...! - ele disse em um tom de indignação, largamente gesticulando os braços. - A quantidade de informação que foi enviada para a Secretaria de Exploração Espacial foi enorme, e nada que fosse só encheção de lingüiça, não. Equipes inteiras estão trabalhando no material enquanto falamos.

- Então a *São Paulo* de fato esbarrou no caso por acidente, Almirante. - Inyo disse, simplesmente.

- Com todo o respeito, Senhor Presidente, mas eu não acredito nisto.

- Nem eu, - rebateu rapidamente Inyo. - Mas eu não posso censurar Trajina por isto. No mínimo, eu a congratularia por reforçar bem o seu subterfúgio para poder olhar debaixo do tapete. - os oficiais da Frota Estelar ali presentes entreolharam uns aos outros, contrariados, mas não puderam encontrar mais argumentos. Não podiam forçar a barra demais contra Trajina, especialmente perante o Presidente do Conselho da Federação; a coisa poderia acabar soando como insubordinação.

- Ross, huh...? - Cespedes disse, ainda passando os olhos pelo artigo em seu padd. - Que credenciais este cara tem, afinal, para querer escrever uma série de denúncias destas?

- Não foi ele que escreveu recentemente uma série de artigos bem críticos contra o movimento maquis de alguns anos atrás? - Danton acrescentou.

- Bem, isto é verdade... ele conhece a região como poucos. E devo admitir que concordei com ele a respeito de suas conclusões destes artigos que você menciona, Dalton. - Galbraith disse, se virando na direção do assessor de Inyo.

- Não conheço estes papéis, - Inyo disse. - De que conclusão se refere?

- Para tornar uma longa história curta, ele basicamente conclui que o movimento maquis foi composto na sua base por traiçoeiros hipócritas, que não hesitaram em apunhalar nossa nação pelas costas no momento em que a nossa política de colonização, que sempre foi bem conveniente para eles, parou de ser. Só aí eles vieram com a conversa fiada deles de imperialismo e de "Federados, vão para casa" e coisas do tipo.

- Hum... um homem de opinião forte. Não se pode deixar de respeitar isto. - Cespedes disse, finalmente.

- Não adianta querermos colocar em xeque a credibilidade do autor, - intercedeu o Presidente. - Mas sim avaliarmos com seriedade a natureza das denúncias. Até onde procedem todas estas informações do artigo, e tais acusações contra estas pessoas?

O relator da Bancada de Investigação da Frota, Capitão Richardson, se adiantou. - Na fase inicial das investigações, Senhor Presidente, a hipótese de infiltração interna foi levantada, especialmente no que se refere aos eventos no runabout durante os momentos finais antes do pseudo-acidente. Mas uma investigação e posterior interrogatório da tripulação do *Volga*, assim que eles chegaram de volta à Terra, mostrou que a possibilidade era inexistente...

- Talvez tenhamos que rever a investigação sobre este seu pessoal, Galbraith. - Inyo disse. - E quanto a agentes infiltrados entre Cardassianos, ou Klingons?

- Teríamos que ter tido algum indício inicial para sabermos por onde começarmos, e nada que descobrimos sugeria que cidadãos da Federação poderiam estar ilegalmente

infiltrados no Empok, fosse qual fosse a finalidade. – Richardson fez uma pausa. – Quero dizer, não tínhamos nenhum indício inicial... os dados coletados pela tripulação da Capitão Parker mudam isto. E a Inteligência da Frota nos assegurou de que não tem nenhum agente na região com ordens sequer semelhantes ao que a reportagem alega.

O Presidente pensou um pouco em silêncio. – Não obstante, eu já entrei em contato com o Embaixador Natec, e a recomendação da mesa do Conselho irá ser a de que os dados que a equipe de Parker colheu irão ser acatados na investigação. Duke também tenciona propor que o Conselho, liderado por um Comitê que ele pretende montar, passe a acompanhar mais de perto a investigação, a partir daqui.

Galbraith fez uma expressão mais satisfeita -- ele sabia que poderia contar com a colaboração do Embaixador para manter a atual crise sob controle no que diz respeito a maiores implicações políticas. Desta forma, o controle de danos estará assegurado.

#

O impacto geral das denúncias sequer havia terminado e um novo elemento se juntava ao tema das conversas no momento: a proposta da criação de uma Bancada Independente fora colocada em discussão na Assembléia-Geral da Terra, pela representante do Brasil, Cristina Stel. A Senadora certamente conseguiu que o seu tema se tornasse o foco principal do debate, com Senadores de diversas regiões do setor 001 trocando argumentos sobre a validade de tal medida. De maneira geral, coisa de um quarto dos representantes ali presentes abraçaram a idéia rapidamente, enquanto cerca de outro quarto estava se mostrando contrário -- os demais ainda queriam estudar a matéria com mais detalhes e conversar mais a respeito antes de ter qualquer parecer. O Chanceler da Assembléia-Geral, Senador Dranan, depois de conferenciar com a mesa diretora do órgão, e em privado com Embaixadores no Conselho, especialmente Duke, declarou que a matéria só poderia ser decidida após três dias de deliberação preliminar, após os quais uma votação iria se realizar. Com isto, ele conseguia ganhar algum tempo, que pretendia usar para articulação com as diversas representações partidárias do planeta e com o pessoal do Embaixador Duke.

Entrementes, Stel não estava sentando nas próprias mãos. Embalada pela campanha, a Senadora e seu staff passaram a visitar diversos colegas seus e outras lideranças políticas do planeta, para conseguir o apoio necessário para a aprovação da medida. Não estava sendo fácil, pois a todos que contactava, tinha a informação de que representantes do Conselho haviam também feito contatos, os quais indicavam que o órgão máximo do governo federativo não estava vendo aquilo tudo com bons olhos, para se dizer o mínimo.

#

Ainda era cedo, e Sebastian Dranan encontrou o ginásio privativo da Assembléia-Geral praticamente ainda vazio, exceto por um par de mulheres que treinava em um ringue no mezanino daquela instalação. O Senador, contudo, estava vestido formalmente, e portanto não estava pretendendo utilizar no momento aquelas instalações, mas sim tencionava falar com uma das duas mulheres que estavam treinando boxe tailandês.

- Acho que por hoje já está bom, Andréia, - Cristina Stel disse, levantando-se do chão do ringue. – Mesma hora, amanhã?

- Está perfeito, senhora senadora, - a treinadora de Stel disse, enquanto descia do ringue, e passava por Dranan, que agora estava ao lado de um dos cantos, e seguiu para os

vestiários. Stel desceu logo em seguida, apalpando os músculos de seus punhos, intercalando as mãos a cada alguns segundos, e seguiu para o replicador instalado na parede mais próxima.

- Computador, isotônico em garrafa, sabor jumja. – o beep foi seguido pela materialização da bebida que Stel pediu, e apenas após isto ela resolveu considerar a presença de seu colega ali, a qual ela havia sentido logo que este passara pelas portas principais do ginásio, embora estas fossem no extremo oposto do local.

- Chanceler Dranan, - Stel disse, enquanto se dirigia para a banqueta ao lado do ringue. Ela estava vestida com uma bermuda preta e um top esportivo, sobre o qual vestiu uma camiseta regata com os dizeres "Universidade de Betazed".

- Admiro que ainda tenha energia para isto tudo, considerando como tem estado ativa nas últimas semanas, Senadora Stel.

- Se eu parar por um minuto, aí é que perco o pique, - ela respondeu. O Chanceler apenas balançou a cabeça, concordando.

- Mas têm sido as suas atividades mais recentes que têm me preocupado, Stel. Toda esta discussão sobre a Bancada Independente... não sei realmente até que ponto é uma idéia adequada.

- As minhas considerações que declarei perante a Assembléia são perfeitamente válidas para uma proposta do tipo, - ela disse, fazendo uma pausa para tomar um longo gole do isotônico. – Não faço idéia do que possa estar considerando como inadequado.

- Sim, não é a isto que me refiro, mas ao todo da questão, o de colocarmos uma dúvida de tal porte contra o Conselho da Federação. Não creio que sequer exista a necessidade de algum membro da Federação levantar a hipótese de o Conselho não estar levando a investigação como deve, e ser a Terra este membro seria algo extremamente danoso para as nossas relações com nossos demais companheiros de Federação.

- Eu não concordo, caro Chanceler, e tenho notado que diversos colegas nosso na Assembléia-Geral compartilham do mesmo sentimento, - ela retrucou. – E meus recentes encontros com outros senadores mostram que muitos estão dispostos a concordar com esta linha de raciocínio. Não acredito que será uma votação difícil... os comunitários já me deram total apoio, e muitos dos humanitários e progressistas também. Mesmo diversos federados parecem inclinados a considerar a proposta com mais seriedade. Acho que podemos aprovar a proposta e enviá-la para o Conselho.

- Se isto acontecer, - Dranan disse em um tom mais forte, - eu não posso garantir que o Embaixador Duke irá concordar com esta decisão. Stel levou alguns segundos para responder, terminando de tomar outro gole.

- Hum... a obrigação do Embaixador será a de levar a decisão da Assembléia-Geral, a decisão da Terra, ao Conselho da Federação. Se o Embaixador tem alguma ressalva pessoal a qualquer ponto do que for decidido, que o faça lá. Mas uma vez que a Câmara máxima do planeta o qual ele representa decidir, ele tem que cumprir sua função constitucional, e lutar por ela. – Stel caminhava em torno da área entre o replicador e a bancada próxima ao ringue, enquanto falava. Dranan estava no momento de costas para ela, e se aproximou rapidamente da Betazóide.

- Stel, eu não acho que você deva levar esta insanidade muito mais longe. Na próxima sessão, para o bem de todos nós, você deve retirar a sua proposta do chão de debate. Não é adequado para os interesses deste planeta que... – Dranan colocou a sua mão sobre o ombro direito de Stel e o puxou, como que para fazer ela parar no lugar. Em circunstâncias normais, Stel não consideraria o gesto inadequado, claro que não. Mas lhe pareceu que Dranan estava praticamente pedindo para tomar um chega-para-lá, então a oportunidade era boa. A Betazóide flexionou o ombro para se livrar da mão do humano, e fez um giro rápido

em torno de seu próprio eixo, o que fez com que ela repentinamente ficasse frente-a-frente ao senador, o que o pegou desprevenido. Dranan estava de costas para a parede, e a senadora fez um rápido movimento para frente, o que instintivamente pareceu intimidar Dranan, e os dois passos que ele deu para trás foram o que bastou para que ele trombasse contra o replicador. Stel contava com isto, e foi neste momento que ela adequou suas feições faciais para combinar adequadamente com a intensidade emocional que sentia de Dranan, o que fez com que sua expressão ficasse forte o bastante para peitar um Klingon.

- Escute aqui, não me diga o que é adequado ou é inadequado para a Terra, senhor Chanceler, porque eu cheguei à conclusão de que se tem alguém que não tem um pingão de autoridade para falar sobre isto, esta pessoa é o senhor. Este planeta tem sido um capacho sobre o qual o Conselho faz o que bem quer, da maneira que quer, quando e onde quer. Nós NUNCA temos voz ativa nas decisões que realmente importam, e nossa representação no Conselho é feita por um sujeito que considera os órgãos da Terra como meros expedientes burocráticos que servem apenas para justificar a presença dele em São Francisco. Para todos os efeitos, Duke não nos representa, mas sim nós é que representamos Duke. Basta disto, e está na hora de a Assembléia-Geral enquadrá-lo na linha. O que decidirmos, ele terá que acatar, e é bom que o faça com um sorriso -- já que, segundo você, ele é o nosso digno Embaixador. Mas não me parece que seja o caso, pois não temos controle sobre nada que se refira à Terra enquanto membro da Federação.

- Não seja ridícula, Stel, - Dranan titubeou, enquanto procurava manter alguma postura, acuado do jeito que estava. - Nós temos perfeito controle sobre os destinos da Terra...

- Ah, é? Então me diga, caro Chanceler, onde é que estava todo este controle durante as últimas crises Borg? Hum? E do que nos adiantou este tal controle a que se refere, durante os eventos do ataque Breen? Tivemos algum controle sobre as decisões tomadas? Sequer chegamos a fazer parte da cadeia de decisões, ou agimos como reles capatazes das decisões do Conselho da Federação, do Archer Hall e do Comando da Frota Estelar? E durante a crise do Fundador? O Conselho e a Frota pintaram e bordaram com este planeta durante a crise do Fundador, e não pudemos fazer merda alguma. Tivemos que ficar impassíveis enquanto pirralhos arrogantes da Frota se metiam com nossos sistemas energéticos, e os figurões da Frota saracutiavam de local em local dando ordens e determinações, militarizando o controle sobre a Terra, e só respondendo para o Archer Hall. Que palhaçada é esta afinal, na qual temos que conviver, e contra a qual você não toma atitude alguma, homem? Me diga, o que somos? Hein?

Stel continuava a encarar Dranan em silêncio, enquanto lia a sua expressão corporal ansiosa e absorvia a tensão emanada pelo político. Ele podia sentir o desconforto dele em ser pressionado daquele jeito. Ainda assim, ela também podia sentir que aquilo não parecia ser novidade para ele, uma vez que Dranan, embora claramente surpreendido, parecia estar lidando bem com a situação. *Já está acostumado a Duke te meter contra a parede, caro Chanceler*, ela pensou, olhando diretamente para ele.

- É a isto que tudo se refere, Stel? De você querer mostrar que este planeta tem audácia? Isto, isto, bem isto é diplomacia de caubói, e...

- Talvez seja exatamente do que andamos precisando por aqui, Chanceler. Alguém que tenha as bolas de peitar Duke e a cupinchada dele no Conselho, e mostrar de uma vez por todas que a Terra também é alguém nesta Federação. - Nisto, Stel se afastou de Dranan, mas ainda encarando-o por algum tempo, antes de finalmente se virar e ir na direção de volta ao ringue.

- A Terra é a representação máxima disto, Stel. Nós somos a própria Federação. – Dranan afirmou, olhando Stel pelas costas, enquanto ela pegava a sua mochila, ainda em cima da banquetta próxima do ringue. – Eu, você... os habitantes deste planeta, somos Federados por excelência.

A Betazóide caminhou até onde ele estava e parou ao seu lado, terminando de tomar o isotônico.

- Não, Chanceler. Nós somos algo além disto. Nós somos terráqueos. Eu sou terráquea. – Stel jogou a garrafa vazia do isotônico contra o receptáculo ao lado do replicador. O vasilhame atingiu o fundo de maneira bem brusca, e o som de vidro se partindo ecoou pelo ginásio vazio.

- Computador, reciclar. – a Betazóide apenas disse, fuzilando o humano com o olhar, enquanto deixava o local.

#

- Ele não fez absolutamente nada.

- O mais adequado seria dizer que o que ele fez não adiantou absolutamente nada, Terawaki. – Duke replicou ao comentário do seu chefe de gabinete. – O que não me espanta. Não dava para esperar muito mesmo, do idiota do Dranan.

À frente de ambos, em cima da mesa de trabalho de Duke no seu gabinete, estava um padd contendo a carta de recomendação com instruções sobre como proceder para levar a decisão final da Assembléia-Geral ao Conselho da Federação. O Embaixador da Terra tinha agora a incumbência de propor que o Conselho ceda para uma Bancada Independente, a ser constituída pela Terra, a tarefa de continuar as investigações sobre a crise dos reféns.

- Ao invés de a matéria morrer ali na Assembléia-Geral, ela ganhou força, - Terawaki disse. – Não dá para evitar que a coisa agora atinja o chão do Conselho, chefe. Eu acho que concordará comigo que deixar de levar a proposta ao Conselho não é opção viável.

- O que nos cria dois problemas básicos, - continuou Duke. – Eu precisar agora gerenciar a celeuma que vai atingir o Conselho por causa disto, - o Embaixador fez um gesto brusco na direção do padd em sua mesa. – E também coordenar o controle de danos na campanha.

Terawaki pegou alguns padds de sua pasta. – O controle de danos pode deixar por nossa conta, chefe. Já estivemos analisando a situação de um ponto de vista eleitoral, e pelo que já se pode perceber, a Stel mudou o eixo da campanha dela, - Terawaki afirmou, acessando uma base de dados em seu padd, contendo relatórios da equipe de Duke sobre os últimos movimentos dos candidatos. – Assim como Zirot, que também está indo na balada dela de praticamente só discursar nas linhas de que a Terra é desrespeitada pela Federação e blá, blá, blá. Triev e Duarte, contudo, estão comentando a respeito do tema apenas se perguntado sobre, e...

- Estes imbecis não são de preocupação. – Duke interrompeu. – É com a Betazóide que precisamos nos preocupar.

Terawaki pegou outro padd. – Concordo... os números dela deram uma crescida mais forte nos últimos dias, embora ela continue mortalmente fraca em votos de primeira seqüência. Mas não podemos de jeito nenhum permitir que esta tendência piore, chefe. – ele parou de falar enquanto Duke se aproximava da janela com vista para a baía de São Francisco, e ficou em silêncio ali por mais alguns instantes.

- Para isto, não precisamos apenas brigar na campanha, meu amigo... mas sim também anularmos a vendetta que a Trajina tem armado contra nós. É mais do que evidente

que ela manipulou esta crise toda para a energia cinética desta confusão impulsionar a mimosa dela na campanha. Ela e a Zgouridy.

- É verdade... por exemplo, segundo o Presidente, o gabinete está bastante dividido na matéria, pois ela e a Secretária Zgouridy já conseguiram convencer diversos outros Secretários e oficiais do governo a apoiarem Stel... bem, não Stel, mas os "direitos da Terra". – Terawaki usou uma entonação diferente para citar um termo específico que as Secretárias de Governo vinham usando.


Duke caminhou rapidamente em direção a sua mesa e sentou-se. – Muito bem, Terawaki, vamos ao trabalho. Coloque o seu pessoal para coordenar uma nova agenda de campanha para usarmos de controle de danos da campanha, que eu me encarregarei de preparar o chão do Conselho da Federação para a próxima sessão. Eu vou levar o que a Terra quer para o Conselho, sim, não há dúvidas... mas isto não está necessariamente aqui dentro, meu amigo... – o Embaixador terminou de dizer, enquanto gesticulava o padd da Assembléia-Geral no ar.

#


Capítulo 12

Nós, o Povo do Planeta Terra...

- Ele certamente sabe o que faz... mas sempre no que diz respeito ao que ele quer.

 Stel estava assistindo a mais outra das sessões que o Conselho da Federação estava fazendo, cujo tema principal era a discussão a respeito da proposta da Terra, de o Conselho passar o controle da investigação para uma Bancada Independente de composição regional. Junto a ela estavam Tolia, Denise e David, acompanhando o vídeo da sessão no monitor LCARS na mesa de trabalho de Denise.

Na tela principal, o Embaixador Duke argumentava com o Embaixador Tellariano, sobre como o próprio Conselho poderia coordenar a sua investigação sobre os mais recentes indícios levantados pela São Paulo sem que fosse necessária uma suposta Bancada Independente. Era prerrogativa dele traçar a sua própria opinião a respeito da matéria, apesar de que tenha sido ele próprio a trazer o tema para debate. Diversas vezes outros Embaixadores intercederam com perguntas e considerações, mas Duke estava sendo hábil em satisfazer a todos com qualquer tipo de garantia que lhe parecesse ser necessária para manter sob seu controle o caminhar do debate. Segundo uma projeção do Serviço de Notícias da Federação, entre o final da última sessão sobre o tema, dias atrás, e a sessão atual, quando o Conselho votar a matéria, a proposta da Terra deve ser rejeitada por pelo menos 65% dos Embaixadores.

Em diversos momentos, outros dignitários do governo da Federação, especialmente da Frota Estelar, puderam ter a palavra, e praticamente todos os que o fizeram questionaram de uma maneira ou de outra a necessidade da proposta da Terra. O Embaixador Duke estava conseguindo então garantir não só o apoio do Conselho para se engavetar a proposta, mas também apoio ao Conselho para ele fazer isto. 

- Ele só está dizendo generalismos, mesmo... – Denise especulou. – Com certeza toda a articulação que considera importante ele e o seu pessoal já devem ter feito no tempo entre as sessões, e... – nisto, Zhaav entrou rapidamente pela porta do andar, e correu até a metade da distância até a mesa de Denise, para chamar a atenção de todos.

- Me sigam, - ela disse, entre bufadas para recuperar o fôlego. – Vocês precisam ver uma coisa!

A Andoriana desapareceu pela porta novamente, seguindo para o hall ao lado das salas de trabalho, parando em frente às grandes janelas que davam vista para a Praça dos Três Poderes. Os seus colegas e a Senadora Stel vieram logo atrás, e todos puderam ver aquilo que Zhaav havia visto alguns momentos antes, quando estava chegando no Palácio do Itamaraty.

Havia uma multidão reunindo-se ali.

Stel olhou na direção do final da esplanada dos Ministérios, e um fluxo constante de pessoas estava se aproximando. Mais perto dos edifícios do Congresso e do Palácio do Planalto, o agrupamento de pessoas já estava se tornando bastante compacto. Havia de tudo; adultos, crianças, idosos, humanos e alienígenas, de tudo quanto era espécie que compunha a Federação, e mesmo algumas outras diversas.

No meio daquilo tudo, bandeiras e bandeiras, do Brasil, de diversos outros países representados na Assembléia-Geral, da Terra e da Federação, juntamente com holoprojeções que ficavam repetindo dizeres e slogans, bem como citações de diversas pessoas, até mesmo da própria senadora, e de outros que apoiavam a proposta da Assembléia-Geral. O tom de tudo era um só: A Bancada Independente devia ser aprovada, e a vontade do povo da Terra devia ser considerada pelo Conselho.

David pediu para o computador destravar os campos de inibição de ruído daquele andar, e o murmúrio daquela multidão passou a ser ouvido, bem como seus gritos e suas cantorias, que só sublinhavam ainda mais aquilo que eles já podiam ver e observar.

- Não é fantástico? – Zhaav dizia, enquanto os outros fitavam a janela, ainda em silêncio. – E o mais incrível é que acabei de falar com Vortik, ele está em Budapeste, e segundo ele, manifestações como esta estão pipocando por todo o planeta! Por todo o setor! – Denise se afastou alguns metros para acessar um terminal LCARS, e digitou alguns comandos para entrar na rede do Serviço de Notícias da Federação. E de fato, lá estavam já relatos de manifestações pró-Bancada Independente sendo relatadas de dezenas de cidades diferentes na Terra. Jacarta, Chicago, Barcelona, Joanesburgo, Manila, Pequim, Caracas, e muitas outras, multidões de cidadãos da Terra espontaneamente se reunindo para protestar contra aquilo que estavam considerando errado na sua comunidade. A voz da Terra se fazia ouvir, através da força coletiva da combinação das manifestações individuais de cada uma das pessoas que se juntava às multidões nas ruas da Terra.

Como Stel e seu staff estavam descobrindo a partir daquele momento, as manifestações haviam sido organizadas de maneira descentralizada, pelas mais diferentes organizações do planeta, como escolas, instituições de pesquisa, universidades, câmaras setoriais, sindicatos, organizações econômicas, órgãos públicos regionais, e diversas outras. A própria equipe de Stel havia recebido mensagens de que manifestações de apoio estavam sendo organizadas por diferentes entidades com as quais eles estiveram em contato durante toda a campanha, mas ninguém havia imaginado que a coisa pudesse chegar a tal magnitude, e tão rapidamente. O boca-a-boca garantiu que um mínimo de coordenação fosse ganho naquela manhã, o que fez com que os diferentes grupos de manifestantes juntassem forças e decidissem sair às ruas todos juntos, simultaneamente pelo planeta inteiro, o que fazia daquilo um dos maiores surtos espontâneos de manifestação popular na Terra em décadas, senão séculos.

Naquele momento, o grupo começou a receber mensagens e mensagens relatando os eventos pelo planeta, além de conter textos e mais textos declarando apoio total às decisões do governo regional da Terra e a Senadora Stel. Todos ali se dirigiram para o gabinete de Stel, de onde também podia-se ver a multidão, ao mesmo tempo em que podiam trabalhar

com todo o volume de informações que chegava, e entrar em contato com os grupos de organização por toda a Terra.

- Vortik acabou de chegar em Paris, - Tolia reportou, olhando um dos padds. – Segundo ele, uma multidão já está rumando da Champs Elisée para o Archer Hall! – Zhaav se adiantou, novamente apressada.

- E escutem isto... Marcus está neste momento com a sua filha, Senadora, a Kátia... eles estão em São Francisco.

#

Os imensos jardins ao longo da Ponte Golden Gate ladeiam uma vasta área onde se localizam dois complexos de edifícios administrativos de extrema importância para a Federação. Ao longo da margem da baía de São Francisco, estão instalados a Academia da Frota Estelar, o Comando da Frota Estelar, e o Conselho da Federação, entre dezenas de outros departamentos de ambas as organizações. Ao longo de tudo isto existe um complexo de parques e boulevares que conectam todas as áreas, juntamente com áreas de recreação, estações de Airtram e teleporte, áreas de pouso de naves auxiliares, e diversas outras instalações.

E ali, naquele momento, uma cena que estava ocorrendo em diversas outras cidades da Terra também estava acontecendo: milhares de pessoas se reunindo para fazer uma manifestação bem às portas da Frota Estelar e do Conselho da Federação. Aquela em particular havia sido convocada pelos Corpos Estudantis das universidades da Liga Ivy e das universidades da Costa Leste, além de diversas Câmaras Setoriais e dos Sindicatos da região. E naquele momento, o Presidente do Corpo Estudantil de Yale, Crigh Hirez, um Zakdoniano cursando o mesmo semestre que Kátia Parker cursava em Yale, estava discursando para a multidão, em pé em cima de um shuttle classe dois que naquele momento estava por acaso ali em uma das áreas de jardins perto da ponte.

- E ali mesmo, meus colegas, - ele dizia para a multidão à sua frente, com suas palavras sendo retransmitidas por sistemas portáteis de som, enquanto apontava na direção do domo do edifício onde se encontrava a câmara principal do Conselho – Ali estão neste momento os Embaixadores do Conselho da Federação, em uma sessão na qual estão desconsiderando sem grandes preocupações as legítimas propostas enviadas para lá pelo governo da Terra! E o nosso representante ali dentro, o que está fazendo? Orquestrando tudo isto, orquestrando este movimento contra as propostas que ele mesmo foi encarregado de levar ao chão de debate daquela casa! – Hirez fez uma pausa para diversos gritos dos manifestantes terminarem, antes de continuar.

- Mas não é de se espantar, meus colegas. Se olharmos bem para o histórico recente, desprezo pelo que o povo deste planeta pensa e diz não é novidade alguma para o nosso Embaixador, para o Archer Hall ou mesmo para o Conselho! E já chega disto. Chega. É hora de o povo da Terra mostrar que deve ser levado a sério pela Federação. Nós não somos um vácuo, não somos pessoas sem rosto que apenas fazem a manutenção do distrito federativo para manter a capital da Federação. Não, nós também somos membros desta Federação! Nossa opinião deve ser considerada com seriedade! Nossas idéias devem ser debatidas com motivação! E nossa voz deve ser ouvida com atenção! E eu estou indo lá agora lutar por tudo isto! – novamente, Hirez fez uma pausa para dar tempo a mais manifestações e gritos da multidão.

- E eu pergunto agora, quem daqui está comigo?!?!

- Nós estamos! – foi o forte grito único de toda a multidão.



- E quem são vocês, afinal? – ele retrucou, firme como eles.

- O povo do planeta Terra! – novamente a multidão soou tão firme quanto antes.

- Então vamos até lá! – Hirez agitava o punho cerrado no ar. - Este é o momento no qual nós, os terráqueos, iremos reclamar este planeta de volta para nós! A voz deste planeta será ouvida! – e com isto, Hirez desceu do topo do shuttle, no meio da multidão, a qual abriu caminho para ele começar a marchar na direção do Boulevard do edifício do Conselho. Aos gritos de TERRA, TERRA, TERRA, e outros slogans, Hirez, Kátia Parker, Marcus e outros lideravam o avanço da multidão, que saía da praça ao largo da Golden Gate, passando pelos prédios do Comando da Frota Estelar, indo na direção do edifício principal do Conselho da Federação.

O corpo de oficiais que fazia a segurança das instalações da Frota e do Conselho, que vinha acompanhando de perto a manifestação, se moveu para procurar organizar a movimentação, mas todos estavam muitos confusos, e o Tenente-Comandante em comando do destacamento não tinha idéia de como proceder exatamente. Suas ordens eram para garantir a segurança e integridade das instalações e seus ocupantes, mas supostamente isto queria dizer sobre ameaças externas, e não sobre os cidadãos do próprio planeta. Deveria ele, em algum momento, impedir o avanço de tamanho grupo? Não havia nenhuma regra específica para uma contingência daquelas, pois jamais uma manifestação de tal magnitude havia acontecido ali. O computador calculava que a área total do complexo já contava com 235.422 pessoas espalhadas por todas as áreas, e aumentando a uma razão de mais de mil pessoas a cada dois minutos. E ali em particular estava avançando pelo menos uma parcela grande de todos estes manifestantes.

O líder estudantil adiantou-se ao grupo e alcançou o primeiro dos oficiais da Frota que estavam entre a multidão e o Boulevard principal, onde se encontrava o prédio principal do Conselho, um domo circular de coisa de dez andares de altura, com um grande brasão na parede, acompanhado dos dizeres UNITED FEDERATION OF PLANETS.

- Eu sugiro seriamente você mover os seus homens em duas colunas na entrada aqui do boulevard, para coordenar a ocupação da área aqui do paço principal de maneira mais organizada.

- Minhas ordens são para manter todos afastados do prédio principal, - o Tenente respondeu. – Eu não...


Hirez balançou a cabeça em desaprovação desanimada. – Escute, e como você pensa em fazer isto? Erguer o escudo da instalação já não é mais possível, pois estamos dentro do perímetro de defesa, mesmo. Então você talvez tente nos tontear a todos? Ou usar algo mais clássico, como bombas e jatos de água? Nem pense em tentar nos impedir de nos aproximarmos do prédio do Conselho, meu chapa. Pode imaginar as conseqüências de um confronto deste tipo aqui? Aliás, você pode imaginar sequer qual poderia ser a simples significação de um confronto destes?



O Tenente continuava com um semblante extremamente preocupado e ainda não estava certo de como proceder. A multidão já estava bem ali, seus homens aguardava ordens, e mesmo com tantos almirantes nos prédios ali perto, se ele pedir por uma decisão de um posto mais acima, esta pode levar tempo. Algo tem que ser feito.


- Alferes Johnson, - ele finalmente gritou para um outro oficial, a alguns metros de distância. – Distribua o pessoal em duas fileiras, e organize o acesso destas pessoas ao boulevard, acelerado! – o Tenente ordenou, apenas olhando para Hirez, que em retribuição segurou firme o ombro do oficial da Frota, e logo em seguida voltou para o grupo de manifestantes. Todos ali tinham que se preparar para posar diante dos nobres Embaixadores.


#

 - Eu espero que você esteja satisfeita, Trajina. – Duke disse, sem se preocupar em esconder qualquer indício de rancor. O Embaixador se encontrava no gabinete do Presidente Inyo naquele que já era o terceiro dia consecutivo de maciças manifestações populares. Tendo como estopim a reticência do Conselho em aprovar as medidas propostas pela Terra, o movimento popular ganhou uma pintura mais genérica sobre a importância geral que a Terra, como uma sociedade, e como a Federação como um todo a trata.

- Se você se refere a eu desejar que os bons cidadão da Federação aqui da Terra tenham uma satisfação a respeito das denúncias que meu pessoal levantou, eu ainda não estou totalmente satisfeita, mas as coisas parecem caminhar nessa direção. – ela retrucou, sentada com os braços cruzados na frente da mesa do Presidente, enquanto Duke estava à frente das amplas janelas laterais do gabinete, de onde se podia ver a massa de manifestantes nas ruas de Paris.

- Me poupe deste teatro barato, Trajina! Você armou esta vendetta mancomunada com a sua amiguinha Betazóide para conseguir torcer o apoio a este governo! E para quê? Não há nada de errado no momento, mas você tinha que se meter a querer consertar aquilo que só você mesma julga estar quebrado.

 - E só alguém iludido como você, Duke, para acreditar na própria mentira oficial que nós vendemos pela galáxia, de que este planeta é uma Família Feliz e Fraterna, com esta maquiagem de paraíso, que coloca a Terra como a garota-de-poster-de-recrutamento para alienígenas do quadrante todo desejarem se juntar a nós! Eu por mim estou cheia disto! Que os nossos problemas sejam discutidos às claras! Que o povo saia às ruas, se preciso! Mas que ele participe, e não que fique dependente de inertes como você.

Duke ficou nitidamente vermelho de raiva e se adiantou na direção dela. – Como você ousa colocar em xeque os valores do gabinete do qual faz parte? Você deveria ter vergonha de sequer olhar no espelho e ver ali uma Secretária de Estado da Federação de Planetas Unidos! – Trajina não titubeou em retribuir o gesto de seu oponente e também ficou em pé na frente dele. 

- E pelo que eu deveria me envergonhar? Por colocar às claras que existem conflitos internos mesmo aqui na Terra do Nunca do quadrante Alfa? Ora, me poupem desta sua decência hipócrita, e ao menos uma vez na vida admita que está errado! Você é quem deveria se envergonhar por desdenhar do seu próprio planeta da maneira que faz, para no lugar disto querer bancar o vice-rei!

` - Duke, Trajina, basta disto. – Inyo finalmente intercedeu. Os demais ocupantes da sala, que eram parte da equipe de Inyo, Duke e alguns Almirantes da Frota Estelar, estavam em silêncio desde que o duelo entre a Secretária e o Embaixador havia começado. O Presidente havia requisitado aquela reunião entre diversos dos seus oficiais de governo para justamente encontrar um senso comum no qual poder gerenciar a mais recente crise, mas pelo que parecia, isto estava se mostrando ser bem mais difícil do que imaginava.

#

- Foi sério assim?

- Hum, hum. – respondeu a Secretária de Educação da Federação.

Zgouridy estava presente naquele que era um momento de considerável descontração para a equipe de Stel e para a própria. O que não significava menos trabalho, de modo algum. Era uma hora da manhã, horário local de Alexandria, e mais tarde ainda pelo



horário em que todos ali estavam acostumados a dormir. Mas, no momento, a própria Senadora e seu staff estavam colocando a mão na massa na organização de uma conferência que estava para acontecer na manhã que se aproximava. O local da conferência era um amplo salão de debates em um anexo da Biblioteca de Alexandria. Aquela versão da imponente biblioteca da Era Antiga terrestre havia sido construída no final do século 20, e apesar de ter passado por um primeiro século de existência difícil, dada a situação caótica em que o planeta mergulhou, do século 22 em diante ela se firmou como uma das mais importantes instituições de estudos da Federação.

Embora o tema programado com antecedência fosse política econômica, ninguém ali tinha dúvidas que a recente crise iria ser tópico constante de questões e comentários. A Secretária queria então aproveitar o momento razoavelmente calmo para conversar com sua amiga candidata como havia sido a reunião dela com Duke e o Presidente.

- Bem, depois desta a Trajina não deve durar nem até o final de semana na cadeira de SecExp. – disse novamente Tolia, a que havia perguntado sobre a seriedade da discussão que Zgouridy havia descrito para todos ali.

- Eu não contaria com isto, - a Secretária disse, sentada com Stel em uma das mesas redondas de oito lugares espalhadas pelo salão, enquanto Tolia, Marcus, Zhaav e David distribuía kits de imprensa e padds de dados em cada um dos lugares reservados da conferência. - Ela tem garantias ótimas de estabilidade no emprego.

- Tais como? – Stel fez a deixa.

- Tais como o fato de que se eles tocarem em um fio do cabelo dela, mais de dois terços do gabinete de Inyo renunciam, a começar por mim. – e a Secretária levou a sua caneca de café a boca.

- Dois terços? – Zhaav arregalou os olhos e torceu as antenas. – Isto deve ter deixado eles maluquinhos!

- É uma verdadeira crise institucional, esta que estamos enfrentando. – Marcus afirmou, sem esconder um tom preocupado.

- Não posso deixar de concordar. Mas talvez seja o que nós estamos precisando um pouco. Para tirar o pó destas mesmas instituições. – Stel disse.

Zgouridy pensou um pouco. – No dia em que uma sociedade inteira atingir a perfeição absoluta, esta sociedade está frita... condenada a virar pó por estagnação.

A senadora se espreguiçou um pouco na cadeira, antes de continuar a falar. - Bem, mas Duke ainda não está derrotado. Ele próprio tem muito apoio de setores médios da sociedade terrestre aqui, da Frota Estelar e do partido dele. Nem todos os Federados fecharam com ele, mas é onde ele está com maioria garantida.

- É verdade. – disse Tolia. – Por exemplo, a Denise foi encontrar o Scott algumas horas atrás, pois ele chegou na Terra novamente com a *São Paulo*, e ela me contou que quando Scott chegou na redação do *Inquirer*, a primeira coisa que teve que tomar as rédeas foi a pilha de críticas que o jornal está tendo, tão numerosa quanto os elogios. Não param de chegar mensagens. A coisa não tem sido fácil lá. – Tolia disse. – Mas eles também não se arrependem nem um pouco de ter jogado a bola deste jogo ao alto. E vão continuar a comentar o que eles acreditam que está errado sim.

- Por falar na *São Paulo*, - Stel comentou, - A Trajina preparou a recepção para o material que a Carol trouxe, não?

- Pode apostar que sim. Está tudo guardado no gabinete dela, por pessoal de segurança da própria SecExp.

- Pensei que a segurança da SecExp fosse de responsabilidade da Frota Estelar, - David disse.



- E é, mas não vamos nos esquecer também que a Trajina, embora tenha pisado nos calos do Comando da Frota, especialmente do Galbraith, ainda é a Secretária a qual trabalha em conjunto com a Frota Estelar, e portanto, tem seu pessoal de confiança lá.

- Mas continua, Oryza, - Stel chamou a atenção da Cignetiana. - E o que ficou decidido, afinal, na reunião?

A Secretária voltou a falar do tema anterior. - Bem, já tivemos as seguintes garantias de Inyo: primeiro, ele garantiu que não deseja um racha no gabinete, então ele vai ficar à margem de qualquer decisão que o Conselho venha a tomar, seja a favor ou contra qualquer lado. O que o Conselho decidir por si vai ser o que vai valer. Mas, para adiantar isto, ele marcou uma reunião extraordinária para definir uma decisão final sobre a matéria. Desta votação irá sair se a Bancada Independente vai ser criada, ou se o próprio Conselho é quem vai coordenar as investigações daqui por diante.

- Então todo o lobby que todos nós estamos fazendo vai convergir seus efeitos nesta reunião, certo? - Tolia perguntou.

- Nesta reunião e no que vem logo após ela, pois vai ser em 6 de julho. - A Secretária respondeu.

Todos ali se espantaram pela data anunciada. - Ele levou em consideração que esta data coloca a decisão a apenas uma semana antes da eleição? - Marcus disse.

- Sim, ele considerou. - Zgouridy apenas respondeu, - Ele considerou.

#

A semana havia sido conturbada, para se dizer o mínimo, para aqueles três jornalistas. Amanda e Scott ainda trabalhavam em seus textos, cada um em um terminal LCARS no centro de imprensa do Departamento Eleitoral da Terra, em Jacarta. Ora digitando, ora ditando, os dois estavam dando os toques finais em artigos para o *Inquirer* sobre o final do dia eleitoral - ali na Indonésia eram oito horas da manhã, hora local. O sistema de votação havia sido liberado para uso à zero hora HMG, e fechado exatas 24 horas terrestres depois. Já fazia pelo menos uma hora após este prazo, e tanto ali no centro de imprensa como no restante do planeta, todos estavam aguardando o anúncio oficial pelo chairman do Departamento Eleitoral, sobre os resultados finais, que certamente já eram de conhecimento do alto escalão do Departamento, é claro. Mas a espera estava sendo tranqüila, de qualquer modo -- alguns outros planetas da Federação já haviam anunciado seus resultados finais, então assunto não estava faltando para as equipes ali presentes cobrirem, ou apenas conversarem entre si.

Acompanhando a dupla de cronistas do *Inquirer*, estava Katilla, sentada de maneira relaxada no tampo de uma das mesas ao lado da sua dupla de colegas. Ela já remetera a maioria das suas matérias para Qo'noS e estava agora matando o tempo antes do anúncio final, sobre o qual ela iria escrever outro texto rápido, apenas confirmando os números oficiais finais. Todos ali já estavam mais ou menos cientes de quais poderiam ser estes, baseados nas projeções das últimas horas que antecederam a liberação do sistema eleitoral para acesso dos eleitores do planeta.

- Ele tinha algum envolvimento direto em tudo o que foi levantado e investigado? - Amanda perguntou para Scott, sem desviar sua atenção do seu terminal LCARS. Katilla apenas observava em silêncio os dois.

- Nada que tenhamos descoberto, e o que foi além disto também não revelou indícios alguns. - foi a resposta de Scott, também sem interromper sua digitação ou desviar a atenção. - Pelo menos, não até agora.

- Ele tinha algum envolvimento indireto, então? Ele conhecia algum dos acusados? Ele recebeu alguma informação de bastidores?

- Nada.

- Ele tinha muito a perder... e pouco a ganhar, certo?

- Pelo menos é o que parece.

- Então porque pipocas Duke resolveu cometer aquele suicídio político? – Amanda finalmente parou de digitar e se virou para Scott. Ela não esperava realmente nenhuma resposta a qual também já não tivesse especulado a respeito, claro; a pergunta era largamente retórica.

A híbrida humana-Ktariana fora surpreendida como todos haviam sido vários dias atrás, quando o Conselho da Federação finalmente decidiu por recusar definitivamente a moção da Terra para que aquela casa entregasse o controle da investigação sobre as novas denúncias da crise do Empok para uma Bancada Independente de Investigação. A sessão em que se decidiu isto foi bastante conturbada, e o próprio Embaixador da Terra continuou insistindo que a proposta não deveria ser aceita. O acalorado debate durou horas, e finalmente se definiu que o Conselho da Federação iria continuar a reter o controle da investigação, mas em contrapartida toda uma nova equipe seria formada do zero, o que conseqüentemente colocava o Embaixador Duke de fora do controle direto do Comitê. Isto foi tudo o que ele e a sua bancada de apoio entre os outros Embaixadores conseguiram; um comprometimento de maneira a fazer com que a moção não fosse aprovada.

Mas o resultado não o deixou totalmente satisfeito. De uma forma ou de outra, ele estava agora fora do jogo, e havia desprendido muito capital político no processo. Demais, na verdade. A semana seguinte demonstrou claramente que a posição de Duke na eleição praticamente se esfaleceu, especialmente em votos na primeira e terceira seqüências. As chances de Stel cresceram, e por meados da semana as projeções demonstravam que Stel ganhara uma boa margem, colocando-a em vantagem. Mas isto só poderia ser confirmado para valer dentro de alguns momentos, ainda.

- O Duke cometeu o movimento final de um erro que ele já vinha cometendo há muito tempo, - disse finalmente Katilla, ainda no tampão da mesa, balançando relaxadamente as pernas no ar. – É como uma antiga Chanceler do Império certa vez citou... vocês humanos consideram a galáxia como um verdadeiro playground do *Homo sapiens*. O Duke é apenas um reflexo disto, que parece ter se acentuado nos últimos anos. Eu acho que ele realmente nunca se considerou Embaixador da Terra no Conselho da Federação...

- Ele sempre se considerou o Embaixador *Humano* no Conselho da Federação. – Amanda emendou, dando ênfase no nome da espécie.

- Exatamente. O Embaixador Humano. E este erro foi a sua lápide. Este imperialismo humano sempre sufocou a Terra enquanto membro da Federação de uma maneira que era só mesmo uma questão de tempo até acontecer uma reviravolta destas. Esta penga toda em Chin'toka é um negócio pequeno, na verdade, e é só o catalisador da coisa toda. Das razões que levaram Duke a agir desta maneira nesta confusão toda, eu até acredito que ele pode ter uma agenda própria a qual não sabemos qual é, mas uma outra destas razões é a de que ele simplesmente não agüentou ver o seu planeta se virar contra estes conceitos nos quais ele sempre acreditou, seja de maneira inconsciente ou não.

- Você está totalmente certa, Katilla. Este é um vício que nossa sociedade precisa perder. Pelo menos agora, a população da Terra parece que acordou para este fato.

- E o que parece... – e Katilla foi interrompida pelo sistema de comunicações do centro de imprensa anunciar que o Comitê Eleitoral iria agora anunciar os resultados finais para a eleição.

Os três jornalistas ali naquelas mesas, como todos os demais trabalhando naquele momento no centro de imprensa, voltaram sua atenção para a grande tela LCARS no topo de uma das amplas paredes do salão, que começava a sua transmissão. O silêncio ficou considerável.

#

A primeira fileira de números correu pelo monitor, na fonte LCARS, juntamente com a legenda indicando que se tratavam, por ordem, da primeira para a terceira seqüência de votos dos eleitores da Terra e do setor 001.



Na extremidade esquerda da linha, um algarismo que extrapolava um pouco a casa de 2,2 bilhões de votos. Em seguida, um número pouco menor de um bilhão de votos, e logo depois, um valor acima de quatro bilhões de votos completou a primeira linha.

Outra fileira correu rapidamente pelo mostrador, abaixo da primeira. Esta indicava um valor de alguns milhares acima de um bilhão e trezentos milhões de votos, seguido por um valor de quase três bilhões de votos, e finalmente um terceiro valor de apenas coisa de 160 milhões de votos.

Outras três fileiras de valores, estes bem mais modestos, correram também pelo marcador, até que então os valores das porcentagens computadas piscaram, depois de calcularem os pesos dos votos de cada uma das três seqüências.

Primeiro, surgiu o valor de 43,38 por cento, seguido de 34,30 por cento, com os outros três valores seguintes ficando entre nove e 6 por cento, em média.

Em seguida, os nomes se juntaram aos números e as porcentagens. Stel, Duke, Triev, Zirot, Duarte.

E estava feito.

Um contínuo grito de alegria ecoou por uma das salas de reuniões do Palácio do Itamaraty, onde o grupo de trabalho todo de Cristina Stel estivera reunido a noite toda, para esperar a apuração. Mais próximo a ela, estava o seu staff direto, comemorando, enquanto silenciosamente a Betazóide suspirou pesadamente e abaixou o tronco, aproximando sua cabeça de seus joelhos. O alívio pessoal era acompanhado não apenas por sua alegria pessoal, mas também de todo o fluxo de emoções daquelas dezenas de pessoas que estava ali, e que lutaram ao lado dela durante meses para que aquele momento finalmente estivesse ali. Ela podia sentir claramente.

Mas em meio às comemorações, ainda havia trabalho a ser feito. Os resultados por região estavam seguindo na tela, da mesma maneira que os resultados das diversas outras disputas regionais para dezenas de cargos diferentes pelo planeta. Como eles estavam esperançosos, diversos candidatos a senadores de diversos países e colônias da Terra que estavam entre os vencedores anunciados eram do grupo que Stel apoiava. Não todos, mas muitos, o que também representava grande vitória. E tais dados precisariam depois ser analisados e avaliados, e reuniões acontecerem. Mas não é nada que realmente não possa esperar um pouco, pensou a Betazóide.

Stel se levantou, ajeitando seu penteado, e retribuindo a salva de cumprimento de todos ali, de Tolia, David, Marcus, Zhaav, de Vortik e de Denise, da sua família, e de todos os seus conhecidos e colegas. A festa havia começado, e dali a algumas horas, uma cerimônia mais formal para a apresentação oficial do vencedor irá ocorrer, e eles estarão logo a caminho. Mas naqueles instantes, tudo o que ela queria contemplar era a magnífica vista do entardecer no planalto central.

Epílogo

Horas depois, o entardecer já não era aquilo que Cristina Stel tinha na visão de sua janela. O escuro perfil do lado negro da Lua era tudo o que ocupava grande parte da visão frontal do Runabout, pontilhado aqui e ali pelas luzes das colônias abaixo.

Uma recepção oficial estava pronta para a primeira aparição pública do vencedor do cargo principal em disputa, e a movimentação já era grande no Centro de Convenções Shepard, um anexo do Eternal Season, um dos grandes hotéis de Nova Berlim.

A Embaixadora-Eleita havia terminado de se arrumar fazia algumas horas, e estava usando agora um vestido longo para noite que era um pouco mais conservador do que o seu guarda-roupa costumeiro, mas que ainda assim sublinhava de maneira exorbitante a sua beleza. Não havia muito que fazer enquanto não chegasse a hora de ela mesma se juntar à cerimônia, por isto preferiu ficar na nave até o momento que fosse preciso. No meio tempo, procurava repassar alguns pontos de seu discurso em um padd. Os demais membros de seu staff, com exceção de Tolia, já haviam descido para o Centro Shepard, juntamente com Eduardo Parker e os seus filhos.

A Betazóide estava procurando manter a atenção em um padd, quando Tolia se aproximou dela. - Há alguém aqui para vê-la. - Tolia disse, enquanto abria caminho para um homem atrás dela.

- Vá indo na frente, Tolia - Stel disse, se levantando de sua poltrona na cabine principal do Runabout, e colocar o padd no topo de um console. - Eu desço logo em seguida. - Com isto, a Boliana seguiu para o teleporte, e foi a última a deixar a nave antes da própria Stel.

- Embaixadora, - Timothy Duke disse, abaixando levemente a cabeça.

- Embaixador, - respondeu Stel, sorrindo levemente pela maneira que ele escolheu se dirigir a ela. Ainda não era formal, mas o humano havia feito sua escolha.

- Eu estava pela vizinhança, por assim dizer. - Duke afirmou. Não era algo que ele considerava irônico, o fato de que aquela cerimônia se dava bem ali em Nova Berlim; não, ele sabia muito bem a razão pela qual aquele local havia sido escolhido, pois Terawaki havia usado alguns contatos seus para sugerir ao Departamento Eleitoral que a cerimônia fosse ali. - Pensei que uma visita de cortesia seria algo que ambos pudéssemos aproveitar.

- Gentil de sua parte, Embaixador, - Stel disse, com um tom neutro, mas que era sincero. Duke não era muito conhecido por dar facilmente o braço a torcer, mas quando o fazia, era porque reconhecia que havia algo de especial no seu oponente.

- Que coisa, não? Eu sugeri a você não dar um tiro no pé, mas apesar disto...

- Não seguiu seu próprio conselho. - ela procurou completar a frase de Duke.

- Confesso que fiquei na dúvida... o que fazer, afinal? Seguir meus princípios ou seguir a lógica? Nós humanos, temos nossa própria lógi... bem, nós humanóides, quero dizer. Você sabe, Stel.

Ela sorriu - Sim, eu entendo o que quer dizer. Vícios são difíceis de se evitar. - Duke pareceu pensar um pouco antes de voltar a falar com ela, e nisto, mudou um pouco o foco.

- Bom, eu imagino que a cadeira vai ter uma ocupante realmente preocupada em usá-la com propriedade. Certamente você não vai ter falta de assunto para tratar. Todas estas suas propostas de reforma, mais os problemas do dia-a-dia do Conselho...

- E também procurar injetar mais diplomacia no que restou do conflito em Chin'toka... - Stel acrescentou. Desde o final da operação de resgate, meses atrás, o governo Cardassiano vinha conseguindo controlar a situação, e parece que no momento Trovez já não mais podia chamar o que ainda controlava de uma aliança. Contudo, ele ainda estava em posição de complicar a estabilidade da União Cardassiana, então a matéria estava longe de estar finalizada, e a Federação não tinha muito como tirar o corpo fora.

- Você vai descobrir, Stel, que vai ter que se policiar muito para não cometer os vícios os quais alega que tive. Mas na verdade... bem, talvez você esteja certa. Eu realmente tenho alguns. Talvez nada intencional, certo... mas muitas vezes agi como se as coisas sempre fossem como os humanos gostam que elas sejam, como elas sempre têm sido. - Duke se apóia levemente no encosto de uma das poltronas de pilotagem do runabout, e fica fitando a janela, com um olhar vago. - Nós tomamos demais muitas coisas por padrão...

E o Embaixador ficou mais um pouco ali, em silêncio, na parte traseira das poltronas de pilotagem do runabout, cuja cabine estava vazia - Vortik havia pilotado pessoalmente a nave, e já havia descido. O runabout estava completando mais uma órbita lunar, já deixando para trás o lado escuro da Lua, e se aproximando de estar geoestaticamente acima de Nova Berlim.

Na janela, o cinzento e negro perfil do horizonte lunar era tudo o que ocupava boa parte da visão, abaixo da escuridão do espaço pontilhado de estrelas. E detrás deste horizonte, algo maior começou a surgir.

A Terra estava nascendo.

O humano e a Betazóide olhavam em silêncio para a vista, enquanto o runabout continuava a suavemente avançar na órbita. O globo com seus tons de azul, branco e verde continuava a surgir calmamente detrás da iluminada superfície de seu satélite, com os raios solares criando sombras nas bordas das crateras, deixando a superfície lunar ora bem clara, e ora bastante escura. E detrás destes contrastes, surgia o planeta do satélite, um disco em tonalidades verde, branco e azul.

- Por exemplo... como deve ter sido para eles? - Duke continuou, fazendo um gesto leve na direção da janela. - Quando viram isto?

Duke esticou seus braços, com suas mãos abertas como se segurasse a esfera que se levantava detrás da paisagem lunar. - Quero dizer, isto que hoje estamos tão acostumados a observar isto, tanto que acabamos nos entediando... aceitamos por padrão. Mas como deve ter sido para Borman, para Lovell, e Anders, ao verem tal panorama? - Duke continuava fitando o nascer da Terra, a mesma visão que os astronautas da Apollo 8, os quais citou, viram cerca de quatrocentos anos antes, os primeiros seres humanos a terem tido tal

oportunidade. Ambos, Duke e Stel, continuavam ali, observando calmamente a paisagem propiciada pelo runabout continuar suavemente mais uma órbita.

- Acho que perdemos esta simplicidade de ver as coisas, e aceitamos tudo demais por padrão. Eu aceitei tudo demais por padrão. – Duke finalmente disse. Stel não adicionou nada em particular a estes últimos comentários de Duke. Apenas continuou a refletir sobre aquilo tudo, sobre a simplicidade da cena, e a complexidade da situação que ambos ali tinham que conduzir.

- *E da tripulação da Apollo 8, nós encerramos com um boa-noite, boa sorte, um feliz natal, e que Deus abençoe todos vocês... todos vocês na boa Terra.* – A Embaixadora eleita apenas citou a frase de Frank Borman, no natal de 1968, sem realmente intencionar alguma ironia em particular para Duke, mas também sem se incomodar caso houvesse uma ali, particularmente sobre despedidas.

- É... todos vocês na Terra... – Duke repetiu suavemente, enquanto se afastava para a traseira do runabout, na direção do teleporte.

Em um dos monitores LCARS daquela área do Runabout, estava uma transmissão de vídeo da cerimônia ocorrendo abaixo. Delegações de diversas regiões da Terra e do Setor 001 estavam presentes, aglomeradas no meio do paço principal, e a frente de um grande palanque com as bandeiras da Terra e da Federação, penduradas lado a lado, além de uma exuberante decoração. De uma maneira geral, a cerimônia de apresentação pública do vencedor de uma eleição havia se tornado o único evento de eleições na Terra o qual mantinha o estilo de "campanha de rua" típico de eleições até o início do século 22.

Naquele momento em particular, a vista do vídeo mostrava o staff de Stel reunido na parte detrás do palanque, perto do acesso para se chegar ao podium de discurso, um palanque de madeira com o brasão da Federação à frente. David se adiantou dos demais, e passou pelo grupo de pessoas que também estava ali, como membros do Comitê Eleitoral, da Assembléia-Geral e de outras instituições relacionadas, e se aproximou do palanque.

- Muito bem, senhoras e senhores, o momento que aguardavam, - o humano começou a pronunciar, sua voz soando forte entre a gritaria e a música tocando. – Irá agora ter acesso a este palanque a pessoa a qual escolheram, a sua nova Embaixadora do planeta Terra no Conselho da Federação de Planetas Unidos, Cristina Stel!

A salva de palmas combinou-se com os primeiros acordes da melodia de uma música que David fizera questão de pessoalmente escolher para a ocasião, *Hail to the Chief*, e que há muito tempo não era mais usada para anunciar a entrada de autoridades, mas que ele havia dito para Stel que, já que Duke considerava tanto aquele cargo como uma espécie de presidência da Terra, ele que a aturasse entrar ali sob aquela música. A Betazóide não levava aquilo a sério, claro -- era apenas mais uma das típicas piadas sutis que ele gostava de fazer.

Stel ajustou um pouco o seu longo vestido, para subir o par de degraus do pad do teleporte do runabout, o qual iria transmiti-la para o início da escada até o palanque, e ficou na posição de transporte, o qual o computador iria ativar. Duke fez o mesmo, depois de instruir o computador a enviá-lo para a sua casa em Nova Berlim. O computador alinhou os dados e estava pronto para iniciar a operação. E os dois estavam ali agora, lado a lado no pad. Duke virou sua cabeça para o lado, na direção da Betazóide.

- Agora... apesar de qualquer coisa que eu diga, você deve estar se perguntando por que, não? Por que ele agiu desta maneira que agiu, por que ele se permitiu baixar a guarda na eleição em nome de uma teimosia em querer as coisas do jeito dele. Porque o tiro no próprio pé. – o Embaixador disse. – Enfim, o porquê de tudo isto, destas coisas...

O zunido do teleporte começara.

- Eu jamais poderia te dizer, mas talvez você possa um dia descobrir.



Embutido no típico efeito do teleporte começando a desmaterializar suas moléculas e as transmitir para outra localidade, Stel sentiu algo mais, de Duke. Não apenas uma sensação emotiva, pois isto ela sempre foi capaz de sentir. Algo mais profundo, como pensamentos conscientes, os quais ele sempre habilmente manteve para si. Mas agora... tal fluxo parecia existir pela vontade própria de Duke... ou não? Stel não estava certa de si mesma, pois nem sabia ao certo o que aquilo que estava captando era exatamente, com o fato agravante que a sensação da desmaterialização parecia nebulosa a sua percepção telepática.

Mas havia algo sendo gerido, ali. Fragmentos de imagens, sons, o que parecia ser informação desconexa e aleatória. Mas seria mesmo?



<Lembre-se.> - Esta afirmação que parecia fechar aquela onda sensitiva foi algo que a Betazóide pôde captar claramente, embora de maneira fraca. Stel virou bruscamente o seu rosto na direção do de Duke, que também olhava para ela, com uma expressão tranqüila. Mas a face de ambos já estava translúcida pelo processo de transporte.

E com isto, finalizado o processo de transporte, ambos foram transmitidos para seus destinos.

Fim

Bônus Especiais

- Localização do Archer Hall -

Várias vezes em diversos episódios e filmes de **Jornada nas Estrelas**, a sede do gabinete da Presidência do Conselho da Federação é retratada como sendo em Paris, na França. Isto ocorre, por exemplo, em **Jornada nas Estrelas VI: A Terra Desconhecida**, e em episódios como **Homefront** e **Paradise Lost**, de **Deep Space Nine**. Em que ocasião seja, uma imagem muito comum da paisagem parisiense do século 24 é a imagem abaixo.



Nunca se afirmou categoricamente que ali seria de fato o paço presidencial da Federação, mas uma imagem do episódio **Homefront**, de DS9, mostra o gabinete do Presidente como tendo vista para a Torre Eiffel não muito ao longe. Logo, acredito ser uma especulação razoável assumirmos que pelo menos parte daquele complexo seria onde o gabinete do Presidente da UFP se localizaria.

Considerando esta localização, uma busca na variante francesa do Yahoo Maps remeteu uma boa possibilidade de endereço para o Presidente Inyo, que podemos ver na página a seguir.



[Accueil](#) - [Yahoo!](#) - [Aide](#)

Technologie Maporama

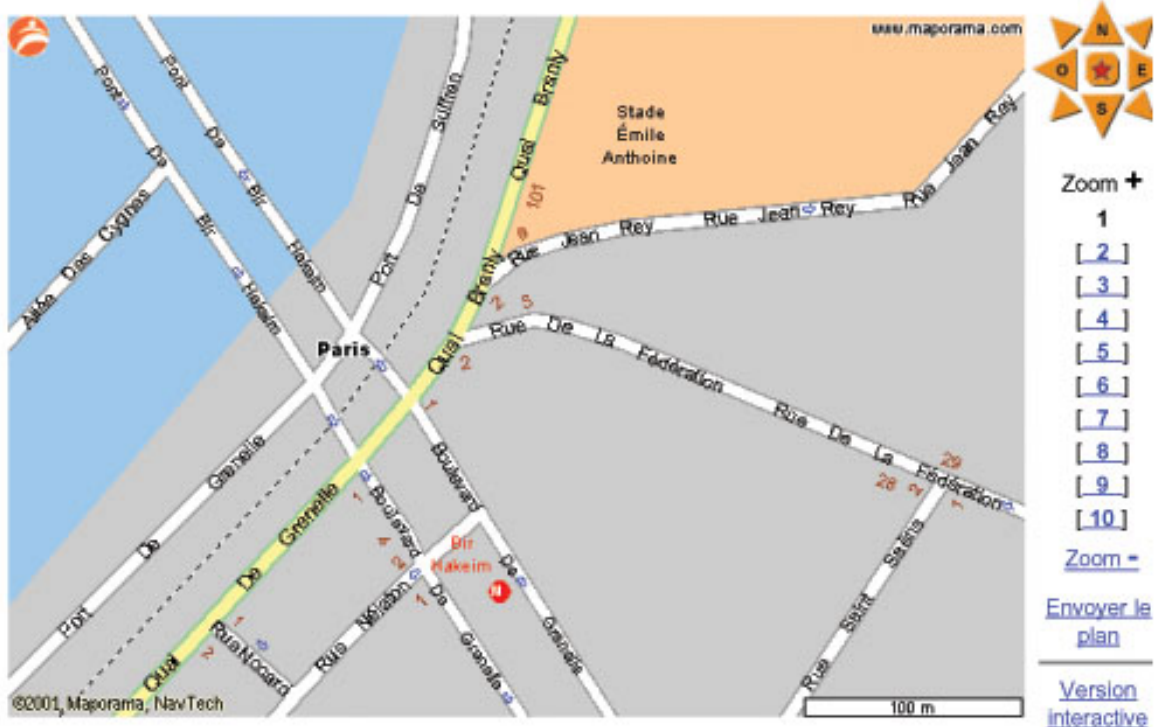


Bienvenue, visiteur

[Créer Mes Adresses usuelles](#) - [Ouvrir une sess](#)

Avenue De New York, Paris 75

[Pour imprimer ce plan, utilisez la fonction « Imprimer » de votre navigateur.]



Copyright © 2001 Yahoo! France. Tous droits réservés.

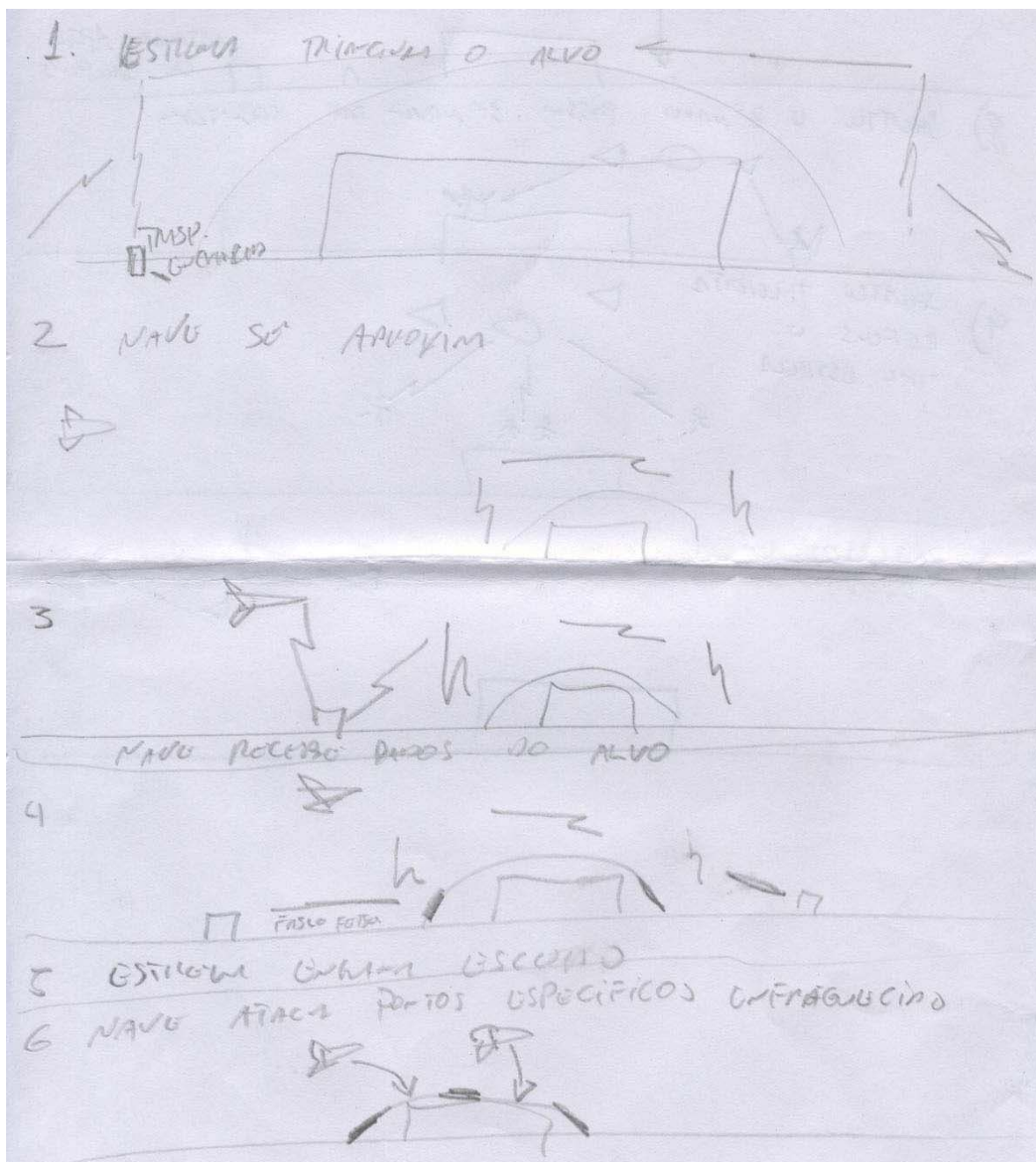
[Yahoo! et votre vie privée](#) - [Conditions d'utilisation](#)

Este quarteirão triangular no meio do mapa está entre o Rio Sena e a Torre Eiffel, o que combina com a mais comum fotografia que temos desta área da cidade, que nos mostra o conjunto de modernos edifícios entre o Sena e a Torre. Pessoalmente, eu tenho minhas sérias dúvidas se os franceses, seja em que época fosse, permitiram um conjunto de torres de vidro deste tipo fosse construído tão próximo a Torre Eiffel, mas é o que temos em tela, de qualquer modo.

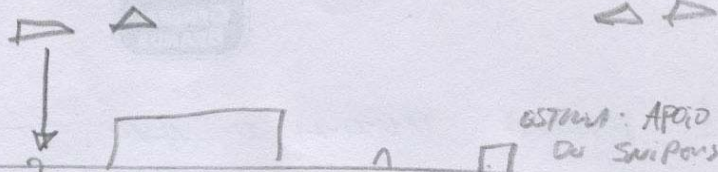
O interessante a se notar aqui é que de fato existe uma rua neste local chamada "Rue de La Fédération". Certamente se refere a federação da República Francesa, claro, mas não deixa de ser uma interessante coincidência.

- Operação de Resgate em Chin'toka -

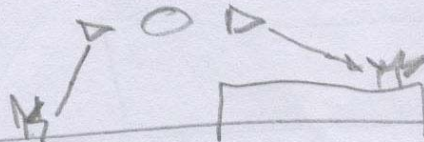
Os storyboards a seguir são o esboço inicial que foi realizado para descrever como seria a operação de resgate, do momento em que os Gosthriders alcançam o alvo até a extração dos reféns e da equipe de apoio ESTRELA.



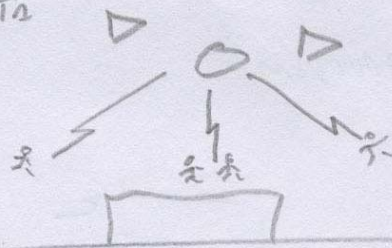
7) SON ESQUPOS, 2º NIVEL ATACAM WIBIDING



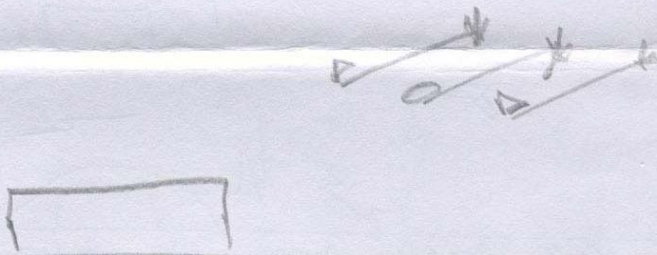
8) SHUTTU U 3º NIVEL PASSEN, 3º NIVEL TIR COBERTURA



9) SHUTTU TILOMITA REFUS U TIRU ESTIMULA

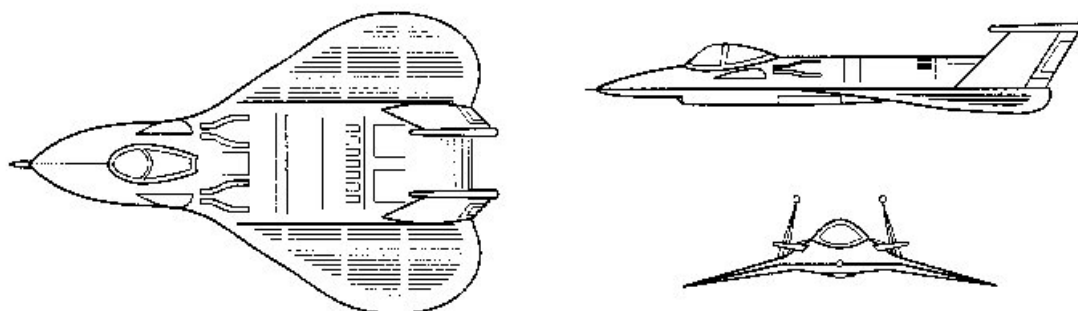


10) REFIZIM UN DOBM



- F-19A Gosthrider –

Esta imagem de três vistas abaixo é uma das especulações de como seria o caça stealth da Força Aérea dos EUA. A imagem data de meados dos anos 80. Ao final da década e início da década de 1990, os EUA finalmente revelaram a aparência do caça stealth, o F-117A Nighthawk, a qual acabou sendo bastante diferente da especulação que vemos abaixo.



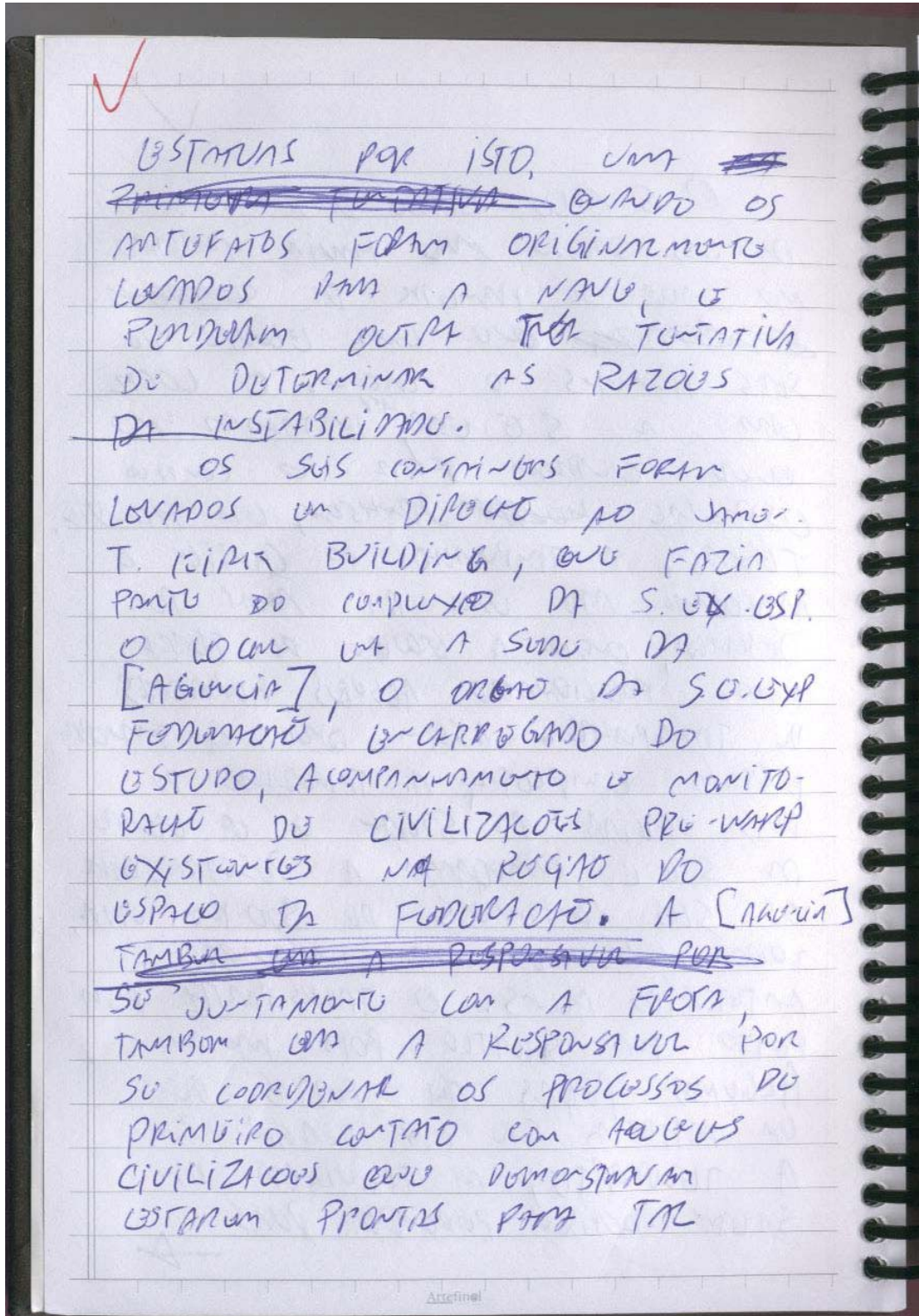
O caça stealth acabou sendo, portanto, um avião da série "Century", ou seja, uma designação acima de 100. Desta forma, a designação "F-19" acabou nunca sendo utilizada, pois a Northrop conseguiu autorização para renomear uma versão avançada do F-5, o F-5G, como F-20 Tigershark, como uma maneira de o posicionar como "o primeiro de uma nova geração de caças"; o F-20 visava o mercado externo, mas nunca foi adquirido por nenhum país. O nome "Gosthrider" foi na verdade tirado do livro **Tempestade Vermelha**, de Tom Clancy; como o caça nunca chegou a ser reconhecido pela Força Aérea dos EUA, portanto não tinha realmente um nome oficial como Eagle, Raptor, Phantom, etc.

O Gosthrider da Federação teria diferenças estruturais e de aparência final, claro, como talvez pudesse ser mais bojudo na parte de baixo, para levar mais cargas internas do que o F-19 poderia levar, e também para combinar com a característica dos shuttles da Federação de pousarem em sua própria barriga. Mas isto eu não realmente escrevi em pedra – algum dia talvez desenvolva mais detalhadamente a aparência deste caça. Mas a imagem do F-19 aqui serve bem para se ter uma idéia geral. Existe uma outra, de um kit de montar da época, que também mostra algo nas linhas da imagem acima.



- Primeiros Rascunhos -

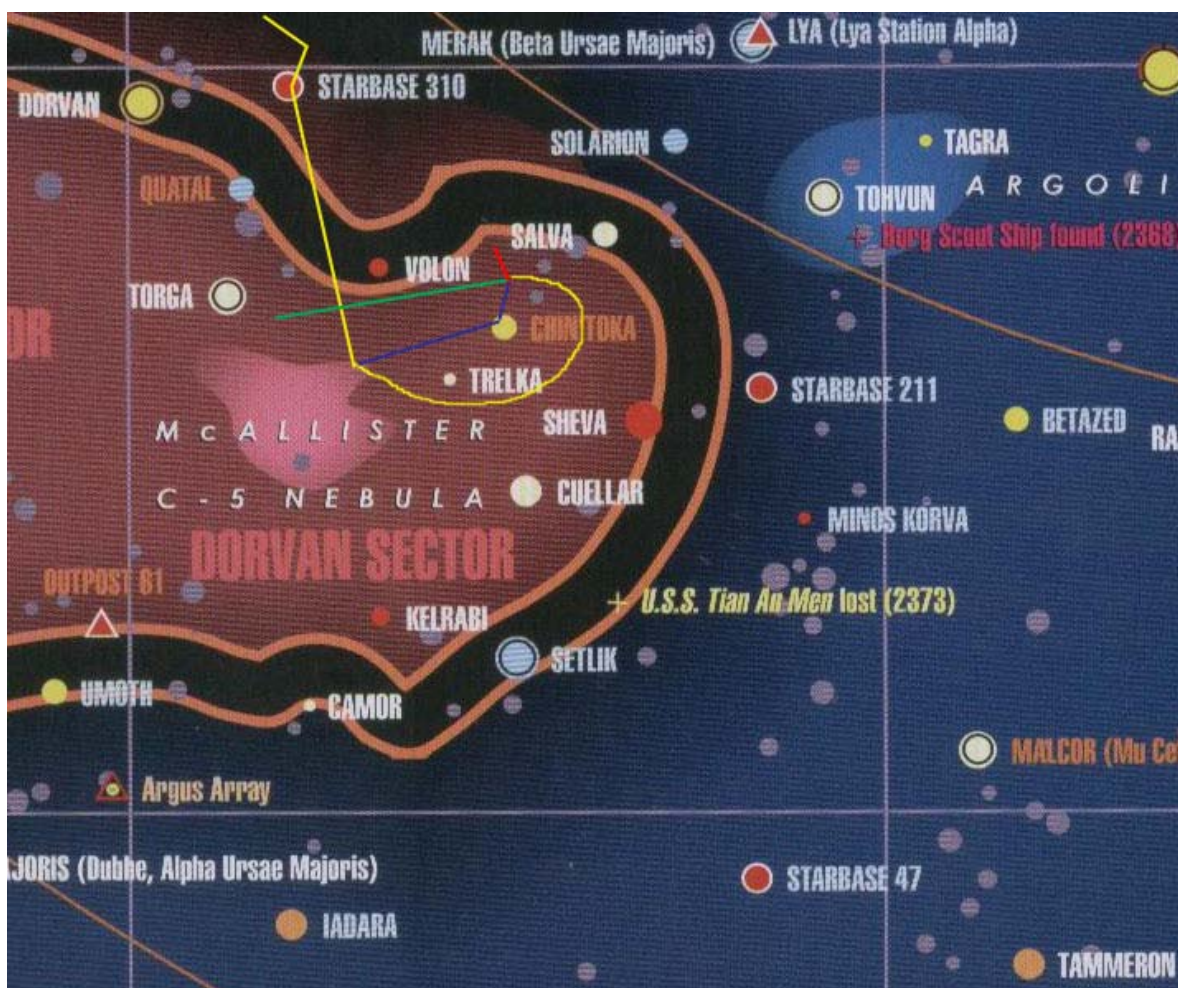
A imagem escaneada abaixo mostra alguns dos rascunhos escritos à mão. Cerca de trinta por cento do texto foi escrito desta forma, em diferentes locais onde o acesso a um computador não era tão prático. Esta passagem em particular descreve a reunião da Secretária Trajina na Agência de Monitoração de Espécies Subdobra, em Houston.



- Mapas da Fronteira Cardassiana -

O mapa abaixo mostra a região entre Cardássia e a Federação onde a ação que não é na Terra se desenrola. A linha amarela indica a mudança de rota da *São Paulo* para atender o chamado de ir para a Base Estelar 310, sua posterior partida até a nebulosa McAllister, e a volta que deu no sistema de Chin'toka. A linha azul é a rota do time ESPAÇO levando o time NAVE sob sua camuflagem, e posterior retirada. A linha verde indica as naves cardassianas que trocaram de lado, e se dirigiam para reforçarem as linhas do Empok entre Chin'toka e Salva, mas que acabaram detectando as naves em retirada; e a linha vermelha indica a corrida da *Protector* para interceptar primeiro esta força.

O ponto de convergência das quatro diferentes rotas é o local onde se desenrola a batalha onde a *São Paulo* encontra o grupo em retirada sofrendo perseguição de um regimento de Ordem Cardassiana que passara para o Empok.



O mapa na página a seguir mostra um aspecto geral da região entre a União Cardassiana e a Federação de Planetas Unidos, e inclui este detalhe que vemos acima. A fonte deste mapa é o ótimo livro *Star Trek Star Charts: The Complete Atlas of Star Trek*, escrito por Geoffrey Mandel.



- Cena Deletadas -

Seja em um filme, seja em um livro de qualquer tamanho, sempre acontece de determinadas seqüências inteiras, prontas ou em andamento, acabarem no chão da sala de montagem ou recortadas do texto original, por diversos motivos. A seguir há uma compilação de vários exemplos de cenas deletadas de **Star Trek: Earth, DC**, exatamente da maneira que foram removidas do texto, sem revisão ou acabamento, precedidas de um breve parágrafo sobre a cena em questão.

- Cena Deletada: Priscila na Escola -

A seqüência a seguir estaria originalmente posicionada no início do capítulo 10, antes do encontro de Trajina e Cristina no festival musical no sul do Brasil, e também seria precedida por uma outra seqüência onde os dois gêmeos de Cristina estariam conversando com alguns amigos no jardim da escola *Derville Alegretti*. Duas foram as razões para sua remoção. Primeiro, a seqüência que a precedia iria envolver uma quantidade grande de "conversa com gíria do século 24", considerando que teríamos quatro adolescentes de 14 anos nela. Contudo, não consegui deixar o diálogo azeitado o bastante para isto – o pouco que rascunhei estava bem típico de garotos desta idade, só que deste nosso século, e não era isto que eu tinha em mente. Além disto, a seqüência no festival de música que estava planejada para a seguir mostraria efetivamente Trajina e Stel conversariam no evento que Priscila estava participando. Uma descrição do sul do Brasil iria estar presente nesta seqüência, intercalada com o diálogo de ambas, mas por problemas diversos acabou não sendo possível sua realização. Eventualmente, para alguma versão estendida de **Earth, DC**, esta seqüência completa poderá ser terminada para ir no lugar do breve trecho apenas descritivo que acabou ficando na versão final do texto.

Rapidamente, Priscila entrou no setor de administração da escola, e seguiu para a sala da diretora da instituição, Glebenna. Esta acenou para que Priscila entrasse na sala tão logo a porta se abriu automaticamente, e acenou para que ela se aproximasse.

- Olá, minha criança, sente-se, - disse Glebenna, enquanto ela mesma sentava-se na cadeira oposta a de Priscila, ao invés da sua própria poltrona na sua mesa. Isto tranquilizou Priscila, pois sentar na cadeira de visitante à frente de sua escrivãzinha, ao lado do visitante, indicava que a Sra. Glebenna estava em seu modo amigável. A diretora da Derville Allegretti, uma senhora boliana de meia idade, tinha uma reputação considerável de ser bastante rígida com a disciplina; Priscila percorreu todo o caminho até lá pensando qual poderia ter sido a razão de ter sido convocada ali.

- Senhorita Parker, é de conhecimento de todos que o seu grupo musical é um dos que vão estar presentes no Festival XXXXXX, e que entre outros também vão estar representando a nossa escola, estou correta?

- Sim senhora, - confirmou Priscila. - Fizemos ontem um ensaio para a Sra. Dantas, e ela nos deu mais alguns pontos para trabalharmos em cima. Mas estaremos prontas para o evento. - Priscila se referia a professora de história terrestre dela, que juntamente com a equipe de ensino musical, estavam coordenando os temas nos quais cada uma das

bandas teria que se inspirar para prepararem seus repertórios para o Festival.

- Excelente. Mas me diga, a sua mãe, a Senadora Stel, irá comparecer ao evento?

- O meu pai eu sei que vai estar, mas a minha mãe é provável que não, por causa da eleição... eles já haviam conversado comigo e com o Ricardo a respeito, e por isto meu pai garantiu a presença dele.

- Entendo. Mas é uma ocasião especial; como mãe, eu sei bem que nós detestamos quando temos que deixar de comparecer em eventos como estes, principalmente se a causa é profissional. Desta forma, - e Glebenna puxou para perto seu gaveteiro, colocando a sua mão no topo dele para também destravá-lo, e retirou um envelope plástico da primeira gaveta, o qual entregou para Priscila. Ela o observou durante alguns segundos, vendo que ele tinha o timbre do Departamento de Educação da Federação, e estava endereçado para Cristina Parker, apenas -- não fazia menção alguma a qualquer cargo que a mãe dela possuía.

- Desta forma, eu gostaria que você repassasse isto para ela, - Glebenna disse. - É um convite... especial, vamos dizer assim, para que a Senadora compareça a este evento. Sei que ela irá considerar uma ótima oportunidade para poder se permitir a estar com vocês e seu pai no evento.

- Eu entrego para ela, Sra. Glebenna, pode deixar. - Priscila sorriu. - Isto é tudo?

- Sim, minha criança, isto é tudo. E nos veremos no Festival; sei que sua banda tem grandes chances de estar entre as melhores.

Com isto, Priscila deixou a sala da diretoria e seguiu direto para a sua sala de aula. Após voltar para casa, iria entregar o envelope para sua mãe, embora ela não tinha certeza absoluta qual teria sido a razão de a Sra. Glebenna querer que este fosse entregue em mãos pessoalmente por ela. Geralmente a correspondência entre pais e mestres era gerida diretamente pela escola, sem interferência dos alunos. Talvez aquele envelope não fosse particularmente de interesse apenas da escola, especulou Priscila.

- Cena Deletada: Sessão da Assembléia-Geral -

A primeira versão de Cristina Stel assistindo o discurso de Duke perante a Assembléia-Geral da Terra tinha um foco diferente no que diz respeito ao que Denise e Stel "pensaram" uma para a outra. Esta versão original iria ocorrer antes que a informação de uma relação direta entre o levante do Empok e o incidente com o Runabout se tornasse pública, e Denise passaria esta informação para a Senadora. Contudo, uma reformulação na seqüência de eventos neste ponto da história fez com que houvesse uma necessidade de se mudar a informação passada por Denise para Cristina, que passou a ser sobre a movimentação militar Klingon na fronteira, em resposta ao levante.

Stel olhou levemente para cima, tomando mais concentração, e conseguiu estabelecer um elo mental com Denise. Como era com o seu marido Eduardo, o procedimento tinha que ser totalmente controlado pelo único telepata envolvido no procedimento, e a distância de vários metros atrapalhava um pouco isto, mas não era nada que Cristina não soubesse contornar.

<Não vai demorar muito, Senadora, e uma nova atualização do Inquirer vai estar disponível,> Denise pensou. <Acho que seria interessante você saber que a mais nova reportagem do Scott e do Massif aparentemente vai ser a única no planeta inteiro a citar que há alguma relação direta entre o incidente com o Runabout da Zgouridi e o recente levante em Chin'Toka.>

<Algo realmente intrigante,> retrucou Stel. <Mas em que isto pode ser de caráter urgente para nós?>

<Mesmo "off-record" para fontes confiáveis, o Conselho da Federação tem negado qualquer possibilidade disto. Portanto, você pode imaginar muito bem qual vai ser a posição do Duke a respeito.>

<E o quão quente é esta informação?>

<Eles tem fontes fora da Federação, e eu cruzei informações com a Katilla, na Embaixada Klingon. Fora algumas outras dicas que ela confirmou, Katilla também me garantiu que as naves Klingons e as do Comando Central Provisório Cardassiano estão rumando direto para Chin'Toka, mas as naves da Frota, que as estavam acompanhando, não estão mais, e aparentemente foram desviadas para uma posição ao largo da fronteira, no caminho direto que seria entre esta região e Trill.>

<Hum...> pensou Stel, enquanto ela ponderava sobre a questão. Esta parte dos seus pensamentos era mantida isolada da conversa, mas Denise podia imaginar que a sua chefe já pensava no que poderia afirmar sobre aquela importante questão de política interna da Federação, a qual parecia ser bem mais séria do que os atuais Embaixadores do Conselho queriam admitir por ora.

<Tenha tudo pronto para uma declaração assim que as notícias atingirem os consoles,> a Senadora instruiu sua assessora. <Logo depois que o Duke sequer dar um pio, eu vou ver se dou algumas cutucadas questionadoras caso o nosso bom Embaixador afirmar que o ovo não tem pêlos para serem procurados.>

<Certo,> respondeu a híbrida humano-romulana. <Estaremos prontos.> E com isto Cristina interrompeu o elo telepático com sua assessora. A sessão ainda iria durar mais um par de horas, e entre um discurso e outro ali, haveria bastante tempo para ela acessar os dados do Inquirer dentro de mais alguns instantes, e pensar de antemão em suas possíveis declarações a respeito do caso. Seria uma oportunidade interessante.

- Cena Deletada: Fórum "Jornada" -

Em dado momento da produção de **Earth, DC**, este autor percebeu um problema grave. Havia muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, e com muita gente. Logo, o controle disto estava delicado, e o resultado final poderia acabar sendo uma tentativa de se falar sobre tudo e todos, mas não dizendo realmente nada sobre ninguém. Levando em conta isto, diversas cenas foram refeitas e repensadas de modo que não mais iriam inserir novos personagens ou situações de maneira gratuita. A cena em que Kátia Parker assiste a transmissão aberta do fórum Jornada é uma destas. A versão original aqui apresentada se foca na transmissão em si, com o diálogo dos participantes. Na versão final apresentada, o foco foi mudado para personagens já introduzidos, no caso Kátia e seu Pai, e a cena acabou funcionando bem melhor: fornece a informação desejada e tem uma descontração e interação de personagens muito mais eficiente.

E era exatamente Katilla que estava terminando de falar no momento que Kátia requisitara ao computador uma janela para a transmissão da Kátia não pegou o que Katilla havia dito, mas todos os demais participantes estavam no meio de sorrisos, incluindo Petrov Leminom, um risaliano que era o titular da cadeira principal de economia na Universidade de Coridia na Terra.

- Targ na sala? - ele perguntou, dando a dica para Kátia sobre o que sua amiga havia falado. Leminom era o mediador principal do programa, e com sua afirmação ele agora estava metade perguntando do que a klingon estaria falando, e metade sendo irônico pelo termo utilizado por ela, provavelmente mais uma adaptação de citação terrestre que os klingons devem ter feito ao longo dos anos.

- Sim Petrov, - Katilla confirmou. - Vejam, tem um cara que vem e coloca um targ no meio de uma sala, muito bem. Aí, quando todo mundo nesta sala começa a reclamar de ter um targ no meio dela, vem este mesmo cara e retira o bicho de lá. E o que acontece? Todos cumprimentam o sujeito por ter resolvido um baita problema. Com a Federação é a mesma coisa... quantos targs ela mesma já colocou na sala do quadrante Alfa? A confusão em Ba'ku, a colonização e posterior retirada da ZDM cardassiana, e agora esta crise em Chin'toka, além do que isto tem raízes bem lá atrás, quando o wormhole bajoriano foi descoberto. Crise atrás de crise, o Conselho da Federação posa de bom em resolvê-las, quando na verdade suas gênesis tiveram origem em este próprio Conselho meter os pés pelas mãos.

- Tem razão, e eu incluiria a Frota como parceira do Conselho nisto, pois a Crise do Founder na Terra também foi algo assim. Quase tivemos uma crise institucional interna da Federação devido a um problema externo de segurança. - foi o comentário que Gileon acrescentou. Ele era um colega jornalista de Katilla, e no momento era o correspondente na Terra para o The Bolarus Journal.

- Ah, claro, mas está é óbvia demais para eu me dar o trabalho de listar. - A Klingon respondeu, sorrindo. Agora foi a vez de Eliana Mattew, uma renomada cientista política e Vice-Diretora da própria Biblioteca de Alexandria, fazer um comentário. - O que deveria ter acontecido é o pessoal responsável pela ocupação ter ficado mais atento a toda esta ebulição que já vinha acontecendo mesmo antes do fim da guerra... o levante do grupo de Damar foi algo do tipo, embora tenha representado mais os cardassianos como um todo do que um grupo particular deles.

- Quer dizer, foi o próprio Conselho que permitiu que a bola de neve chegasse a este tamanho. Agora, vendo que só assoprar não vai resolver, tem que apelar para um lança-plasma. -

- Exatamente, - Katilla estendeu as duas mãos na direção xxxxxx, concordando com ele.

- E isto no meio do que irá ser um inevitável conflito, pois para Trovez, a perda dos reféns per se não significa que ele está derrotado.

- Exatamente. - A klingon repetiu. - Agora é que o bicho vai pegar, e o Conselho Detapa não pode nem pensar em piscar: eles tem que irem para cima, senão periga de o Comando Central começar a querer se meter a besta novamente.

- Os aliados não permitirão novamente um golpe interno contra um poder civil legítimo e soberano. - Petrov disse.

- Nós eu posso garantir que não vamos, - Katilla acrescentou. - Só que desta vez nós iremos estar apoiando o Conselho Detapa, ao invés de estarmos querendo o escalpo deles...!

- Ê, mas tá parecendo que nós já vimos essa holonovela antes, não? - Gileon comentou, e novamente o grupo caiu em risadas, enquanto usavam a oportunidade como uma pausa para novamente servirem-se de mais algumas bebidas matinais.

- Cena Deletada: Táticas para classe *Defiant* -

A seqüência abaixo estava planejada para ser a primeira apresentação de vários dos Almirantes que participaram de **Earth, DC**. A sua ambientação foi inspirada em uma idéia que certa vez o Luiz Castanheira, do website Trek Brasilis, postou sobre um interessante conceito tático para o uso de naves da classe *Defiant*. A cena original agora apresentada, onde esta idéia seria descrita acabou se tornando exageradamente grande, não era relevante ao tema geral da trama, e portanto foi cortada. Apesar disto, a idéia ainda apareceu na história, pois é rapidamente descrita como a atividade que o Almirante Galbraith fazia em um holodeck tático quando um de seus ordenanças veio lhe chamar.

- E então, como foi?

O Almirante Lemount acabara de entrar em uma das ante-salas do conjunto de Holodecks do Comando da Frota Estelar, para ser recepcionado por dois de seus colegas, a Almirante Necheyev, e o Almirante YYYYYY, que fora o que o recebeu com a questão. Lemount sentou-se na longa mesa de reuniões desta sala, usada para debriefing de simulações táticas realizadas naqueles holodecks, e serviu-se de uma caneca de café. Ele acabara de sair de uma simulação onde cumpriu o papel de piloto de uma nave da classe *Defiant*. Aquilo não era estranho para ele, claro, pois ele havia iniciado sua carreira na Frota exatamente no leme de muitas naves. Mas o teste que acabara de fazer havia sido bastante intenso, para se dizer o mínimo. Seis naves da classe *Defiant* pilotadas extremamente perto uma das outras, para que o conjunto todo pudesse se aproveitar dos escudos umas das outras, enquanto também proviam cobertura de fogo comum a todo o grupo. O sistema de escudos recebia força extra dos propulsores, uma vez que neste modo de pilotagem a velocidade não necessitava ser extrema. Mas a parte difícil era se pilotar as naves nestas circunstâncias. Um time de estudo de táticas da equipe do Almirante YYYYYY havia teorizado que, com certos ajustes, as *Defiants* poderiam adquirir toda a manobrabilidade extra necessária para poderem ser pilotadas neste cluster de naves de tal maneira que elas não precisariam ficar todas viradas para a mesma direção o tempo todo. Cada uma podia girar em torno do seu próprio eixo enquanto o conjunto todo navegaria em uma única direção, mantendo a integridade do cluster. A vantagem disto é que cada *Defiant* poderia dar atenção a um determinado flanco, e com todo o seu poder de fogo dedicado à tarefa, e isto enquanto simultaneamente viajava com as manobras em conjunto da cluster. A manobra demandava grande perícia dos pilotos, mas não apenas disto, como YYYYY queria provar.

- Realmente, as *Defiants* vão precisar de propulsores de manobra mais sofisticados, para este projeto ir adiante. - Lemount confirmou.

YYYYYYY se virou para Necheyev. - Eu não lhe disse? A proposta da minha equipe é perfeitamente possível, contanto que estes ajustes sejam feitos nas naves.

A Almirante passou os olhos por alguns padds, e se virou para ambos seus colegas, já sentados na mesa.

- Bem, aparentemente existem várias unidades da classe que estão prestes a entrarem em seus períodos de manutenção em doca seca. Poderia-se aproveitar a ocasião para se instalar os novos propulsores de manobras... contanto que a Yoyodyne consiga terminar as unidades de pré-produção a tempo, como você diz.

- Posso colocar mais alguns membros da minha equipe no projeto, e isto com certeza vai garantir o cronograma se encaixar com a manutenção programada destas unidades. Com isto, os testes reais em

campo poderão começar. Você só precisa me passar a relação das naves que estarão disponíveis.

- Eu vou providenciar para que você receba tudo até amanhã, YYYY. - Necheyev disse. - Tanto YYYYY como Lemount estavam fazendo parte de um comitê de pesquisa sobre novas táticas para uso da Frota Estelar, e este estudo sobre o cluster de Defiants fazia parte disto. Na verdade, muitas novas táticas de uso das naves da Federação em Frotas combinadas estavam sendo desenvolvidas, utilizando-se para isto todo o know-how adquirido na Guerra Dominion. A Frota Estelar sentira bem a necessidade de aperfeiçoar as capacidades de suas naves agirem em conjunto umas com as outras. Estes estudos podiam até mesmo, no futuro, levarem a criação de naves estelares com funções bastante específicas, a serem usadas em eventuais Grupos de Batalha com unidades pré-definidas.

- Bem, - disse Necheyev. - Algo mais para.....

- Cena Deletada: Encontro com Sindicato –

Outro exemplo de cena que foi reestruturada de modo a se focar em personagens pré-estabelecidos ao invés de criar outros foi a seqüência onde assessores da Senadora preparam a sua participação no Fórum Econômico. Na sua versão final, Marcus e Vortik reportam aos seus colegas o resultado do encontro. Nesta versão original, vemos eles participarem do encontro – com o adicional que era David a acompanhar o vulcano, e não Marcus. A cena seria bem mais longa, e este foi o material produzido antes da reestruturação.

- E o apoio para a ampliação dos serviços educacionais regionais é também algo com o qual podemos contar? – ela perguntou.

- Sem a menor dúvida – respondeu David. – E foi interessante ter citado este ponto. Como vocês já devem ter visto no Plano de Metas, – e algumas pessoas voltaram sua atenção para alguns padds que seguravam, para procurar os capítulos específicos do tema, – As propostas que a Senadora intenciona levar ao Conselho da Federação preveem uma maior cooperação não apenas entre os Sindicatos e os órgãos educacionais, como já ocorre, mas também entre os diferentes órgãos educacionais das várias esferas de governo, especialmente entre as secretarias regionais de educação dos vários planetas-membros da Federação. Assim, toda a experiência de educadores locais poderá ser absorvida melhor e mais rapidamente por todo o sistema de ensino da Terra, sem necessitar primeiro a Secretaria de Educação da Federação ter que se encarregar de fazer a intermediação. Esta pode muito bem cuidar dos aspectos mais acadêmicos, como o desenvolvimento de novas metodologias, de material pedagógico, novos sistemas de avaliação, e coisas afim. Agora, de técnicas práticas, nada melhor do que o pessoal que realmente está com a mão na massa poder interagir uns com os outros, e todos estes com vocês dos sindicatos.

- Quero ressaltar, também, que a Senadora Stel irá procurar iniciar um projeto neste sentido com a Secretária Zgouridy seja qual for o desfecho da eleição que agora se aproxima. – Vortik assegurou a eles. – Isto deve demonstrar bem a amplitude da seriedade e do empenho da Senadora nesta matéria.

Diversas das pessoas presentes trocaram alguns olhares de aprovação a esta última afirmação de Vortik. Era notório e sabido que Stel tinha uma carreira acadêmica de prestígio, tenha sido dentro da sala de aula, como fora dela, trabalhando na administração das políticas educacionais da Terra. E este aspecto era uma das preocupações dos sindicalistas e representantes econômicos ali, a de reforçarem mais e mais a educação dos cidadãos da Terra, pois é um setor em que os Sindicatos e as Câmaras Setoriais mais trabalham em conjunto com os diversos níveis de governo. Isto ocorre porque é um direito assegurado ao cidadão da Federação de que ele irá ter uma vaga garantida de trabalho, seja qual for o campo de conhecimento que esta pessoa venha a escolher.

Da mesma maneira que como quando um jovem cadete da Frota, ao se formar, recebe as suas opções de postos para iniciar sua carreira, o jovem graduado de todas as instituições de ensino superior da Federação também terá a sua disposição posições de emprego na área que escolheu. O leque de opções a se escolher irá dar na medida de seu sucesso acadêmico, claro -- os primeiros alunos de uma classe sempre tem a chance de poderem escolher primeiro as vagas disponíveis. Contudo, mesmo aqueles que ficaram em último podem estar certos de que vão da universidade direto para um emprego na sua área de especialização.

Desta forma, os Sindicatos profissionais agem em firme e constante conjunto com todas as Secretarias educacionais da Federação,

para que a criação de novos postos de trabalho corresponda as necessidades da demanda por tais postos, mediante um acompanhamento preciso das futuras classes de formandos por todo o sistema educacional dos planetas-membros, e trata-se de um campo de atuação importante dos Sindicatos. O interesse dos sindicalistas ali na reunião, portanto, era grande sobre as propostas educacionais de Stel, que previam a redistribuição de diversas tarefas e projetos para um maior controle dos sindicatos locais e dos departamentos educacionais regionais da Terra e das nações desta. David se adiantou tão logo Vortik terminou de falar.

- Trailer de Star Trek: Earth, DC -

O trailer a seguir foi postado em diversos fóruns na Internet brasileira em vários momentos, por volta de meados de 2002, e visto em retrospecto, contém diversas passagens que acabaram não indo para o texto final, ou o foram de maneira modificada. A sua intenção era tanto dar uma dica sobre o tema geral da história como de certa forma "aliviar a pressão" que havia para a rápida publicação da história, com alguns fãs da franquia curiosos para saberem mais sobre o projeto que era tão citado vez e outra nestes mesmos fóruns. O que não se contava é que o trailer acabou tendo o efeito contrário – a ansiedade pela estréia pareceu aumentar depois dele.

THIS PREVIEW HAS BEEN APPROVED FOR ALL AUDIENCES
BY THE FANFIC ASSOCIATION OF AMERICA

Campo de estrelas, Via-Lacteá surge na cena.

NARRADOR:

Muitos deles audaciosamente foram...

Ponto-de-Vista da câmera mergulha velozmente na direção da galáxia (como no teaser de MIIB), rapidamente passa pelo mundo-natal Ocampo, por sistemas estelares Borg...

NARRADOR:

... onde nenhum homem jamais estivera.

PDV continua em mergulho, faz uma curva antes do centro da galáxia, passa por mundo-natal dos Fundadores, passa pelo wormhole, passa por Bajor, por Qou'nos, por Vulcan...

NARRADOR:

Mas, desta vez...

Mergulho passa pela Voyager 2 no meio do espaço, passa por Plutão, por entre Júpiter e a estação de pesquisa, por entre docas secas em Utopia Planitia em Marte, pela Spacedock em órbita da Terra, segue na direção da América do Sul, sudeste brasileiro, São Paulo...

NARRADOR:

... será aonde todos nós já estiveramos antes.

Mergulho termina em uma visão de uma betazóide de cerca de 45 anos, em roupas civis, na janela do mess hall de uma nave da classe Intrepid, pousada as margens do rio que cruza o Parque Pinheiros. Adolescente se aproxima por trás, ao lado de uma mulher com o uniforme da Frota Estelar, e chama a atenção da betazóide.

PATRICIA:

Mãe?

Logotipo da Paramount.

CORTE PARA CENA:

Salão central do Conselho da Federação; Embaixador DUKE, humano de cerca de 50 anos de idade, discursa no palanque central.

DUKE:

... e desta forma, a segurança de todo o quadrante Alfa dependia, e depende, de nossa firme atuação diplomática.

CORTE PARA CENA:

Embaixadores no Conselho aplaudindo o Embaixador da Terra discursando.

CORTE PARA CENA:

INYO, o grazeriano Presidente da UFP, conversa com um de seus assessores, CESPEDES.

CESPEDES:

A Senadora Cristina Stel confirmou sua candidatura para a eleição de Embaixador da Terra no Conselho da Federação, Sr. Presidente.

INYO:

Então esteja certo de que Duke vai ter boa oposição desta vez.

CORTE PARA CENA:

CRISTINA STEL discursando para um grupo de civis em mesas de jantar em um salão de convenções.

CORTE PARA CENA:

Andoriano de cerca de 50 anos acena para uma multidão na rua antes de entrar no edifício do Parlamento Europeu.

CORTE PARA CENA:

Embaixador DUKE sentado em uma mesa entre outros candidatos ao cargo de Embaixador da Terra no Conselho, discutindo.

CORTE PARA CENA:

Cerimônia no plenário do Conselho: o novo Embaixador Bajoriano no Conselho aceita oficialmente o ingresso de Bajor na Federação.

CORTE PARA CENA:

Mulher klingon acessa um terminal LCARS no Centro de Imprensa do Departamento Eleitoral da Terra, em Qatar.

CORTE PARA CENA:

Gabinete no Itamaraty, em Brasília, CRISTINA conversando com DAVID, um de seus assessores.

DAVID:

Sim, eu concordo, Senadora, não podemos ficar na defensiva, mas será importante dosarmos como vamos promover nosso plano político ao eleitorado do planeta.

STEL:

Eu sei bem que aqueles tolos no Conselho vão reclamar, mas não podemos deixar de termos discussões sobre coisas realmente importantes...

CORTE PARA CENA:

Grupo de cardassianos civis reunidos na frente da Embaixada Cardassiana na Terra.

STEL:

... e a Primeira Diretriz é apenas uma destas questões...

CORTE PARA CENA:

Assessor do Conselho entregam padd para DUKE com foto de CRISTINA e representantes comerciais ferengis.

STEL:

... a recuperação econômica do pós-guerra, e as relações com o novo governo de Ferenginar...

CORTE PARA CENA:

Embaixador Romulano discutindo com diplomatas da Federação.

STEL:

... o acordo anticamuflagem, e o que podemos exigir do Conselho em uma retratação para isto...

CORTE PARA CENA:

Grupo de pessoas entrando no edifício da Suprema Corte da Federação, em Haia.

STEL:

Todas as sequelas que ainda estão abertas devido ao problema Maqui...

CORTE PARA CENA:

Representantes regionais de nações da Terra reunidos no átrium do edifício da Assembléia-Geral da Terra, em Nova Iorque.

STEL:

A maneira pela qual o Conselho se mete demais
em nossos assuntos particulares aqui da Terra...

CORTE PARA CENA:

Multidão de refugiados cardassianos embarcando em naves de transporte.

STEL:

E mais outros tantos quanto, e isto sem considerar
ainda o pega que está acontecendo em Cardássia neste
momento.

CORTE PARA CENA:

Clientes e balconistas de um café em Toquio trabalhando enquanto um
projektor mostra um holojornal.

APRESENTADOR:

Em uma das mais disputadas eleições para
Representante da Terra...

CORTE PARA CENA:

Embaixador DUKE e Presidente INYO reunidos em uma sala privativa no
Conselho da Federação juntamente com o Chanceler da Assembléia-Geral
da Terra, Senador DRANAN:

DUKE:

Você está levando em consideração o dano
que Stel pode provocar nas nossas relações
com os demais membros da Federação?

INYO:

Você não pode impedir que ela cutuque a
ferida no que diz respeito a Terra, Duke.

INYO se dirige ao Senador DRANAN:

INYO:

Mas quanto ao restante, eu quero que você
cuide para que ela esteja ciente que não
deve extrapolar o escopo dos temas regionais.

DRANAN:

Fiquem tranquilos, cavalheiros.

CORTE PARA CENA:

STEL confrontando DRANAN em uma sala de reuniões na Assembléia-Geral,
em Nova Iorque.

NARRADOR:

Crises assolam o quadrante...

CORTE PARA CENA:

Políticos civis reunidos no Conselho Detapa, em Cardássia Prime;

CORTE PARA CENA:

Grupo de oficiais da Frota reunidos no Centro de Controle de Tráfego Espacial da UFP, instalado no Comando da Frota Estelar, em São Francisco.

TENENTE FROTA ESTELAR:

Nós estamos com uma emergência prioridade um...

CORTE PARA CENA:

Cardassianos civis na ponte de uma nave Jem'Hadar.

CORTE PARA CENA:

Duas naves cardassianas classe Galor entrando em órbita de uma colônia de Cardássia.

CORTE PARA CENA:

Sala no Comando da Frota Estelar, vários oficiais reunidos em torno de um mapa do quadrante Alfa.

ALMIRANTE:

Temos dezenove naves convergindo para a região...

CORTE PARA CENA:

Nave da classe Intrepid desaclopendo de uma base espacial da Federação.

ALMIRANTE:

Mas acredito que precisaremos ser mais sutis em tratar deste problema.

CORTE PARA CENA:

Fuzileiros da Frota Estelar checam seu equipamento em uma sala de armas.

CORTE PARA CENA:

Presidente da UFP reunido com parte de seu gabinete, em sua sala em Paris:

ASSESSOR DA PRESIDÊNCIA DA UFP:

Precisamos de sua autorização, Senhor Presidente.

CORTE PARA CENA:

Diversos repórteres, maioria humanos mas com diversos andorianos, bajorianos e klingon, gritam perguntas enquanto Duke e três homens se afastam do salão principal do Conselho da Federação.

REPORTER:

A respeito das decisões do Conselho na questão do conflito em Chin'toka...

CORTE PARA CENA:

CRISTINA STEL conversa com um jornalista humano em sua sala no Itamaraty, em Brasília.

STEL:

Ross, eu e a Secretária podemos contar com você para sabermos mais sobre a fonte desta crise.

ROSS:

Assim que eu estiver a bordo eu entro em contato com você.

NARRADOR:

A Terra como você nunca vira...

CORTE PARA CENA:

Dois adolescentes, um humano e um vulcano, lutando com bastões no ginásio de uma escola.

CORTE PARA CENA:

Pessoas saindo de um pad de transporte na Estação República do Metro de São Paulo.

CORTE PARA CENA:

Hovercar se aproxima de uma casa de subúrbio em uma cidade do Nordeste brasileiro.

CORTE PARA CENA:

Em roupas de banho, CRISTINA STEL e ERZI DAX andando pelo calçadão de Copacabana.

CORTE PARA CENA:

Rápida sequencia de panorâmicas de São Francisco, Paris, Nova Iorque e Bombain.

CORTE PARA CENA:

Civil e oficial da Frota almoçando em um restaurante em São Paulo.

NARRADOR:

... em uma Federação a qual você não está acostumado.

CORTE PARA CENA:

Vulcano acessa um terminal LCARS intitulado TERRA - SISTEMA ELEITORAL

CORTE PARA CENA:

Grupo de cerca de mil pessoas, aproximadamente 1/3 aliens não-humanos, com holoprojeções servindo de cartazes, na frente do edifício do gabinete da Presidência da UFP, em Paris.

MULTIDÃO:

TERRA! TERRA! TERRA!

NARRADOR:

É Star Trek...

CORTE PARA CENA:

Nave classe Prometheus saindo de warp para rápido impulso, enquanto separa-se para o modo de assalto multivetor, uma das seções já disparando feisers.

NARRADOR:

... mas não é ficção-científica.

CORTE PARA CENA:

Vulto caminhando sozinho no meio das sombras do escuro e vazio salão principal do Conselho da Federação.

SUMMER 2002

PORTAL JEB and TREKBRASILIS presents a LEANDRO MARTINS PINTO fanfic

"STAR TREK: EARTH, DC"

without WILLIAN SHATNER gosthwrites and LEONARD NIMOY didn't reply the e-mails

WALTER KOENIG slam the door room on our face GEORGE TAKEI we would't accept

PATRICK STEWART was busy with A X-MAS CAROL and TERRY FARRELL would jump off early

featuring GARRETT WANG as GUY #47 but the scene was left out from the final cut

it has no sound DOLBY DIGITAL/THX because it is a book

access www.trekbrasilis.com or www.jornadanasesrelas.net

AOL Keyword: YEAHRIGHT

- Segundo Trailer -

O trecho a seguir se refere a uma entrevista que teria sido feita por Scott Ross com a então candidata Cristina Stel, por volta do começo da campanha. Planejada para ter cerca de duas a três páginas de tamanho, não iria estar presente na história, mas sim de servir apenas como segundo trailer da fanfic – há uma referência, inclusive, a possibilidade de Scott fazer esta entrevista logo no começo do Capítulo 2. Contudo, o texto nunca foi terminado. Segue agora aquilo que foi preparado, exatamente da maneira que ficou.

Inquirir - Uma das críticas recorrentes a sua candidatura tem sido sua suposta inexperiência em temas federados e sua idade, ainda muito jovem para tal cargo, como alguns

Stel - T'pau certa vez já citou que "Somos todos jovens no cosmos", como me contou uma amiga trill minha. Acredito que os que fazem uma crítica com base neste fundamento pensam que só o tempo bruto da existência de uma pessoa é o valioso para caracterizar que uma pessoa tem "experiência". Mas não vejo a coisa assim, pois isto é por demais generalizar o conceito de "experiência de vida". Alguém muito jovem pode desde cedo se destacar em uma determinada área de conhecimento por esta em particular ser de seu interesse. Logo, o tempo de experiência deste jovem nesta área será amplo o bastante para que ele tenha embasamento o suficiente para continuar progredindo em sua carreira. E falando mais especificamente ao meu caso, não seria de hoje termos Embaixadores na minha fâixa etária... o próprio Embaixador Duke assumiu a sua atual posição de uma idade não muito maior do que a minha própria.

Inquirir - A forte posição que a senhora tem em votos na segunda sequência parece demonstrar que os eleitores a consideram apenas como uma alternativa interessante, mas não a ponto de arriscarem mudar o titular da posição da Terra no Conselho. A senhora acha que esta aparente reticência se relaciona de alguma forma com esta questão da idade, ou se deve a outros fatores?

Stel - Penso que se deve a outros fatores. Antes de mais nada, sou a primeira a admitir que minhas posições são pouco ortodoxas, não há dúvidas... mas são aquilo que são. Nesta campanha, estou procurando demonstrar aos eleitores da Terra *porque* tenho tais posições, e pedindo a eles que, após isto, decidam se dão a mim um voto de confiança para levar estes meus pontos de vista ao Conselho, mesmo que este eleitor possa não estar totalmente de acordo comigo em

Inquirir - A senhora acredita que a Terra esteja mal representada no Conselho?

Stel - Não mal representada, mas não representada. Considero o Embaixador Duke um homem de grande conhecimento, habilidoso político, (.....) . Mas considero que ele não segue o papel de ser o nosso representante como este papel realmente deveria ser cumprido. Por demais vezes o Embaixador Duke negligenciou problemas específicos de nosso planeta perante o Conselho, e por demais vezes o Embaixador ofereceu atenção exagerada a questões mais amplas

Não estou dizendo que o papel de um Embaixador no Conselho deva se resumir apenas a tratar daquilo que diz respeito a sua comunidade, de maneira alguma. Mas o ocupante do cargo deve gerir sua atenção a todos

os assuntos com critério, e jamais negligenciar algumas de suas funções em detrimento de outras. Deve se preocupar também com a sua parte específica, além de querer que o todo funcione de maneira adequada.

Inquirir - Algum exemplo específico que gostaria de citar, Senadora?

Stel - O Embaixador Duke inúmeras vezes intercedeu nas questões da administração das colônias, ou seja, aqueles nossos assentamentos que ainda não tem porte para serem membros per se da Federação, mas que de qualquer modo são territórios nossos com cidadãos da Federação os ocupando. [Senadora faz uma pausa de vários segundos] Há também de se citar o estudo recentemente feito por grupo da Universidade de xxxxxx, o qual fez uma projeção do perfil destas colônias, e isto demonstrou que na sua grande maioria, estas colônias eram em sua maioria nucleadas em grupos de humanos.

Inquirir - Humanos, não humanóides em geral.

Stel - Sim.

Inquirir - Isto seria um indício de que ele procura representar mais a humanidade do que a Terra?

Stel - Exatamente! O cerne da questão é justamente este. É necessário deixar bem claro que caso seja eleita, eu serei eleita a Embaixadora Terráquea, ou seja, irei representar o cidadão da Terra no Conselho de nossa Federação. Este cidadão não é apenas o cidadão humano. É o cidadão boliano, vulcano, trill, telariano, betazóide, andoriano, rigeliano, e o cidadão de todas as demais etnias que vivem neste nosso planeta, bem como os

O crescimento da intenção de votos na primeira sequência vem crescendo de maneira estável, e acredito

[colocar pausa descritivas]